

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC SÃO PAULO
NUFAC – NÚCLEO DE FAMÍLIA E COMUNIDADE DA PUC-SP.**

MARILIA GABRIELA LEME

**DESPERTAR RACIAL: COMO AS FAMÍLIAS
MONORRACIAIS NEGRAS E/OU INTER-RACIAIS
PREPARAM OU NÃO, ENSINAM OU NÃO OS SEUS FILHOS
A SE PROTEGEREM CONTRA O RACISMO**

São Paulo
2021

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC SÃO PAULO
NUFAC – NÚCLEO DE FAMÍLIA E COMUNIDADE DA PUC-SP.**

MARILIA GABRIELA LEME

**DESPERTAR RACIAL: COMO AS FAMÍLIAS
MONORRACIAIS NEGRAS E/OU INTER-RACIAIS
PREPARAM OU NÃO, ENSINAM OU NÃO OS SEUS FILHOS
A SE PROTEGEREM CONTRA O RACISMO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Psicologia Clínica do Curso de Especialização em Terapia de Família e Casais do NUFAC – Núcleo e Família e Comunidade da PUC-SP. sob Orientação da Prof. Dra. Claudia Beatriz Stockler Bruscin.

São Paulo
2021

AGRADECIMENTOS

Ao que representa o começo de tudo, para AQUELE a quem eu peço licença e que prepara um lindo tapete vermelho para que eu possa passar na brilhante jornada da vida.

A você DONA NAVA, toda a minha gratidão por me dar colo, coragem, proteção e a certeza de que estou em um caminho certo.

À toda espiritualidade que me acompanha e protege meus caminhos onde quer que eu esteja.

A você meu pai, Adilson Leme. É para você este trabalho porque você representa o que me orgulho de ser. Lembro-me quando sentava comigo e minha irmã, para nos ensinar sobre todas as coisas da vida. Lembro-me do seu perfume *Azzaro*, da caixa de presentes com um lindo laço vermelho e do chocolate *Toblerone* que nos trazia quando voltava do trabalho. O homem negro que se sobressaiu, que me ensinou a sentir orgulho da nossa raça. Deixou-nos amparados e com valores enraizados.

À minha mãe, Sonia Leme. Você é a pessoa mais formidável que eu conheci na vida. Só posso agradecer à espiritualidade por ter me dado a dádiva de ser sua filha. Com você eu tenho a certeza de que tudo dará certo e me sinto absolutamente amparada com todas as suas orações. E como você reza não é minha mãe?! É bom demais quando estamos juntas e deitadas em sua cama, seguindo em oração. Um dia chegarei aos seus pés, mas por enquanto, me curvo a eles em sinal de respeito, gratidão e amor eterno.

Bruno Leme, meu príncipe que virou rei. E você reina mano! É maravilhoso ver os prêmios que você recebe por sua inteligência. Sinto um orgulho danado de ver o lugar que chegou, e tenho certeza que papai também. O caçula da família que quando abria a boca para dizer algo, sempre de forma cuidadosa e carinhosa, todos paravam para ouvir. Impressionante o seu poder de mudar a frequência das coisas.

À Rafaela Caroline Leme, cunhada. Você e o Bruno são um casal exemplo. Admiro a forma como construíram a família de vocês. Você trouxe brilho, luz e alegria para a nossa família. E agora vocês trouxeram o pequeno Martin e é maravilhoso vê-la tornando-se mãe, aliás, uma mãe admirável, Te amo!

Ao Antônio José e Sueli Marino, amo vocês. Irmãos que a vida me deu. Muito do que eu sou profissionalmente aprendi com você Sueli. Lembro-me de que por volta de 2005, algum dia nos corredores da PUC você me disse: “Você precisa estar perto de suas raízes!”. Quero te contar que nunca estive tão perto delas quanto agora. E este trabalho, também devo a você. Gratidão amiga.

À Sonia Ligia Angélico, você é um presente que a vida me deu. Você me ensinou que a vida é para ser vivida com muita intensidade e coragem. E como fênix, renascer das cinzas. Te amo amiga!

A tantos outros amigos que seguraram a minha mão nos momentos mais difíceis. Aqueles que estão mais distantes, um enorme beijo e aqueles que estão mais perto, vocês foram sensacionais: Silvia, Lucy, Neide Thays, Victor e Rose.

À Silvia Pedrosa e ao Rogério Testa, é muito bom conversar com vocês e construir o despertar racial.

Às minhas amigas de sala: Cris, Re, Vivi, Nai, Karen, Ju, Lú, Ro e Isa. Como nos divertimos, deu certo!

À Anexa-NUFAC, por ter me dado a oportunidade de desenvolver os primeiros escritos sobre as relações raciais. A todos vocês que estão comigo colaborando na gestão 2021/2022.

À Profa. Emérita Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, por ser essa potência icônica. Ter aula e ser supervisionada por você foi transcendente. Obrigada por acompanhar a minha jornada profissional, toda a minha gratidão e profunda admiração.

Aos Professores, Me. Liz Verônica Vercillo Luisi, Dra. Maria Luiza Rodrigues Meijome Piszczman, Dra. Marilene Aparecida Grandesso, Dra. Mônica Haydee Galano e ao Dr. João Laurentino dos Santos, obrigada pelo carinho de sempre na vida.

E, com todo meu amor, agradeço à amiga e orientadora Profa. Dra. Claudia Beatriz Stockler Bruscin. Sem você eu não chegaria até aqui. Obrigada pela confiança, por estar comigo todos esses anos, torcer por mim e me colocar em suas orações.

E por fim, a todos os meus clientes, casais, famílias e participantes dessa pesquisa que contribuíram e contribuem com a minha jornada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
OBJETIVOS.....	16
Objetivo Geral.....	16
1 CONVERSANDO SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NA TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA.....	17
1.1 Teoria familiar multicultural/Multirracial	17
1.2 Família Monorracial Negra, Família Monorracial Branca e Família Inter-Racial.....	21
1.2.1 Famílias Negras	21
1.2.2 Famílias Brancas	25
1.2.3 Famílias Inter-raciais ou Birraciais.....	32
2 EDUCAÇÃO INFANTIL E RACISMO	35
2.1 Famílias de crianças pequenas.....	35
2.2 Crianças Negras: De Casa para a Creche, da Creche para a Vida	39
2.3 Despertar Racial: O Desenvolvimento da Conscientização Étnico-Racial em crianças:	41
2.4 O impacto do Racismo na Aprendizagem e nos Relacionamentos	41
3 VALORES FAMILIARES	44
4 MÉTODO	54
4.1 Participantes	54
4.2 Instrumento	55
4.3 Procedimento	55
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76

REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE 1 - Conteúdo do Formulário	83
APÊNDICE 2 - Questionário de perguntas Semiestruturadas	85
APÊNDICE 3 – QUADRO A – CAT.1. O QUE É RACISMO?.....	86
ANEXO 1 – ASL – CAT.1. O QUE É RACISMO.....	87
APÊNDICE 4 – QUADRO B - CAT. 2 .VIVENDO O RACISMO.....	90
ANEXO 2 – ASL- CAT. 2. VIVENDO O RACISMO	92
APÊNDICE 5 – QUADRO C -CAT.3. MOVIMENTOS SOCIAIS	95
ANEXO 3 – ASL – CAT.3. MOVIMENTOS SOCIAIS	96
APÊNDICE 6 – QUADRO D – CAT.3. NOSSOS FILHOS E O RACISMO	98
ANEXO 4 – ASL – CAT. 4. NOSSOS FILHOS E O RACISMO	100
APÊNDICE 7 – QUADRO E – CAT 5. DESPERTAR RACIAL.....	103
ANEXO 5 - ASL - CAT.5. - DESPERTAR RACIAL.....	108
APÊNDICE 8 - QUADRO F CAT.6. - FAMÍLIAS.....	114
ANEXO 6 -ASL -CAT.6. FAMILIAS.....	117
APÊNDICE 9 - ENTREVISTA ANA	120
APÊNDICE 10 - ENTREVISTA ANDRÉ.....	126
APÊNDICE 11 - ENTREVISTA ARTHUR.....	130
APÊNDICE 12 - ENTREVISTA BARBARA	143
APÊNDICE 13 - ENTREVISTA JORGE E MICHELLE.....	146
APÊNDICE 14 - ENTREVISTA JULIO E PAULA	150
APÊNDICE 15 - ENTREVISTA LAURA.....	160
APÊNDICE 16 - ENTREVISTA SANDRA E CONCEIÇÃO.....	166
APÊNDICE 17 - SOFIA7 - ENTREVISTA	170

RESUMO

Despertar Racial: Como as famílias monorraciais negras e/ou inter-raciais preparam ou não, ensinam ou não os seus filhos a se protegerem contra o racismo.

Autor: Marília Gabriela Leme

Este trabalho de conclusão do curso de Especialização em Terapia de Família e Casais, do NUFAC – Núcleo de Família e Comunidade da PUC-SP, tem por objetivo compreender se pais, mães ou casais monorraciais negros ou inter-raciais negros preparam os filhos para lidar com o racismo em nossa sociedade. O racismo consiste na compreensão de que as características físicas como a cor da pele e textura capilar são determinantes para o privilégio de uma raça em relação à outra, sendo que as crianças são capazes de identificar, desde a primeira infância, quais as características físicas que mais agradam e as que menos agradam. Para a realização do estudo, foram acompanhadas famílias com filhos entre 5 anos e 9 anos e 11 meses. A pesquisa se constituiu inicialmente da seleção de material teórico pertinente em livros, documentos e demais publicações. A seguir precedeu-se à revisão da literatura para a construção do referencial teórico que foi complementado por uma pesquisa de natureza qualitativa, delineada por meio de entrevistas semiestruturadas. A estratégia fenomenológica teve o propósito de entender o significado da experiência para os participantes a partir da perspectiva teórica sistêmica. A análise dos resultados dos dados coletados nos levou à percepção conclusiva de que famílias monorraciais negras e/ou interraciais em sua maioria, preparam os seus filhos para uma sociedade racista através dos recursos emocionais e socioeconômicos que lhe cabem.

Palavras-Chave: Racismo. Criança. Preparação dos filhos. Família monorracial negra. Família inter-racial, Psicologia sistêmica.

ABSTRACT

Racial Awakening: How monoracial black and/or interracial families prepare or not, teach or not their children to protect themselves against racism.

Autor: Marilia Gabriela Leme.

This work at the conclusion of the Specialization course in Family and Couples Therapy, at NUFAC – Nucleus of Family and Community at PUC-SP, aims to understand if black monoracial or black inter-racial fathers, mothers or couples prepare their children to deal with racism in our society. Racism is the understanding that physical characteristics such as skin color and hair texture are crucial to the privilege of one race over another, and children are able to identify, from early childhood, which physical characteristics most like and least like. To carry out the study, families with children aged between 5 years and 9 years and 11 months were followed. The research consisted initially of the selection of relevant theoretical material in books, documents and other publications. Then, the literature review was preceded to build the theoretical framework, which was complemented by qualitative research, designed through semi-structured interviews. The phenomenological strategy aimed to understand the meaning of the experience for the participants from a systemic theoretical perspective. The analysis of the results of the collected data led us to the conclusive perception that mostly black monoracial and/or inter-racial families prepare their children for a racist society through the emotional and socioeconomic resources that are theirs.

Keywords: Racism. Kid. Preparation of children. Black mono racial family. Inter-racial family, Systemic psychology.

INTRODUÇÃO

O tema das relações raciais e do racismo se intensificou em nossa sociedade e em todo o mundo a partir do assassinato do estadunidense negro George Perry Floyd em 25/05/2020 nos Estados Unidos da América. Floyd foi estrangulado por um policial branco em Minneapolis. O fato gerou o que podemos chamar de um levante midiático que atravessaria a fronteira estadunidense. Protestos e atos se espalharam pelo mundo. Os principais *posts* e mensagens nas redes sociais após a morte de G. Floyd foram as *hashtags* “vidas negras importam”; “não adianta não ser racista tem que ser antirracista” e a imagem de um quadro preto vazio passando na *timeline* dos que possuem redes sociais como Instagram, Twitter, Facebook, entre outras.

No entanto, parece-nos pertinente, contemplarmos os conceitos de raça e racismo. Vale frisar que não existe um consenso ou uma definição única do termo em nossa sociedade, mas grosso modo, podemos entender que se trata do domínio de uma raça sobre a outra. Em uma palestra proferida em 2003, o renomado Prof. Dr. em antropologia, Kabengele Munanga nos apresenta a noção de raça:

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada. Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como os conceitos de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvesse diferenças morfológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (MUNANGA, 2003, p.1)

Munanga então enfatiza que a raça é uma construção social, ou seja, na percepção do racista, vai além das características físicas. A raça para ele é representada por uma irmandade social que apresenta traços culturais, de linguagem, religiosos e outros que ele considera naturalmente inferior ao grupo ao qual pertence. Portanto, o racismo seria uma maneira de considerar que as características intelectuais e morais de um determinado grupo, são resultados diretos de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2003).

Na mesma esteira Almeida (2020) acrescenta:

O racismo que se materializa como discriminação racial é definido por seu caráter *sistêmico*. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (p.34).

Na exposição de Almeida, gostaríamos de sobressaltar as palavras sistêmicas e processo. Tais termos nos parecem alinhados ao pensamento sistêmico novo paradigmático que apoiará a teoria do presente trabalho.

Vasconcellos (2002) nos apresenta pressupostos que sustentam o “eixo teórico desta perspectiva: conceitos de complexidade, instabilidade e intersubjetividade” (p.160).

Sobre o conceito de complexidade, Vasconcellos nos diz:

Ao contextualizar o fenômeno, ampliando o foco, o observador pode perceber em que circunstâncias o fenômeno acontece, verá relações intrassistêmicas e intersistêmicas, verá não mais um fenômeno, mais uma teia de fenômenos recursivamente interligados e, portanto, terá diante de si a complexidade do sistema. (2002, p.151).

Concordando com Vasconcellos, aproveitamos para costurar essa premissa para a presente pesquisa. Podemos perceber a complexidade da dinâmica das relações raciais e do racismo. É complexo porque não se trata de encaixar o racismo como *resultado* de um ato discriminatório. Relembrando Almeida (2020), não estamos falando apenas de uma ação discriminatória ou interpessoal isolada, mas tal ação só pode ser compreendida na complexidade de um macrossistema. É preciso contextualizar o racismo nos sistemas político, econômico, histórico e institucional.

Já o conceito de instabilidade, envolveria o entendimento do processo, de algo em movimento, vir a ser, tornar-se, ou seja, o dinâmico.

Nos anos 1990, por exemplo, militantes e estudiosos das relações raciais e do racismo introduziram a perspectiva da branquitude, tanto que Carone e Bento (2002) apontaram uma virada teórica epistemológica, ressaltando que trabalhos e reflexões sobre o racismo devem ir além do sofrimento da pessoa negra. Elas enfatizaram o papel do branco na permanência do racismo e desigualdades. Apresentaram o olhar da psicologia para a branquitude que se entende enquanto norma, exclusiva e superior. Portanto, saltos epistemológicos só se apresentam em um mundo em movimento.

Já no conceito de intersubjetividade, Vasconcellos (2020) nos fala de uma objetividade entre parênteses. Influenciamos e somos influenciados pelo objeto em pesquisa.

Frente a isso, Schucman (2012), doutora em Psicologia Social e uma das pesquisadoras no tema das relações raciais e branquitude descreve:

Hoje, para se realizar uma pesquisa dentro da psicologia social crítica, é condição *sine qua non* que o investigador saiba o lugar social e subjetivo de onde age, fala, observa e escreve. (p.12)

É possível perceber que para esta pesquisa convidaremos teóricos que se encontram não apenas no território da Psicologia Clínica, mas também contaremos com colaboradores que dialogam com a perspectiva pós-moderna e que nos parece enriquecer com delicadeza o tema das relações raciais e do racismo.

Voltando então a falar do meu lugar social e subjetivo que me fizeram debruçar sobre o tema, ou como bem diz a Profa. Mestre em Filosofia Djamila Ribeiro, “do meu lugar de fala”, sou uma mulher negra, de 46 anos, solteira, sem filhos, psicóloga e psicoterapeuta de casal e família.

Por essa razão, fui convidada pela Anexa – Associação de Alunos e Ex-Alunos do Núcleo de Família e Comunidade da PUC-SP para mediar diálogos e desenvolver textos informativos sobre o racismo. Foi então que revisei histórias racistas que atingem a mim, minha família e toda a população negra em nossa sociedade.

Ali aponteí, relembrei e revivi aspectos importantes que merecem ser elucidados. Como já explicitado acima por Almeida (2020) o racismo é estrutural, posto que temos mais de trezentos anos de escravidão e a liberdade assinada pela Lei Áurea não representou uma igualdade entre pretos e brancos e isso se reflete diariamente no ambiente político, social, cultural, institucional, educacional e

comportamental impactando significativamente a estrutura psíquica e emocional das pessoas pretas.

O Atlas da Violência de 2021, divulgado recentemente pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), apresentou uma queda de homicídios no ano 2019 em relação ao ano de 2018.

Os dados apontaram que o número geral de homicídios em 2018 foi de 57.958, já em 2019 este número foi de 45.503, ou seja, uma redução de 22%. Apesar da considerável redução, o Atlas apresentou um recorte que nos chama a atenção. As mortes violentas com causa indeterminada aumentaram 35,2%, ou seja, em 2018 tivemos 12.310 mortes por causa indeterminada, já em 2019, tivemos 16.648 mortes violentas sem causa determinada. Como posto, entende-se que talvez, e certamente, existem casos subnotificados que justificam a redução de mortes violentas.

Contribuindo com a presente pesquisa, também o Atlas aponta que as pessoas negras são as maiores vítimas de assassinato. Ser negro no Brasil significa que a pessoa tem mais que o dobro (77%) de probabilidade de ser assassinada em comparação com as pessoas não-negras.

Sem exagero vale ressaltar que as mulheres negras são consideravelmente mais vitimizadas do que as não-negras, cerca de 66% a mais.

Em caderno de Referência das Relações Raciais publicado pelo Conselho Federal de Psicologia encontramos uma citação de Silva (2004):

[...] a população negra vive em estado de alerta protegendo-se de um terror que pode vir a qualquer hora e em qualquer lugar: Não há pausas, nem territórios seguros para o(a) negro(a), talvez nem mesmo no sonho (p.13)

Portanto, não é excesso reconhecer que as pessoas negras são mais matáveis.

Além da violência, a pessoa negra recebe menos investimento educacional, menos assistência médica, menos assistência jurídica, menos emprego, menor salário e maior sofrimento psíquico e social.

É necessário considerar que não se trata de dizer que as pessoas brancas não sofram, mas trata-se de salientar que o racismo traz um sofrimento específico, histórico e coletivo conforme apontado no Caderno de Referência das Relações Raciais (2017).

Em setembro de 2020, denominado de setembro amarelo, dedicado à conscientização do suicídio, o Conselho Federal de Psicologia e a Articulação

Nacional das Psicólogas (os) Negras (os) e pesquisadoras (es) das Relações Raciais e Subjetividade desenvolveram um vídeo informativo com o título “A saúde Mental da População Negra Importa”. O veículo propunha sensibilizar os profissionais de saúde e usuários do serviço porque os dados apontavam que o suicídio das pessoas negras era significativamente maior do que o das pessoas não-negras.

As principais causas apontadas para o suicídio da população negra foram: ausência de sentimento de pertença, sentimento de inferioridade, rejeição, negligência, maus-tratos, abuso, violência, inadequação, inadaptação, sentimento de incapacidade, solidão e isolamento social

O Conselho Federal de Psicologia publicou no setor de Atos Oficiais, a Resolução CFP nº018/2002 que define em seu artigo primeiro:

[...] os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão, contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo.

No artigo 2º, estabelece que:

Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação, ou preconceito de raça ou etnia.

Pensamos que tardiamente, mas em tempo, o decreto contribui para revermos a atuação do psicólogo e levantarmos a seguinte questão: Como os profissionais da área clínica, em especial, a(o)s psicoterapeutas de família e de casal têm contribuído para a eliminação do racismo em sua prática? Quais são as técnicas e recursos que utilizam para de fato atuarem conforme orienta o Artigo 1º, da Res.018/02?

Os terapeutas interracial Kenneth e Laszloff (2003) se esforçam para promover o que chamam de Justiça Racial, nos apresentando com a seguinte reflexão:

Na terapia de família, onde a promoção de relacionamentos saudáveis é fundamental, os efeitos perniciosos de uma ideologia pró-racista são especialmente dolorosos. Os relacionamentos constituem o cerne da terapia de família. Os terapeutas devem antes de tudo estabelecer relacionamentos efetivos com seus clientes antes de a terapia poder acontecer. Além disso, apesar das variações no estilo e na estrutura teórica, todos os terapeutas de família se esforçam para ajudar seus clientes a criar um com o outro relacionamentos mais saudáveis e significativos. Infelizmente quando uma ideologia pró-racista permanece não reconhecida e/ou não desafiada pelos terapeutas ela pode se infiltrar de maneiras sutis, porém destrutivas, no processo terapêutico, minando assim a eficácia do processo de tratamento (p.140)

Macedo (2001) em seu brilhante artigo sobre Diversidade Cultural diz que o

terapeuta precisa ter: consciência crítica de suas posições, abertura de pensamento e flexibilidade para desenvolver seu trabalho de maneira adequada considerando as diferenças como diversidade e não como desigualdade.

Embora presente nos artigos e livros da área, frequentemente, crianças negras são as que menos recebem investimento educacional conforme aponta o caderno de referências do Conselho Regional de Psicologia (2007). Muitas vezes a criança negra é encaminhada para avaliação e acompanhamento psicológico e prontamente é diagnosticada e problematizada, no entanto, quantos dos profissionais levam em conta o racismo institucional como um dado relevante para o comportamento desta criança? Será que as famílias negras são convidadas a partilhar sobre os efeitos do racismo estrutural na vida deles e de seus filhos?

Atrevemo-nos a grifar que os impactos do racismo atravessam a história de uma criança por vezes muito antes do seu nascimento.

Hordge-Freeman (2018) nos diz:

A raça desempenha um papel nas interações afetivas de um modo que pode variar significativamente ao longo da vida, mas as transições críticas, incluindo o começo do namoro, o casamento iminente e o nascimento de uma criança, intensificam as tensões raciais. (p.54).

Aproximamo-nos da autora por observarmos em ambiente clínico e familiar tensão e preocupação com a possibilidade de filhos passarem por situações traumáticas por conta da cor de sua pele. Normalmente existe um misto de alegria e preocupação com o futuro dos filhos em virtude da sociedade racista.

É fato que o bebê e a criança são sujeitos de direito participantes da sociedade e quando vão à escola, desde a primeiríssima infância, precisam de atenção, de colo, do olhar e do cuidado para desenvolver-se do ponto de vista físico, psíquico e emocional.

Oliveira & Abramowicz (2010) fizeram uma pesquisa em uma creche no Estado de São Paulo e observaram que quando os bebês e as crianças choravam, automaticamente os educadores pegavam-nas no colo. No entanto, ao tratar-se de crianças negras, a referida ação era ignorada, no máximo, as crianças eram aproximadas entre as pernas, mas não colocadas no colo.

A Profa. Dra. em psicologia social Maria Aparecida da Silva Bento realizou uma revisão bibliográfica a respeito da identidade racial na Educação infantil trazendo pontos que valem a pena ser considerados:

Muito cedo, elementos da identidade racial emergem na vida das crianças. Diferentes autores destacam que entre três e cinco anos, a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza; Crianças pequenas são particularmente atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, percebendo rapidamente o fenótipo que mais agrada e aquele que não é aceito; Crianças pequenas brancas se mostram confortáveis em sua condição de brancas e raramente explicitam o desejo de ter outra cor de pele ou outro tipo de cabelo. Com frequência explicitam que branco é bonito e que preto é feio; Crianças pequenas negras se mostram desconfortáveis em sua condição de negras, porém, raramente reagem a colocação de que preto é feio. Quando reagem e pedem ajuda do professor, este não sabe o que fazer e/ou se silencia. Crianças negras revelam o desejo de mudar o tipo de cabelo e a cor da pele. (BENTO, 2019, p.7)

Bento (2019) ainda em seu texto sobre a identidade racial em crianças pequenas, também citou que Njoroge; Benton; Lewis; Njoroge (2009) também procuraram compreender o desenvolvimento de identidades sociais em crianças de diferentes grupos. Eles ressaltaram que normalmente a criança é acompanhada com foco no campo do seu desenvolvimento físico, motor, cognitivo e psíquico, no entanto, existem outros recortes que precisam ser considerados. Desta forma os pesquisadores procuraram identificar aspectos raciais que influenciam no desenvolvimento social das crianças nos primeiros 36 meses de vida.

Considerando o acima exposto, parece-nos precioso entender se as famílias monorraciais negras e/ou inter-raciais negras preparam os seus filhos para uma sociedade racista onde ser negro tem conotações negativas. Se assim for, de que forma o fazem?

Entendo que esta pesquisa possa contribuir para que os terapeutas de família consigam ampliar recursos para o trabalho com famílias no ambiente das relações raciais.

Os movimentos negros têm enfatizado a importância de não apenas não ser racista, mas também sermos antirracistas.

Desta forma, pretendemos aqui contribuir com essa pesquisa para ser um recurso de ajuda para uma maior compreensão sobre as relações raciais e racismo.

No Capítulo 1, pretendemos explorar as relações étnico-raciais na terapia familiar e de casal. De início, apresentaremos o conceito multicultural e multirracial dentro do enquadre da psicoterapia de casal e familiar, explorando a importância de terapeutas familiares aprofundarem no tema cultura e raça além das salas de aula e dos cursos de formação, propondo que incorporem a temática na relação terapeuta e

cliente. Desta forma, compreendemos como adequado seguir na apresentação e conhecimento sobre as famílias monorraciais negras, famílias monorraciais brancas e famílias birraciais. Momento este, que apresentaremos as características de cada família bem como seus desafios e dilemas a respeito das relações raciais e do racismo.

Já no capítulo 2, avançaremos para falar da educação infantil e racismo. Discorreremos sobre as famílias com filhos pequenos, sobre o desenvolvimento da consciência racial em crianças e sobre o impacto do racismo na aprendizagem e nos relacionamentos.

E por fim, no Capítulo 3, resgataremos os valores familiares, perpassando-os genericamente e identificando algumas diferenças de valores entre famílias negras e não negras, focalizando a espiritualidade e a resiliência familiar como recurso para o enfrentamento dos resquícios da escravidão e do racismo presente na sociedade brasileira.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender se pais, mães ou casais monorraciais negros ou inter-raciais negros preparam os filhos para lidar com o racismo em nossa sociedade.

Objetivos Específicos

- Identificar se os pais ou responsáveis passaram ou não pelo racismo e se sim, qual o primeiro momento de vida que se deram conta da existência dele.
- Verificar se a família de origem os preparou para lidar com os desafios das relações raciais e do racismo.
- Compreender como construíram a ideia de que preparar os filhos para lidar com o racismo seria a melhor maneira de educá-los para viver em sociedade.

1 CONVERSANDO SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NA TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA

1.1 Teoria familiar multicultural/multirracial

Embora os conceitos de cultura, identidade, raça e racismo estejam presentes em nossa sociedade, inclusive dentro do campo da terapia familiar, ainda compreendemos como escassos trabalhos e pesquisas que abordem o tema.

Munanga (1986) nos conta que quando buscamos uma identidade étnica, estamos também procurando a nossa afirmação cultural, ele ainda acrescenta:

A cultura é a herança de uma sociedade, o conjunto de objetivos materiais que permitem ao grupo assegurar sua vida cotidiana e a de instituições que coordenam as atividades dos membros dos grupos, de representações coletivas que constituem uma concepção do mundo, uma moral, uma arte. E esse conjunto é transmitido de geração a geração para cada membro da sociedade, por meio do processo educativo. Assim, os fatores históricos, linguísticos e psicológicos fazem parte dos componentes essenciais de uma identidade ou de uma personalidade coletiva (p.5-6).

McGoldrick nos presenteou em 2003 com um livro precioso composto por assuntos complexos e delicados da área de terapia familiar, dentre os quais, se encontram as questões de raça e racismo. Ela e seus colaboradores enfatizaram a importância de nos aprofundarmos nos estudos sobre as relações raciais.

Green (2003) participou brilhantemente de um capítulo do livro de McGoldrick e nos fala da importância de uma teoria familiar multicultural.

Ashton e McGoldrick (2016) também contribuíram com a obra de Walsh (2016) discutindo sobre a importância cultural para o desenvolvimento psíquico e emocional dos indivíduos e famílias, então elas apontam: “Todas as nossas teorias de psicologia, desenvolvimento humano, sistemas familiares, bem-estar, patologia e cura são informadas pelos valores, crenças e normas culturais” (Carter, 2003; Ponterotto, Casas, Suzuki & Alexander, 2010, p.249)

No mesmo capítulo, as autoras também seguem relembrando que a cultura define a nossa visão de mundo. O profissional da saúde mental terá um olhar muito particular dependendo do lugar geográfico, social, étnico e cultural que esteja inserido. Como exemplo, elas transcrevem que as culturas orientais tradicionais veem o ser humano como um ser social e o seu equilíbrio e crescimento se daria com o desenvolvimento da qualidade de empatia e conexão com o outro. Já na cultura

ocidental, entende-se o crescimento psicológico como a capacidade do ser humano em tornar-se autônomo. Ainda citam os afro-estadunidenses (Boyd-Franklin, 2006; Hines & Boyd-Franklin, 2005) que contrastam com o ideal individualista europeu, “Penso logo, existo” para uma visão coletiva de que “Nós existimos, logo eu existo”.

Já Grandesso (2000) nos apresenta alguns apontamentos sobre a epistemologia construcionista social e aqui recorto dois aspectos que foram mencionados por ela:

Os critérios para identificar eventos no mundo não são objetivos, mas circunscritos por uma cultura, história e contexto social. Assim sendo, não se postula uma base objetiva para o conhecimento convencional. O que se toma por conhecimento do mundo não é um produto da indução ou teste de hipóteses. Isso porque o próprio processo de identificar categorias teóricas e atributos observacionais depende das categorias que a pessoa já possui. O mundo é compreendido em termos de artefatos sociais, historicamente situados, e produtos do intercâmbio entre as pessoas. Assim, longe de ser ditado pelas forças da natureza, o processo de compreender resulta de uma ação cooperativa de pessoas em interação. É assim que se pode compreender as mudanças que ocorrem nas construções psicológicas sobre o indivíduo e os relacionamentos ao longo do tempo, bem como de uma cultura para outra (p.83).

Trago novamente Ashton e McGoldrick (2016) que embora reconheçam a importância cultural assim como Grandesso, parecem criticar a tendência do campo da saúde mental de dar atenção apenas aos aspectos comportamentais e experiência de vida como responsáveis para moldar a individualidade. Tratando-se da experiência de terapia familiar, elas também acrescentam que os terapeutas de família confirmaram que o comportamento individual e emocional é orientado por padrões e regras familiares, mas para elas parece que os terapeutas na prática, não dão a devida importância para os aspectos culturais que orientam e contribuem para a moldura da personalidade humana. Afirmam que este aspecto fica frequentemente para os antropólogos culturais e que mesmo eles, apenas percorrem o olhar para a análise de culturas não europeias distantes ao invés de se dedicarem à diversidade étnica em uma sociedade. Ou seja, diante de uma pluralidade cultural, vivemos em uma sociedade que privilegia a cultura europeia branca tornando-a universal e dominante.

Para exemplificar, fizemos uma breve pesquisa usando as palavras ‘*história do terno*’ no google para pensar a narrativa da Profa. Dra. Lia Vainer Schucman em um TED¹ sobre o racismo. Como resposta obtivemos:

O terno surgiu na França, no século XVIII, o rei Luís XIV já usava. Era moda utilizar paletó, colete, camisas e calças feitos com diferentes tecidos, padrões e cores. O corte era longo, e o terno foi pensado como um vestiário de campo informal, conhecido como roupa de descanso (2018).

Também pesquisando a origem do ‘*salto alto*’ encontramos algumas definições relacionando-os a cultura europeia, mas preferimos aqui relatar a definição apontada pela marca de sapatos Schutz em seu site que nos saltaram aos olhos, o título era, ‘Quem Inventou o Salto?’:

Como a elegância sugere, é claro que esse item é nascido e batizado na França! Embora não se saiba exatamente quem foi o criador, o salto alto ficou conhecido através do rei Luís XVI, no séc. 17. Além da paixão dele por luxo, o motivo do salto virar *must have*² do visual real é um conhecido de muitas: ele tinha em torno de 1,60 m e não gostava nadinha dessa condição, então apostava em saltos e perucas para criar uma ilusão de altura - no *judge*³, Site dos Calçados SCHUTZ, 2021,

Após estas pesquisas, assim como Schucman (2020) ficamos a nos perguntar, por que apenas trajes indígenas, africanos e orientais por exemplo, são considerados étnicos? Ternos, gravatas, saltos altos não são compreendidos como étnicos?

Posto isso, Almeida (2020) nos põe a refletir quando diz que em uma sociedade globalizada, multicultural e constituída de mercados livres, o racismo só pode se apresentar de um modo disfarçado. No trecho acima encontramos supostamente dois disfarces, o primeiro deles, ao compreender o terno como uma vestimenta não considerada como étnica posto ser da cultura europeia dominante, e, bem menos sutil, a publicação da empresa de sapatos Schutz que associava elegância com a origem e costume francês.

Como ausente mais implícito, observamos a desconsideração de outras formas de se vestir como sendo adequadas, elegantes e sofisticadas. Almeida (2020) se estende e nos explica: “Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar

¹ Trata-se de uma série de pequenas conferências realizadas pelo mundo, idealizada pela Fundação Sapling dos Estados Unidos sem fins lucrativos com o propósito de disseminar ideias.

² Em português significa ‘deve ter’.

³ Em português significa juiz, juíza.

qual o seu valor e significado. Podendo esta se apresentar nos espaços culturais, nas novelas, em festas típicas, mas sempre com pouca visibilidade, de maneira estilizada e setorizada” (p.73).

Em outro trecho, ele também nos diz que: “É desse modo que o racismo passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de cultura e de corpos” (p.72-73).

Ashton McGoldrick (2016) ressaltam que muitos estudantes e clínicos ignoram o aprofundamento das questões culturais em sua prática. Alguns acham até desinteressante e irrelevante tal movimento porque desejam focar no problema clínico real e, de modo geral, anotam em formulários a etnia, classe social, religião ou a raça dos pacientes em fichas de avaliação ou genogramas, mas não dão muita atenção para as questões culturais do cliente e da família.

Voltando a nos referir ao livro *Novas Abordagens da Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica*, parece-nos que McGoldrick foi muito feliz ao definir o título da obra. De modo geral, os achados nos estudos de terapia familiar sistêmica aqui no Brasil, têm abarcado a cultura como um grande guarda-chuva e dentro dele, as pautas de raça e etnia.

As terapeutas Ashton e McGoldrick (2016) reconhecem a questão quando escrevem:

A maioria das pessoas acha mais difícil conversar sobre raça e racismo do que sobre etnia. Cada novo incidente racial desperta sentimentos e expressões de raiva e fúria, impotência e frustração. A exploração da nossa etnia e identidade racial é vital para a superação de nossos preconceitos e para expansão da compreensão de nós mesmos no contexto. Mas também precisamos ser cuidadosos na busca de uma compreensão multicultural para não diminuir nossos esforços para superar o racismo (Katz, 1978). Todos os terapeutas devem ser preocupados em desfazer o racismo para erradicar essa força perniciosa na sociedade (2016, p.259)

Embora reconheçamos as intersecções, é valioso falarmos de forma mais aberta e profunda sobre raça e racismo dentro do campo da terapia familiar porque existem especificidades que precisam ser reconhecidas, apontadas e problematizadas para que assim, possamos ser de fato um importante espaço para a luta antirracista.

1.2 Família Monorracial Negra, Família Monorracial Branca e Família Inter-Racial

Reconhecemos a pluralidade racial, étnica e cultural nas sociedades brasileiras e no mundo afora, no entanto, considerando o recorte dessa pesquisa, optaremos por discorrer sobre os aspectos familiares da raça negra, raça branca e inter-racial.

1.2.1 Famílias Negras

Um dos caminhos percorridos para falar de famílias é conhecermos as suas histórias. É preciso contextualizarmos a família em espaço histórico, político, econômico, cultural, relacional, social e racial. Tratando-se de famílias negras, temos que visitar a história, a linha do tempo do negro no Brasil que contribui para o racismo estrutural e o sofrimento da população preta, é preciso entender a diáspora ⁴. Conforme publicado no site da Palmares Fundação Cultural:

A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos tumbeiros (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Estima-se que durante todo período do tráfico negreiro, aproximadamente 11 milhões de africanos foram transportados para as Américas, dos quais, em torno de 5 milhões tiveram como destino o Brasil.

Gomes (2019) também nos diz que a escravidão foi uma tragédia humanitária gigantesca. Ele ainda acrescenta que esta experiência foi determinante para a história brasileira com impacto significativo e definidor para a construção da identidade do povo brasileiro. Há exemplo, ele ressalta que em 1672 o Rio de Janeiro era composto por 4 mil habitantes brancos e 20.000 negros africanos.

Em outra passagem do livro, Gomes (2019) nos conta sobre um Leilão inusitado no ano de 1444 em Lagos, vilarejo murado na região de Algarve em Portugal. Homens, mulheres e crianças saíram das Caravelas para serem leiloados. O principal relator do evento chamava-se Azurara e descreveu em detalhes o que ocorreu naquele dia, especialmente, a respeito das reações dos escravizados diante da possibilidade de serem comprados por senhores diferentes, ocasionando a ruptura

⁴ Conforme apresentado pela Palmares Fundação Cultural (O termo diáspora tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo).

familiar. Seria uma separação definitiva de pais e filhos, esposas e maridos, amigos e pessoas próximas e com isso, Azurara descreve:

Qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento vendo assim aquela campanha? Porque uns tinham as caras baixas e os rostos lavados de lágrimas; [...] outros estavam gemendo muito dolorosamente, olhando para os céus [...], brabando altamente como se pedissem socorro ao Pai da Natureza, outros feriam o rosto com as suas palmas, lançando-se estendidos no chão, outros faziam suas lamentações em cantos, segundo o costume de sua terra. [...] Pelo que convinha a necessidade de se apartarem os filhos dos pais; as mulheres, dos maridos, e os irmãos, uns dos outros. A amigos nem parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde a sorte o levava. As mães apertavam seus filhos nos braços e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas com pouca piedade de suas carnes (p.53).

Portanto, nos parece adequado considerar que as raízes do povo negro foram ceifadas. Os lugares de pertencimento e origem familiar ficaram subnotificados. E isto pode ser observado quando pensamos na origem geográfica da pessoa negra, de modo geral, se perguntarmos para o povo negro a região da África de seus antepassados, certamente teria dificuldade para responder.

McGoldrick e Ashton (2016) enfatizam que nomear a própria etnia como um grupo étnico único seria super simplificar porque as pessoas têm especificidades que acompanham múltiplas raízes culturais. Elas ainda acrescentam:

[...] Podemos nos sentiremos negativos ou orgulhosos e gratos por nossa herança cultural, ou podemos não conhecer os grupos culturais a que pertencemos, porém, a relação com nossa herança cultural irá de qualquer forma influenciar nosso bem-estar, assim como nosso sentimento em relação a cultura dominante. Sentimos que pertencemos a ela? Estamos “passando” como membros? Nos sentimos como estranhos marginalizados? Ou somos estranhos que absorvemos tanto as normas e valores dominante que nem mesmo reconhecemos que nossos valores internalizados refletem seus preconceitos e tentativas de suprimir a diferença cultural? (p.252)

Bento (2020) nos diz que as famílias negras, como em qualquer outra família, têm a intenção de educar seus filhos de modo que estes cresçam com qualidade emocional, física, intelectual e social. No entanto, tal tarefa, se apresenta em uma sociedade em que ser negro tem conotações negativas em virtude do racismo estrutural. É preciso constar então que, toda família negra é vítima de racismo. As batalhas enfrentadas por seus membros são intensas e constantes.

Vale lembrar que reconhecemos a existência de uma pluralidade identitária, no entanto, falaremos aqui de homens e mulheres pretas e suas especificidades. Apesar

de ser uma referência estadunidense, nos parece precioso considerar as colocações de Boyd-Franklin e Franklin (2000). Eles nos dizem:

O racismo coloca uma carga adicional enorme sobre os relacionamentos dos casais negros, carga esta não experimentada pela maioria dos casais brancos. Um relacionamento de casal deve ser um local de conforto e confiança, onde cada parceiro possa “extrair as setas” e curar as feridas infringidas por uma sociedade racista. (p.310)

Concordamos com os autores ao reconhecerem que tanto o homem como a mulher negra sofrem violência e discriminação desde a época da escravidão impactando o bem-estar e qualidade de vida dos cônjuges e familiares. A frustração pode trazer sentimentos de inadequação e, conseqüentemente uma deficiência comunicacional dificultando a parceria do casal. É comum o estresse, a exaustão e desesperança tomarem conta do relacionamento porque frequentemente as famílias negras aprendem que para se desenvolverem do ponto de vista econômico e social precisam ser três vezes melhores do que as famílias brancas.

Boyd-Franklin e Franklin (2000) também apontam que o homem negro estadunidense vive a síndrome do “último contratado, primeiro a ser demitido” (p.311). Ele também, enfrenta o estigma de representação de risco, perigo e medo para a sociedade.

Quanto à mulher negra, ela não enfrenta o estigma de temor e medo, mas sim, enfrenta a imagem negativa de si mesmo, sobretudo, por sua aparência porque o padrão de beleza dominante é eurocêntrico e isso influencia significativamente a visão que tem sobre si mesma. Bell Hooks, professora e ativista estadunidense fala com muita frequência a respeito da solidão da mulher negra ou do pouco valor direcionado a elas. No material produzido pelo Conselho Federal de Psicologia (2017) sobre as relações raciais, citaram Hooks na introdução. E foi exatamente o que consta abaixo:

Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. (p.9)

O que vemos é que tanto os homens como as mulheres negras, vivenciam a árdua tarefa de serem melhores. Como apontado nas referências técnicas do Conselho Federal de Psicologia sobre as Relações Raciais (2017), de forma

consciente ou inconsciente, entram na tarefa sem fim de serem os melhores, a mais bonita, o mais sensual e o melhor trabalhador.

Outro aspecto bem colocado nas referências acima citadas, consiste na cilada da inferioridade e superioridade:

De um jeito ou de outro, isto é, assumindo por pressão social racista o lugar do inferior ou, relativamente, o do superior, há um aprisionamento e estreitamento do campo psíquico e do modo de vida. Aliás, há uma representação hegemônica enganosamente positiva quanto a sexualidade dos negros e negras, como se fossem os mais potentes. Todavia, trata-se de um estereótipo que aprisiona o negro(a) no campo da sexualidade, do corpo, do biológico e propaga a imagem de que homens negros são tarados e, por isso, violentos, e as mulheres negras prostitutas. Vê-se que mesmo naquilo que, aparentemente, poderia parecer uma valorização, há demérito, há discriminação (p.12)

Com tantas questões delicadas, podemos perceber experiências de conflito e mensagens contraditórias entre as relações conjugais.

De forma geral, a família negra recebe informações de sua família de origem sobre o que é ser homem negro e o que é ser mulher negra, mas estas mensagens, considerando a complexidade e a insalubridade da vida da pessoa negra, muitas vezes são paradoxais conforme exemplificado abaixo por Boyd-Franklin e Franklin (2000):

As mulheres negras recebem com frequência mensagens contraditórias por parte de suas famílias de origem. Uma delas é uma mensagem de independência (por exemplo, “Deus abençoa a menina que é dona de si”), com sua implicação de que não se pode confiar nos homens negros para permanecer com as mulheres e prover o seu sustento; a outra é uma mensagem de que o principal objetivo de uma mulher é encontrar um homem negro que cuide dela. Este duplo vínculo frequentemente coloca as mulheres negras em relacionamentos difíceis com os homens negros ou em nenhum relacionamento com eles. Os homens negros também recebem mensagens mistas. Por um lado, frequentemente lhes é transmitida a mensagem de que devem ser “homens” -positivos/agressivos, “produtivos” como provedores, educados e dominantes. Estas são expectativas consistentes com os papéis do homem branco. Por outro lado, os pais ansiosos que temem pela sobrevivência de seus filhos negros vão abrandar essa mensagem a advertência como a seguinte: “você são negros e não devem ser agressivos demais, dominantes demais, etc., porque senão, o homem (branco) acaba com vocês. (p.313)

Portanto, podemos considerar que a opressão é uma característica presente em famílias negras que não parece ter tranquilidade e nem trégua, em contrapartida, apresentaremos os privilégios vividos pela família branca.

1.2.2 Famílias Brancas

Pesquisas sobre a branquitude foram iniciadas nos anos 1990 nos Estados Unidos da América. No Brasil, já nos referindo ao campo da psicologia social, contamos com participações valiosas das psicanalistas Iraí Carone e Maria Aparecida Silva Bento que foram percussoras nos estudos brasileiros sobre a branquitude contribuindo para uma virada epistemológica importante que inclui o branco no centro dos estudos das relações raciais e racismo.

Para expressar, recorreremos mais uma vez a Schucman (2020) que em seu livro cita:

Edith Piza (2002) e Ruth Frankenberg (1999) argumentam que, se há algo característico da identidade racial branca, esta característica é a invisibilidade, que se concretiza diariamente através de falta de percepção do indivíduo branco como ser racializado. A brancura nesse caso, é vista pelos próprios sujeitos brancos como algo “natural” e “normal”. Edith Piza caracteriza essa identidade coletiva como uma construção em contraposição, na qual os não brancos são aqueles que tem a visibilidade da raça. Assim, para a autora a branquitude só existe em relação (p.62).

A terapia familiar sistêmica tem como proposta o olhar para os relacionamentos, olhar os problemas em relação, no entanto, ao considerar o tema racial, nos parece que frequentemente a díade preto e branco, branco e preto é pouco explorada e talvez podemos arriscar dizer que seja pelo desconhecimento e dificuldade de dizer o que caracteriza ser branco.

McGoldrick (2003) continua nos acompanhando para a construção deste trabalho e ela nos desperta a pensar que para promovermos a devida revisão no campo da terapia familiar sobre a cultura e racismo, devemos “mergulhar naqueles que se veem enquanto norma ou que estabeleceram as normas” (p.165).

Discorrer sobre famílias brancas não nos parece uma tarefa fácil porque como dito anteriormente, a identidade racial branca era entendida como norma e reguladora de normas.

McIntosh (2003) contribuiu com o capítulo de McGoldrick ao falar sobre o privilégio branco e para exemplificar essa dinâmica, a autora ilustra o privilégio do homem em relação à mulher. Relata que por vezes sente a indisposição e desconforto dos homens por admitirem que são privilegiados. Eles até se mostram dispostos a promover o status da mulher na sociedade, seja no trabalho ou mesmo nas relações familiares, mas não pretendem pensar na ideia de diminuir o status do homem.

Quando falamos do privilégio branco, observamos o reconhecimento da branquitude da existência do racismo e que este afeta a vida de quem o vive, no entanto, não se compreendem como parte ou responsável por esta ideologia. Almeida (2018) escreveu o prefácio do trabalho de Schucman sobre famílias interracialis e constata: “Se o amor é uma construção social, o racismo também o é.” Desta forma, podemos reconhecer que ele também permeia as estruturas familiares inclusive, e em sua maioria, nas famílias brancas.

O conceito de família se transforma ao longo do tempo, mas segundo Walsh (2016), as teorias mais influentes do campo foram desenvolvidas por estudiosos e profissionais brancos, de classe média, do sexo masculino advindos da cultura euro americana, portanto, o entendimento do que é família, do papel a desempenhar e dos desafios partiria dessa perspectiva, do que aqui chamaremos de família branca.

Porém, é primordial considerar que os terapeutas e estudiosos da área começaram a rever o entendimento sobre família “normal” porque levaram em conta a crítica de Foucault (1980) ao apontar que a maioria dos estudos sobre família partiam dos grupos dominantes. Ainda que em menor frequência, quando fazemos referência e pensamos famílias já enxergamos alguns arranjos: casais brancos, formados dentro de uma configuração heterossexual, com filhos, com ou sem laços consanguíneos.

Como colocamos na introdução deste trabalho, o ano de 2020 foi um ano de movimentos e posicionamentos marcantes a respeito do racismo e das relações raciais. Este cenário também impactou as estratégias de propaganda e marketing, de tal forma que passou a ser considerado politicamente incorreto as empresas e marcas não se atentarem para esses movimentos. Ainda que seja estratégia de venda, a responsabilidade social se tornou parte das marcas e a negritude começa a se apresentar de forma equilibrada em comerciais de televisão, *outdoor* e redes sociais. As marcas também, começaram a introduzir pautas identitárias trazendo programas e políticas de diversidade, tornando esse um dos seus principais valores.

No entanto, durante muito tempo, as propagandas de margarinas apontavam o ideal de família feliz composta por pessoas brancas, heteronormativas, classe média ou média alta, sorridentes e felizes construindo um ideal familiar, o estereótipo da família branca.

Schucman (2020) em seu Ted X Floripa⁵, menciona que o racismo estrutural é sustentado pelas instituições e lugares de poder. Ela nos diz, também que os espaços de produção de subjetividade promovem estereótipos que contribuem na sustentação dessa estrutura racista. Então a família do comercial de margarina é composta por pessoas brancas, sorridentes, satisfeitas e heterormativas. Esta é a maneira como se compreende a família branca.

Schucman (2020) contribuiu com a pesquisa sobre os aspectos psicossociais da branquitude paulistana e alguns pontos podem ser relevantes porque pensando pessoas brancas, podemos refletir as famílias brancas. Na presente pesquisa ela buscou compreender o sentido e significado atribuído pelas pessoas sobre a sua brancura, sobre as suas identificações e diferenças do que é ser branco. E para melhor análise do material das entrevistas, ela separou algumas categorias que aqui se apresentam: as pessoas brancas sobre padrão de beleza, ideia de superioridade moral e intelectual e a branquitude em ação: Formas de manutenção de poder e o “medo branco.”

Na categoria estética, ela observou que a branquitude tem a percepção de ser vantajoso fazer parte da raça branca, considerando-se esteticamente superior e mais atrativa do que a raça negra conforme recortamos na pesquisa:

Lia: O que é ser branco para você?

Vinícius: Posso responder o que é ser branco. Eu gosto da minha cor e gosto das minhas atitudes.

Lia: Tem a ver com as atitudes?

Vinícius: Não, vou dizer assim, eu gosto da minha cor e de minhas atitudes. O que eu faço da minha vida. Eu sou uma pessoa que trabalha, não faço coisa errada, então gosto muito das atitudes de minha sobrevivência, sempre tento fazer o bem, sempre tentando [fazer] as coisas certas.

Lia: Você acha que isso é característica de branco?

Vinícius: Não todo branco, nas atitudes, tanto tem o errado branco como o preto. Mas para pensar a maioria, eu acho que nas atitudes os brancos são melhores. Nas atitudes, de agir na vida, os brancos são melhores. Para falar a verdade, não é porque sou branco...São mais violentos em alguma coisa ...né? Em maioria, os brancos são mais calmos que as pessoas pretas (p.129-130)

No que tange à ideia de superioridade intelectual e moral, ela compreendeu que este aspecto estaria relacionado à ideia do branco de ser intelectualmente superior à negritude como segue em exemplo:

⁵ Trata-se de uma série de pequenas conferências realizadas pelo mundo, idealizada pela Fundação Sapling dos Estados Unidos sem fins lucrativos com o propósito de disseminar ideias.

Lia: No Brasil, os cargos de maior prestígio, como os profissionais liberais, senadores, deputados, médicos, empresários, advogados, são em sua maioria de brancos. Você acha que tem alguma razão para isso?

Marcelo: Eu acho que é a cultura. Por exemplo, minha avó é italiana, filhos de italianos, ela veio da Itália e eles eram pobres, mas sabiam como fazer tijolos, montaram uma olaria. Ganharam dinheiro, ficaram ricos. Minha avó foi trabalhar como faxineira em colégio público, criou três filhos sem pedir nada para ninguém, colocou o lance da educação como a única solução pra eles saírem de uma situação desconfortável de limitação de roupa, comida, o próprio estudo. Então sempre impôs uma conduta ética, moral e de valores que é o que fez toda a diferença. Acho que é mais o lance da cultura, dos valores, da ética, da educação, do que um pai ensina para o filho do que a cor em si.

Lia: Você acha que é a coisa cultural... O que é cultura italiana?

Marcelo: Sim, eu tenho alguns conceitos que vem da minha família. Me parece que lá é assim. Tenho como base de valores o trabalho, o respeito as leis, o respeito ao próximo, tenho família muito católica, tenho respeito ao próximo, somos todos irmãos. Isso também soma muito para os valores e a conduta ética do ser.

Lia: Então, você acha que o fato de os imigrantes virem e conseguirem ter dinheiro, depois de três gerações está ligado a cultura?

Marcelo: Sim, imagina, eles sempre estudaram, não são analfabetos, tiveram acesso as letras, as ciências matemáticas, eles tiveram acesso ao conhecimento. E quando eles chegaram aqui, se não tinham, foram construindo. Você não vê imigrante europeu sem estudar, sempre foi muito forte essa história do estudo, é um valor básico da sociedade deles. Diferente da cultura dos africanos que são mais flexíveis quanto a ética e a moral, é só ver a religião deles, não tem esse negócio de fazer o bem... E eles dão mais valor para música, divertimento e essas coisas, enquanto o europeu, ao trabalho e aos estudos (p. 131-132).

E por fim a categoria da branquitude em ação, em que constroem maneiras e modos para a manutenção do poder e do privilégio branco perante as outras identidades raciais. Para tal, Schucman se aproxima do conceito de Foucault (2001) que coloca o poder não como um atributo que se possua, mas sim, como algo que se exerce de modo constante e regular.

Schucman explica que o que observou na análise das entrevistas foi que a maioria das pessoas brancas reconhecem que possuem um privilégio racial perante as outras raças, no entanto, não se percebem autores ou perpetuadores do racismo. Para ela, esse processo traz um cenário de ambiguidade para as experiências sobre as relações raciais. Ora, a branquitude responsabilizava a sociedade e a escravidão, ora narrava atitudes que podemos compreender como racistas.

Concordamos com Schucman (2020) porque também nos parece ambíguo e paradoxal este movimento gerando insegurança, confusão e incerteza contribuindo para a manutenção do privilégio e poder da branquitude e, portanto, ela acrescenta:

A ambiguidade e fragmentação dos discursos dos sujeitos me pareceram algo muito relevante para a compreensão de como se mantém o racismo na sociedade brasileira. A ambiguidade aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral (p.134).

Ela nos traz os depoimentos de João e Marcela que demonstram as formas de manutenção do poder e privilégio:

João: Olha, não sei se isto é racismo, acho que é mais regra de mercado e publicidade. A gente sabe que o cliente deve se identificar com o vendedor para comprar mais, então como minha loja tem a maioria dos clientes brancos, eu sempre contrato vendedores brancos (p.135).

Já a entrevistada Vanessa, também participante da pesquisa de Schucman, reconhece que o racismo exista porque afinal, acha estranho não ter colegas de trabalho negros e negras, no entanto, tenta achar uma razão plausível para o processo seletivo:

Vanessa: Por que eu não trabalho com negro? Não tem nenhuma mulher farmacêutica negra, que estudou na mesma faculdade, que possa exercer o mesmo cargo que eu? Onde eu estudei, lá na UNIP [Universidade Paulista], existiam várias negras fazendo Farmácia, e por que elas não estão aqui? Daí o racismo fica claro, não é só no meu meio social; por que nenhum negro trabalha com meu irmão na Microsoft, nenhum negro trabalha com meu pai, nenhum negro trabalha com minha mãe? Eu entendo que o cargo de vendas, que é o meu, eles não estejam presentes, porque precisa ter uma boa aparência para ser propagandista. Mas e dentro da empresa? (p.135).

Schucman deixa claro que nestes dois casos, não se trata de sentimentos preconceituosos, mas sim de ações que colocam o branco em situação de privilégio diante do negro. No entanto, nos parece também, um preconceito estético, por Vanessa reconhecer que precisa ter boa aparência para ser propagandista.

De maneira geral, aqui concordamos com Schucman e lembramos que este aspecto se aproxima do pacto narcísico da branquitude explorado e estudado pela psicanalista Maria Aparecida Silva Bento.

A Dra. Schucman também aponta que os participantes da pesquisa reconheciam os privilégios alcançados, mas não estavam dispostos a renunciar a eles. Seguem então, outros exemplos narrados por participantes da pesquisa de Schucman:

Lilian: Eu consegui serviço porque eu era clara e a outra pessoa era negra. E depois descobri que a patroa era racista, que ela não gostava de negro.

Fernando: Ser branco? Ah, ser branco é poder entrar no shopping para cagar. [pergunta feita para um rapaz loiro de olhos azuis morador de rua em uma conversa informal]

Marcelo: Meu chefe é bem racista. Dizia que ele só gostava de trabalhar com gente branca, tinha preferência por branco... Aí, se eu fosse negro? Nunca teria sido contratado.

Denise: A gente que nasceu branquinho claro, é como se tivesse sido convidado para uma festa. A gente entra na festa sem problema nenhum, a pessoa nos recebe em qualquer lugar. Acho que o negro tem mais dificuldade, não digo de uma festa normal, isso aí é brincadeira... Mas pra procurar emprego, por exemplo, teriam preferência por um branco na hora de preencher uma vaga. Vai passar uma coisa mais de elite, social maior (p.136).

McGoldrick (2003) deixa-nos um alerta:

A 'brancura', 'o fato de ser branco', é uma maneira política de descrever aqueles que merecidamente ganharam privilégio em relação aos outros na sociedade. É uma caracterização que existe porque o racismo, existe infelizmente, a brancura é também algo que define e caracteriza a prática de nossa profissão. Não podemos continuar a treinar os terapeutas brancos para trabalhar fundamentalmente com famílias brancas... (p.166).

Ela também resgata os apontamentos de Hall e Greene (1994) que brilhantemente mencionam:

As profissões de saúde mental são representantes das normas e valores culturais da cultura dominante. Tanto os terapeutas afro-americanos quanto os terapeutas brancos têm sido treinados em Instituições representativas dos valores da cultura dominante, que em sua maioria abraça e defende o status quo, em vez de explorá-lo ou desafiá-lo (p.24-25).

Embora os escritos venham de longa data e referindo-se particularmente à realidade estadunidense, nos parece pertinente considerar tais aspectos para a realidade brasileira sobre a branquitude e, conseqüentemente sobre as famílias brancas.

McIntosh (2003) exemplificou alguns privilégios simbólicos da branquitude no qual transponho alguns deles para a realidade da família branca:

1. Eu (branco)⁶ posso se quiser conseguir estar na companhia de pessoas da minha raça a maior parte do tempo.
2. Se eu precisar me mudar, posso ter certeza de conseguir alugar ou comprar um imóvel em uma área onde eu queira morar desde que eu tenha recursos para isso.

⁶ Grifo da pesquisadora para se referir a pessoa da raça branca nos apontamentos de privilégio.

3. Posso ter absoluta certeza de que meus vizinhos nesse local serão neutros ou receptivos a mim.
4. Posso fazer compras sozinha a maior parte do tempo com a garantia de que não serei seguida ou incomodada.
5. Posso ligar a televisão ou olhar a primeira página do jornal e ver pessoas da minha raça amplamente representada.
6. Quando me falam sobre nossa herança nacional ou sobre a civilização mostram que as pessoas da minha cor fizeram dela o que ela é.
7. Posso ter certeza de que meus filhos terão acesso a matérias curriculares que testemunham a existência da sua raça.
8. Se eu quiser posso ter certeza de encontrar um editor para este trabalho sobre os privilégios dos brancos.
9. Posso ir a uma loja de música e saber que vou encontrar a música da minha raça representada, a um supermercado e encontrar os principais alimentos preparados segundo as minhas tradições culturais, a um cabelereiro e encontrar alguém que possa cortar o meu cabelo.
10. Quer eu use cheques, cartões de crédito ou dinheiro, posso confiar que a cor da minha pele não irá contra a aparência da minha confiabilidade financeira.
11. Posso conseguir proteger meus filhos a maior parte do tempo de pessoas que possam não gostar deles.
12. Posso praguejar ou usar roupas de segunda mão, ou não responder cartas sem que as pessoas atribuam essas escolhas a má moral, a pobreza ou a falta de instrução da minha raça,
13. Posso falar em público a uma influente audiência masculina sem colocar a minha raça em julgamento.
14. Posso me sair bem em uma situação desafiadora sem que isso seja creditado a minha raça.
15. Nunca sou convidada a falar em nome de todas as pessoas do meu grupo racial.
16. Posso criticar nosso governo e falar como eu temo as suas políticas e seu comportamento sem ser vista como estranho cultural.
17. Posso ter absoluta certeza de que se eu pedir para falar com a pessoa encarregada, estarei diante de uma pessoa da minha raça.
18. Se o guarda de trânsito me manda encostar o carro ou se a receita federal inspeciona a minha declaração de renda, posso ter certeza de que não fui selecionada devido a minha raça.
19. Posso facilmente comprar cartazes, cartões postais, livros ilustrados, cartões de felicitações, bonecas, brinquedos e revistas infantis retratando pessoas da minha raça.
20. Posso ir para casa voltando da maior parte das reuniões das organizações as quais pertenço, me sentindo um pouco envolvida em vez de isolada, deslocada, minoritária, não ouvida, mantida a distância ou temida.
21. Posso conseguir um emprego em uma empresa em um cargo de alto nível sem que os colegas de trabalho suspeitem que o consegui devido a minha raça.
22. Posso escolher uma acomodação pública sem temer que as pessoas da minha raça não possam ali entrar ou sejam maltratadas nos lugares que escolhi.
23. Posso ter certeza de que se eu precisar de ajuda legal ou médica, minha raça não será um obstáculo.
24. Se meu dia, semana ou ano estiver correndo mal, não preciso questionar se cada episódio ou situação negativa tem conotações raciais.
25. Posso optar por cobertura de mancha ou bandagens (cor da pele) e consegui-las mais ou menos da cor da minha pele (p.171).

Posteriormente, o caderno de referências do Conselho Federal de Psicologia (2017) publica privilégios simbólicos iguais e/ou semelhantes aos publicados anteriormente por McIntosh (2003):

1. Posso estar segura de que meus filhos vão receber matérias curriculares que testemunhem a existência de sua raça.
2. Se eu usar cheques, cartões de crédito ou dinheiro posso contar com a cor da minha pele para não operar contra a aparência e confiança financeira;
3. Não preciso educar meus filhos para estarem cientes do racismo sistêmico para a sua própria proteção física diária.
4. Eu tenho bastante certeza de que se peço para falar com a pessoa responsável vou encontrar uma pessoa da minha raça.
5. Posso voltar para casa da maioria das reuniões das organizações as quais pertenço e sentir-me mais ou menos conectada e isolada, fora de lugar, ser demais, não ouvida, mantida a distância ou ser temida.
6. Posso me preocupar com o racismo sem ser vista como auto interessada ou interesseira.
7. Posso escolher lugares públicos sem ter medo de que as pessoas de minha raça não possam entrar ou vão ser maltratadas nos lugares que escolhi.
8. Posso ter certeza de que se eu precisar de assistência jurídica ou médica, minha raça não irá agir contra mim (p.14)

Particularmente, podemos afirmar que estes aspectos desconhecidos pela branquitude certamente contribuem para a saúde mental da família e da saúde dos seus membros. Reafirmamos que não queremos aqui dizer que as pessoas brancas não sofram, como bem dissemos na introdução desse trabalho, mas certamente o racismo não é um problema vivido pela família branca.

1.2.3 Famílias Inter-raciais ou birraciais

Consideraremos aqui a formação de uma família advinda de um casal birracial, ou seja, os cônjuges têm raças diferentes.

Anton (2012) nos conta que os vínculos afetivos são criados por diversos fatores: bagagens genéticas, experiências com a família de origem, influências socioculturais, veículos de comunicação e tantos outros aspectos que afetam o que se deseja, se atrai, se aproxima e se distancia, contribuindo para a formação de um relacionamento conjugal e familiar.

As formas e arranjos que nos permitem ir na direção e na escolha do cônjuge também são atravessadas por especificidades que precisam ser levadas em conta (papéis de gênero, orientação sexual, classe social, raça etc.). Portanto, quando um

casal birracial se forma, uma infinidade de atravessamentos acompanha a dinâmica dessa relação e o racismo pode se fazer presente.

Encontramos discursos frequentes de casais que encontraram desafios e desgostos por conta da relação inter-racial. Nem sempre de maneira explícita, na sua maioria, velada como costuma aparecer na sociedade em geral.

Hordge-Freeman (2018) também vai nessa direção e resgatamos parte do que dissemos na introdução deste trabalho quando ela afirma:

A raça desempenha um papel nas interações afetivas de um modo que pode variar significativamente ao longo da vida, mas as transições críticas da vida, incluindo o começo do namoro, o casamento iminente e o nascimento de uma criança, intensificam as tensões raciais e as ansiedades presentes pelo menos nas entrelinhas da preocupação familiar. A confluência de raça, fenótipo e gênero é tanto algo que induz a ansiedade como é algo emocionante. Mensagens, práticas e emoções demonstradas desde a gravidez, podem conter a sugestão de um estigma racial e prenunciar as maneiras como essas preocupações serão importantes para a vida inteira de uma criança. (p.64)

Portanto, compreendemos que em uma família birracial (negra/branca) aspectos de opressão e privilégio podem se fazer presentes, por exemplo: Como esse casal vai se formar? E os filhos? Às vezes existe um desejo como : “tomara que não nasça tão escuro”. Ou, se tem uma diferença da cor da pele e da textura capilar entre os filhos, alguns membros da família podem apresentar predileção por aquele que tem a pele menos retinta, ou seja, com o tom de pele mais clara se aproximando da branquitude, do que aquele que tem a pele mais retinta se aproximando fenotipicamente da raça negra.

Em suma, concordamos com a pesquisa de Schucman (2018) com famílias inter-raciais ao apontar que dentro do sistema familiar, encontram-se formas diversas de experienciar o racismo e nessa variedade encontramos espaços privilegiados.

Desta forma alguns manejos precisam ser desenvolvidos para o acolhimento, enfrentamento e organização do sistema familiar para a elaboração da violência racista enfrentada duplamente, não só na sociedade, mas também dentro da própria família. Após entender um pouco mais sobre a delicadeza e os dilemas das famílias monorraciais negras e/ou interraciais, entendemos que o terapeuta de casal e de família, especialmente brancos, devem ter uma postura participativa no processo terapêutico que ultrapassem as fronteiras do curso de especialização conforme apontado por Green (2003):

Devemos ter em mente que os membros de um grupo racial minoritário têm algo mais em comum do que apenas suas crenças tradicionais e padrões de interação familiar de suas culturas ou países de origem. Apesar da grande diversidade existente dentro de um determinado grupo minoritário -sejam seus membros terapeutas de família ou operadores de computador, juízes ou enfermeiros – os membros desse grupo compartilham um potencial similar para experimentar a discriminação racial, uma vulnerabilidade similar a discriminação. Independentemente de suas outras características como indivíduos, a cor da pele constitui uma característica de organização fundamental de suas vidas e tende a estruturar suas interações com outros grupos raciais na sociedade. E o mesmo acontece com os brancos, embora isso envolva muito mais um privilégio racial do que discriminação racial. A cor de pele branca é uma característica de organização fundamental na vida das pessoas, contribui para grande parte do privilégio econômico relativo dos brancos e estrutura grande parte da sua interação com outras raças, incluindo a ausência de interação dos brancos com outras raças (p.119).

Portanto, o engajamento do terapeuta familiar e de casal, envolverá leituras sobre o racismo no Brasil, literaturas infantis com temática racial, que participe de programas de treinamentos, workshops, entrevistas, rodas de conversas, grupo de estudos etc. O terapeuta precisará sair da cadeira e do conforto do consultório para visitar comunidades e coletivos negros, que monte estratégias de ação de mãos dadas com os seus clientes, entendendo que as questões de trabalho na seara das relações raciais, vão muito além, do setting terapêutico.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E RACISMO

2.1 Famílias de crianças pequenas

McGoldrick e Shibusawa (2016) nos contam que as teorias psicológicas, de modo geral, tendem a considerar os desafios psicológicos infantis apenas na esfera individual, ou seja, colocando a criança como bode expiatório, se estendendo no máximo, às questões para a família nuclear, ignorando aspectos multiculturais e multigeracionais das conexões familiares.

Como já mencionado na introdução, autores como (Njoroge; Lewis; Njoroge N., 2009), citados por Bento (2020) relatam que o desenvolvimento infantil é caracterizado por categorias físicas, motoras, verbais e intelectuais, no entanto, o impacto cultural sobre essa categoria é pouco referenciado em discussões a respeito do desenvolvimento infantil. É, portanto, necessário contextualizar a família do ponto de vista histórico, geracional, social, econômico, cultural e racial.

Um dos recursos utilizados pelos teóricos sistêmicos para pensar o desenvolvimento familiar, consiste em pensar no ciclo vital da família. Embora saibamos que as famílias funcionam dentro de um espectro particular, único e complexo, alguns movimentos podem ser de certa maneira esperados para o desenvolvimento familiar causando menor ou maior estresse no sistema. Como por exemplo, casamento, família com filhos pequenos, família com filhos adolescentes, família na meia idade bem como a saída dos filhos de casa e a família no fim da vida.

Concordamos com os autores acima citados, reforçando que a compreensão do que seria possivelmente esperado pela família deverá ser pensado de modo cuidadoso e flexível. Isso porque entendemos que acompanhar as famílias significa perceber que esta se movimenta de acordo com uma organização particular, não existindo nenhum modelo de organização correto conforme se apresenta abaixo por Walsh (2016):

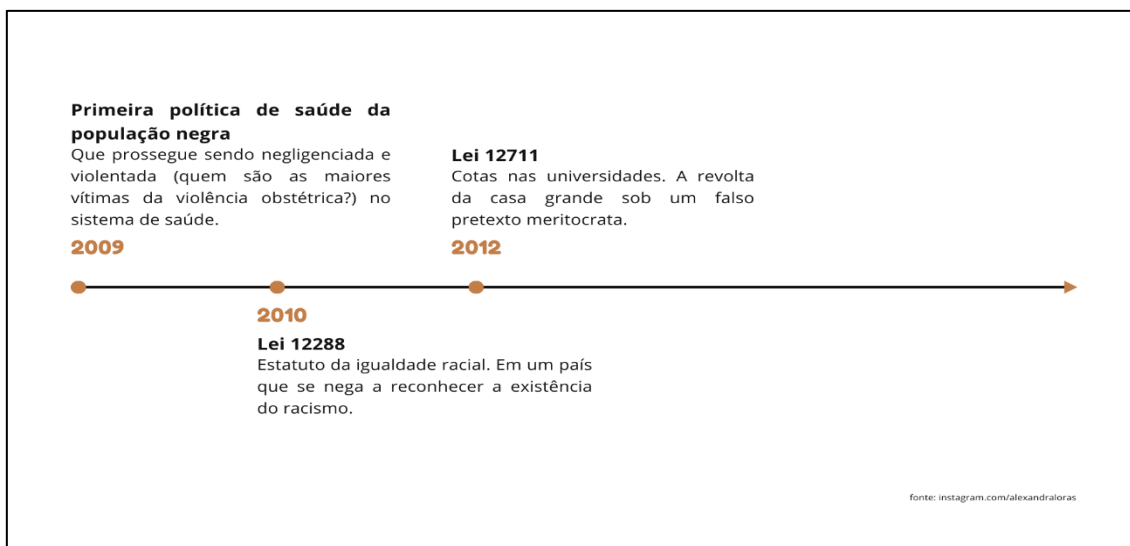
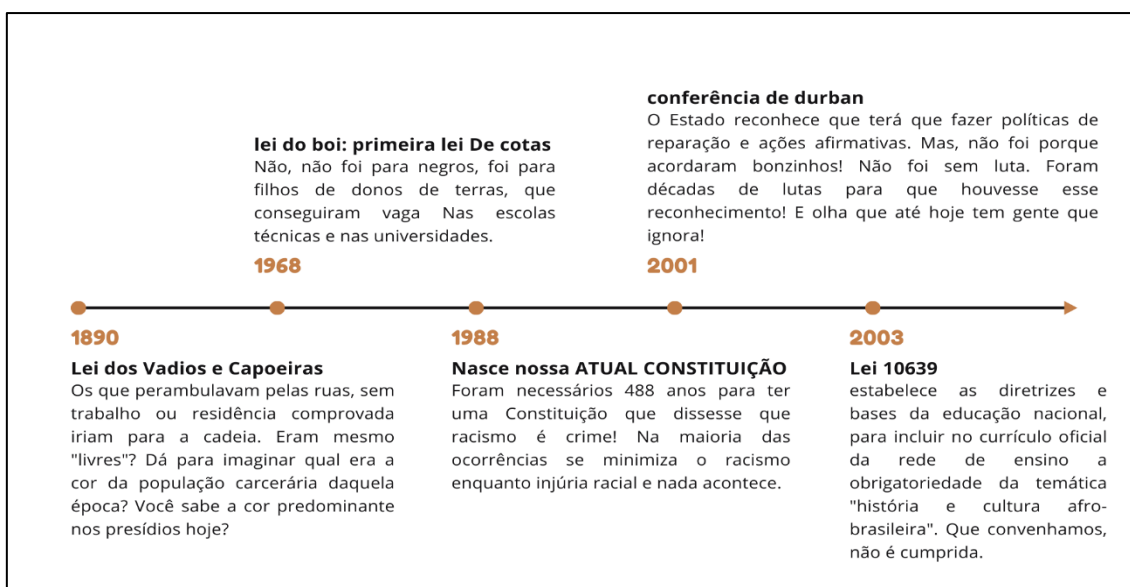
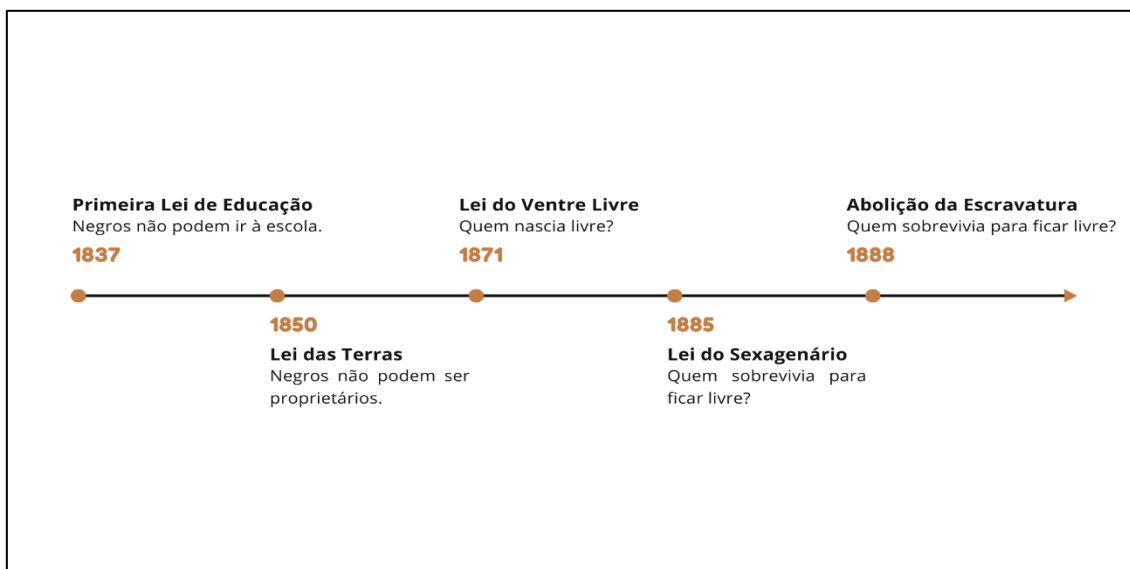
Hoje, o modelo idealizado da família nuclear intacta, com papéis de gênero para o provedor e dona de casa, é apenas uma variação estreita no amplo espectro das famílias normais. Uma remodelação da vida familiar contemporânea abrange agora culturas e estruturas familiares múltiplas e em evolução. Duas décadas de pesquisa ofereceram evidências sólidas de que as famílias e seus filhos podem prosperar dentro de uma variedade de organizações de parentesco (Cecchin, 2010, Lansford, Ceballo, Abby & Stewart, 2001, p.11)

McGoldrick e Shibusawa (2016) também nos contam que a composição familiar se dá por aqueles que compartilham uma história de passado e futuro podendo abranger o sistema emocional de três a cinco gerações que se aproximam por laços de sangue, legais e/ou históricos. A cada geração, as relações entre os seus membros, pais e filhos, mães e netos e outros membros vão se alterando e com isso as fronteiras e distância psicológica entre os membros e os papéis entre os subsistemas vão constantemente sendo reorganizados.

Ficamos atentos com a confirmação de que um sistema familiar é tomado por aspectos psicológicos que atravessam a história do tempo, transportando de três a cinco gerações e, pensando no racismo estrutural, isso nos parece coerente, haja visto que somos impactados por gerações e gerações onde o modo como funcionamos é organizado pelo processo sócio-histórico e familiar em que estamos inseridos.

Ainda, elas acrescentam que as famílias diferem culturalmente e por isso, os seus estágios de desenvolvimento também. Elas ainda pontuam que a definição do que é família e o seu padrão de funcionamento também é acompanhado pelos aspectos culturais e como exemplo, acrescentam que as famílias afro-americanas procuram ter a comunidade como rede de apoio, como uma forma de amortecer um ambiente discriminatório.

Para entendermos o ciclo de desenvolvimento familiar do povo negro no Brasil, achamos importante percorrermos a linha do tempo do racismo em nossa sociedade. De fato, vários autores apontam para essa linha de forma semelhante e por compreendermos a apresentação esteticamente didática, utilizaremos o material publicado pela ativista e ex-consulesa da França, Alexandra Loras em sua rede social usando como fonte, Instagram:



Ao observarmos a linha do tempo da história do negro no Brasil, conforme publicado por Loras, nos parece evidente que o ciclo familiar da família negra enfrenta desafios importantes. Temos apenas exatos 133 anos do fim da escravidão no Brasil, sendo que seu impacto, ainda percorre a vida do povo negro. Então, se a história de uma família é acompanhada por gerações, a família negra enfrenta ainda diferentes formas de racismo afetando o desenvolvimento familiar e infantil da pessoa negra.

McGoldrick e Shibusawa (2016) descrevem fatores estressantes que impactam os estágios e tarefas relativamente comuns no desenvolvimento familiar. Elas chamam de estressores verticais, como por exemplo: pobreza, racismo, sexismo, classismo, homo/bi/transfobia, violência, adições, padrões emocionais familiares, e tantos mais.

Concordamos com as autoras porque historicamente, as famílias negras têm o desafio de criar os seus filhos mergulhados em diversas fontes de estresse: racismo, condições socioeconômicas desfavoráveis, violência e tantas outras, podendo ocasionar o que aqui chamaremos de toxicidade emocional gerando transtornos significativos nos padrões de funcionamento familiar e social.

Considerando o desenvolvimento de uma família com filhos pequenos, encontramos desafios semelhantes aos da família branca. As crianças pequenas transformam o cenário e a dinâmica familiar. O primeiro filho confirma a mudança da pessoa (monoparental) ou do casal para se tornarem pais e/ou mães. Para as autoras: “A mudança para este ciclo vital requer que os adultos agora avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem” (p.388).

Este período requer uma demanda intensa de cuidados com os recém-nascidos. Passado este período, ainda assim, a criança pequena exige cuidados frequentes: vigília constante, alimentação, suporte, transporte, tarefas escolares, lazer e tantas outras demandas que percorrem este período. Também, os responsáveis precisam ainda lidar com as jornadas que se apresentam em paralelo, tais como, alimentação familiar, atividades domésticas, atividades profissionais, apoio para a geração anterior, entre outras.

Há tempos as mulheres foram para o mercado de trabalho, no entanto, pela estrutura de gênero, são elas que ainda se dedicam aos cuidados de organização da casa gerando um forte estresse conjugal, sendo mãe solo, tal carga parece ainda ser maior. Nesta fase, é esperado que os casais consigam desenvolver e serem apoiadores da nova demanda familiar.

Presumimos que pela realidade histórica, pais e mães negros ainda sofrem o desafio de manterem-se no trabalho porque a perda de um emprego pode trazer o agravamento da dificuldade de uma recolocação em função do racismo.

De todo modo, como diz Bento (2020) é função dos pais educarem os seus filhos para a sociedade além do ambiente familiar, no entanto, as famílias negras precisam preparar os filhos e pensar em maneiras para que eles se desenvolvam física e emocionalmente saudáveis em uma sociedade em que ser negro tem conotações depreciativas.

2.2 Crianças Negras: De Casa para a Creche, da Creche para a Vida

Conforme podemos observar pelos relatos acima, a família negra passa por experiências exaustivas para promover seu crescimento físico, psíquico, educacional, social, entre outros.

As doutoras Abramowicz e Oliveira (2010), realizaram uma pesquisa com crianças de 0 a 3 anos em uma creche no estado de São Paulo, cujo trabalho envolvia investigar se existia diferença em mimos e paparicos em crianças negras e brancas. O trabalho envolveu a observação do equipamento escolar (creche), entrevistas com os funcionários e colaboradores, bem como a observação de campo. Segundo as pesquisadoras, a decisão pela creche pesquisada deu-se em virtude do número de bebês e crianças negras serem superiores ao número de crianças brancas.

Vale entender o que as autoras compreenderam como paparicos: “É o surgimento de um novo sentimento da infância, um sentimento superficial, conforme o chamam, em que a criança, por ingenuidade, graciosidade e simpatia, provocavam distração e um relaxamento do adulto (ARIES, 1981, p.158 apud OLIVEIRA & ABRAMOWICZ, 2010. p.218).

O que elas observaram nessa pesquisa é que os bebês e crianças brancas eram infinitamente mais paparicadas - ou seja, colo, afago, carinho, mimo – do que os bebês negros. As crianças brancas chegavam chorando e eram atendidas no colo, já as crianças negras quando choravam, pouco ou quase nunca recebiam colo. No que se refere ao tratamento e referência, observaram que as meninas brancas eram nomeadas de “minha princesa”, “linda”, “vem cá”, “filhinha” e as meninas negras como “ah, a mais escurinha”, “ah, a de cabelo ruim”, “a que é tão preta que a cor da pele parece azul”.

Pela intenção dessa presente pesquisa, não pretendemos nos alongar nos apontamentos dessa pesquisa de forma detalhada, mas a título de descrição, recortamos um trecho da experiência descrita pelas pesquisadoras:

Um corpo negro tende a ser rejeitado segundo uma norma de negação do diferente em relação ao modelo estético de beleza e saúde convencionalmente estipulado como “padrão” a ser seguido. Vejamos: Situação 1 – durante o tempo em que ocorreu a coleta de dados na creche, foi possível perceber que as professoras beijavam somente determinadas crianças. Na chegada das crianças no período da manhã, de 13 crianças (oito crianças brancas e cinco crianças negras), a professora beijava sete, sendo que, desse total, apenas duas crianças eram negras (num total de cinco na sala das crianças de 1 ano). Situação 2 – quando I. (branco, 1 ano) chegava, era sempre recebido com beijos e ouvia: “aí, que lindo”, da mesma forma que J. V. (branco, 1 ano): “olha o J., ele não é lindo? É lindo e não me dá um pinga de trabalho”. Situação 3 – Outra situação ocorreu quando estávamos no parque e algumas crianças da sala de 2 anos andavam de velotrol. No entanto, como os brinquedos não são em número suficiente para todos, havia sempre alguém chorando. Então Nice (professora) disse para J. A. (louro) deixar R. (negro) dar uma volta. Aquele se levantou e passou o velotrol. A professora disse: “esse menino é uma gracinha. É o homenzinho da tia”. J. A. sorri e sai (p.219).

O que as autoras percebem é que o racismo acontece de maneira distinta no que se refere à educação na primeiríssima infância e na educação infantil. Em um primeiro momento, o racismo acontece nas relações afetivas e corporais entre os adultos e crianças, assim como nas brincadeiras, onde crianças negras são colocadas para desempenhar papéis e representações de empregada doméstica e, quando em brincadeiras de roda as crianças brancas se recusam a dar as mãos para as crianças negras. Já no ensino fundamental, o impacto do racismo ocorre quando existe uma baixa de desempenho escolar da criança negra.

Assim como a autora, entendemos o baixo rendimento escolar de crianças negras como resultado da compreensão de que suas características são desfavoráveis na sociedade. Isto pode ser percebido nas colocações de Bento (2020) que nos mostra que a consciência racial não vem antes de uma avaliação e crítica racial.

2.3 Despertar Racial: O Desenvolvimento da Conscientização Étnico-Racial em crianças:

Trinidad (2011) aponta em sua pesquisa que:

- O reconhecimento de que as pessoas podem ser brancas ou negras desenvolve-se por volta de 3 e 4 anos de idade.
- As crianças negras ou brancas só se reconhecem como membros de um desses grupos após os 3 anos de idade.
- Até os 7 anos de idade, as crianças acreditam que a identidade étnica é mutável.
- A predisposição para se identificar como branca desenvolve-se, em geral, após o contato com indivíduos de grupos étnicos diferentes daqueles a que a criança pertence.
- A raça e o sexo são aspectos percebidos pelas crianças desde os três anos de idade e exercem algum tipo de influência sobre as categorizações sociais (p.75).

É momento de resgatar o que apontamos na introdução sobre a revisão bibliográfica feita por Bento (2020) sobre os principais achados a respeito da identidade racial na educação infantil e observar que algumas conclusões se repetem:

- Muito cedo, elementos da identidade racial emergem na vida das crianças; diferentes autores, destacam que, entre 3 e 5 anos, a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza;
- “Crianças pequenas são particularmente atentas ao que é socialmente valorizado ou desvalorizado, percebendo rapidamente o fenótipo que mais agrada e aquele que não é bem aceito;
- Crianças pequenas brancas se mostram confortáveis em sua condição de brancas e raramente explicitam o desejo de ter outra cor de pele ou outro tipo de cabelo.
- Com frequência explicitam que o branco é bonito e preto é feio (apontando bonecas, personagens de livros, colegas e professoras);
- Crianças pequenas negras se mostram desconfortáveis em sua condição de negras, porém, raramente reagem à colocação de que preto é feio. Quando reagem e pedem ajuda ao professor, este não sabe o que fazer ou se silencia. Crianças negras revelam o desejo de mudar o tipo de cabelo e a cor da pele;
- A criança negra parece mais agudamente atenta à diferença racial do que a branca (p.3).

2.4 O impacto do Racismo na Aprendizagem e nos Relacionamentos

Voltando a considerar o caderno de Referências das Relações Raciais e Racismo do Conselho Federal de Psicologia. Encontramos um aspecto importante sobre os cuidados que o profissional de psicologia precisa ter ao receber uma criança negra com ou sem encaminhamento escolar.

De modo geral, os clínicos não levam em consideração os aspectos culturais e raciais para a avaliação e acompanhamento de uma família, adolescente e criança negra conforme apontado pelo Conselho Federal de Psicologia (2017). Como exemplo, recorreremos às citações sobre o racismo interpessoal e intersubjetivo:

O não reconhecimento por parte de psicólogas(os) da existência do sofrimento psíquico oriundo do racismo em processos terapêuticos; na escola, crianças negras são frequentemente consideradas crianças “problema”, tendo menor investimento por parte de educadores. Elas são frequentemente encaminhadas para o atendimento psicológico e se a(o) psicóloga(o) clínico ou escolar não estiver atento à temática racial, tratará a situação como se fosse um problema da criança e de sua família, negligenciando o racismo, o seu enfrentamento institucional, interpessoal e intrapsíquico (p.55).

O conselho também nos diz que de modo geral, o racismo intersubjetivo e interpessoal dificilmente é confirmado. Na maioria dos casos ele ocorre de forma velada em que as pessoas costumam negar a relação estreita do comportamento com o racismo.

Isto pode ser percebido na pesquisa de Abramowicz e Oliveira (2010) na qual se observou que as(os) educadoras(os), professoras(as) e funcionárias(os) não relacionavam os paparcos e mimos diferenciados entre as crianças negras e brancas como uma ação racista. No entanto, como bem exaltado pelo caderno de referências das Relações Raciais do Conselho Federal de Psicologia (2017), a frequência com que estes comportamentos ocorreram e a ausência de outros aspectos que poderiam explicar se indicaria o racismo interpessoal ou intersubjetivo.

Compreendemos sendo fundamental que os profissionais psicólogos, neuropsicólogos e terapeutas familiares incluam o olhar sobre o racismo presente nas instituições e o pouco manejo de ação diante dele nos espaços escolares porque certamente as crianças estão e são fortemente impactadas pelo racismo nos ambientes educacionais que deveriam ser um espaço seguro.

Para exemplo, recorremos a pesquisa de Afonso (1995):

Brincando de roda, uma criança não-negra, pergunta a educadora, se ficará suja se pegar na mão de outra criança negra. A educadora, negra, nos conta o caso sorrindo. Ela disse a criança que é claro que não, todo mundo é igual. Um monitor relembra o dia em que um grupo de meninas brincava de “casinha” e, dentre elas, “a de pele mais escura” fazia o papel de empregada doméstica. Hesitou, mas interferiu. Sugeriu as meninas que mudassem de papéis. Elas abandonaram o jogo. Quando o educador se afastou, retomaram

a brincadeira com a mesma divisão inicial de papéis. Na dúvida, o educador deixou pra lá (p.19).

Aqui poderíamos lançar uso do conceito da Cibernética de Primeira Ordem ou melhor dizendo, o conceito de primeira cibernética para definir os sistemas. Grandesso (2000) aponta-nos que os sistemas tendem a buscar um equilíbrio e organização. E que de acordo com esta ideia opera para garantir os mecanismos de regulação e controle. Qualquer desvio ou deslocamento no sistema deveria ser neutralizado para que então pudesse manter o seu propósito enquanto organização homeostática. A esse conceito chamamos de retroalimentação negativa ou mesmo de morfoestase.

Então, relacionando os conceitos acima, vimos o reconhecimento por parte dos educadores de algo desconfortável e delicado no comportamento e narrativas das crianças brancas e negras, no entanto, para manter o equilíbrio e conforto do sistema se buscou a regulação através de sorrisos e silêncio por parte dos educadores.

Dando sequência ao aspecto teórico, Grandesso (2020) também acrescenta que todo sistema vivo precisa também ser desafiado, precisa ser capaz de modificar a sua estrutura inicial para adaptar-se às mudanças do meio. A esse processo ou a esse conceito poderíamos chamar de retroalimentação positiva ou então de morfogênese. Caso os educadores tivessem ampliado o desvio, colocado luz às diferenças poderíamos construir ou obter uma mudança, constituindo-se então, o segundo período da Cibernética de Primeira Ordem.

Portanto, assim como dito por Grandesso (2000), entendemos que a retroalimentação negativa é compreendida como conservadora, já a retroalimentação positiva, traz uma novidade e se ocupa em transformar e evoluir o sistema.

3 VALORES FAMILIARES

A Organização das Nações Unidas elaborou em 1948 a Declaração Universal de Direitos Humanos. Este documento teve por objetivo trazer uma norma comum para todos os povos e nações. Desde a sua elaboração, foi traduzido para mais de 500 idiomas, tornando-se o material mais traduzido do mundo. É um marco da história de direitos e, em seu primeiro e segundo artigos encontraremos dois valores Universais:

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem **livres e iguais em dignidade e em direitos**. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente **de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação**. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania (set.2020).

Vale apontar que a ONU instituiu a Década Internacional do Afrodescendente organizada no período de 2015 até 2024, incentivando pesquisas e Ações de Direitos para a população negra que tem constantemente seus direitos violados em decorrência do racismo.

Retomando os aspectos dos valores universais, entendemos que abaixo deste guarda-chuva, encontram-se valores específicos que são transmitidos através dos costumes de um povo, tradição, memória viva de uma civilização em que as imagens e símbolos dão ao grupo singularidades cravadas em suas raízes.

Segundo Henriksson (2011), é possível encontrar uma série de definições para o significado de valores, mas, de maneira geral, todos compreendem que eles estão relacionados àquilo que se escolhe e prefere, ou seja, os valores influenciam os nossos desejos e interesses. A autora também nos lembra que os valores são moldados por crenças duradoras.

Crepaldi e Wendt (2008) trouxeram Cervený e Berthoud (1997, 2002) para nos contar que as características familiares podem ser transmitidas de forma objetiva e subjetiva. Os aspectos objetivos envolvem a descrição da forma que o sistema é composto, como por exemplo, o número de membros, sexo, idade, religião, território,

situação socioeconômica, idade, profissão, escolaridade, tipo de casamento, tempo de casamento, cor, raça e identidade étnico e cultural. No que se refere aos aspectos subjetivos, podemos apontar a dinâmica familiar, o modo de relacionamento entre os membros, como organizam os vínculos, como lidam com os conflitos e dificuldades, quais são as crenças, rituais e valores familiares.

Valendo-nos da compreensão de valores organizados por Macedo; Kublikowski e Berthoud (2006), descrevemos que os estoicos usavam o significado da palavra valor para indicar qualquer objeto de preferência ou escolha. Afirmam que os valores não são estáticos, mas sim são ideias e crenças construídas nas ações. Segundo as autoras, os valores são ligados a histórias individuais e coletivas. São ligados a avaliações de experiências de vida anteriores que servem de aporte para as experiências posteriores.

Macedo, Kublikowski e Berthoud (2006) publicaram um artigo sobre a perspectiva dos pais sobre a educação dos filhos frente aos valores. O artigo foi resultado de um projeto de pesquisa das autoras em parceria com o Search Institute. A pesquisa pretendia entender se os valores que os pais paulistanos compreendiam como adequados para transmitir aos seus filhos eram semelhantes aos valores apontados pelo Questionário “*Profiles of Student Life: Attitudes and Behaviors*”, “A&B”, desenvolvido pelo Search Institute. As pesquisadoras nos contam que este Instituto se localiza em Minneapolis, nos Estados Unidos da América e tem como objetivo buscar o bem-estar de crianças e adolescentes. Um de seus projetos consistiu em percorrer diversos países para explorar a esteira de valores que são transmitidos para os adolescentes. Como resultado, as pesquisadoras encontraram uma concordância entre os valores propostos pelo questionário original e os valores apontados pelas famílias paulistanas.

Vale ressaltar que na pesquisa acima, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico para entender a influência e os valores positivos que contribuíram para o desenvolvimento saudável dos adolescentes. A pesquisa teve como procedimento, a coconstrução de estratégias junto com a comunidade local confiando na qualidade dos seus membros para a produção de conhecimento e valores. Abaixo seguem os valores organizados no questionário já padronizado para a nossa cultura.

Valores Externos: Apoio: Apoio familiar, comunicação familiar positiva, outras relações com os adultos, vizinhança que cuida, clima de cuidado na escola, envolvimento dos pais na vida escolar. **Capacitação:** comunidade valoriza a

juventude, juventude como recurso, voluntários na comunidade, segurança. **Limites e Expectativas:** limites familiares, limites na escola, limites na vizinhança, modelos adultos, influência positiva do grupo, alta expectativa. **Construtivo do tempo:** Atividades Criativas, programas para jovens, comunidade religiosa e tempo em casa.

Valores Internos: Compromisso com a aprendizagem: Motivação para aprender, engajamento na escola, tarefa de casa, ligado à escola, ler por prazer. **Valores Positivos:** cuidado, igualdade e justiça social, integridade, honestidade, responsabilidade, controle. **Competências Sociais:** Planejamento e tomada de Decisões, competência interpessoal, competência cultural, habilidade de resistência, resolução pacífica de conflitos. **Identidade Positiva:** Poder Pessoal, autoestima, Senso de propósito, Visão positiva do futuro pessoal.

Entendemos que todos estes valores contribuem para a formação do indivíduo para favorável expectativa de futuro e qualidade de vida não apenas dos adolescentes, mas também das crianças e como dito pelas autoras, quanto mais valores positivos transmitidos, menos riscos podemos observar a respeito da vulnerabilidade.

Ressaltamos que, cuidadosamente, aspectos de vulnerabilidade foram considerados na presente pesquisa partindo do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS, SEDAE, 2005) direcionando-a para dois grupos de modo proporcional, os de baixo IPVS e os que apresentavam alto IPVS conforme apontado pelas pesquisadoras:

As imagens culturais negativas que são oferecidas aos jovens, reforçam escolhas de risco. Essa vulnerabilidade aumenta ao associar-se com outros fatores ligados as desigualdades crônicas no contexto brasileiro, que impedem ao acesso aos bens sociais básicos (educação, saúde, moradia), amplamente franqueados aos adolescentes dos extratos econômicos mais favorecidos da população. Cria-se assim, um espiral de vulnerabilidade, que vai se ampliando ao considerarmos outros fatores como sexo, idade, raça, local de moradia (p.40).

Parece-nos que as autoras foram apropriadas ao levantarem o IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social) para entenderem os valores transmitidos de pais para filhos tanto em espaços privilegiados como em espaços desfavoráveis, a exemplo, condição econômica, geográfica e racial da sociedade.

Interessa-nos aqui, evidenciar os aspectos apontados no artigo que se apresentam de formas diferentes em famílias com IPVS baixa e IPVS alta. Vale frisar

que de maneira geral, a pesquisa demonstrou uma proximidade na intenção de valores para os dois grupos, no entanto, a serviço desta pesquisa, colocaremos luz às diferenças.

Nas famílias com baixo IPVS há o desejo dos filhos atingirem o sucesso e ascensão profissional, no que tange às famílias com alto IPVS, o maior desejo é que seus filhos sejam pessoas trabalhadoras. No grupo com alto IPVS, observou-se a obediência, boa educação e limites como valores que os pais consideravam necessários, isso, dito por eles, em virtude da sociedade associar pobreza à delinquência.

Na seara de imposição de limites e regras, observou-se um maior rigor nas famílias com alto IPVS, ou seja, menos democráticos nos acordos e concessões ainda que, ambas as famílias, recorressem a sanções punitivas caso fosse importante. Autonomia, poder de escolha, poder pessoal e senso de propósito foram itens pouco apontados como valores a serem transmitidos por parte dos pais em ambas as famílias.

As mães de baixo IPVS procuram dedicar um tempo para passar com os seus filhos, mas, as mães com alto IPVS procuram dialogar e aconselhar ainda que nem sempre consigam um bom resultado e se sentem mais sobrecarregadas em função do acúmulo de funções.

A participação da figura paterna nessa jornada de aconselhamento e orientação apresentou-se de maneira escassa em ambos os grupos, embora a queixa pela sobrecarga ocorria também entre as mulheres do grupo de alta vulnerabilidade. É certo que a pesquisa não pretendeu evidenciar a temática das relações raciais no que concerne à transmissão de valores de pais e mães para os seus filhos, além do mais, salientamos que as diferenças de intenção de valores transmitidos pelos pais e mães não foram muito diferentes entre os grupos de baixa e alta vulnerabilidade, no entanto, como apontamos na introdução, a população preta apresenta desafios diversos tornando-a com alto índice de vulnerabilidade, e portanto, a transmissão de valores de pais para filhos deve ser compreendida dentro da complexidade e delicadeza que o tema pede.

Franklin e Karger (2016) também entendem desta forma quando nos contam:

Os pais afro-americanos, entrevistados para o livro *Boys Into Men: Raising Our African American Teenager Sons* (Boyd-Franklin, Franklin & Toussaint, 2000) frequentemente diziam acreditar que deviam ser mais vigilantes para criar uma criança afro-americana hoje, particularmente um menino. Contudo, os pais devem andar por uma linha tênue entre dar aos filhos ferramentas para compreenderem o racismo, de modo que eles não internalizem o processo, e inculcar neles uma crença de que podem ter sucesso apesar das probabilidades e vencerem o racismo sem que sejam consumidos pelo ódio e amargura. Essa é uma tarefa complexa e uma jornada difícil para uma família ou um indivíduo enfrentar (Stevenson & Davis, 2004; Stevenson et al., 2001, p.275).

Os autores ainda acrescentam que o impacto da raça para a criação dos filhos leva os pais a desenvolverem um esforço significativo para trazer um sentimento de orgulho racial e forte identidade positiva em seus filhos e normalmente sentem-se convocados a trazer imagens positivas para o combate de imagens negativas apresentadas especialmente pela mídia.

Parece comum considerar o fortalecimento da identidade racial como o principal valor da comunidade negra. Bento (2020) cita alguns autores que caminham nessa direção. Como por exemplo Cavalleiro (1998), que realizou uma pesquisa valiosa com famílias negras no processo de três a quatro gerações. A pesquisadora queria entender como se dava o processo de socialização dos filhos no que se refere ao pertencimento racial. Como resultado, encontrou famílias que ajudavam os seus filhos a se reconhecerem como negros ajudando-os a compreender que possuem a mesma potencialidade do branco.

Seguindo na mesma esteira, Bento (2020) recorre a (Caughy; O 'Campo; Randolph; Nicherson, 2002) que realizaram uma pesquisa para compreender a socialização racial e o desenvolvimento de competências em crianças negras pequenas. A pesquisa teve a participação de 200 famílias com filhos entre 3 e 4 anos em Baltimore nos EUA. O estudo envolveu observação do ambiente familiar, entrevista com pai, mãe e filhos. Concluiu-se que dois terços das famílias negras pesquisadas usavam a socialização racial, que envolvia o contato direto com símbolos, arquétipos, imagens, peças decorativas e outras referências da cultura africana ou afro-estadunidense e como consequência, entenderam que as crianças que tiveram aproximação com sua cultura se sentiam mais seguros e apresentaram menos problemas.

Adichie (2017) é uma renomada escritora nigeriana que reside no EUA desde a infância. Suas produções alertam-nos para aspectos da cultura nigeriana. Um de

seus trabalhos mais marcantes é o livro “O Perigo de uma História Única” e recentemente nos apresenta manejos para educar crianças feministas que gostaríamos de apontar para presente pesquisa:

Em vez de ensinar Chizalum a ser agradável, ensine-a a ser honesta. E bondosa. E corajosa. Incentive-a a expor suas opiniões, a dizer o que realmente sente, a falar com sinceridade. E então elogie quando ela agir assim. Elogie principalmente quando ela tomar uma posição que é difícil e impopular, mas que é sua posição sincera. Diga-lhe que a bondade é importante. Elogie quando ela for bondosa com outras pessoas. Mas ensine-lhe que sua bondade nunca deve ser tratada como se não fosse nada. Diga-lhe que ela também merece a bondade dos outros. Ensine-a a defender o que é seu. Se outra criança pegar o brinquedo dela sem permissão, diga-lhe para pegar de volta, porque seu consentimento é importante. Diga-lhe para falar, para se manifestar, para gritar sempre que se sentir incomodada... (p.49).

Mais à frente Adichie (2017) continua...

Dê a Chizalum um senso de identidade. É importante. Esteja atenta a isso. Faça com que ela, ao crescer, se orgulhe de ser, entre outras coisas, uma mulher igbo⁷. E você deve ser seletiva - ensine-a a abraçar as partes bonitas da cultura igbo e ensine-as a rejeitar as que não são. Você pode lhe dizer, em vários contextos e de várias maneiras: “A cultura Igbo é bonita porque valoriza a comunidade, o consenso, a dedicação ao trabalho, e a língua e os provérbios são lindos e cheios de profunda sabedoria... (p.51).

Ao nos depararmos com alguns dos valores passados pela autora, nos parece importante ressaltar que Chimamanda Ngozi Adichie pode ter acesso a seu lugar de origem. No entanto, a maior parte dos afro-brasileiros não têm ideia do seu lugar de pertencimento podendo fazer a diferença na construção identitária.

Tentando mergulhar em valores específicos da população preta, Trindade (2005) descreve alguns valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil que merecem ser evidenciados:

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras, implantaram marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma, ou de certas formas, afrodescendentes. E em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (p.30).

⁷ Igbo ou Ibo são costumes, práticas, tradições e idiomas do Sudeste da Nigéria.

Com isso exposto, a autora nos apresenta valores afro-brasileiros que são importantes e preciosos para a educação infantil e propõe maneiras de introduzi-los no ambiente educacional conforme destacamos abaixo:

Energia vital - é o princípio do “Axé”, que representa tudo o que existe, tudo que também é vivo, árvores, plantas, pessoas, animais, ar, água, tempo, chuva, pessoas e crianças. Tudo é sagrado, divino e cheio de vida. Como proposta de intervenção, ela orienta aos educadores que reconheçam e potencializem este sentido nas crianças. Que façam o exercício de enxergá-las cheias de vida, disposição, sagradas e divinas. Para a autora os educadores podem ir além e descreve:

Elogios, afagos, brincadeiras de faz-de-conta, nos quais elas se sintam a mais bela estrela do mundo, a mais bela flor, alguém que cuida, alguém que é cuidado. Um espelho para que elas se admirem, para que brinquem com o espelho, e se habituem a se olhar e a serem olhadas com carinho e respeito (p.33).

Oralidade - representa o que é falado, o que é dito, expressado. As palavras são carregadas de força e significado das marcas de existência e daquele que pouco pôde falar e que hoje busca o seu lugar de fala. Como exemplo, ela sugere que os educadores possam fortalecer a expressão: “fale menino, fale menina” e sempre convocar espaços em que as histórias, as lendas, cantos, contos, música, fatos do cotidiano possam ser contados. Concordamos com a autora porque para nós, esta intenção nos parece importante porque traz representatividade e voz ao povo negro.

Circularidade - a roda tem um valor inestimável, sendo um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para os movimentos: circularidade, renovação, processo, coletividade, rodas religiosas, rodas de samba, de capoeira e histórias ao redor da fogueira. A autora nos lembra que brincadeiras de roda, rodas de conversa, cirandas, quadrilhas são práticas muito usadas no ambiente educacional, portanto, praticá-las com mais frequência seria uma boa forma de conexão com a circularidade.

Corporeidade - o corpo é energia vital, mas, também, representa tudo que se existe quando o negro foi arrancado da África. O corpo representa o bem maior, o bem sagrado. Na prática, ela sugere que educadores validem o seu corpo e o corpo dos alunos. Expressão de dança corporal pode ser um bom caminho. Desenhos do corpo e qualidade deles também podem ser um recurso. Ela ainda acrescenta que: dançar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber e escutar com consciência

também traz representatividade. Entendemos que a autora orienta os educadores a aguçarem os sentidos das crianças validando os corpos reais e nada idealizados contribuindo para o fortalecimento da autoestima.

Musicalidade - um dos aspectos mais marcantes da cultura afro-brasileira. É um povo que vive alegre, que roda no samba, que canta e dança e tem o sorriso como um grande valor apesar da dor. Talvez essa tarefa seja a mais fácil, segundo a autora. Estimular a música e sons diversos. No entanto, ela acrescenta que cânticos e canções da cultura africana precisam ser incorporados no trabalho da musicalidade.

Cooperatividade - o povo negro não sobreviveria se não fosse pela comunidade, que se apoia e se fortalece em espaços em que sua cultura é honrada e legitimada. Para estimular as relações, a autora relata que somos seres em relação e a cooperação faz parte da sobrevivência humana. Concordamos com a autora e arriscamos dizer que os educadores podem estimular relacionamentos e jogos de cooperação que contribuam para que os papéis desempenhados pelas crianças em peças de teatro e brincadeiras infantis possam trazer, além da representatividade de crianças negras, a equidade nos papéis representados por elas, que frequentemente, são colocadas no lugar de empregada ou cozinheira e não como princesa ou professora, conforme apontado no capítulo 2 deste trabalho por Abramowicz e Oliveira (2010).

De todo modo, entendemos que estes valores podem favorecer a segurança das crianças pretas em uma sociedade racista.

Temos que apontar a resiliência familiar como um importante valor para as famílias negras e birraciais. WALSH (2016) descreve:

O conceito de resiliência familiar focaliza no risco e resiliência na família como uma unidade funcional (Walsh, 1996,2003,2006). Uma premissa básica nessa visão sistêmica é que crises sérias e adversidade persistente tem um impacto na família como um todo e, por sua vez, os principais processos familiares são mediadores da adaptação de todos os membros e suas relações. Estressores importantes ou um acúmulo de estresses pode desviar o funcionamento de um sistema familiar, com efeitos variados para todos os membros e suas relações. A resposta da família é vital: os processos-chave na resiliência (descritos adiante) possibilitam que o sistema familiar se recupere em momentos difíceis para suavizar o estresse, reduzir o risco de disfunção e apoiar a adaptação ideal (p.401).

Em seu livro, a autora aprofunda os conceitos, elegendo os processos-chave para a resiliência familiar, mas para este trabalho, falando das famílias negras, recorreremos aos aspectos da espiritualidade que é um forte valor.

Aproveitamos o momento para referenciar novamente o trecho do livro de Gomes (2019), já exposto neste estudo no capítulo 1, para resgatar a narrativa de Azurara frente a chegada dos negros escravizados no ano de 1444 em terras portuguesas:

Qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento vendo assim aquela campanha? **Porque uns tinham as caras baixas e os rostos lavados de lágrimas [...] outros estavam gemendo muito dolorosamente, olhando para os céus [...], barbando altamente como se pedissem socorro ao Pai da Natureza, outros feriam o rosto com as suas palmas, lançando-se estendidos no chão, outros faziam suas lamentações em cantos, segundo o costume de sua terra [...]** (p.53).

Grifamos o trecho acima, porque nos parece que em situações extremas, de profundo desespero e horror, a conexão com o sagrado, com o que eleva, equilibra e traz sentido se torna fundamental.

Walsh (2003) nos confirma essa ideia quando nos traz a noção de espiritualidade, religião e fé como forma de lidar com as adversidades, inclusive, nos dilemas que envolvem as relações raciais e o racismo, portanto, ela nos diz:

A espiritualidade, uma construção abrangente, envolve crenças pessoais, como aquelas sobre uma condição humana ou um conjunto de valores fundamentais que nos esforçamos para obter, um ser supremo, ou uma unidade com a natureza e universo. Pode também incluir experiências divinas, que são sagradas ou místicas e difíceis de definir ou explicar em linguagem e imagens comuns. (Griffith e Griffith, no prelo). A espiritualidade envolve um movimento ativo em um conjunto interno de valores – uma sensação de significado, integralidade interna e conexão com os outros. Convida a uma expansão da consciência, com responsabilidade pessoal por si e além de si mesmo (p.84).

Mais adiante, Walsh (2003) aponta que a maioria das famílias procura apoio, conforto e força quando recorrem as conexões espirituais e culturais de seu povo. E esta conexão pode transpor os espaços religiosos, ela pode ser vivida por momentos de proximidade com aquilo que se entende como sagrado: contato com a natureza, com a música e experiências de vida que transcendem o território religioso e ela nos diz:

As crenças e práticas espirituais variam muito. A conexão e a renovação espiritual podem ser encontradas na comunhão com a natureza ou na atração por gurus ou locais com alta energia espiritual – águas curativas, locais de peregrinação, relicários e templos sagrados. A beleza em muitas formas pode ter efeitos espirituais, curativos. Podemos ser inspirados pela beleza de um obra de arte, de uma peça musical, de uma obra literária e de uma peça teatral que expressem nossa humanidade comum. A música e a dança são experiências poderosas em muitas culturas, desde os cânticos afro-americanos até as cerimônias de purificação e transe das tribos nômades dos Gnawa do Sahara. Os índios Choctaw dizem que “Observar a nossa dança é ouvir a voz dos nossos corações. (p.84-85)

Desta forma resgato a proposta de Trindade (2005), que acima nos trouxe caminhos para fortalecer e trabalhar a resiliência das crianças afro-brasileiras em espaço educacional.

4 MÉTODO

Optamos pela pesquisa qualitativa por ter uma característica de abordar o objeto de estudo de maneira interpretativa. Em que o significado do fenômeno é atribuído pelos próprios participantes. Conforme apontado por Creswell:

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (CRESWELL, 2010, p. 26).

Pensamos este ser o melhor método de pesquisa porque o entendimento sobre a forma que os pais ou responsáveis preparam os seus filhos para uma sociedade racista, será compreendido por aquele que vive a experiência. As perguntas semiestruturadas que foram ofertadas para os participantes foram respondidas por estes, e a cada resposta, uma janela se abria para o diálogo com a pesquisadora para uma profunda compreensão da experiência.

4.1 Participantes

Este estudo teve o propósito de entrevistar famílias monoparentais e/ou casais monorraciais negros e/ou inter-raciais (negros e não negros) com ao menos um filho (a) na idade entre 5 e 9 anos e 11 meses; moradoras do Estado de São Paulo, preferencialmente de classe social diversa. Foram realizadas 9 entrevistas. A escolha por pesquisar famílias com filhos pequenos se aplica pela compreensão de que crianças na educação infantil já percebem que a cor da pele é uma característica que pode representar vantagens e desvantagens na sociedade conforme apontado anteriormente na pesquisa da Profa. Dra. Bento, M. (2019). Portanto, tal percepção traz impacto que merece ser considerado e dialogado entre as famílias.

4.2 Instrumento

Como instrumento dessa pesquisa foi utilizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice 2) que foi conduzida pela pesquisadora por vídeo conferência e para tal, utilizamos o aplicativo “Skype”, versão padrão e gratuita, do aplicativo de videoconferência da Microsoft que permite comunicação pela internet através de conexões de voz e vídeo via computador, tablet ou smartphones.

Este software também permitiu a gravação das videoconferências feitas por meio dele. As gravações ficam disponíveis na plataforma online durante trinta dias, mas também podem ser baixadas no computador da pesquisadora, o que permitiu serem mantidas durante o tempo necessário para análise do referido material.

Além do Skype, disponibilizamos a plataforma “go to meeting”, solução baseada em software desenvolvida pela empresa “go to” a ser ofertada pela pesquisadora aos participantes tendo a possibilidade também de gravação de vídeo conferências e que foi utilizado para posterior transcrição para garantir a integridade do registro das informações colhidas nas entrevistas realizadas.

4.3 Procedimento

Os participantes foram selecionados pelo critério de “bola de neve”⁸ Posteriormente foi realizado, por contato telefônico, a checagem dos pré-requisitos e disponibilidade para participação da pesquisa.

A pessoa que aceitou participar da pesquisa, recebeu antecipadamente por WhatsApp ou e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) criado e disponibilizado em plataforma online (google forms), acompanhado de um cadastro básico do participante formado por perguntas de respostas obrigatórias que confirmavam o desejo espontâneo de participar da presente pesquisa.

O recurso que utilizamos para formalizar a participação do pesquisado, deu-se pela necessidade de distanciamento social pela COVID-19.

Durante o contato telefônico, foi verificada a adesão dos participantes ao perfil deste estudo e agendada a entrevista em um horário e data de escolha da

⁸ A amostragem bola de neve prevê a indicação de novos participantes da pesquisa vindo dos primeiros

pesquisadora e do participante. Realizamos o total de 9 entrevistas para a construção desse estudo e contamos com 12 participantes conforme exposto abaixo, vale lembrar, que os nomes dos entrevistados foram substituídos para preservar suas identidades:

Entrevista 1: Laura;

Entrevista 2: André;

Entrevista 3: Bárbara;

Entrevista 4: Ana;

Entrevista 5: Arthur;

Entrevista 6: Júlio e Paula;

Entrevista 7: Sofia;

Entrevista 8: Sandra e Conceição

Entrevista 9: Michelle e Jorge.

Foi realizada uma única entrevista com a proposta de ouvir, explorar e compreender de acordo com o objetivo dessa pesquisa.(Apêndice 2).

Com o intuito de enriquecer este trabalho, recorremos a uma técnica estatística chamada Linguagem Semântica Latente que foi aplicada às entrevistas transcritas pelo Mestre em Ciência da Computação, com pesquisa nas áreas de inteligência artificial e processamento de linguagem natural Bruno Leme.

Explicando o funcionamento da Técnica Semântica Latente (TSL), Bruno Leme nos diz que a técnica foi reproduzida através da linguagem de programação Python, fazendo uso de bibliotecas (re, nltk, sklearn) para primeiramente realizar uma limpeza e padronização dos documentos, em segundo lugar, identificação e remoção de palavras de pouca informação, e terceiro, decomposição e caracterização dos tópicos presentes nos documentos.

Vale lembrar, para aqueles que não tiverem acesso a um profissional que atue com esta técnica estatística, que se poderá recorrer a softwares especializados em análise de resultados de pesquisas qualitativas já disponíveis no mercado, como por exemplo Nnovo, Atlas ti ou MAxQDA que facilitam a análise qualitativa de documentos e entrevistas, mas não substituem a interpretação e construção do pesquisador.

Lopes (2013) nos diz:

A Análise Semântica Latente (ASL ou LSA) é uma técnica matemática/estatística que serve para extrair e inferir relações de uso contextual esperado diferente dos tradicionais métodos de processamento de linguagem natural ou inteligência artificial. Ao contrário destes, não utiliza nenhuma base de conhecimentos, redes semânticas, analisadores sintáticos ou morfológicos, utiliza como entrada apenas textos formados por cadeias de caracteres. (p.19-20)

Lopes (2013), ainda acrescenta:

A similaridade estimada pela ASL não é apenas contagem de frequências, contagem de co-ocorrências ou o uso de correlações, mas sim, uma análise poderosa capaz de inferir corretamente sobre as relações mais profundas (daí o termo semântica latente). Como consequência, os resultados obtidos pela ASL são melhores que preditores baseados em julgamentos humanos (p.20).

Apesar da qualidade da técnica estatística ASL, discordamos de Lopes no que tange à ferramenta acima citada ser suficiente e talvez melhor do que os preditores humanos. A discordância vem da compreensão de que, dentro da perspectiva pós-moderna, na qual se sustenta este trabalho, os sistemas são organizados nos pressupostos de instabilidade, intersubjetividade e complexidade, conforme informamos na introdução desta pesquisa.

Podemos dizer, por exemplo, que é impossível tal ferramenta prever o contexto e o processo como um todo: há de considerar a presença do pesquisador como parte do diálogo e construindo o diálogo com o pesquisado, tendo que se levar em conta o contexto ambiental, social e tantas outras variáveis que precisam ser apreciadas e descritas para a adequada análise dos dados. Com isso, não utilizaremos a ferramenta acima como o fim, mas como parte de um processo que contribui para a descrição do que acontece e como acontece para a compreensão da pesquisa.

A aplicação da ferramenta ocorreu da seguinte maneira: para cada pergunta, temos um conjunto de até 9 respostas textuais, referentes às nove entrevistas realizadas. Salientamos que as respostas das entrevistas duplas (Júlio e Paula, Michelle e Jorge, Sandra e Conceição) foram organizadas em uma única construção textual.

Com a técnica de Análise Semântica Latente, identificamos a maior parte da informação contida no conjunto de respostas, sua utilização permitiu enriquecer o presente trabalho por auxiliar na caracterização de conceitos, sendo usada nessa

pesquisa como se fosse uma nuvem de palavras,⁹ recortando aquelas que fazem sentido e que saltem aos olhos da pesquisadora

A seguir, apresentamos como exemplo, os 3 principais conceitos extraídos para o conjunto de respostas da pergunta *O que é racismo para você?*, lembrando todavia que esta técnica de modo algum substituiu o método de análise fenomenológico proposto neste trabalho.

Bruno Leme nos explica que, os 9 principais conceitos extraídos nas respostas dessa pergunta (“O que é racismo pra você?”) retêm praticamente 100% da informação presente. Separamos as palavras mais associadas a esses conceitos, para quantificar e caracterizar através das mesmas.

A seguir apresentamos todas as palavras associadas a esses 9 conceitos.

Conceito 1		Conceito 2		Conceito3	
word	weight	word	weight	word	weight
cabelo	0.362480	negro	0.356547	difícil	0.409404
pessoas	0.305322	cabelo	0.291064	sentimos	0.204702
negro	0.262685	pele	0.253232	definir	0.204702
cor	0.260942	tom	0.201963	pele	0.174070
raça	0.228411	mexe	0.201963	cor	0.156604
pele	0.204414	física	0.201963	conversa	0.150663
descendente	0.200087	criticando	0.201963	tranquilas	0.102351
fala	0.164690	corpo	0.201963	tempo	0.102351
negra	0.158505	branco	0.201963	surpresa	0.102351
remete	0.133391	fala	0.154583	surgir	0.102351

(Observação: Aqui é apenas um *print* de exemplo da tabela, as tabelas completas encontram-se nos anexos 1).

Deste exemplo, o que podemos destacar:

- Para as pessoas entrevistadas, racismo está bastante associado a cor, raça, cabelo, pele, entre outros termos bastante relacionados a racismo.
- O termo cor aparece 10 vezes em todas as respostas, em 7 das 9 respostas.

⁹ A nuvem de palavras é uma representação visual das palavras e frases mais comuns das respostas abertas.

- O termo raça aparece 9 vezes, em 5 das 9 respostas.
- O termo cabelo aparece 7 vezes, em ao menos 3 das 9 entrevistas
- O termo pele aparece 5 vezes, em 3 das 9 entrevistas.

Abaixo, mais um *print* de tela mostrando a tabela, que se encontra completa no Anexo 1.

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
cor	10	7
raça	9	5
pessoas	7	4
cabelo	7	3
pele	5	3
negra	4	3
negro	5	2
fala	3	2
conversa	2	2
diferença	2	2
discriminação	2	2
etnia	2	2
indivíduo	2	2
difícil	4	1
descendente	3	1
preconceito	3	1
branco	2	1
corpo	2	1
criticando	2	1
definir	2	1

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Todas as entrevistas, foram escutadas pós-gravação, transcritas, lidas, relidas e organizadas pela pesquisadora. Permitindo ampliar a compreensão das diferenças e das convergências sobre o preparo dos filhos para a sociedade diante das relações raciais e racismo.

Conforme exposto por Creswell (2010):

O procedimento envolve o estudo de um pequeno número de indivíduos por meio de um engajamento extensivo e prolongado para desenvolver padrões e relações significativas (Mousarakas, 1994). Nesse processo, o pesquisador inclui ou põe de lado suas próprias experiências para entender aquelas dos participantes do estudo. (Nieswiadomy, 1993, p.38)

Após a transcrição e leitura apurada das 9 entrevistas, agrupamos as respostas dos participantes referentes a cada pergunta (Apêndice 2) formando um conjunto de respostas. E então, destacamos as declarações que nos pareceram mais próximas e significativas.

Após esta tarefa, com o propósito de enriquecimento da pesquisa, recorremos a técnica estatística Linguagem Semântica Latente conforme evidenciado no método deste trabalho.

A seguir, apresentaremos as categorias pensadas *a priori* que foram transformadas em perguntas na entrevista realizada com os participantes.

Na categoria 1 O QUE É RACISMO (Quadro A, Apêndice 3), procuramos, colher informações sobre o que é racismo para os participantes. O resultado da Análise Semântica Latente (ASL), direciona para a compreensão de que o racismo parece associar-se aos conceitos de cor, raça, pessoas, cabelo, pele, negro e negra. A análise nos apresenta por exemplo, que o termo cor, aparece em 7 das 9 entrevistas, se apresentando em torno de 10 vezes por entrevista. (ASL – Categoria 1 , Anexo 1).

De maneira geral, os participantes têm clareza sobre o conceito de racismo, dito por eles, destacamos: uma forma de discriminar e oprimir o outro pela raça, cor da pele, textura do cabelo, origem e etnia. Em destaque, trazemos as impressões da entrevistada Ana que nos diz: “(...) *como olham no dia a dia, como às vezes se referem a você ou te tratam simplesmente por causa da cor da sua pele. (...)*” A entrevistada Laura, especifica o racismo como sendo direcionado especialmente para as pessoas

pretas, por conta do nariz, boca e pela descendência negra. Vale destacar que o entrevistado Jorge ainda percorre a definição ao dizer que o racismo “*mina o indivíduo de situações sociais, de convívio e oportunidade*”. Já a entrevistada Sandra é muito categórica em nos contar que o racismo além dos aspectos anteriores se refere a mexer com seus filhos e chamá-los de negro.

Podemos então, nos aproximar de Almeida (2020) ao dizer que o racismo opera em dois seguimentos que se entrecruzam:

1. Como *característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por um traço físico, como a cor da pele por exemplo;
2. Como *característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada a origem geográfica, religião, a língua ou outros costumes. “a uma certa forma de existir”. (p.31).

Almeida (2020) continua:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (p.32)

Com o conceito informado por Almeida, parece que o entrevistado André se distancia parcialmente da definição porque ele inclui no terreno do racismo outros equipamentos opressores como por exemplo o sexismo, classismo, papel de gênero e orientação sexual, no entanto, o racismo se apresenta exclusivamente pela discriminação de raças.

Novamente recorremos a Munanga (2003) quando nos diz em uma conferência:

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Aproveitamos Munanga para discorrer sobre o equívoco que se nota em alguns dos entrevistados e boa parte da sociedade, por compreenderem que racismo envolve a discriminação do branco para o negro e do negro para o branco. Isso não parece se adequar em virtude da raça branca estar organizada no lugar de privilégio, conforme

bem colocado pelo entrevistado Jorge quando define:

Eu creio que seja qualquer situação em que o indivíduo seja minado de situações sociais, de convívio, de oportunidades em função de sua raça.” Dentro de nosso convívio social, o branco não perde oportunidades em função de sua cor e raça, já o negro sim.

Como exemplo, usaremos também a contradição no discurso da participante Conceição que nos diz: *“Apesar que não é só racismo por ser negro, tem vários tipos de racismo, o racismo do negro para o branco, do branco para o negro.”* Ela também, na mesma entrevista nos conta: *“(...)você sabe que é difícil um negro chegar mais adiante, ele pode ter capacidade, mas é mais barrado do que uma pessoa que tem a cor clara né...”*

No entanto, de modo geral, podemos observar que boa parte dos entrevistados tem uma compreensão de racismo próxima ao apontado por Almeida e Munanga.

Na categoria 2 VIVENDO O RACISMO (Quadro B, apêndice 4) é oportuno mencionar, que nesta categoria pretendíamos colher informações sobre o primeiro momento de vida que se deram conta da existência do racismo, no entanto, as respostas que tivemos não necessariamente nos levaram a esta direção, apesar disso, no decorrer da pesquisa, não compreendemos como relevante a informação do primeiro momento, afinal, vale lembrar que dentro da perspectiva pós-moderna o conceito de instabilidade se faz presente, conforme dito por Vasconcellos (2002):

Ao distinguir o dinamismo das relações presentes no sistema, o observador estará vendo um processo em curso, um sistema em constante mudança e evolução, auto-organizador, com o qual não poderá pretender ter uma interação instrutiva, e estará, portanto, assumindo a instabilidade, a imprevisibilidade e a incontrolabilidade do sistema. (p.151).

De acordo com a ASL (ASL Categoria 2, Anexo 2), algumas palavras surgiram como significativas, e então descrevemos algumas dessas: sofri, atender, loja, roupa, chinelo, pobre, talvez e velado.

Conforme observado nas entrevistas, dos doze participantes da pesquisa, apenas Paula e Júlio foram categóricos em nos dizer que não sofreram racismo. A participante Laura nos contou que em primeiro momento não, mas em seguida contou uma experiência com o irmão do ex-namorado, *“(...)Depois de um tempo, no namoro, quando estávamos já meio em crise, o irmão dele também fez menção. Ele cismou que uma vez me viu no Largo da Matriz com uma outra pessoa, como se eu estivesse traindo o irmão dele, mas eu não estava lá, não era eu essa pessoa. Ele*

falava para o irmão dele que ele tinha que terminar com essa negra. (...)”, já a participante Conceição ressalta que diretamente não, mas exemplifica a experiência de discriminação vivida numa loja.

Vale considerar que Paula e Júlio trata-se de um casal monorracial negro, mas apresentam a cor da pele pouco retinta. Inclusive, na entrevista do casal, Paula relata sobre a participação dessa pesquisa: *“Júlio falou de trabalhar quase como uma militância, eu não estou conseguindo me expressar muito bem, mas enfim, na hora veio: “é verdade, eu sou negra.” “.* Assim como Jorge, que nos traz o sofrimento de não o reconhecerem como negro em função de sua pele pouco retinta.

Francisco (2018, p.103) discorre sobre o conceito de colorismo ou pigmentocracia. Em seu artigo ela nos conta que o termo surgiu em 1982 por Alice Walker. E, nele também, ela cita Devulsky. A. (2018) que nos pareceu prudente para o nosso trabalho:

O colorismo está baseado na ideia de que existe um fenótipo (isto é, um conjunto de características físicas) normalizado: o europeu. O ideal, segundo essa lógica, é ser alto, ter a pele clara e os traços que remetem à “raça ariana”. “Quanto mais próximo se chega disso, maior a percepção de competência e beleza dessa pessoa”, não se trata de uma “disputa” sobre quais são as opressões mais profundas, mas de “entender de que modo o racismo penetra nas nossas vidas, nas relações interpessoais, e como isso se constrói historicamente”. (DEVULSKY, 2018). (p.103)

Ao nos debruçarmos na descrição dos participantes, concordamos com Devulsky. Embora o Jorge reconheça a sua identidade negra, a sociedade tenta embranquecê-lo ao dizer que é um homem branco por ser pouco retinto. Para Jorge, o discurso das pessoas aponta um racismo extremo na medida que a identidade racial negra é desprivilegiada, inclusive negada caso se tenha a pele pouco retinta.

É possível também, ressaltarmos a fala de Michelle que nos conta a negação da identidade racial de sua mãe e o racismo cometido por ela por conta dessa negação conforme podemos ver: *“eu acho que a vida toda eu sofri racismo só que eu só vim me dar conta disso há alguns anos, bem recentemente mesmo. Por parte do meu padrasto e acho que também por parte da minha mãe que não se reconhece como negra.”*

Para esta fala, Munanga, K. contribui com o artigo de Francisco (2008) e nos diz:

A maior parte da população afro-brasileira vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o “passing”¹⁰ que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indistigíveis. Estes, por sua vez, interiorizam os preconceitos negativos contra eles forçados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletiva (FRANCISCO, 2018, apud MUNANGA, 2004, p. 96).

Ainda nos parece valioso, falarmos sobre a vivência de Sandra e Conceição, ambas experienciaram o racismo pela qualidade de atendimento ou melhor, o não atendimento em uma loja de sapatos conforme segue: *“...não de vocês eu não quero ajuda, porque na hora que a gente entrou vocês nem deram atenção, por quê? Porque a gente estava de chinelo, descabelado, com a roupa suja? Mas a gente tinha dinheiro para pagar.*” Isso demonstra que quanto mais retinto se é e quanto menor a classe que ele pertença, mais difícil se torna para quem vive a experiência do racismo.

Sobre isso, também podemos continuar com Francisco (2018) que citando Junior (2001) nos diz:

O racismo antinegro na sociedade é um dos fatores estruturais que condiciona parte da formação da existência da população negra. Não é o único fator, mas é um dos fatores que todos nós temos em comum. Na sociedade brasileira, conscientes ou não do racismo antinegro, todos os seres negros vivem na sua formação na sociedade as consequências do racismo. Fatores culturais, educacionais, de moradia e de condições de vida e de relações sociais, profissionais, regionais e ambientais também compõe a identidade. No meio urbano os bairros negros condicionam em grande proporção a formação da identidade da população negra. A identidade é formada e transformada no ciclo de vida, na relação tempo e espaço, processando as vivências dos indivíduos e tendo o meio cultural constituindo parte do processo em que absorvemos a cultura de maneira consciente e também inconsciente. (FRANCISCO, 2018, apud CUNHA JUNIOR, 2001, p.6)

O que podemos perceber é que o racismo se apresenta em nossa sociedade podendo gerar uma discriminação direta ou indireta, no entanto, como bem-dito por Almeida (2020) é uma ideologia perversa que direciona a vida e a qualidade de vida do povo negro.

A categoria 3 MOVIMENTOS SOCIAIS (Quadro 3, Apêndice 5) nos traz a ideia de como os participantes vivendo ou não o racismo entendem os atuais movimentos sociais relativos ao racismo. Durante a entrevista e na transcrição, pudemos perceber

¹⁰ É um conceito muito usado no EUA para descrever a situação em que uma pessoa consegue “passar-se” por membro de um grupo racial ou étnico diferente do seu. Fonte: Wikipédia.

que as pessoas entrevistadas, independente de terem ou não vivenciado o racismo, tiveram uma intenção de falar sobre as relações raciais.

Conforme colocamos na introdução, desde os eventos de George Floyd nos Estados Unidos o tema do racismo e antirracismo se tornou urgente. Inclusive, participar desta entrevista, para alguns, representou um ato de militância e reflexão sobre a temática.

Vários conceitos relacionados ao tema dos movimentos sociais surgiram a partir da ASL (ASL, Categoria 3, Anexo 3) e aqui, gostaríamos de destacar alguns para discorrer esta análise: pessoas, negros, movimento, minoria, fala, voz, vida e hoje.

De modo geral, os relatos dos participantes levaram a compreensão da necessidade de movimentos e ações antirracistas pelas pessoas negras e não negras, no entanto, alguns entrevistados nos chamam atenção e merecem a nossa reflexão. André nos diz:

Não, talvez, eu não participei porque eu também não tive uma oportunidade, eu não fui atrás disso, entendeu, de levantar uma bandeira. Até porque eu tenho pessoas que eu gosto muito na minha vida e que são brancas. E eu não sei se, de certa forma, se eu me engajassem nesse, em um movimento assim, eu estaria segregando essas pessoas que são brancas e que são importantes na minha vida e que eu gosto muito.

Para André, se atentar para os movimentos e ações antirracistas o levarão a segregação de pessoas brancas. A fala deste participante traz a ideia de constrangimento ou preocupação de distanciamento da branquitude. Neste momento, convidaremos Fanon (2008) que em seu conceituado livro *Peles Negras, Máscaras Brancas*, apresenta Guex (1950) e nos diz:

A primeira característica parece ser o medo de se mostrar tal como se é. Há aqui um vasto domínio de diversos temores: medo de se decepcionar, de desagradar, de entediar, de cansar...e, conseqüentemente, medo de perder a possibilidade de criar com o outro um laço de simpatia, ou, se este existe, de danificá-lo. (...) (p.79)

Fanon (2008) era um psiquiatra negro e seus estudos se tornaram referência na temática das relações raciais. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, ele ressalta que o negro precisou embranquecer para seguir com apoio do branco. Também para ilustrar, traremos as impressões de Sofia, que curiosamente em sua fala, se coloca distante de sua racialidade.

Sofia deixa a mensagem:

(...)Só que eu também acho que muitas pessoas, até mesmo negras, gostam de se vitimizar. Hoje em dia, muitas pessoas, a maioria negros, nós não podemos falar nada, não podemos fazer nada, que já acham que é um ato racista. Não é bem assim. Existem atos racistas realmente e existem palavras que você usa no dia a dia que, hoje em dia, as pessoas fazem uma tempestade em um copo d'água. (...)

O que podemos perceber é que a sociedade como um todo, tem se atentado as questões raciais, os movimentos negros começam a ganhar força e podemos fechar a discussão desta categoria com o título do artigo de Bernardino-Costa, J. (2016) que parece dizer muito a respeito: “A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona” (p.1)

Após passarmos pela definição de racismo, exemplos e movimentos em relação as questões raciais, avançamos para dialogar sobre os filhos, em especial para saber se as famílias se preocupam com o risco de seus filhos viverem o racismo em nossa sociedade, assim temos a Categoria 4 NOSSOS FILHOS E O RACISMO (Quadro 4, Apêndice 6).

Pela ASL (ASL Categoria 4, Anexo 4) encontramos vários conceitos que se aproximam desta categoria e gostaríamos de apresentar alguns deles: ter, cabelo, cor, preocupação, crianças, filhos, professores, família, pai, mãe, escola, difícil, sofre, valores.

Quando observamos as narrativas dos participantes da pesquisa nesta categoria, percebemos que em sua maioria, se preocupam com o fato dos filhos sofrerem racismo, já a participante Laura, relata momentos de preocupação e não preocupação.

Dentro dos participantes que não se preocupam, encontramos Ana que nos diz: *“Eu acho que não. Eu acho que eles me tirando de contexto não. Tanto é que quando saem com o pai, que é branco, ninguém pergunta se é filho dele.”* Já o participante André nos traz: *“olha, eu não me preocupo com o fato dela ter que enfrentar nenhuma dificuldade. Não só o racismo, mas dela, dela ser mulher, dela ter um pai negro, por quê? Eu penso que eu preciso passar para ela os meus valores.”*

Na mesma esteira, Jorge e Júlio relatam que se preocupam em transmitir valores, mas não se preocupam que estes venham a enfrentar o racismo. Aqui, curiosamente, encontramos os homens se preocupando menos do que as mulheres

nesta categoria.

Jorge, André, Júlio e Arthur tem filhos com a pele menos retinta. Quanto ao Arthur, teme que seu filho se distancie de sua identidade racial e que possa sofrer pelo fato do pai ser negro e então relata as suas preocupações: *“No momento em que nós resolvemos ter o filho, não, mas nos pós, no momento da separação, eu acho que foi uma situação bem clara de preocupação com ele, com relação a origem negra que ele tem, também.”*

Já entre as mulheres, apenas Ana não se preocupa porque seus filhos nasceram brancos por conta do pai ser branco, na mesma ordem, Sofia já se preocupa com o fato de seus filhos terem que justificar uma mãe negra na escola. Quanto a Laura, na maioria das vezes não se preocupa, principalmente quando a filha nasceu conforme apontamos a seguir: *“Não é que não me preocupei. Como posso te dizer...Quando ela nasceu, ela era bem branca, a pele dela era igual à da minha mãe e seu cabelo era bem liso”*. Convergingindo com Laura, Paula se preocupa com o fato da filha sentir desconforto com relação ao seu cabelo e com isso nos diz: *“Eu sinto, eu não saberia dizer muito bem, eu acredito que faz parte do racismo que é o seguinte, eu tenho um cabelo liso naturalmente, mas ela puxou a família do pai que tem um cabelo enrolado.”*

O que podemos observar é que o cabelo, tanto na ASL como na análise das entrevistas, é considerado um marcador racial importante como podemos verificar no trabalho de Oliveira (2019) quando se refere a Lody (2004):

O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afrodescendentes (p.125).

Pensando em Conceição, Sandra e Bárbara, a preocupação refere-se ao racismo como um todo. Seus filhos apresentam a pele mais retinta e, portanto, a preocupação parece aumentar. Bárbara nos diz:

(...) comecei a descobrir o racismo com os meus filhos. (...) O problema quando tive os meus filhos, aí eu comecei a ver o racismo contra as crianças(...) quando ela começou a ter cinco anos ela começou a vir chorando para casa, porque as amigas delas eram brancas e tinham um cabelo liso e por causa da cor, do jeito que ela era. (...)

Como já apontado por Conceição na categoria 1: *"tenho medo da profissão que ela escolher para ela e ela não ser aceita naquele meio não é, porque você sabe que é difícil um negro chegar mais adiante, ele pode ter capacidade, mas é mais barrado do que uma pessoa que tem a cor clara né."*

Sandra não menos preocupada relata:

Ah sim... eu me preocupo! minha filha mesmo na escola ela teve episódio de racismo com a professora dela tanto é que eu tive que ir à escola chamar atenção da professora. É ... meu filho também! É que nem eu te falei... no dia a dia a gente vai sofrer racismo. Entendeu?

Portanto, conforme dissemos no início, as famílias passam por desafios significativos ao longo de seu desenvolvimento, mas, as famílias monorraciais negras e interracialis tem o agravante de terem que lidar com os aspectos raciais.

Famílias negras e interracialis vivenciam a preocupação de terem que educar seus filhos em uma sociedade racista.

Franklin e Karger (2016) dizem que um grande desafio de pais afrodescendentes é lidar com as imagens negativas que seus filhos experimentam principalmente dos veículos de comunicação. Os autores falam da experiência estadunidense, no entanto, sem dificuldades podemos estender esta preocupação para a realidade brasileira.

A categoria 5 DESPERTAR RACIAL (Quadro E, Apêndice 7) procura saber se os pais preparam os seus filhos para a sociedade racista: Michelle e Jorge, Sandra e Conceição, Júlio e Paula, Arthur, Bárbara e André compreendem que preparam seus filhos para uma sociedade racista. Já, Sofia, Laura e Ana acreditam que não preparam os filhos para uma sociedade racista. Vamos começar por Bárbara, ela nos conta que prepara os filhos, mas, em outro recorte da entrevista, ela nos diz:

Ah, eu acho que nós somos muito despreparados na criação de nossas crianças, nossas negras, porque é assim, contra fatos não há argumentos, nós vemos uma movimentação, vemos uma mídia, um monte de negro, propaganda. (...) Só que quando você chega nas empresas, nos grandes cargos, não tem pessoas negras, as pessoas que se pareçam como nossos filhos estão lavando banheiro. Quando você vai no hospital, você não vê o médico quem vem atender é uma moça loira, no fórum, juízes são pessoas brancas com o nome europeu, aí você fala: "Puxa vida.", eu tenho que convencer os meus filhos que eles podem ser o que eles quiserem, mas não é isso que vemos.

A fala de Bárbara, nos remete ao conceito de racismo Institucional onde os espaços

de trabalho, construído socialmente como dignos, são na sua maioria compostos por pessoas brancas. Isso nos parece legítimo se acompanharmos o Caderno de Referências sobre as Relações Raciais do Conselho Federal de Psicologia (2017):

As condições desfavoráveis da população negra foram exaustivamente encontradas em pesquisas, inclusive quando negras(os) e brancas(os) compartilham a mesma caracterização de classe; o que denota como insuficiente e equivocada a argumentação de que o problema do negro(a) no Brasil é um problema de classe (Bento, 1995; Bento, 2000 a, Bento, 2000b; Campante, Crespo & Leite, 2004; DIEESE, 1999; Henrique, 2001; Paixão & Carvano, 2008; Paixão & Gomes, 2008; Santos, 2009; Soares, 2000) (p.49)

Bárbara em sua entrevista, nos conta sobre o seu trabalho, sente-se competente, mas nos diz que observa que as advogadas brancas, com o mesmo domínio e tempo de carreira, conseguem se ver progredindo, algo muito mais difícil para ela.

Arthur também compreende que prepara o filho para uma sociedade racista, porém às vezes, em função de não residir com o filho nos diz: *“Eu acho que sim, mas não como eu gostaria.”* Vale lembrar que o filho de Arthur tem a pele branca e traços negros, mas não imagina que o filho venha a sofrer o racismo em função da cor de sua pele, mas teme, que ele venha a esquecer de suas raízes.

Já o casal, Michelle e Jorge, bem como Júlio e Paula, relatam com muita segurança o preparo das filhas para desconstrução do racismo na sociedade e para que as filhas possam lidar com as questões de diversidade, ainda que apareçam algumas dúvidas por ser um processo contínuo e de muitas descobertas, sentem-se mais seguros e preparados como podemos compreender em suas falas: *“Então a Mariazinha tem uma série de livros, trinta, quarenta livros para a idade dela, mas que falam do universo negro, falam um pouco de preconceito, falam para a aceitação e empoderamento. A gente trabalha muito isso.”*

As autoras Franklin e Karger (2016) dizem:

Muitos pais afro-americanos, conscientes das manifestações de preconceito que seus filhos podem receber da sociedade, particularmente por meio do sistema escolar, fazem um esforço consciente para incutir um sentimento de orgulho racial e forte identidade positiva em seus filhos (p.275)

Sandra e Conceição, assim como André, relatam que preparam os filhos. André, ao contrário de sua ex-mulher, Laura, que também participou dessa pesquisa,

acredita em uma educação no qual chamou de “*ação e reação*” e nos diz o que fala para filha: “*Não sei se é o certo, só sei que você vai dar um chute aqui. E vai falar para ele: Agora parou.*” Isso em decorrência de situações de conflito e desavenças escolares.

É muito comum que pais e mães de filhos que vivem em uma situação de opressão, acabem desenvolvendo uma rigidez na educação, na tentativa de poupá-los de experiências dolorosas, conforme dissemos no capítulo 3 desse trabalho.

Sandra e Conceição afirmam o preparo e Sandra narra como o fazem:

“falando para ele, como que é, como está a situação na rua. Como as pessoas tratam uma pessoa negra, que é diferente o tratamento. Você só é tratada bem se você for negra se você tiver dinheiro, e ainda assim também não é muito né...eu falo para ele... eu falo para ele, sempre respeitar as pessoas para ele não ser maltratado, não sofrer sabe? Minha mãe também prepara, minhas tias, a gente sempre está conversando com ele.”

Sofia entende que deve preparar os filhos para que possam lidar com as perguntas dos amigos na escola pelo fato de terem a mãe negra e serem brancos como o pai.

E por fim Ana que relata não saber como fazer, mas em seu discurso tem caminhos que parecem ir na direção de Michelle, Jorge, Júlio e Paula.

(...)eu não sei assim muito como conversar sobre isso aí. Ainda é uma coisa que eu estou aprendendo, mas que tem que abordar, principalmente o João, que é o que eu te falei. (...)Eu acho que conversar mesmo, representar. Igual para a criança, para as meninas, as bonecas, os desenhos, os filmes, você tem que ter representatividade até para você poder enxergar aquilo. (...)

Os conceitos apanhados pela pesquisadora na ASL (ASL Categoria 4, Anexo 4) sobre o preparo dos filhos foram: educação, difícil, quero, preparar, Barbie, representatividade, cabelo, preocupamos e aceitação.

O que nos cabe apontar é que apesar dos participantes mostrarem uma posição frente ao preparo ou não preparo dos filhos para uma sociedade racista, não necessariamente se sentem seguros diante da delicada tarefa de educar crianças negras. Há exemplo, Ana e Bárbara mencionam o desafio. Cada qual, considerando

a sua realidade e os recursos que lhe cabem. Sem dúvida, este processo é atravessado por um campo de incertezas, desafios, medos e insegurança.

Portanto, há ainda que considerar algumas tramas, tais como: condições socioeconômicas, filhos com a pele mais retinta ou menos retinta, filhos criados em bairros de classe média ou na pobreza e sobretudo os atravessamentos da história de família que surgiram nas entrevistas realizadas. Portanto, achamos necessário incluir a categoria 6 FAMÍLIAS, (Quadro F, Apêndice 8) que não estava contemplada em nossas categorias a priori, mas que surgiu com força no decorrer das entrevistas.

Os participantes Arthur, Ana, Bárbara, Laura, Michelle, Jorge, Laura, André, Sandra, Paula, e Júlio fizeram menção as narrativas ou silêncio de seus pais e/ou mães sobre o tema das relações raciais e racismo. Apenas Conceição e Sofia não se manifestaram sobre a sua família de origem.

Ao acompanharmos a Análise Semântica Latente (ASL, Categoria 5, Anexo 6) percebemos um número significativo de conceitos que versam sobre a família, como por exemplo, as palavras: mãe, pai, família, negra, pouco, casa, nunca, falou, assunto e consciência.

Atrelando o nosso olhar, de modo geral, constatamos que nas famílias de origem dos entrevistados, pouco se explorava os aspectos de racismo e das relações raciais de forma direta, embora todos concordassem sobre a importância de que essa exploração acontecesse na criação de seus filhos.

Neste percurso, os entrevistados relataram experiências de racismo e a própria negação da identidade racial dentro da própria família, como o caso da Michelle e de Ana onde o racismo era praticado no cerne familiar; experiências de desproteção, como o caso de Bárbara, e por fim, encontramos experiências de força, representatividade e empoderamento como visto na família de Arthur.

Para ilustrar, trazemos no momento a fala de Ana:

(...) Os meus pais nunca trataram do assunto. Não tratam até hoje. (...) Tem uma irmã minha, a Dandara, que ela se sente muito branca. Ela é a mais clara assim, a mais perto de nós. E ela se sente realmente uma mulher branca. Ela alisa o cabelo. Ela se comporta... não é que se comporta assim, mas ela diminui. Tenho uma outra irmã, ela diminui um pouco a nós, porque ela se sente... ela é mais puxada ali para o lado da minha mãe. E o meu pai nunca tratou... eles nunca trataram essas questões explicitamente para nós e lógico que influenciou nossa vida. (...)

Ana vem de uma família inter-racial, composta de mãe branca e pai negro. No entanto, conforme já dito anteriormente, o racismo também se movimenta dentro da

esfera familiar, podendo ser de forma implícita ou velada como dissemos anteriormente no capítulo 1 sobre famílias inter-raciais.

A participante Michelle também relata a vivência de racismo dentro de casa vindo diretamente das figuras parentais e com isso, procura proteger a sua filha dos avós além, de prepará-la no fortalecimento de sua identidade racial e social promovendo uma educação diversa e questionadora, juntamente com o Jorge que também participou da pesquisa. Quando perguntado se já teria sofrido racismo, Michelle nos disse:

(...)Por parte do meu padrasto e acho que também por parte da minha mãe que não se reconhece como negra. Consequentemente pratica o racismo. Então assim, eu tenho um pai que é negro, mas eu não o conheço, ela até se nega a falar o nome dele, ela não quer nenhum contato e nem me permite ter nenhum contato. Então assim, a minha mãe sempre falou muito do meu cabelo, que meu cabelo era ruim, que eu precisava cortar porque cabelo ruim tinha que ser curto, sempre falou dos meus lábios por serem grossos e meu pai falava, meu padrasto, eu chamo de pai, mas ele é meu padrasto, mas como isso foi tão forte eu chamo ele de pai. Ele sempre falou que eu não era bonita. Então para mim tudo isso é um Racismo. (...)

Hordge-Freeman (2018) volta a contribuir conosco ao falar sobre “a roleta racial e rivalidade entre irmãos. “Aqui ela aponta:

De acordo com o paradigma dos sistemas familiares, as reações emocionais diferenciadas de uma mãe para com um filho, podem ser apreendidas por outros membros familiares e afetam subsistemas dos irmãos, influenciando “qualidade de interações, relações e ajuste entre os irmãos. Embora os estudos que tratam sobre isso não tenham abordado tipicamente o tratamento diferenciado em relação à idade, a ordem de nascimento e ao gênero, os processos de racialização podem ser a base do tratamento diferenciado. O favoritismo paternal das crianças com base na aparência racial podem ser uma fonte de tensão por toda vida na relação entre os irmãos. (...) (p.73)

O depoimento de Bárbara traz a dificuldade dos pais em dialogarem a respeito do racismo e então, foi descobrindo as dificuldades conforme elas apareciam:

(...) meus pais, talvez por falta de orientação, não sabiam lidar com aquilo. As pessoas riam da minha cor, da minha boca que era grande, o meu cabelo que era um problema e não entendia, então em casa, se eu comentasse com os meus pais: "Ah, não liga. Ah, quando é assim não liga, bobeira. Ah, não é para vir para casa chorando por causa disso. " E foi passando, nós fomos nos adaptando, na adolescência, a mesma coisa. (...)

Jorge relata que seu aprendizado sobre as relações raciais, também se deu fora do território familiar, vale considerar, que o entrevistado demonstra um grande

empenho em trazer consciência racial e social para a sua filha, e supomos, que não só para ela, mas também para sua comunidade e família estendida, podemos entender isso ao recortarmos o trecho de sua entrevista:

(...)Eu sou de família pobre e um dos mais claros da minha família, só que eu sou um dos que mais tem consciência negra, consciência racial, de classe e de todos esses. Então na periferia, de uma certa maneira, todos são blindados de uma consciência social que incute uma série de não acesso a todos: a pretos a não pretos, a brancos e não brancos então, nesse ambiente de periferia, eu não acredito que eu tenha sofrido racismo. (...)

Em um artigo, Facchin e Schucman (2016) também trouxeram a contribuição de Hordge-Freeman (2015) ao discorrerem sobre a complexidade de famílias interraciais:

Qualquer esforço no sentido da igualdade racial no Brasil deve considerar envolver as famílias, pois dinâmicas racializadas internas ao grupo podem comprometer o bem-estar subjetivo de maneiras que podem ser mais devastadoras do que a desigualdade estrutural. Então, o que o amor tem a ver com tudo isso? Nas famílias, o amor está presente, mas como um recurso emocional, o que o amor se parece pode depender de como você parece.⁵ (HORDGE-FREEMAN 2015, p. 71, tradução nossa). (p.189)

E por fim, incluímos a fala de Arthur sobre a sua experiência familiar para a contribuição de sua identidade racial:

(...)Então, família do meu pai: predominantemente negra, que sempre levou a parte da nossa cultura e religião a sério. Então, assim, assíduos nas religiões negras, do Candomblé, de gostar de festas, de estar sempre no centro dos ciclos negros e de falar muito a respeito disso. Então, assim, somos negros, somos advogados, somos médicos, somos enfermeiras, somos motoristas, somos atendentes de balcão com muito orgulho, mas a nossa família está sempre unida aqui, está sempre todo mundo bem e nós queremos mostrar essa negritude, vamos dizer assim, para quem quiser ver.(...)

Como vemos, as famílias que reconhecem a existência do racismo e trabalham a identidade racial nos filhos, trazem apoio e segurança para que estes possam lidar com a sociedade racista conforme já apontado por Bento, M. (2020) no capítulo 2 desta pesquisa.

Pensando nos objetivos desta pesquisa, o objetivo específico inicial, pretendia identificar se os pais e/ou mães passaram ou não pelo racismo, e se sim, qual o

primeiro momento de vida que se deram conta da existência dele. Entendemos como irrelevante, identificar o primeiro momento de racismo passado pelos pais e mães da pesquisa.

As respostas que tivemos não nos levaram para esta direção, apesar disso, no decorrer da pesquisa, compreendemos que bastava o relato de uma experiência vivida, condizendo, com a perspectiva teórica que alicerça este trabalho. Desta forma, constatamos que apenas dois dos doze entrevistados não tiveram experiências de passar pelo racismo pelo fato de serem pouco retintos, ou seja, de cor parda.

Ainda, gostaríamos de saber se a família de origem os preparou para lidar com os desafios das relações raciais e do racismo. Percebemos que dos doze entrevistados apenas Arthur relatou preparo importante da família de origem trazendo, empoderamento e identidade racial para sua criação. Os demais participantes, relataram que não tiveram uma proximidade com as questões raciais na família de origem e, ainda, uma participante nos relatou o racismo experienciado dentro de casa.

Parece-nos que a falta de diálogo na família de origem, descende da falta de habilidade em resolver as experiências difíceis e dolorosas que ficaram marcadas pelo racismo por gerações e gerações. Se hoje temos pouco espaço para falar sobre os aspectos do racismo e das relações raciais, muito advindos dos movimentos negros atuais e também do impacto midiático, lá traz, poucas eram as famílias que encontravam suporte e conhecimento sobre o racismo estrutural e ações antirracistas.

Os participantes da pesquisa que responderam preparar o filho para a sociedade racista, não deixaram claro como construíram a ideia de que a sua forma de educar seria a melhor maneira e observamos que Sandra e Conceição, foram categóricas ao dizer que o acolhimento e a comunicação sobre como é o mundo lá fora seria o melhor preparo e Júlio, Paula, Jorge e Michelle apostam no acolhimento, conhecimento, diálogo e empoderamento como a forma mais adequada. Arthur, teme que o divórcio possa interferir nesse preparo pelo fato do filho viver com a mãe. Os demais participantes, sentem-se por vezes inseguros nessa tarefa. A maioria dos entrevistados confirmaram que foram afetados pela história da família de origem para manejar o tema do racismo e das relações raciais com suas filhas e filhos. Apenas o casal Júlio e Paula, relatou a formação de psicólogos e a prática profissional como um fator determinante para a consciência racial e social.

Durante a pesquisa, percebemos que os filhos dos participantes eram dos mais

retintos aos menos retintos, seguindo esta gradação, apresentamos: Sandra, Conceição e Bárbara (filhos mais retintos), André, Laura, Arthur, Sofia, Ana, Michelle, Jorge, Paula e Júlio (filhos menos retintos).

O nosso resultado apontou que de maneira geral, parece que os filhos que são mais retintos trazem uma maior preocupação dos seus pais a respeito da experiência do racismo, em contrapartida, os menos retintos, causam uma preocupação dos pais de que seus filhos percam a identidade negra ou, se tratando de casais interraciais, que os filhos sofram preconceito pelo fato de terem mãe ou pai negros.

A pesquisa também, parece apresentar que, a maioria das mães, se mostraram preocupadas das filhas sofrerem racismo pela textura capilar enfatizando a preocupação de fortalecerem a sua autoestima. Já os pais da pesquisa, tenderam a se preocupar com os valores que gostariam de desenvolver em seus filhos.

Outro ponto importante, é que Sandra e Conceição são mulheres negras e as mais retintas da pesquisa, sem surpresa, são as que apresentam maior vulnerabilidade socioeconômica e que tiveram maior distrato por parte de vendedores de loja e professores de seus filhos. Além do mais, são as que menos tiveram oportunidades de pensar em uma escola que trabalhasse a diversidade e ações antirracistas para os seus filhos.

Para elas, a educação antirracista se dá através da conversa tanto da mãe como da família estendida. Além disso, são elas que prezam para que seus filhos sejam extremamente educados e não respondam caso sofram uma situação desagradável e racista. Ao contrário da filha de Michelle e Jorge, Júlio e Paula que são incentivadas a questionar.

De modo geral, as famílias compreendem como importante o diálogo com os filhos sobre o racismo e o enfrentamento deste, mas nem todas, compreendem que fazem isso de maneira eficaz ou eficiente com exceção de Michelle e Jorge, Júlio e Paula que se sentem seguros. Percebemos também que em sua maioria, as famílias procuram trazer uma identidade racial e empoderamento para os seus filhos ainda que com incertezas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o projeto de pesquisa, constatamos que os movimentos sociais, principalmente, os movimentos negros, tiveram uma visibilidade maior após a morte do estadunidense George Floyd. No Brasil e no mundo a indignação se fez presente e parece que o véu da democracia racial caiu por terra. Homens, mulheres, jovens, velhos, crianças, ricos, pobres começaram a se atentar de maneira mais profunda sobre a violência racial e o racismo na sociedade brasileira.

Tratou-se de um movimento midiático em que Falar, escutar, escrever e se posicionar sobre as relações raciais passou a fazer parte do cotidiano. Também, a raça enquanto branca foi convocada a olhar para a sua responsabilidade diante do racismo e a entender a sua posição de privilégio.

Nesse período, a população parece ter compreendido que o racismo percorre as estruturas, visíveis e invisíveis da sociedade, atravessando a esfera: histórica, econômica, política, subjetiva e relacional em nossa sociedade.

As ações afirmativas foram tratadas com maior profundidade para buscar uma equidade entre negros e brancos. Também, no início do projeto de pesquisa, constatamos que as crianças e os adolescentes negros eram recebidos nos consultórios de psicologia ou de terapia familiar como: criança-problema, em função de problemas de comportamento e baixo desempenho escolar. No entanto, não encontramos trabalhos dentro da terapia familiar sistêmica no Brasil que trouxessem o recorte racial para trabalhar com as famílias monorraciais negras e/ou inter-raciais considerando: histórias, dilemas, angústias, preocupações, traumas e tramas a respeito do racismo e das relações raciais.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral, compreender, se pais, mães ou casais monorraciais negros ou inter-raciais negros preparam os filhos para lidar com o racismo em nossa sociedade. Constatamos que o objetivo geral foi atendido porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que as famílias monorraciais negras e/ou interraciais em sua maioria, preparam os seus filhos para uma sociedade racista através dos recursos emocionais e socioeconômicos que lhe cabem.

O preparo envolve fundamentalmente o diálogo e seguidamente, em conformidade com a realidade e os recursos econômicos de cada família, a escolha de escola, materiais, livros, brinquedos que trouxessem o fortalecimento e empoderamento da identidade racial negra.

Entendemos que vários aspectos dessa pesquisa mereceriam ser aprofundados, e, portanto, carecemos de novas pesquisas que se atentem com mais profundidade para as famílias monorraciais negras, para que pudessem nos falar de maneira mais profunda sobre seus desafios (experiências com o racismo) e espaços de força (raízes, valores, religiosidade, crenças) que os empoderem para lidar com a dura realidade do racismo.

Também, seria produtivo entendermos como as famílias monorraciais brancas preparam os filhos para lidarem com a diversidade racial, afinal, o racismo se dá em nossa sociedade na relação entre negros (oprimidos) e brancos (privilegiados) então, tal pesquisa, seria valiosa e relevante para o desenvolvimento de uma clínica realmente antirracista.

Deixo aqui um alerta aos colegas terapeutas de família, em especial, para as/os terapeutas brancas(os), é de fundamental importância reconhecer que as relações terapêuticas com uma família monorracial negra ou inter-racial, terá implicações raciais. E é emergente que o profissional se aproprie dessa informação. Conforme Hardy e Tracey (2003) nos trazem, para trabalhar com famílias negras e inter-raciais é preciso ter sensibilidade racial que consiste na qualidade de reconhecer que as raças moldam a nossa realidade e que devemos usar de nós mesmos para questionar as ações, comportamentos e condições que constroem e alimentam as injustiças raciais.

Voltando a introdução e a mobilização para o desenvolvimento deste trabalho, cabe e faz-se necessário, o meu posicionamento enquanto pesquisadora, terapeuta familiar e mulher negra. Este processo me pareceu precioso e curativo para muitas marcas deixadas na infância, em especial em ambiente escolar.

Fico pensando se, meus pais, ainda que fossem comprometidos com o fortalecimento de nossas raízes negras, tivessem naquela época, oportunidade de encontrar terapeutas familiares que lhes dessem suporte e também, arregassem as mangas dando-lhes as mãos, comprometendo-se com ações afirmativas para a desconstrução do racismo, certamente o caminhar dos meus pais, dos meus irmãos e o meu caminhar teria sido mais fácil e seguro.

Pude perceber que as entrevistas geraram movimentos em alguns dos participantes. Alguns despertaram para a necessidade de entenderem melhor o efeito do racismo para as suas vidas, outros, perceberam a importância de dialogarem de maneira mais profunda com os seus filhos e ainda aqueles que despertaram para a

própria identidade racial.

Desta forma, saio absolutamente transformada, satisfeita, feliz e sobretudo, emocionada, por deixar um material para os meus colegas terapeutas familiares que a mim me parece precioso, necessário e sagrado.

REFERÊNCIAS

A LINHA DO TEMPO QUE RESUME O RACISMO NO BRASIL. Disponível em Instagram Alexandra Loras. 25 jun.2020. Fonte: Pragmatismo Político. Jan.2019 Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/01/linha-do-tempo-racismo-no-brasil.html>. Acesso em: 13.ago.2020.

ADICHIE, C. **Para educar crianças feministas :um manifesto.** Trad. Denise Bottman. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

AFONSO, L. **Gênero e processo de socialização em creches comunitárias.** In: **Caderno de pesquisa**, n. 93. 1995. p 12-21. ISSN 0100-1574, ISSN-e 1980-5314. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6209197>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ALMEIDA, S. L. Racismo Estrutural. Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Ed. Jandaira, 2020.

ASHTON, D.; MCGOLDRICK, M. Cultura um desafio aos conceitos de normalidade. In: WALSH, F. **Processos Normativos da Família - Diversidade e Complexidade.** Tradução Sandra Maria Mallman da Rosa. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. **Centro de Estudos da Relação do Trabalho e das Desigualdades (CEERT)**,2019. Disponível em: ceert.org.br. Acesso em: 13 ago. 2020.

BOYD-FRANKLIN, N.; FRANKLIN, A.J. Casais Afro-americanos em Terapia. In: MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

BRUSCAGIN, C. Família e Religião. In: CEVERNY, C. (organizadora) Família e comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CARONE, I.; BENTO, M.A.S. Psicologia Social do Racismo. **Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Vozes, 2017.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2021.** São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: [1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf](https://www.ipea.gov.br/atlasdaviolencia2021/completo.pdf) (ipea.gov.br). Acesso em: 20 set.2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução do Exercício Profissional 18 2002 do Conselho Federal de Psicologia BR.** Disponível em: atosoficiais.com.br. Acesso em: 18 ago. 2020.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de Psicólogas/os** – Brasília: CFP, 2017. 147p. ISBN: 9788589208673. Disponível em: www.cfp.org.br. Acesso em: 02 abr.2020.

CREPALDI, M. e WENDT, N. **A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa**. Psicologia: Reflexão e Crítica. 21(2):302-310. UFSC .2008.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENDENTES. Publicado em 18.mai.2016. Disponível em : <https://brasil.un.org/pt-br/73014-onu-brasil-lanca-livreto-sobre-decada-internacional-de-afrodescendentes> . Acesso em 16.nov.2021

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Publicado em 18.set.2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em 16.nov.2021.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIÁSPORA AFRICANA, VOCÊ SABE O QUE É? Disponível em <https://www.palmares.gov.br/?p=53464> . Acesso em: 23 out. 2021.

FRANKLIN, N. e KARGER, M. Intersecções de raça, classe e pobreza: desafios e resiliência em famílias afro-americanas. In: WALSH, F. **Processos Normativos da Família - Diversidade e Complexidade**. Trad. Sandra Maria Mallman da Rosa. Clarisse Pereira Mosmann. 4 ed. Porto Alegre: Artmed.

GOMES, L. **Escravidão: do primeiro Leilão de Cativos em Portugal até a Morte do Zumbi dos Palmares**. Vol.1. 1 ed. Rio de Janeiro: . Editora Globo, 2019.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GREEN, R.J. A Raça e o Campo da Terapia de Família. In: MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

HENRIKSSON, V. **Valores e crenças na prática clínica**: São Paulo:PUC/SP, 2011.

HISTÓRIA DO TERNO. Disponível em : <https://www.google.com/search?q=hist%C3%B3ria+do+terno&oq=hist%C3%B3ria+do+terno&aqs=chrome..69i57j0i22i30l4.4083j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 13.nov.2021.

HORDGE-FREEMAN, E. **A cor do Amor: Características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras**. Trad. Victor Hugo Kebbe. São Carlos: UFSCar, 2018.

KENNETH, K.; LASZLOFF, T. A Dinâmica de uma ideologia pró-racista implicações para os terapeutas de família. In: MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

LIVE FAMÍLIAS DIVERSAS. **Episódio 1: Famílias Homoafetivas**. Disponível em: Famílias Diversas - Episódio 1: Famílias Homoafetivas - YouTube. Acesso em: 13 ago. 2020.

LORAS, A. LINHA DO TEMPO DO RACISMO NO BRASIL. Disponível em: Instagram. MACEDO, R.; KUBLIKOWSKI, I.; BERTHOUD, C. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: a perspectiva dos pais. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. 16(2):38-52, 2006.

MACEDO, R.M.S. Diversidade cultural: desafio para o terapeuta familiar. In: GRANDESSO, M.A. (Org.). **Terapia e Justiça Social: respostas éticas a questão de dor**. São Paulo: APTF, 2001

MC.INTOCH, P. O Privilégio dos Brancos: Tirando as Coisas da Sacola Invisível. In: MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. **O Ciclo Vital Familiar**. In: WALSH, F. Processos Normativos da Família - Diversidade e Complexidade. Trad. Sandra Maria Mallman da Rosa. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

MOREIRA, A. J. **Racismo Recreativo**. Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, K. **Terceiro Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ** em 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

OLIVEIRA, Fabiana; Abramowicz, Anete **Infância, raça e “paparicação”**. Educação Revista, v 26, n 2, Belo Horizonte, agosto 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vg5K7QqcXTm9ZRfsW9WVgvj/?lang=pt> Pesquisa | SciELO. Acesso em: 13 ago. 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.

SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA IMPORTA! **CRP e ANPSINEP**. Disponível em: Saúde Mental da População Negra Importa! CRP SP e ANPSINEP – YouTube. Acesso em: 26 set.2020.

SCHUCMAN, L.V. **Famílias Inter-Raciais tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHUCMAN, L.V. **Qual o lugar do branco na luta antirracista?** TEDXFLORIPA Ted x talks, 2020. Disponível em: [Qual o lugar do branco na luta antirracista? | Lia Vainer Schucman | TEDxFloripa - YouTube](#)—Acesso em: 23 out.2021.

SCHUCMAN, L.V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TRINDADE, A. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil.** Proposta Pedagógica (2005). Disponível em: [diversidadeducainfantil.org.br](#) Acesso em 24.nov.2021.

TRINIDAD, C. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento Sistêmico – O Novo Paradigma da Ciência.** 2 ed. São Paulo: Papirus. 2018).

WALSH, F. Crenças, espiritualidade e transcendência: chaves para a resiliência da família. In: MCGOLDRICK, M. **Novas Abordagens a Terapia Familiar - Raça, Cultura e Gênero na Prática Clínica.** Trad. Magda Lopes. São Paulo: Roca, 2003.

WALSH, F. **Processos Normativos da Família - Diversidade e Complexidade.** Trad. Sandra Maria Mallman da Rosa. 4 ed. Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICE 1 - Conteúdo do Formulário Termo de Consentimento

Título: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da Psicóloga MARILIA GABRIELA LEME, CRP: 06/63192 sob a orientação da Profa. Dra. CLAUDIA B. S. BRUSCAGIN, CRP: 06/31944.

1. Seu e-mail

Resposta: aberta (será dada a opção de a participante receber uma cópia desse arquivo via seu e-mail)

2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma entrevista semiestruturada que busca uma melhor compreensão de como as famílias mono- raciais negras e/ou inter-raciais preparam ou não, ensinam ou não os seus filhos a se protegerem contra o racismo. Este estudo tem como participantes famílias monoparentais e casais com ao menos um filho (a) na idade entre 5 e 9 anos e 11 meses; moradoras do Estado de São Paulo.

Esta pesquisa será realizada pela psicóloga e pesquisadora MARILIA GABRIELA LEME, CRP: 06/63192, sob a orientação da Profa. Dra. CLAUDIA B. S. BRUSCAGIN, CRP: 06/31944 e é objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da pesquisadora. Sua participação consistirá em relatar suas experiências de vida com base nas perguntas feitas pela pesquisadora. A entrevista será gravada para garantir um melhor registro das informações. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto nos documentos escritos com base nesta entrevista.

Após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, será fornecida ao participante uma cópia deste documento e remetendo outra cópia para a pesquisadora que o arquivará em segurança. Ao concordar em participar desta pesquisa, você tem garantida a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos seus dados pessoais antes, durante e após o término do estudo.

Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a sua liberdade de não responder

às perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido seu direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização. Este estudo foi elaborado de modo a não oferecer riscos às pessoas que dele participarem. No entanto, caso você se sinta psicologicamente incomodado (a) ou afetado(a) com algum conteúdo que venha a emergir em função das questões tratadas e se houver necessidade, a pesquisadora, que também é psicóloga (CRP 06/63192), lhe oferecerá suporte nessa situação.

A entrevista será transcrita e você poderá optar por receber uma cópia integral da mesma em seu e-mail. Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável.

Coloco-me à sua disposição para maiores informações ou orientação, mesmo depois da entrevista, tel.: (11) 99837-3091 ou pelo e-mail: gabi.leme.psicologa@hotmail.com –

Marília Gabriela Leme – Pesquisadora

Você está de acordo com os termos acima? *

Resposta: sim / não

1 - Nome Completo

Resposta: aberta

2 - Número do RG

Resposta: aberta

3 - Idade:

Resposta Aberta

4 - Estado civil:

Resposta Aberta

5 - Quantos filhos:

Resposta Aberta

6 - Idades dos Filhos

Resposta Múltipla

Entre 5 anos e 10 anos e 11 meses

7 - Profissão:

Resposta: aberta.

APÊNDICE 2 - Questionário de perguntas Semiestruturadas

1. O que é racismo para você?
2. O racismo se tornou centro de debates sociais, vocês já sofreram racismo? Conte-me exemplos.
3. Se não, o que pensam sobre os relatos de racismo e os movimentos para combatê-los?
4. Com a chegada do(as) filho(as) vocês se preocuparam com o fato destes terem que enfrentar o racismo?
5. Vocês preparam os filhos para enfrentarem o racismo na escola, na rua, na sociedade?
6. Se não, achariam importante ou não seria necessário?
7. Se sim, como vocês preparam?

APÊNDICE 3 - QUADRO A – CATEGORIA 1 - O QUE É RACISMO?

1 - O que é racismo para você?

Ana: (...) Nossa. O quê? Eu vou falar da minha experiência pessoal do racismo. Muito do que as pessoas falam e como nós nos sentimos com isso. Poderia... do racismo como olham no dia a dia, como as vezes se referem a você ou te tratam simplesmente por causa da cor da sua pele. Eu acho que seria basicamente isso. (...)

(...) Se nós vamos falar da sensação que dá ou de como nós nos sentimos é muito fácil. Mas você definir, tem na literatura, tem em livro, eu tenho até alguns, mas falar assim de pronto me pegou de surpresa. (...)

Arthur: (...) então, na minha visão, qualquer tipo de discriminação por conta da raça do indivíduo. Definição quase que de dicionário, vamos falar assim, mas na minha cabeça, é isso: discriminar alguém pela cor da pele, pelo olho puxado, pela cor do cabelo e por aí vai. (...)

Bárbara: (...) Racismo é uma forma de opressão ao outro, em razão de sua etnia. (...)

Jorge: Eu creio que seja qualquer situação em que o indivíduo seja minado de situações sociais, de convívio, de oportunidades em função de sua raça. Não somente da sua cor, mas em função de sua raça.

Michelle: Diria que qualquer tipo de discriminação.

OBS: Entrevista de Laura e André foram feitas em momentos diferentes, mas os dois são pais de Maria

Laura: (...) eu acho que é quando as pessoas tratam, um com o outro...cabelo, se é descendente de negros. Às vezes as pessoas fazem menção à questão da escravidão. Todas essas questões, para mim, têm a ver com o racismo. Qualquer julgamento que se refere a qualquer ponto ligado à raça da pessoa quando ela é descendente de negros, para mim, se remete ao racismo. (...)

Laura: (...) Racismo para mim é quando as pessoas se referem umas às outras, evidenciando a origem dela por ser negra, como quando fala do cabelo, de traços como nariz ou boca, da cor. Além de fazer menção ao contexto histórico ao dizer que por ser negra, descende de escravos. Tudo isso, para mim, remete a racismo porque está falando da raça, da constituição da pessoa. (...)

André: (...) olha, eu penso que racismo é qualquer atitude antissocial. Que há como pauta principal, como objeto principal o seu gênero, o seu sexo, sua cor ou que a outra parte ofensora entenda que você é de uma classe que ela considera como maioria ou como correta ou como dominante. (...)

Sandra: (...) Nossa o que é racismo para mim? Ai meu Deus... Racismo para mim é quando mexe com os meus filhos...Chamam eles de negro, fala e mexe com meu cabelo...Fala do meu tom de pele da minha forma física pra mim isso é racismo. (...)

Conceição: O racismo é quando falam sobre o meu cabelo e a minha cor de pele. Apesar que não é só racismo por ser negro, tem vários tipos de racismo, o racismo do negro para o branco, do branco para o negro.

Sofia: (...) Racismo é quando uma pessoa de qualquer cor, seja branca, seja negra, seja amarela, começam a agredir verbalmente uma pessoa de uma outra cor. (...)

Paula: Falando de uma forma bem simplória, preconceito por raça, eu acredito que não só pela raça negra, como por qualquer outra raça. Basicamente é isso que eu entendo.

Júlio: (...) pra mim é... alguma forma de preconceito, uma forma de preconceito de raça, origem, etnia, principalmente uma intolerância a diferença, naquilo que é diferente, isso

ANEXO 1 – ASL CATEGORIA 1 - O QUE É RACISMO? (Por Bruno Leme)

Resultados da ASL para a pergunta:

O racismo se tornou centro de debates sociais, vocês já sofreram racismo? Conte-me exemplos.

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
cor	10	7
raça	9	5
pessoas	7	4
cabelo	7	3
pele	5	3
negra	4	3
negro	5	2
fala	3	2
conversa	2	2
diferença	2	2
discriminação	2	2
etnia	2	2
indivíduo	2	2
difícil	4	1
descendente	3	1
preconceito	3	1
branco	2	1
corpo	2	1
criticando	2	1
definir	2	1
função	2	1
física	2	1
mexe	2	1
posicionam	2	1
posicionar	2	1
remete	2	1
sentimos	2	1
tom	2	1
agredir	1	1
atitude	1	1
branca	1	1

classe	1	1
começam	1	1
convívio	1	1
correta	1	1
creio	1	1
dominante	1	1
gênero	1	1
intolerância	1	1
livres	1	1
maioria	1	1
manifestação	1	1
minado	1	1
naquilo	1	1
objeto	1	1
obrigada	1	1
ofensora	1	1
oportunidades	1	1
opressão	1	1
papo	1	1
pauta	1	1
principalmente	1	1
problema	1	1
razão	1	1
referindo	1	1
roteirinho	1	1
roça	1	1
saibam	1	1
sexo	1	1
simplória	1	1
situação	1	1
situações	1	1
sociais	1	1
surgir	1	1
surpresa	1	1
tempo	1	1
tranquilas	1	1
tratamento	1	1

verbalmente	1	1
visão	1	1
órgãos	1	1

APÊNDICE 4 – QUADRO B – CATEGORIA 2 – VIVENDO O RACISMO

O racismo se tornou centro de debates sociais, vocês já sofreram racismo? Conte-me exemplos?

Ana: (...) já ouvi se sou babá das crianças, quem que é minha chefe, como é que uma mulher negra vai estar ali naquele cargo de direção de uma unidade do Ministério Público Federal. (...)

Arthur: (...) desde estar andando com o meu filho, a criança a qual nós vamos falar sobre, daqui a pouco, na praia, e ele tem uma pele um pouquinho mais clara, que a mãe é de raça branca. As pessoas ficam olhando, achando que você está arrastando a criança, aquela cochichada. (...)

(...). O gestor que chegou não bateu. Chamou-me para conversar uma vez, não falou mais comigo, não deu mais bom dia para mim em momento algum. Só me dava as piores atividades para fazer, coisas do tipo. (...) Até, efetivamente, a ser convidado a trocar de área, dentro da empresa, mas em uma posição mais de proteção do que qualquer outra coisa. (...)

(...) acho que são essas duas situações. Uma mais leve, mas que não deixa de ser preconceito com o meu filho, e a outra mais dura, em uma idade que eu estava ali, eu era muito menino, muito novo. Então, putz, assim, marcou muito (...)

Bárbara: (...) eu descobri que eu era negra na escola, até então, minha família, éramos todos negros, então não havia, não sofria, não sentia o racismo. Quando comecei ir para a escola, percebi que a cor da minha pele era um problema para as crianças rirem de mim, me xingar, me bater, então era algo que me causava muito incômodo, só que não sabia o que era, fui descobrir depois, porque em casa, meus pais, talvez por falta de orientação, não sabiam lidar com aquilo. (...)

Bárbara: (...) as pessoas riam da minha cor, da minha boca que era grande, o meu cabelo que era um problema e não entendia, então em casa, se eu comentasse com os meus pais: "Ah, não liga. Ah, quando é assim não liga, bobeira. (...)

Michelle: (...) eu acho que a vida toda eu sofri racismo só que eu só vim me dar conta disso há alguns anos, bem recentemente mesmo. Por parte do meu padrasto e acho que também por parte da minha mãe que não se reconhece como negra. Consequentemente pratica o racismo. (...) a minha mãe sempre falou muito do meu cabelo, que meu cabelo era ruim, que eu precisava cortar porque cabelo ruim tinha que ser curto, sempre falou dos meus lábios por serem grossos e meu pai falava, meu padrasto, eu chamo de pai mais ele é meu padrasto mas como isso foi tão forte eu chamo ele de pai. Ele sempre falou que eu não era bonita. (...)

Jorge: (...) talvez o racismo que eu sofro atualmente seria maior do que antes(...). Quando eu sai também para o mundo de trabalho, todas essas coisas, pelo fato de eu me considerar negro mas não ser um negro retinto, eu não tenho experiência de racismo relatados. O racismo que eu mais sofro é quando eu me posiciono como negro e as pessoas não querem aceitar que eu sou negro e essa é uma forma de racismo muito grande.

Laura: (...) fiquei pensando para lembrar de situações. Normalmente, não. Mas dos meus 17 aos 23 anos, eu namorei um menino que era de família nordestina, eles são pernambucanos e são pessoas de pele clara. (...)

Laura: (...) Depois de um tempo, no namoro, quando estávamos já meio em crise, o irmão dele também fez menção. Ele cismou que uma vez me viu no Largo da Matriz com uma outra pessoa, como se eu estivesse traindo o irmão dele, mas eu não estava lá, não era eu essa pessoa. Ele falava para o irmão dele que ele tinha que terminar com essa negra. (...)

André: (...) eu já sofri racismo, mas eu nunca sofri com o racismo, vamos dizer. Já sofri racismo, sim. Inclusive, aquele racismo velado que, às vezes, recebemos como brincadeira. Eu costumo falar que eu já sofri racismo, mas não com o racismo. (...)

Sandra: (...) Sim, uma vez foi eu, minha mãe e minhas tia, nós fomos numa loja, tanto é que a minha tia tá aqui também, nós fomos numa loja comprar sapato, só que assim... era um dia

assim normal, um dia de calor que nem hoje. Nós estávamos tudo de chinelo, bermuda e a minha tia tinha pintado a casa, então ela estava com um pouquinho de tinta aí ... “aí vamos comprar? Vamos!”, aí estava todos juntos, estava a minha sobrinha que é da mesma idade que ele, eles estavam assim meio... não estavam sujos, mas estavam assim de shorts, camiseta né e nós estávamos de chinelo. Nós fomos hostilizadas na loja. As meninas que estavam em pé na loja não quiseram nos atender. Aí uma olhou para a cara da outra e não quis atender, daí a gente saiu da loja e fomos em outra loja e aí nessa loja nós compramos um monte de sapatos. Compramos um monte! Só que nessa loja que a gente fomos hostilizadas, tinha um que a minha tia gostou, aí tivemos que voltar nessa loja. Só que na hora que a gente voltou e elas viram que a gente tava com um monte de sacola aí veio todo mundo para atender, aí eu falei não eu não quero que ninguém me atende, eu quero que aquele rapaz me atende, que era o único que tinha dado atenção pra gente. Aí nessa loja também a gente deixou a maior grana porque aí compramos um monte de sapato também, aí elas ficaram tipo... olhando também sabe?! É... “a gente pode ajudar?” daí eu falei: “não de vocês eu não quero ajudar, porque na hora que a gente entrou vocês nem deram atenção, por quê? Porque a gente estava de chinelo, descabelado, com a roupa suja? Mas a gente tinha dinheiro para pagar. (...)”

Conceição: Assim diretamente não foi, como a Sandra falou nós indo na loja pra comprar só que não estávamos bem-vestida, estávamos mais ou menos como Sandra falou. Foi em um dia que a gente não estava com uma sandália boa no pé, chinelinho no pé, as crianças com shortinhos, não tava suja, mas não era uma roupa que eles achavam; eles achavam que não era adequada para entrar na loja né. Então as atendente não quis atender a gente pela roupa que nós vestia. Acho que eles, eles acharam que não era uma roupa adequada, Mas foi um dia que nós estávamos indo na loja.

Sofia: Eu já me senti... Já, assim, diretamente...(...) porque eu era atleta, eu fazia atletismo. (...) Aí o cara estava depredando o local onde nós treinávamos, era a pista de atletismo. Estava fazendo atos de vandalismo. E eu fui tirar satisfações com ele, porque ele estava fazendo aquilo, que era errado, que era o lugar que nós treinávamos. E ele começou a vir para cima de mim, brigando. Só que eu estava na minha, nós chamamos a polícia. O policial chegou na hora, ficou lá esperando nós discutirmos, mas eu não fui para cima, nem ele veio para cima de mim. Mas, só que em uma hora lá, ele pegou e falou assim: cala a boca, eu não estou falando com você, sua macaca. Desse jeito. (...)

Paula: Não tenho registrado, talvez eu nunca tenha observado. Já senti um olhar de preconceito, mas eu entendi na vivência que tinha mais a ver com a minha origem financeira.

Júlio: Eu nunca sofri pela cor da pele, já sofri pela classe, por ser pobre, pela classe social sim, já sofri. Também não direto, mais um olhar, uma falta de atenção, aquele bem velado assim

ANEXO 2 – ASL – CATEGORIA 2 - VIVENDO O RACISMO

(Por Bruno Leme)

Resultados da ASL para a pergunta:

O racismo se tornou centro de debates sociais, vocês já sofreram racismo? Conte-me exemplos.

Categoria 2 - Vivendo o Racismo

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
pessoas	5	5
falou	7	4
mãe	7	4
pele	4	4
talvez	4	4
sofri	9	3
hora	6	3
casa	4	3
chegou	3	3
meio	3	3
negra	3	3
pouquinho	3	3
gente	28	2
loja	23	2
tia	10	2
atender	8	2
monte	8	2
nessa	8	2
quero	8	2
chinelo	7	2
comprar	6	2
falei	6	2
roupa	5	2
cabelo	4	2
pé	4	2
sempre	4	2
cor	3	2
filho	3	2
nunca	3	2

quis	3	2
suja	3	2
tava	3	2
clara	2	2
grande	2	2
menino	2	2
situações	2	2
velado	2	2
negro	4	1
cima	3	1
irmão	3	1
padrasto	3	1
pai	3	1
achavam	2	1
adequada	2	1
ah	2	1
atletismo	2	1
classe	2	1
criança	2	1
escola	2	1
fazendo	2	1
indo	2	1
liga	2	1
muitas	2	1
olhar	2	1
pais	2	1
problema	2	1
ruim	2	1
sofro	2	1
treinávamos	2	1
vezes	2	1
17	1	1
normalmente	1	1
observado	1	1
origem	1	1
pensando	1	1
pernambucanos	1	1

pobre	1	1
polícia	1	1
registrado	1	1
satisfações	1	1
social	1	1
tempo	1	1
terminar	1	1
tirar	1	1
traindo	1	1
vandalismo	1	1
ver	1	1
vir	1	1
viu	1	1
vivência	1	1

APÊNDICE 5 – QUADRO C - CATEGORIA 3 – MOVIMENTOS SOCIAIS

3 - Se não, o que pensam sobre os relatos de racismo e os movimentos para combatê-los?

Ana: Viveu racismo, mas tem um posicionamento para combatê-los.

(...) Eu comecei na terapia, aí coincidiu de ter uma colega no trabalho que me convidou para essa banca de heteroidentificação e eu fui obrigada a entrar nos cursos. Porque é assim a banca precisava de gente negra. (...) E ela me convidou para fazer, que eu sou amiga dela e ela também se descobriu negra, porque ela é uma moça parda que achava que era branca também, se comportava como uma. (...)

Arthur: sofreu racismo.

Barbara: sofreu racismo.

Jorge: (...) eles são extremamente necessários para dar voz a nossa população, a gente até usou até pouquíssimo tempo, dar voz as minorias, mas como assim minorias? Nós somos a maioria. Então os movimentos agora são de maneira mais estruturada. Lugar de fala eles estão pautando uma série de termos que nós usávamos no cotidiano e que essa população que ainda não assume que é racista, diz que é mi mi mi, disse que hoje você não pode falar mais determinadas coisas, a questão é que nunca se pode falar! Nunca havia ter podido falar, então hoje os movimentos estão exatamente limando essas possibilidades né, eles estão dando fala cada vez maior pra gente. (...)

Michelle: sofreu racismo.

André: (...) olha, eu acho que seria, o mundo ideal se eles não existissem; mas eu sou a favor de qualquer, de você reagir contra aquilo que te oprime, contra aquilo que te faz mal. Eu nunca participei de um movimento desse sentido porque eu nunca, é como eu estou falando, eu nunca me senti menosprezado ou oprimido. Porém, eu já, eu tenho solidariedade com essas pessoas que estão no movimento. Não, talvez, eu não participei porque eu também não tive uma oportunidade, eu não fui atrás disso, entendeu, de levantar uma bandeira. Até porque eu tenho pessoas que eu gosto muito na minha vida e que são brancas. E eu não sei se, de certa forma, se eu me engajassem nesse, em um movimento assim, eu estaria segregando essas pessoas que são brancas e que são importantes na minha vida e que eu gosto muito. Eu não vejo um motivo para isso. Porém, eu acho que é válido sim. Se você se sentir oprimido, se você se sente prejudicado de alguma forma, você falar para você sentir-se melhor. (...)

Sandra e Conceição afirmam terem vivido racismo.

Sofia: (...) Só que eu também acho que muitas pessoas, até mesmo negras, gostam de se vitimizar. Hoje em dia, muitas pessoas, a maioria negros, nós não podemos falar nada, não podemos fazer nada, que já acham que é um ato racista. Não é bem assim. Existem atos racistas realmente e existem palavras que você usa no dia-a-dia que, hoje em dia, as pessoas fazem uma tempestade em um copo d'água. (...)

Sofia: (...) eu acho errado uma empresa ter uma certa porcentagem de negros para trabalhar. Isso para mim já é um ato racista em si. Por que o negro precisa de cota para ingressar em uma faculdade? Por causa do preconceito? (...)

Júlio: (...) eu tenho a preocupação também, não sei se eu posso chamar de preocupação, mas acho que um comprometimento com a questão do racismo, com a questão de igualdade. (...)

Paula: (...) então é... A questão da diferença, o que eu entendo da fala do Júlio que não é que nós nos preocupamos apenas com a questão racial, nós nos preocupamos com a questão do diferente, acho que como um todo, incluindo a questão racial. (...)

ANEXO 3 – ASL – CATEGORIA 3 – MOVIMENTOS SOCIAIS (Por Bruno Leme)

Resultados da ASL para a pergunta:

Se não, o que pensam sobre os relatos de racismo e os movimentos para combatê-los?

Categoria 3 – Movimentos Sociais

Tabela com os termos associados aos principais conceitos.

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
pessoas	7	3
ter	5	3
questão	7	2
nunca	5	2
hoje	4	2
movimento	4	2
fala	3	2
gente	3	2
mundo	3	2
racista	3	2
todo	3	2
sei	2	2
negros	4	1
desde	3	1
faculdade	3	1
mi	3	1
nada	3	1
preconceito	3	1
banca	2	1
contra	2	1
convidou	2	1
dar	2	1
gosto	2	1
juntos	2	1
minorias	2	1
movimentos	2	1
negra	2	1
oprimido	2	1
participei	2	1

população	2	1
porém	2	1
preocupamos	2	1
preocupação	2	1
racial	2	1
sentir	2	1
vida	2	1
voz	2	1
20	1	1
achava	1	1
agora	1	1
alguma	1	1
amiga	1	1
barbara	1	1
entendo	1	1
festa	1	1
igualdade	1	1
incluindo	1	1
minimamente	1	1
morávamos	1	1
novembro	1	1
parda	1	1
passamos	1	1
posicionamento	1	1
posso	1	1
precisava	1	1
puta	1	1
saibam	1	1
sempre	1	1
terapia	1	1
trabalho	1	1
viveu	1	1

APÊNDICE 6 - QUADRO D – CATEGORIA 4 – NOSSOS FILHOS E O RACISMO

4 – Com a chegada dos(as) filhos(as) vocês se preocuparam com o fato destes terem que enfrentar o racismo?

Ana: (...): Eu acho que não. Eu acho que eles me tirando de contexto não. Tanto é que quando saem com o pai, que é branco, ninguém pergunta se é filho dele. Pode sair. Ninguém questiona aquilo. Questionam quando eu estou junto. Então eu acho que o único aqui que eu sinto que vai sofrer a perseguição é o João. Sofre já. Ele já sofre. Ele já é um menino de 18 anos, ele já sofre. Mas esses três aqui eu acredito que não. A não ser que eu seja contextualizada na situação. Mas eles isoladamente não, que eles são crianças brancas.

Arthur: (...) “No momento em que nós resolvemos ter o filho, não, mas nos pós, no momento da separação, eu acho que foi uma situação bem clara de preocupação com ele, com relação à origem negra que ele tem, também.” (...)

(...)mas ele tem a pele bem clarinha, só que ele tem o meu rosto. O rosto, o nariz negro, os lábios, sabe? E o cabelo bem enroladinho. Se você deixar crescer, ele até cai, ele faz peso e cai, mas ele é bem enrolado, aqueles cachões bem grandes. E aí, começou: ah, corta o cabelo dele curtinho, não precisa deixar crescer, porque não vai ficar legal.” (...)

(...)ele precisa de informação, ele precisa ser preparado, sim, porque, em algum momento, ele vai sofrer com isso. É inevitável, dada a nossa sociedade. Então, eu quero que ele esteja preparado, eu quero estar ao lado dele se isso acontecer, se possível, porque eu, como adulto, vou saber como lidar. Ele, como criança, ainda é muito provável que não, vá se recuar. Então, tenho, sim, bastante preocupação com relação a ele ser atacado pelo preconceito. (...)

Bárbara:(...) comecei a descobrir o racismo com os meus filhos. (...) O problema quando tive os meus filhos, aí eu comecei a ver o racismo contra as crianças(...) quando ela começou a ter cinco anos ela começou a vir chorando para casa, porque as amigas delas eram brancas e tinham um cabelo liso e porque causa da cor, do jeito que ela era(...)

Bárbara (...)Sim, sempre foi, inclusive esse ano, de 2021, o Breno teve que mudar de escola, porque não tinha a partir do sexto ano, e comecei a procurar escolas. Eu procurei umas cinco escolas, em todas as escolas que eu fui, eu perguntava: "Você tem professores negros?" Alguns, a maioria, fazendo cara de espanto, "Não, mas o que tem haver?", "Não, eu quero saber se vocês têm professores negros." "Ah, você é alguma ativista?" (risos), "Não, só estou perguntando, uma pergunta normal, tem professores, quais professores negros têm aqui?" "Ah, tem um." "Ah, eu acho que sou negro.", mas é uma proporção, infelizmente não tem. (...)

Michelle: (...) Sim. Muito. Principalmente por conta de ter os cabelos cacheados e por ter uma avó extremamente preconceituosa, um vô. Toda essa preocupação por que o risco era dentro de casa, não é? Muito próximo, então... sempre tive esse receio de que a história não se repetisse né, então que ela se aceitasse da forma que ela é, se gostasse da forma que ela é, com os cabelos cacheados, com os traços fortes né. E não deixasse ninguém falar para ela que o cabelo dela era ruim. Essa preocupação aumentou. (...)

Jorge: (...)E quando a gente decidiu ser pais, a gente conversou sobre uma série de coisas. E como nós ajudaríamos a nossa filha a enfrentar quaisquer que fossem as adversidades. (...)

Laura: (...) Quando a Maristela comentou sobre você, perguntou se eu aceitaria e comentou sobre o que seria, eu percebi que eu não tinha parado para pensar nisso, sabia? Não é que não me preocupei. Como posso te dizer? Quando ela nasceu, ela era bem branca, a pele dela era igual a da minha mãe e seu cabelo era bem liso. Eu tinha certeza que ela nasceria negra,

então quando a olhei, até a enfermeira perguntou se eu não ia dar um beijo nela. Foi até engraçado. Mas eu estava reconhecendo-a primeiro, sabe? (...)

André: (...)olha, eu não me preocupo com o fato dela ter que enfrentar nenhuma dificuldade. Não só o racismo, mas dela, dela ser mulher, dela ter um pai negro, por quê? Eu penso que eu preciso passar para ela os meus valores. (...)

Sandra: Ah sim... eu me preocupo! minha filha mesmo na escola ela teve episódio de racismo com a professora dela tanto é que eu tive que ir na escola chamar atenção da professora. É ... meu filho também! É que nem eu te falei... no dia a dia a gente vai sofrer racismo. Entendeu?

Conceição: Assim, a gente se preocupa porque criança é criança sempre. Então criança não tem aquele entendimento, pra eles crianças são todas iguais. Não importa se é um branco, se é uma criança com uma certa deficiência para crianças são todas iguais. (...)

(...)Tenho sim né, porque você sabe... para pessoa negra tudo é mais difícil. Tudo é mais difícil para o negro. Tenho medo da profissão que ela escolher para ela e ela não ser aceita naquele meio não é, porque você sabe que é difícil um negro chegar mais adiante, ele pode ter capacidade, mas é mais barrado do que uma pessoa que tem a cor clara né... Então eu tenho medo disso na vida dela né. Quando ela chegar mais para frente no caminho dela. (...)

Sofia: (...) ou até mesmo quando o amiguinho perguntar porque a mãe é negra e ela é branca. (...)

Paula: Eu sinto, eu não saberia dizer muito bem, eu acredito que faz parte do racismo que é o seguinte, eu tenho um cabelo liso naturalmente, mas ela puxou a família do pai que tem um cabelo enrolado. (...)

Paula: (...) o cabelo é enrolado, às vezes não dá tempo de desembaraçar antes de ir para a escola, então ela já relatou: "eu não gosto do meu cabelo." Eu vejo que ela já está se dando conta dessa diferença perante as amigas principalmente, ou até quando alguém da minha família mesmo fala "porque o cabelo está desarrumado." Porque eu gosto do cabelo dela alto, cheio, na gravidez eu rezava para ela ter um cabelo assim, eu acho lindo. A minha família faz algum comentário: "o seu cabelo" eu já fico bem brava e já dou uns cortes neles, porque a minha preocupação é de que ela não crie uma aversão ao cabelo, porque eu entendo o cabelo cacheado, mais alto, traz essa conotação da cor, da raça negra. (...)eu não quero que a Brenda sinta isso como um desfavorecimento. (...)

Júlio: (...) eu não vou tão preocupado com a autoestima conforme a Paula comentou, por acreditar que tem um valor a formação do ser humano, quando tem uma visão de igualdade entre as pessoas sem discriminação, acho que isso forma boas pessoas. (...)

ANEXO 4 – ASL – CATEGORIA 4 – NOSSOS FILHOS E O RACISMO

(Por Bruno Leme)

Resultados da ASL para a pergunta:

Categoria 4 – Nossos Filhos

4. Com a chegada dos(as) filhos(as) vocês se preocuparam com o fato destes terem que enfrentar o racismo?

palavra	freq palavra	presente em qts respostas
ter	11	8
cabelo	15	5
cor	6	5
preocupação	6	4
negro	5	4
quero	5	4
ah	5	3
crianças	4	3
vou	4	3
acredito	3	3
mãe	3	3
pai	3	3
criança	5	2
né	5	2
gente	4	2
negros	4	2
aqui	3	2
comentou	3	2
deixar	3	2
enrolado	3	2
faz	3	2
filhos	3	2
ninguém	3	2
passar	3	2
pessoas	3	2
situação	3	2
sobre	3	2

todas	3	2
amigas	2	2
branca	2	2
enfrentar	2	2
preocupo	2	2
professores	4	1
comecei	3	1
difícil	3	1
escolas	3	1
família	3	1
momento	3	1
precisa	3	1
sofre	3	1
alto	2	1
amiguinho	2	1
ano	2	1
cabelos	2	1
cacheados	2	1
cai	2	1
cinco	2	1
crescer	2	1
explicar	2	1
gosto	2	1
perguntou	2	1
preparado	2	1
relação	2	1
rosto	2	1
situações	2	1
triste	2	1
têm	2	1
aceitaria	1	1
aceitasse	1	1
brancos	1	1
diferente	1	1

dificuldade	1	1
ensinar	1	1
fato	1	1
mulher	1	1
nasceram	1	1
nenhuma	1	1
perguntar	1	1
preocupei	1	1
primeiro	1	1
questão	1	1
quê	1	1
reconhecendo	1	1
sabia	1	1
valores	1	1
vô	1	1

APÊNDICE 7 – QUADRO E – CATEGORIA 5 - DESPERTAR RACIAL

5 – Vocês preparam os filhos para enfrentarem o racismo na escola, na rua, na sociedade?

Ana: (...)Meu pai e minha mãe nunca abordaram assunto de racismo ali. Ficou um pouco velado. Como eles não abordaram muito sobre sexo, um monte de coisa. E eu vejo uma dificuldade também minha de falar isso com eles. (...)

(...)Agora se eu for conversar, por exemplo, racismo. Com a Afra que tem seis anos, sobre racismo, eu não sei falar com ela. Não imagino como falar. Ela que me traz as coisas. Ela perguntou um dia para mim: "por que você é marrom?". Eu falei: "porque é a cor da minha pele". (...)

Arthur: (...)acho que sim, mas não como gostaria. (...)

(...)tem vezes que vai cair comigo, tem vezes que vai estar com ela, e aí não sei o que ela vai fazer do lado de lá, entendeu? (...)

(...), Mas é, exatamente, com relação à raiz dele que eu quero preservar, ele precisa ter isso da minha parte. Se ele vai querer, é outra coisa, mas eu quero estar presente, eu quero fazer tudo possível para que ele decida. (...)

Bárbara:(...) Ah, eu acho que nós somos muito despreparados na criação de nossas crianças, nossas negras(...)

Bárbara: (...)quando você vai no hospital, você não vê o médico que vem atender é uma moça loira, no fórum, juízes são pessoas brancas com o nome europeu, aí você fala: "Puxa vida.", eu tenho que convencer os meus filhos que eles podem ser o que eles quiserem, mas não é isso que vemos(...)

Michelle: (...) acho que desde a hora da nossa escolha pela escola. A gente escolheu uma escola que trabalhasse muito essa questão da diversidade, começou aí. A literatura que a gente traz para dentro de casa, a preocupação de bonecas negras, então a gente sempre preparou e hoje a gente fala abertamente sobre isso com ela. Ela tem essa consciência que existe o preconceito, o racismo, ela tem falas que são delas que é muito bonito ouvir, então significa que a gente está acertando. (...)

Laura: (...) durante a pandemia ela ficou em casa e quando voltou, neste ano, ela comentou que um menino falava do cabelo dela. Eu fiquei pensando como iria abordar esse assunto. Eu não sei se conseguimos nos preparar, eu penso que nós remediamos as situações conforme elas ocorrem. Como eu posso me preparar para caso isso aconteça? Se eu estiver em um dia péssimo, acho que nada do que eu, teoricamente, tenha me preparado, iria me ajudar, pois eu ficaria muito triste. Por outro lado, se eu estiver em um dia superconfiante, se alguém falar, eu com certeza daria uma resposta. Eu não sei se teria como me preparar ou prepará-la. Talvez eu teria que lidar caso acontecesse. (...)

André: (...)eu busco prepará-la, porém eu não sei se eu a preparo da forma correta. Eu sou muito, às vezes, de ensinar ação e reação. (...)

Sandra: Sim, sim todos os dias.

Sofia: (...)ainda não. Ainda não, mas a menina logo sai do fundamental. (...)

Júlio: Então... eu acho que desde o início nós fomos muito comprometidos com isso, desde antes do nascimento dela(...)

6- Se não, achariam importante ou não seria necessário?

Ana: (...)E eu não sei assim muito como conversar sobre isso aí. Ainda é uma coisa que eu estou aprendendo, mas que tem que abordar, principalmente o João, que é o que eu te falei. (...)Eu acho que conversar mesmo, representar. Igual para a criança, para as meninas, as bonecas, os desenhos, os filmes, você tem que ter representatividade até para você poder enxergar aquilo. Eu quando era criança eu brincava com Barbie. Agora tem as Barbie de tudo quanto é jeito. Tem Barbie gorda, Barbie negra, Barbie Simba, mas só tinha a Barbie loira do cabelo liso. Como é que eu vou querer estar com meu cabelo crespo? Nunca. Porque não tem representatividade. Agora não. Nós temos. E isso na escola tem que ser colocado com coisa lúdica mesmo. Não estou falando da idade dos menores não é... mas da idade do Akim, por exemplo, você já pode explicar o que é, como é que é o racismo, as coisas que acontecem, as situações que você identifica o racismo. Já dá para você explicar de uma forma mais pontual. (...)

Arthur: Existe preparo.

Barbara: Eu procuro fazer o que eu posso, incentivar a estudar, é o único meio que vocês têm, não tem outro, não sou rica, ninguém é rico, não temos herança, temos que trabalhar muito e estudar muito. E só vamos ter um trabalho legal se nós estudarmos muito mesmo.

Jorge e Michelle: Preparam

Laura: (...): Na verdade, eu não sei como fazer. (...)

Laura: (...)Sim, considero porque nós vivemos em país racista e é um tema doloroso. Acho importante e necessário, mas talvez eu tenha que me preparar. Eu fico atenta a isso. (...)

Laura: (...)hoje apesar de haver uma defesa legal, as pessoas não deixaram de ser racistas. Eu não quero julgar os meus pais como se eles tivessem sido omissos, mas eu acho que talvez se eles tivessem trabalhado isso comigo e com o meu irmão, acho que hoje seria até melhor para eu lidar. Você vê que eu estou conversando com você, mas eu não tenho respostas prontas. Quando a Maristela falou eu até pensei que seria importante até para mim, vai ajudar a Marília e vai me ajudar. (...)

Sandra e Conceição: Elas relatam que preparam.

Sofia: (...) pretendo prepará-la na hora que ela começar a sair daqui da quinta-série, porque ela já vai para uma escola maior, para os maiores, que entendem mais.(...)

Júlio e Paula: Casal já prepara.

Ana: Não prepara.

Arthur: (...) Chegando o dia 20 de novembro, que são coisas que nós sempre passamos juntos. Então, nós fazíamos uma puta festa quando nós morávamos juntos. (...)

(...)Tem amiguinhos dele que o papai e a mamãe são negros, tem os amiguinhos que o papai e a mamãe são brancos. Então, tudo isso, eu converso, nós conversamos, ela também, para tornar isso normal para ele. Eu acho que esse é o primeiro caminho. Dando informação, conforme a faixa etária (...)

(...) Nós visitamos várias escolas lá e nós decidimos por uma escola que não necessariamente tem o melhor método de ensino, mas tem um clima bom, é diversa. (...)

Bárbara: (...) sempre me coloquei a disposição da minha filha, que é uma menina meiga, que quando ela começou a ter cinco anos ela começou a vir chorando para casa, porque as amigas delas eram brancas e tinham um cabelo liso e porque causa da cor, do jeito que ela era e foi todo um trabalho de conversa. Converso com ela, que ela é negra como eu, que nós somos bonitos, que as pessoas são diferentes e tenho conversado com ela. Ela não relata nem 50 por cento das coisas que eu passava, graças a Deus.

Jorge: (...) nós não falamos exatamente muito de África mas eu comprei uma coleção mais ou menos de vinte livros para a Mariazinha. Na sequência até te mando o link de alguns deles tá. Mas assim tanto de desconstrução de alguns contos de fada, onde os protagonistas são negros. Tem um livro que o título é... "Cabelo ruim! Ruim é a sua alguma coisa, alguns livros da Kiusan, que a gente inclusive, teve condições de participar de uma palestra da Kiusan que a gente aprendeu muito! Então a Mariazinha tem uma série de livros, trinta, quarenta livros para a idade ela mas que falam do universo negro, falam um pouco de preconceito, falam para a aceitação e empoderamento. A gente trabalha muito isso. (...)

Jorge: " Michelle me questionou né, sexta feira eu acho, ela falou " Jorge eu estou um pouco preocupada de como a gente vai fazer a interlocução com a Mariazinha a respeito de algumas pautas ligadas ao feminismo" e eu disse para ela " não estou preocupado, você sabe porque Michelle?! porque a gente não conceituou o feminismo enquanto movimento engajado, só que, todas as nossas falas aqui dentro de casa e as falas que a Mariazinha já assimilou, e não simplesmente repete, ela assimilou e faz prática. São falas que endossam a questão da equidade, a questão da mulher enquanto lugar de fala, a questão da mulher empoderada, a questão de que não há coisas de menino e coisas de meninas, então no momento que nós apresentarmos o feminismo estruturado para a Mariazinha, vai ser somente uma conceituação formal, porque todas as nossas falas dentro de casa, falas e comportamentos eles já situam isso. E quando a gente também traz isso a respeito do racismo, a gente também não está muito preocupado com a etimologia, (...)

André: (...)vou te dar um exemplo, ao contrário da mãe dela, que é uma colega sua de profissão. Eu não acredito que temos que dar a outra face. Outro dia, ela chegou para mim e falou assim: "Pai, um menino me bateu na escola." Eu falei para ela, falei assim: filha, mas o que você fez para ele? "Não, não fiz nada, pai." Então tá. Se isso acontecer de novo, você vai falar com a professora; se a professora não der jeito, você vai olhar para esse menino e você vai chutar aqui. Não sei se é o certo, só sei que você vai dar um chute aqui. E vai falar para ele: Agora parou. (...)

Sandra: (...) falando para ele, como que é, como está a situação na rua. Como as pessoas tratam uma pessoa negra, que é diferente o tratamento. Você só é tratada bem se você for negra se você tiver dinheiro, e ainda assim também não é muito né...eu falo para ele... eu falo para ele, sempre respeitar as pessoas para ele não ser maltratado, não sofrer sabe? Minha mãe também prepara, minhas tias, a gente sempre está conversando com ele. (...)

Conceição: (...) Falo que eles não têm que ligar, lógico que eles vão ligar. Mas não devem ligar porque a cor dele, é a cor deles e perante Deus somos todos iguais. Não é para ligar para a questão do cabelo crespo. É aceitar a cor, e se vim! Não é para tratar com ofensa, conversa baixo que a pessoa vai entender você falando baixo não adianta ele gritar, falar baixo e é só falar para ela. "Eu sou um ser humano como vocês." Chegar em casa, falar para a gente o que aconteceu e a gente toma providência. (...)

Conceição: Eu acho assim, minha mensagem é esta, que não tem a cor negra, não tem a cor branca, perante Deus nós somos todos iguais, não importa se eu sou negra, se eu sou pobre, se eu sou rico... tem essa daí, a diferença que tem, é do dinheiro no bolso do outro e condição um pouco mais clara mais perante Deus nós somos todos iguais.

Sofia e André: Não preparam.

Paula: (...)Bonecas de todas as raças. (...) não encontramos oriental, mas tem a negra, a branca, preta do cabelo loiro, e todas são filhas, todas são minhas netas. (risadas) (...)

Júlio: (...) nós sempre nos preocupamos em oferecer essa diversidade (...) nós sempre nos preocupamos em oferecer conteúdo de entretenimento, de televisão, programas que pudessem de alguma forma trazer para ela uma mistura de cultura, uma noção inter-racial da nossa cultura. (...) livro nós já conseguimos ter uma gama melhor(...)ela gosta de leitura então nós trazemos e ela reflete, ela pergunta, ela já entende bem do que se trata o assunto. (...)

7 – Se sim, como vocês preparam?

Ana: Não prepara.

Arthur: (...) chegando o dia 20 de novembro, que são coisas que nós sempre passamos juntos. Então, nós fazíamos uma puta festa quando nós morávamos juntos. (...)Tem amiguinhos dele que o papai e a mamãe são negros, tem os amiguinhos que o papai e a mamãe são brancos. Então, tudo isso, eu converso, nós conversamos, ela também, para tornar isso normal para ele. Eu acho que esse é o primeiro caminho. Dando informação, conforme a faixa etária (...)nós visitamos várias escolas lá e nós decidimos por uma escola que não necessariamente tem o melhor método de ensino, mas tem um clima bom, é diversa. (...)

Bárbara: (...) sempre me coloquei a disposição da minha filha, que é uma menina meiga, que quando ela começou a ter cinco anos ela começou a vir chorando para casa, porque as amigas delas eram brancas e tinham um cabelo liso e porque causa da cor, do jeito que ela era e foi todo um trabalho de conversa. Converso com ela, que ela é negra como eu, que nós somos bonitos, que as pessoas são diferentes e tenho conversado com ela. Ela não relata nem 50 por cento das coisas que eu passava, graças a Deus.

Jorge: (...)nós não falamos exatamente muito de África mas eu comprei uma coleção mais ou menos de vinte livros para a Mariazinha. Na sequência até te mando o link de alguns deles tá. Mas assim tanto de desconstrução de alguns contos de fada, onde os protagonistas são negros. Tem um livro que o título é... “Cabelo ruim! Ruim é a sua alguma coisa, alguns livros da Kiusan, que a gente inclusive, teve condições de participar de uma palestra da Kiusan que a gente aprendeu muito! Então a Mariazinha tem uma série de livros, trinta, quarenta livros para a idade ela mas que falam do universo negro, falam um pouco de preconceito, falam para a aceitação e empoderamento. A gente trabalha muito isso. (...) Michelle me questionou né, sexta feira eu acho, ela falou “ Jorge eu estou um pouco preocupada de como a gente vai fazer a interlocução com a Mariazinha a respeito de algumas pautas ligadas ao feminismo” e eu disse para ela “ não estou preocupado, você sabe porque Michelle?! porque a gente não conceituou o feminismo enquanto movimento engajado, só que, todas as nossas falas aqui dentro de casa e as falas que a Mariazinha já assimilou, e não simplesmente repete, ela assimilou e faz prática. São falas que endossam a questão da equidade, a questão da mulher enquanto lugar de fala, a questão da mulher empoderada, a questão de que não há coisas de menino e coisas de meninas, então no momento que nós apresentarmos o feminismo estruturado para a Mariazinha, vai ser somente uma conceituação formal, porque todas as nossas falas dentro de casa, falas e comportamentos eles já situam isso. E quando a gente também traz isso a respeito do racismo, a gente também não está muito preocupado com a etimologia, (...)

Michelle: (...)Só complementando, isso que você falou do feminismo não é, eu fiquei pensando, ela tem um grito de guerra comigo que é assim “Mulheres unidas, jamais serão vencidas!” quando a gente quer convencer ele de alguma coisa.(...)

Laura: Não prepara

André: (...): Eu busco prepará-la, porém eu não sei se eu a preparo da forma correta. Eu sou muito, às vezes, de ensinar ação e reação. Vou te dar um exemplo, ao contrário da mãe dela, que é uma colega sua de profissão. Eu não acredito que temos que dar a outra face. Outro dia, ela chegou para mim e falou assim: "Pai, um menino me bateu na escola." Eu falei para ela, falei assim: filha, mas o que você fez para ele? "Não, não fiz nada, pai." Então tá. Se isso acontecer de novo, você vai falar com a professora; se a professora não der jeito, você vai olhar para esse menino e você vai chutar aqui. Não sei se é o certo, só sei que você vai dar um chute aqui. E vai falar para ele: Agora parou. (...)

Sandra: (...) falando para ele, como que é, como está a situação na rua. Como as pessoas tratam uma pessoa negra, que é diferente o tratamento. Você só é tratada bem se você for negra se você tiver dinheiro, e ainda assim também não é muito né...eu falo para ele... eu falo para ele, sempre respeitar as pessoas para ele não ser maltratado, não sofrer sabe? Minha mãe também prepara, minhas tias, a gente sempre está conversando com ele. (...)

Conceição: (...) Falo que eles não têm que ligar, lógico que eles vão ligar. Mas não devem ligar porque a cor dele, é a cor deles e perante Deus somos todos iguais. Não é para ligar para a questão do cabelo crespo. É aceitar a cor, e se vim! Não é para tratar com ofensa, conversa baixo que a pessoa vai entender você falando baixo não adianta ele gritar, falar baixo e é só falar para ela. "Eu sou um ser humano como vocês." Chegar em casa, falar para a gente o que aconteceu e a gente toma providência. (...) Eu acho assim, minha mensagem é esta, que não tem a cor negra, não tem a cor branca, perante Deus nós somos todos iguais, não importa se eu sou negra, se eu sou pobre, se eu sou rico... tem essa daí, a diferença que tem, é do dinheiro no bolso do outro e condição um pouco mais clara mais perante Deus nós somos todos iguais.

Sofia: Não prepara.

Rafael: Não prepara.

Paula: (...)Bonecas de todas as raças. (...) não encontramos oriental, mas tem a negra, a branca, preta do cabelo loiro, e todas são filhas, todas são minhas netas. (risadas) (...)

Júlio: (...) nós sempre nos preocupamos em oferecer essa diversidade (...) nós sempre nos preocupamos em oferecer conteúdo de entretenimento, de televisão, programas que pudessem de alguma forma trazer para ela uma mistura de cultura, uma noção inter-racial da nossa cultura. (...) livro nós já conseguimos ter uma gama melhor(...)ela gosta de leitura então nós trazemos e ela reflete, ela pergunta, ela já entende bem do que se trata o assunto. (...)

ANEXO 5 – ASL – CATEGORIA 5 – DESPERTAR RACIAL

(por Bruno Leme)

Resultados da ASL para a pergunta:
Categoria 5 – Despertar Racial

5 – Vocês preparam os filhos para enfrentarem o racismo na escola, na rua, na sociedade?

palavra	freq_palavra	presente em_qts_respostas
sei	5	4
casa	3	2
desde	3	2
entendeu	3	2
sobre	3	2
tudo	3	2
vezes	3	2
assunto	2	2
cabelo	2	2
coisa	2	2
fala	2	2
ficou	2	2
lá	2	2
lado	2	2
negra	2	2
negras	2	2
prepara	2	2
sabe	2	2
traz	2	2
gente	10	1
escola	3	1
preparar	3	1
quero	3	1
abordaram	2	1
ainda	2	1
caso	2	1
difícil	2	1
educação	2	1

encontramos	2	1
estar	2	1
fazer	2	1
iria	2	1
todas	2	1
acertando	1	1
ah	1	1
ação	1	1
busco	1	1
correta	1	1
dias	1	1
ensinar	1	1
fundamental	1	1
hospital	1	1
início	1	1
juízes	1	1
logo	1	1
loira	1	1
loiro	1	1
menina	1	1
moça	1	1
médico	1	1
nascimento	1	1
negro	1	1
netas	1	1
nome	1	1
né	1	1
oriental	1	1
pai	1	1
pele	1	1
perguntou	1	1
pessoas	1	1
porém	1	1
pouco	1	1
preparo	1	1
preta	1	1
puxa	1	1

querer	1	1
raiz	1	1
reação	1	1
relação	1	1
sai	1	1
seis	1	1
sexo	1	1
ter	1	1
todos	1	1
vejo	1	1
velado	1	1
vemos	1	1
vida	1	1

6- Se não, achariam importante ou não seria necessário?

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
prepara	7	4
sei	3	3
pessoas	6	2
hoje	3	2
talvez	3	2
escola	2	2
fazer	2	2
legal	2	2
maior	2	2
racista	2	2
barbie	6	1
boas	3	1
agora	2	1
ajudar	2	1
cabelo	2	1
coisa	2	1
conversar	2	1
criança	2	1
estudar	2	1

explicar	2	1
idade	2	1
importante	2	1
representatividade	2	1
vida	2	1
abordar	1	1
acontecem	1	1
acredito	1	1
ainda	1	1
akim	1	1
daqui	1	1
entendem	1	1
hora	1	1
la	1	1
maiores	1	1
ninguém	1	1
posso	1	1
prepará	1	1
pretendo	1	1
procuro	1	1
quinta	1	1
rica	1	1
rico	1	1
sair	1	1
série	1	1
tema	1	1
trabalhado	1	1
trabalhar	1	1
trabalho	1	1
têm	1	1
vejo	1	1
verdade	1	1
verdadeiro	1	1
vivemos	1	1
único	1	1

7 – Se sim, como vocês preparam?

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas
sempre	6	4
prepara	5	4
cabelo	4	4
negra	6	3
casa	4	3
coisas	4	3
gente	11	2
cor	6	2
questão	5	2
todas	5	2
deus	4	2
alguma	3	2
aqui	3	2
menino	3	2
pessoas	3	2
pouco	3	2
branca	2	2
converso	2	2
escola	2	2
filha	2	2
jeito	2	2
melhor	2	2
negros	2	2
ter	2	2
falas	5	1
mariazinha	5	1
feminismo	4	1
ligar	4	1
livros	4	1
baixo	3	1
dar	3	1
falo	3	1
iguais	3	1
perante	3	1

sei	3	1
todos	3	1
amiguinhos	2	1
cultura	2	1
falei	2	1
juntos	2	1
mamãe	2	1
oferecer	2	1
pai	2	1
papai	2	1
preocupamos	2	1
professora	2	1
20	1	1
50	1	1
aceitar	1	1
aceitação	1	1
acontecer	1	1
aconteceu	1	1
disposição	1	1
graças	1	1
liso	1	1
meiga	1	1
menina	1	1
passava	1	1
relata	1	1
todo	1	1
trabalho	1	1
trazemos	1	1
trazer	1	1
vir	1	1
visitamos	1	1
várias	1	1

APÊNDICE 8 – QUADRO F – CATEGORIA 6 - FAMÍLIAS

Famílias

Arthur: (...) Sim, sim. Na verdade, eu venho de uma família por parte de pai negra, meus avós. A minha avó, inclusive, com uma parte biológica indígena com negros. O meu avô de origem, realmente, africana, negra. Falo africana porque ele tem, realmente, o bisavô dele veio de lá. Então, é bem legal, é uma história bem bacana. Do lado da minha mãe, um pouco diferente. Nós falamos de um português, o meu avô, nascido lá, mas veio para cá muito menino, que se casou com uma negra. Então, a minha mãe já tem uma miscigenação um pouco maior, falando nesse sentido. Mas sempre falamos a respeito. Então, eu vou separar, porque acho que precisa da separação, porque você vai entender, a hora que eu te contar. Então, a família do meu pai, originariamente da Zona Norte a família do meu pai sempre teve atitude, sempre teve esse orgulho, sempre mostrou isso para quem quisesse ver. e, ele enraizou na Zona Norte de São Paulo. (...) Do lado da minha mãe, já é um pouco diferente, porque a família da minha mãe tem como religião as Testemunhas de Jeová. É um pouco, não, é muito diferente, já falando de comportamento, é muito diferente uma da outra. Nós estamos falando de muita alegria, expansividade, aqui do lado da família do meu pai, e nós estamos falando de uma família mais recatada, mais podada, com relação aos costumes, às ações, enfim. E aí, isso fez com que a minha mãe se afastasse um pouquinho deles. Porque somente a minha mãe e um outro irmão dela, eles eram em nove irmãos. Somente dois desses nove irmãos se afastaram desse ciclo dos TJ, vou chamar TJ, porque é como eles se chamam. (...)

Bárbara: (...) meus pais, talvez por falta de orientação, não sabiam lidar com aquilo. As pessoas riam da minha cor, da minha boca que era grande, o meu cabelo que era um problema e não entendia, então em casa, se eu comentasse com os meus pais: "Ah, não liga. Ah, quando é assim não liga, bobeira. Ah, não é para vir para casa chorando por causa disso." E foi passando, nós f(...) meus pais, talvez por falta de orientação, não sabiam lidar com aquilo. As pessoas riam da minha cor, da minha boca que era grande, o meu cabelo que era um problema e não entendia, então em casa, se eu comentasse com os meus pais: "Ah, não liga. Ah, quando é assim não liga, bobeira. Ah, não é para vir para casa chorando por causa disso." E foi passando, nós fomos nos adaptando, na adolescência, a mesma coisa. (...)

Fomos nos adaptando, na adolescência, a mesma coisa. (...)

Ana: Lógico que influencia. Os meus pais nunca trataram do assunto. Não tratam até hoje. Para eles, é igual o que nós... Tem uma irmã minha, a Dandara, que ela se sente muito branca. Ela é a mais clara assim, a mais perto de nós. E ela sente realmente uma mulher branca. Ela

alisa o cabelo. Ela se comporta... não é que se comporta assim, mas ela diminui. Tenho uma outra irmã, ela diminui um pouco a nós, porque ela se sente... ela é mais puxada ali para o lado da minha mãe. E o meu pai nunca tratou... eles nunca trataram essas questões explicitamente para nós e lógico que influenciou nossa vida. Influencia até hoje. Até porque eu tento abordar... agora que eu comecei a estudar. Faz menos de um ano que eu comecei a estudar sobre racismo, que eu me descobri negra, vamos dizer assim.

Michelle: Por parte do meu padrasto e acho que também por parte da minha mãe que não se reconhece como negra. Consequentemente pratica o racismo. Então assim, eu tenho um pai que é negro mas eu não o conheço, ela até se nega a falar o nome dele, ela não quer nenhum contato e nem me permite ter nenhum contato. Então assim, a minha mãe sempre falou muito do meu cabelo, que meu cabelo era ruim, que eu precisava cortar porque cabelo ruim tinha que ser curto, sempre falou dos meus lábios por serem grossos e meu pai falava, meu padrasto, eu chamo de pai mais ele é meu Padrasto mas como isso foi tão forte eu chamo ele de pai. Ele sempre falou que eu não era bonita. Então para mim tudo isso é um Racismo.

Jorge: Eu sou de família pobre e um dos mais claros da minha família, só que eu sou um dos que mais tem consciência negra, consciência racial, de classe e de todos esses . Então na periferia, de uma certa maneira, todos são blindados de uma consciência social que incute uma série de não acesso a todos: a pretos a não pretos, a brancos e não brancos então, nesse ambiente de periferia, eu não acredito que eu tenha sofrido racismo.

Laura: Eu não quero julgar os meus pais como se eles tivessem sido omissos, mas eu acho que talvez se eles tivessem trabalhado isso comigo e com o meu irmão, acho que hoje seria até melhor para eu lidar. Você vê que eu estou conversando com você, mas eu não tenho respostas prontas. Quando a Maristela falou eu até pensei que seria importante até para mim, vai ajudar a Marília e vai me ajudar. Acho que era uma coisa que eu não tinha parado para pensar de fato. Mas eu acho que seria importante se meus pais tivessem me falado sobre isso, sim.

André: Olha, eu sou filho de um pai nordestino e de uma mãe mineira. Uma família muito humilde, muito pobre e de pouca instrução. Toda essa, toda minha base de educação e a minha base de, como eu vou dizer, de autoestima mesmo com relação ao tema não foi adquirida em casa; porque, até pelos meus pais serem leigos, eles falavam muito pouco sobre esse assunto. Eu lembro-me que o meu pai, ele não gostava de brincadeiras do tipo, quando o chamávamos de baiano, porque ele era baiano, coisa do tipo. Ele não gostava muito e ele sempre podava. Com relação à cor, eu acho que na minha casa eu sou o de pele mais escura. Meu pai é um pouco mais claro.

Sandra: (...) Sim, uma vez foi eu, minha mãe e minhas tia, nós fomos numa loja, tanto é que a minha tia tá aqui também, nós fomos numa loja comprar sapato, só que assim. (...) eu falo para ele, sempre respeitar as pessoas para ele não ser maltratado, não sofrer sabe? Minha mãe também prepara, minhas tia, a gente sempre está conversando com ele.(...)

Conceição: Sem resposta

Sofia: Sem resposta

Paula: Mas acho que o trabalhar mesmo a questão racial, das diferenças, eu acho que é muito nós aprendemos como crianças, porque apesar da minha mãe falar isso, ela nunca, minha família não é preconceituosa, só pelo comportamento, pela aparência, não tinha, ela nunca me deu a ideia de fazer parte de alguma coisa e que outros não faziam, não aparecia na minha casa.

Júlio: Mas acho que o trabalhar mesmo a questão racial, das diferenças, eu acho que é muito nós aprendemos como crianças, porque apesar da minha mãe falar isso, ela nunca, minha família não é preconceituosa, só pelo comportamento, pela aparência, não tinha, ela nunca me deu a ideia de fazer parte de alguma coisa e que outros não faziam, não aparecia na minha casa. Acho que nem tanto pelo meu pai ser negro, acho que mais por uma questão da educação mesmo, mas de alguma coisa tinha uma

ANEXO 6 – ASL – CATEGORIA 6 – FAMÍLIAS

(Por Breno Leme)

Análise Semântica Latente

Categoria 6

Famílias

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas	
31	mãe	15	6
38	pai	15	5
13	coisa	7	5
58	sempre	14	4
20	família	13	4
39	pais	6	4
44	pouco	8	3
32	negra	7	3
12	casa	6	3
11	cabelo	5	3
61	sobre	4	3
35	nunca	8	2
19	falou	4	2
27	lado	4	2
8	assunto	3	2
50	realmente	3	2
51	relação	3	2
15	conversando	2	2
16	cor	2	2
18	disso	2	2

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas	
26	irmão	2	2
28	lidar	2	2
43	peessoas	2	2
63	talvez	2	2
17	diferente	4	1
5	ah	3	1
7	alguma	3	1
14	consciência	3	1
33	negros	3	1
37	padrasto	3	1
49	questão	3	1
59	sente	3	1
64	tia	3	1
66	todos	3	1
0	abordaram	2	1
6	ajudar	2	1
9	baiano	2	1
10	base	2	1
21	fazer	2	1
22	faziam	2	1
23	gostava	2	1
24	ideia	2	1
25	importante	2	1
29	liga	2	1
30	loja	2	1

palavra	freq_palavra	presente_em_qts_respostas	
34	nenhum	2	1
36	outros	2	1
42	periferia	2	1
45	preconceituosa	2	1
46	pretos	2	1
55	ruim	2	1
65	toda	2	1
68	trabalhar	2	1
1	acesso	1	1
2	acredito	1	1
3	adquirida	1	1
4	afastaram	1	1
40	pensar	1	1
41	pensei	1	1
47	prontas	1	1
48	quero	1	1
52	reposta	1	1
53	respeitar	1	1
54	respostas	1	1
56	sabe	1	1
57	sapato	1	1
60	sido	1	1
62	sofrer	1	1
67	trabalhado	1	1
69	tá	1	1

APÊNDICE 9 – ENTREVISTA ANA

Ana

35 anos.

Divorciada

Quatro filhos

João 18 anos, Akim 12 anos, Afra 6 anos e o Martin 3 anos.

Servidora pública.

Vamos lá para as perguntas? Podemos?

Ana: Podemos.

Marília Gabriela: Ok.

Ana: Estou curiosa.

Marília Gabriela: São perguntas tranquilas. É uma entrevista que nós chamamos de semiestruturada. Então eu tenho as perguntas aqui que me guiam e ao mesmo tempo podem surgir outras durante a nossa conversa. Está bem? O que é racismo para você, Ana?

Ana: Nossa. O quê? Eu vou falar da minha experiência pessoal do racismo. Muito do que as pessoas falam e como nós nos sentimos com isso. Poderia... do racismo como olham no dia a dia, como às vezes se referem a você ou te tratam simplesmente por causa da cor da sua pele. Eu acho que seria basicamente isso. Mas pergunta difícil. Já começou.

Marília Gabriela: Já começou difícil? Está certo.

Ana: Eu acho que sim.

Marília Gabriela: Você está se sentindo bem? Está tudo bem?

Ana: Estou. Estou sim.

Marília Gabriela: Por que você acha que foi uma pergunta difícil?

Ana: É que é difícil definir o racismo. Se nós vamos falar da sensação que dá ou de como nós nos sentimos é muito fácil. Mas você definir, tem na literatura, tem em livro, eu tenho até alguns, mas falar assim de pronto me pegou de surpresa.

Marília Gabriela: Ok. Você já sofreu racismo?

Ana: Eu sofro.

Marília Gabriela: O racismo se tornou o centro de discussões e diálogos.

Ana: É.

Marília Gabriela: Eu acho que desde os George Floyd, desde o ano passado. Você já sofreu racismo?

Ana: Eu sofro todo dia racismo. Não tem como. Eu trabalho aqui no... Eu te falei que eu sou servidora pública. Sou coordenadora de imunidade aqui do Ministério Público Federal e, basicamente, sempre as pessoas parece que não aceitam que você está naquele cargo. Às vezes eu estou andando com os meus filhos. O meu ex-marido é branco assim. A mãe dele era negra. Ele é quase um pardo, mas assim se você olha você vê um homem branco. Então sempre perguntam se eles são meus filhos, se são meus mesmos. Já ouvi se sou babá das crianças, quem que é minha chefe, como é que uma mulher negra vai estar ali naquele cargo de direção de uma unidade do Ministério Público Federal. Então basicamente sempre nós temos. Eu sofri várias desde criança até hoje. Hoje eu tenho outra visão. Eu já sei me defender, já sei responder mais firme. A questão do cabelo. Ontem também eu estava em uma... eu faço parte aqui da MPE da banca de heteroidentificação do Ministério Público Federal no Concurso de Estagiários. E nós estávamos discutindo sobre o cabelo, falando que usar o cabelo crespo também é uma forma de resistência. Só que as pessoas perguntam se eu lavo. Eu já ouvi isso. Se eu lavo o cabelo, se eu penteio o cabelo. Tipo assim, muito absurda. Mas enfim, você tem que responder. Eu falo: "mas é lógico. Eu me lavo. Eu sou uma pessoa limpa. Não tem porque não lavar. É um cabelo como qualquer outro". Não sei se dá impressão que vai ficar ali no meio na cabeça. Eu não sei o que passa pela cabeça da pessoa. E o pior é que eu ouvi isso de um negro também. Aí que nem

entende mesmo. Como que você penteia o seu cabelo? Que ele usa baixinho. Eu falei: "é lógico que eu uso, é lógico que eu penteio, é lógico que eu uso xampu, condicionador. Eu acho que eu cuido até mais do que algumas pessoas com o cabelo liso, porque precisa de um cuidado enorme". Mas eu sofro sim. Com certeza.

Marília Gabriela: Como é que você sente assim? O que você sente, Ana?

Ana: Antes eu me senti muito tempo diminuída. Muito tempo. Em várias questões na minha vida. Não só... A cor da pele para mim era um detalhe. Eu tinha o tempo todo outras questões. Tanto é que hoje eu faço tratamento psicológico. E a cor da pele foi uma coisa que eu achei no meio desse emaranhando, eu acho que quando eu comecei a fazer o tratamento, que tinha muitas outras questões envolvidas. Hoje eu me sinto muito empoderada quando eu falo porque eu tenho muito orgulho. Olha o meu cabelo. É meu cabelo sim. Gostou? Deixa-me pôr a mão. Quero pôr a mão para ver se é de verdade. Mas eu me sinto muito empoderada porque eu vejo que hoje eu inspiro outras pessoas. Uma vez eu fui aqui ao mercado. Faz pouco tempo que eu estou nessa cidade, eu moro aqui em (XXXXX), não faz nem um ano. E uma moça no mercado falou: "nossa, que cabelo bonito", porque ela estava com o cabelo todo preso, como eu andava há muito tempo para se esconder frisado com coque. E no dia estava solto. Que hoje eu tenho que arrumá-lo para trabalhar, para jogar um creminho. Tem que fazer todo aquele ritual. Ela: "nossa, que cabelo bonito". E aí eu comecei e falei: "obrigada". Falei até para ela o creme que eu tinha usado. Então assim, é representatividade. Quanto mais eu me coloco nesse local de empoderamento, se eu me sinto orgulhosa de ser quem eu sou eu me sinto mais firme para responder esse tipo de agressão mesmo. Às vezes até um pouco... como é que eu posso dizer? Inocente até. Eu não acho que ele perguntou se eu não penteava o meu cabelo por mal. Mas é que é uma pergunta óbvia. É lógico que eu vou acreditar. Não tem nem o que perguntar, mas eu não acho que foi de maldade aquele dia. Mas hoje eu já consigo responder. Hoje eu não me sinto mais mal. Já me senti muito mal. Mas hoje em dia não. Não tive nenhuma dessas passagens assim que eu me senti diminuída como eu já me sentir outras vezes.

Marília Gabriela: Ana. Você falou que você sofre, sente com o racismo que você sofre. Hoje menos, mas no sentimento porque você de certa forma tem aí uma... se sente empoderada. Mas antes isso parece que te atravessava, mas você não se dava conta e você foi para a terapia, para um tratamento para olhar algumas questões e você acabou se deparando com o impacto do racismo também na maneira que você sentia as suas questões emocionais. É isso? Mais ou menos assim?

Ana: Exatamente.

Marília Gabriela: E como o processo foi importante nisso? O que você viveu ou vive no processo de terapia que te ajudou? E o que você acha que fez a diferença?

Ana: Porque as coisas ficaram mais claras. A questão fica mais clara. Você começa a entender o porquê, que nós começamos a arrumar um monte de desculpa. Eu fui para o tratamento psicológico inicialmente porque eu tinha casado com o pai dos meus filhos. Fiquei desde os meus 15 anos com ele. Eu o descobri um alcoólatra. E na época eu o tinha internado. E procurei ajuda porque eu não queria mais voltar para aquele mundo. Só que eu não sabia exatamente como sair. Aí quando eu fui me deparando com a situação eu vi quanto a questão da cor da minha pele também estava envolvida, não por... Mas o casamento. Eu não me senti... a minha autoestima lá embaixo, achar que eu tinha que ficar aquele relacionamento que eu já estava fadada àquilo. Porque é assim. Eu achava que era o quê? Por causa dos meus filhos. Aí eu já tive filho com ele, eu vou ter que morrer. Acabou. Até eu entender que eu também estava me colocando meio que para baixo mesmo porque eu não tinha nem coragem de achar que eu podia conhecer outra pessoa ou viver outro relacionamento. E estava muito também misturado a isso com a cor da minha pele, que eu me sentia muito feia. Às vezes até hoje eu olho assim, eu falo:

“uh”. Eu vivo querendo emagrecer. O cabelo eu vivia com ele preso também. Com o coque, amarrado, quando eu era criança com trança. Agora que eu consegui começar a soltar, começar a fazer penteado, a deixar solto mesmo sem me preocupar se ele está alto, se ele está baixo porque ele é assim. Aceitação. Mas quando eu vi que eu estava também me fechando para o mundo também porque eu me achava feia, também por causa da cor da minha pele, aí que eu comecei a perceber e comecei a estudar mais sobre o assunto, comecei a me libertar disso. É um processo. Hoje eu me sinto melhor. Muito melhor. Mas não estou 100%. Acho que isso é um processo para o resto da vida. Não tem como ficar curada nessa sociedade que aponta o dedo para nós o tempo todo.

Marília Gabriela: Você tem aí os seus filhos, os seus quatro filhos.

Ana: Os três. Tem um que não está. O mais velho não está. O mais velho eu o tive com 16 anos. Eu tenho 35 e ele tem 18. E quem criou foi minha mãe basicamente. E ele não sai de lá. E ele tem outras questões também assim de autoestima também. O João, dos quatro é o mais negro. Então ele se sente... ele está em tratamento psicológico também e psiquiátrico. Ele tem até depressão. Ele toma remédio. Além de tudo ele se sente feio, com o cabelo feio. O meu pai sempre fala para ele cortar o cabelo, que não pode deixar alto. Sabe? Então assim, tem essa questão do racismo. E o meu pai é negro, minha mãe é branca. Só que o meu pai é um negro um pouquinho às vezes racista. Sabe? “Não pode. Que coisa feia”. E ele se sente muito diminuído. Eu o trouxe para cá, ele ficou um tempo, só que ele quis voltar para lá e acabou voltando assim. Não foi uma coisa muito tranquila assim. Foi um bom tempo, mas ele voltou. Aí os três estão aqui comigo.

Marília Gabriela: E aproveitando que você falou do seu pai e da sua mãe, quer dizer, você vem de uma família de pais... um casamento interracial. Como foi que os seus pais lidaram com esses aspectos?

Ana: Não lidaram.

Marília Gabriela: Isso de alguma forma influenciou ou você acha que influencia o modo como você foi educada ou criada?

Ana: Lógico que influencia. Os meus pais nunca trataram do assunto. Não tratam até hoje. Para eles, é igual o que nós... Tem uma irmã minha, a Dandara, que ela se sente muito branca. Ela é a mais clara assim, a mais perto de nós. E ela sente realmente uma mulher branca. Ela alisa o cabelo. Ela se comporta... não é que se comporta assim, mas ela diminui. Tenho uma outra irmã, ela diminui um pouco a nós, porque ela se sente... ela é mais puxada ali para o lado da minha mãe. E o meu pai nunca tratou... eles nunca trataram essas questões explicitamente para nós e lógico que influenciou nossa vida. Influencia até hoje. Até porque eu tento abordar... agora que eu comecei a estudar. Faz menos de um ano que eu comecei a estudar sobre racismo, que eu me descobri negra, vamos dizer assim. Tem até um livro que nós nos descobrimos e nos assumimos. E para conversar isso com os meus filhos porque eles perguntam.

Marília Gabriela: E você se aprofundou disso na sua terapia?

Ana: Eu comecei na terapia, aí coincidiu de ter uma colega no trabalho que me convidou para essa banca de heteroidentificação e eu fui obrigada a entrar nos cursos. Porque é assim a banca precisava de gente negra. Você deve imaginar que no MPS não tem. Ainda bem que tinha eu ali como servidora. Porque temos aonde? Temos ali na área da limpeza, temos na segurança. Tem de sobra. Mas servidor mesmo tem poucos. Eu acho que deve ter naquele prédio da São Paulo, que eu trabalhava em São Paulo, deve ter uns oito, dez no máximo. Então é uma representatividade muito baixa mesmo. E ela me convidou para fazer, que eu sou amiga dela e ela também se descobriu negra, porque ela é uma moça parda que achava que era branca também, se comportava como uma. Eu até brinco com ela que quando eu entrei no MPF, ela é assistente social de lá. Ela tinha um cabelo todo alisado, toda bonita. E na época eu estava grávida estava bem gordinha. Eu ainda me escondia nisso. E ela achou que eu era da limpeza e

perguntou o que eu estava fazendo ali no RH. Eu falei: "não. Eu vim tomar posse. Eu passei no concurso". E ela falou: "ah. É?". E engraçado que ela viu uma pessoa negra e eu vi uma mulher negra falando comigo. Só que ela não se enxergava assim. Então é todo um processo. Hoje ela está deixando o cabelo ficar natural. Ela também está passando por um processo. Mas eu comecei a estudar depois da terapia e depois dessa banca aí, que aí eu tive que mergulhar estou fazendo o curso, lendo bibliografia. Mas é muita... eu falo muito da minha vivência, que é a minha única experiência sobre racismo, sobre essas coisas.

Marília Gabriela: Você disse e eu acabei te cortando, mas eu não perdi o raciocínio. Você disse que você estava mergulhando nos estudos, até pensando nos seus filhos. E aí eu acabei indo para uma direção. Eu queria que você seguisse contando um pouco o que vocêalaria?

Ana: Meu pai e minha mãe nunca abordaram assunto de racismo ali. Ficou um pouco velado. Como eles não abordaram muito sobre sexo, um monte de coisa. E eu vejo uma dificuldade também minha de falar isso com eles. O mais velho eu até conversei, só que a minha relação com ele foi quase de irmão, porque por mais que eu estava ali dentro de casa, o meu pai e a minha mãe tomaram muito à frente, como tomam até hoje. Então quando ele esteve aqui, que eu fiquei um tempo com ele, eu conversei abertamente sobre sexo, sobre racismo. Já tinha perguntado se ele tinha sido parado pela polícia. Ele me falou que já tinha usado até drogas. Sabe? Então assim, foi muito fácil falar com ele. Agora se eu for conversar, por exemplo, racismo, com a Afra que tem seis anos, sobre racismo, eu não sei falar com ela. Não imagino como falar. Ela que me traz as coisas. Ela perguntou um dia para mim: "por que você é marrom?". Eu falei: "porque é a cor da minha pele". É engraçado. Ela é parda assim, tem uma pele bem mais clara que a minha e o cabelo é cacheado, puxou o do pai. Então ele nasce todo liso e fica cacheado. Ela: "por que o meu cabelo não é igual o seu?". Aí eu falei: "porque você nasceu assim. Porque o seu pai tem um cabelo um pouco mais liso, misturou com o da mamãe e ficou assim", "eu não gosto do meu cabelo. Queria que meu cabelo fosse igual o seu", "mas não é, nem vai ficar". "por que o Akim é branquinho?". Porque o Akim é mais branco. O Akim e o Martin, os meninos, o pequenininho também. Eles puxaram mais para o lado do pai. Então o avô deles é loiro, do olho claro. Então assim, puxou a genética para lá. E eu não sei assim muito como conversar sobre isso aí. Ainda é uma coisa que eu estou aprendendo, mas que tem que abordar, principalmente o João, que é o que eu te falei. Ele já usou drogas, pode ser parado pela polícia uma hora. Um dia ele me falou, me relatou uma situação muito chata que ele entrou na... como é que chama aquela loja chique de equipamento eletrônico? Não é Fnac. Que tem no shopping lá no Bourbon lá em São Paulo. São aquelas lojas que... E ele falou: "mãe, eu entrei para ver um computador, que eu queria ver um computador que era lançamento. Os caras ficaram ali andando do meu lado. Pediram para eu sair da loja". E ele não sabia como reagir. E ele saiu. E pediram para ele até sair de lá. Aí eu falei: "João. Quando for assim você fala: 'Não. Eu só estou olhando'". Ele falou: "não. Eu me senti mal porque o cara colou assim e falou: sai. Sai daqui". Aí racismo assim escancarado. E ele não sabia por que ele não tinha nenhum preparo. Então ele não sabia como se posicionar naquele momento. Que se fosse eu, eu ia falar assim: "algum problema? Eu estou olhando. O senhor pode dar licença?". E se aquilo progredisse nós progredíamos juntos, porque eu sei que hoje é crime, eu sei me posicionar. Mas ele não, porque ele também não foi preparado para isso. Então eu fico preocupada com essa questão.

Marília Gabriela: Você se tivesse, ele foi criado por seus pais, se você tivesse que voltar no tempo com a cabeça que você tem hoje, com aquilo que você compreende, você teria feito algo em relação a isso? Você teria ideias de como fazer para prepará-lo?

Ana: Teria. Como eu vou fazer com esses. Não sei como eu vou falar teoricamente sobre: "olha. Se alguém falar um tipo de coisa dessa para você, se tiver te perseguindo em uma loja, por exemplo, ou perguntar o que você está fazendo ali, ou perguntar até em relação a mim: "essa é sua mãe?". Já ouvi isso dentro de hospital. Uma vez eu levei acho que foi a Afra no Samaritano,

foi a Afra ou o, Martin não lembro, que a médica falou assim: "quem que é o responsável pela criança?". E eu falei assim: "Olha, independente de quem está trazendo, a senhora tem que examinar essa criança. Não é perguntar onde está a mãe". Eu falei: "a mãe está aqui. Sou eu". Mas independente. Eu falei para ela. Disse assim: "e se a mãe não pudesse estar aqui? É uma emergência. Sabe? Eu estou com documento. Independente. Você está...". E pedi para trocar de médico aquele dia, porque eu não engoli aquilo. Não deu. Mas notadamente assim: "o que você está fazendo aqui dentro né?!" Aqui Não é seu lugar". Praticamente isso. Então é complicado. Eu preciso conversar com eles. Porque é assim, uma coisa que eu ia falar para os meus pais. O meu pai sempre fez uma questão de dar uma educação melhor, de pagar colégio particular, então nós sempre fomos a minoria naqueles espaços. E vai acontecer com eles também porque eu sou a mãe, eu sou negra e eles são mais claros e eu vou levar para escola e vão perguntar: "essa é a sua mãe?". Como perguntam: "essa é a mamãe?". A Afra estudava em uma escolinha. É que ela era bebezinha e não sabia. Um berçário aí em São Paulo na Frei Caneca, que o primeiro dia perguntaram para a criança: "é a mamãe?". Eu olhei assim e falei: "lógico. Vai perguntar para ela? Não tem nem sentido porque diminui tanto. Mesmo se eu fosse a babá. Se eu estou ali procurando, se eu estou ali falando, não tem que ficar discutindo. O máximo que podia era perguntar lá para o dono da escola, não sei... entrar e perguntar. Mas não para a criança. Aí te diminui desse tamanho porque a palavra de uma criança é mais poderosa até que de um adulto. Não tem nem sentido. Mas acontece. Isso eu vou ter que conversar com eles. Que não é normal, mas vai acontecer.

Marília Gabriela: Sim...

Ana: Vai acontecer e nós vamos ter que saber lidar com isso e rebater. Não abaixar a cabeça. Não brigar. Não é no sentido assim de brigar. Mas se posicionar, porque senão vai se diminuindo, vai se diminuindo e quando vê não consegue fazer mais nada.

Marília Gabriela: Você falou que eles com relação a você nesta relação, é como se ali você pudesse compreender o racismo presente e você precisa prepará-los. Você acha que eles passarão pelo racismo diretamente, mesmo tendo a pele mais clara?

Ana: Eu acho que não. Eu acho que eles me tirando de contexto não. Tanto é que quando saem com o pai, que é branco, ninguém pergunta se é filho dele. Pode sair. Ninguém questiona aquilo. Questionam quando eu estou junto. Então eu acho que o único aqui que eu sinto que vai sofrer a perseguição é o João. Sofre já. Ele já sofre. Ele já é um menino de 18 anos, ele já sofre. Mas esses três aqui eu acredito que não. A não ser que eu seja contextualizada na situação. Mas eles isoladamente não, que eles são crianças brancas. A Afra de cabelo cacheado, o Martin de cabelo liso. Até o pessoal brinca que o Martin, o menorzinho, parece que é filho de português, porque ele é bem branquinho. Perto de mim parece que eu adotei. Inclusive quando ele nasceu, isso dentro da família, não foi no hospital, não foi com as enfermeiras, os meus pais falaram: "nossa. Mas é seu mesmo? Não trocaram?", "não. Não trocaram". Aí eu até brincava: "se trocar, eu não quero ir mais destruir. Agora esse filho aqui é meu". Mas perguntaram, porque ele é bem fora assim da cor da minha pele. Os três eu acho que não. Acho não. Eles não vão passar.

Marília Gabriela: E isso te deixa tranquila ou também te faz pensar que você precisa prepará-los? Talvez não para o enfrentamento?

Ana: Infelizmente, me deixa tranquila. É triste eu falar isso, mas eu acho até um alívio, porque é um negócio muito triste passar por isso. É lógico que eu não quero que eles ouçam o que eu já ouvi, mas de qualquer jeito, em várias situações da vida dele, eu vou estar ali na situação e eles vão ter que se explicar. Então eles precisam se preparar. Não se explicar, mas deixar bem claro para as pessoas: "não. É minha mãe sim. Por que não?". E eu vou ter que prepará-los. Mas eu fico aliviada deles não precisarem passar por situações tão chatas só porque a cor da pele tem mais melanina do que de outra pessoa. Muito complicado isso.

Marília Gabriela: Você acha que as famílias que têm os filhos então com a pele mais clara, vindo de uma relação interracial como você, elas também precisam preparar os filhos para o

racismo na sociedade? Então é isso?

Ana: Lógico. Com certeza.

Marília Gabriela: Mesmo tendo uma pele clara, um estereótipo da branquitude, vamos dizer assim, você acha que eles precisam ser preparados e ter um entendimento sobre as relações sociais e o racismo?

Ana: Com certeza. Com certeza. Isso todo mundo tem que ter. Bem. Isso devia ser ensinado na escola. Não é? Tem que falar porque não pode só porque aquilo não existe. Lógico que existe. Você tem que respeitar. Então precisa sim.

Marília Gabriela: Ana. Como você acha que tem que ser esse preparo?

Ana: Eu acho que conversar mesmo, representar. Igual para a criança, para as meninas, as bonecas, os desenhos, os filmes, você tem que ter representatividade até para você poder enxergar aquilo. Eu quando era criança eu brincava com Barbie. Agora tem as Barbie de tudo quanto é jeito. Tem Barbie gorda, Barbie negra, Barbie Simba, mas só tinha a Barbie loira do cabelo liso. Como é que eu vou querer estar com meu cabelo crespo? Nunca. Porque não tem representatividade. Agora não. Nós temos. E isso na escola tem que ser colocado com coisa lúdica mesmo. Não estou falando da idade dos menores não é... mas da idade do Akim, por exemplo, você já pode explicar o que é, como é que é o racismo, as coisas que acontecem, as situações que você identifica o racismo. Já dá para você explicar de uma forma mais pontual. Mas com criança mais na parte assim de você ver que ela... Vamos falar de brinquedo, por exemplo, que existe. Existe a bonequinha loira, a bonequinha negra, a bonequinha ruiva, a bonequinha sem perna, a cadeirante, existe tudo e assim todas fazem parte do mesmo meio.

Marília Gabriela: Então você compreende que na escola e também a família tem que ter um movimento diferente?

Ana: Tem. Tem que falar. Tem que normalizar. Tem que ser falado. Não esconder. E não apresentar aquilo só como bonito. Um dia até a Afra estava vendo, eu estava vendo com ela aquela TV Globinho, que é lá que eles gostam de assistir, e nós vemos assim muito nos programas agora tem. Tem um menino negro, a menina que está usando o cabelo afro, tem a menina loira, tem a menina do cabelo liso. Então assim, você consegue ver todo mundo. E quando ela olha assim a volta dela, aquilo não fica tão estranho. Então tem que ser debatido e eu acho que é representatividade mesmo. Não tem jeito. Quando você vê no outro você consegue se enxergar. Aí fica normal, vamos dizer assim.

Marília Gabriela: Ana. Você gostaria de dizer alguma coisa, algo que eu não perguntei que você acha importante de apontar para essa pesquisa? Ou algo que você queira dizer?

Ana: Não sei. Eu falei tanto. Não sei. Tem mais alguma pergunta?

Marília Gabriela: Não.

Ana: Acabou? Eu acho que não. Eu acho que era isso.

Marília Gabriela: Ok. Ok. Obrigada viu?

Ana: Foi rápido.

Marília Gabriela: Foi rápido. Eu vou parar a gravação. Está bom?

Ana: Está bom.

APÊNDICE 10 – ENTREVISTA ANDRÉ

André.

43 anos.

Divorciado (Ex- marido de Laura da Entrevista 1)

Filha de 5 anos: Maria

Profissão: Supervisor de Recursos Humanos

Marília Gabriela: Vamos começar a entrevista? André, o que é racismo para você?

André: Olha, eu penso que racismo é qualquer atitude antissocial. Que há como pauta principal, como objeto principal o seu gênero, o seu sexo, sua cor ou que a outra parte ofensora entenda que você não é de uma classe que ela considera como maioria ou como correta ou como dominante.

Marília Gabriela: Uhum. Ok. Nós sabemos que o racismo, ele tornou-se presente, desde o ano passado, com as pautas desde George Floyd. Nós vemos uma comoção mundial, André. Você já chegou a sofrer racismo?

André: Travou um pouquinho.

Marília Gabriela: É? Eu volto a perguntar, não tem problema algum.

André: Não, não, eu posso falar. Se eu já sofri racismo?

Marília Gabriela: Sim.

André: Eu já sofri racismo, mas eu nunca sofri com o racismo, vamos dizer. Já sofri racismo, sim. Inclusive, aquele racismo velado que, às vezes, recebemos como brincadeira. Eu costumo falar que eu já sofri racismo, mas não com o racismo. Nada que chegasse a afetar o meu psicológico. Até porque eu me considero uma pessoa preparada, de uma autoestima muito boa com relação a esse tema.

Marília Gabriela: Você falou uma coisa que eu quero voltar um pouquinho. Você disse: "Eu já sofri racismo, mas eu não sofri com o racismo." E que você, então, se sente com a autoestima preparada para isso. Conta um pouquinho melhor. Como foi, esse preparo vem de onde? Como você construiu isso?

André: Olha, eu sou filho de um pai nordestino e de uma mãe mineira. Uma família muito humilde, muito pobre e de pouca instrução. Toda essa, toda minha base de educação e a minha base de, como eu vou dizer, de autoestima mesmo com relação ao tema não foi adquirida em casa; porque, até pelos meus pais serem leigos, eles falavam muito pouco sobre esse assunto. Eu lembro-me que o meu pai, ele não gostava de brincadeiras do tipo, quando o chamávamos de baiano, porque ele era baiano, coisa do tipo. Ele não gostava muito e ele sempre podava. Com relação à cor, eu acho que na minha casa eu sou o de pele mais escura. Meu pai é um pouco mais claro.

Marília Gabriela: A sua família, seus pais, os seus pais são da mesma raça ou não?

André: Sim. O meu pai ele é, como eu vou dizer, ele é, ele não é negro, mas ele também não é branco. É aquela cor bonita do nordestino, vamos dizer.

Marília Gabriela: Certo.

André: Claro que todas as cores são bonitas. Mas aquela cor que é indefinida.

Marília Gabriela: Mas os seus avós, pais, pais dele...

André: A minha avó, a minha avó era branca e o meu avô era negro.

Marília Gabriela: Certo. Está Certo. E a sua mãe?

André: A minha mãe era uma mistura. Enquanto eu falo que a minha avó, a minha avó, que estou falando é por parte de mãe; então a minha mãe era uma mistura dos dois. Mas eu digo, ela tendia mais, mais negra, de raça negra; mas se você estiver falando só de cor da pele, ela não era branca, ela era tipo o seu tom de pele mais ou menos. Eu acho que eu sou mais, eu sou mais escuro que você. Ela era assim.

Marilia Gabriela: Ahãh. Deixa-me entender. Então tanto do lado do seu pai como da sua mãe, é uma família que chamamos interracial?

André: Exato. Eu creio que, eu falo até pela questão do... eu vou falar da minha avó materna primeiro; minha avó materna é uma pessoa de pele mais clara e um cabelo liso; a minha avó paterna, ela é de pele mais escura, tipo a minha cor da pele e o cabelo também né...não tinha como o nosso ... vamos dizer o cabelo dela era liso, eu não sei se era uma mistura de índio. Eles falam assim... ser uma mistura de índio com outra raça, com branco, enfim.

Marilia Gabriela: Certo. Está certo. E você não sofreu com o racismo. Você disse que não veio isso de casa. Onde foi que você, talvez, foi fortalecendo a sua autoestima? Por que você acha que já sofreu racismo, mas não sofreu com o racismo?

André: Eu falo que eu já sofri racismo porque eu já ouvi muitas brincadeiras, muitas piadas, até de amigos mesmo. Eu sempre consegui responder à altura e seguir. Então, às vezes em que isso aconteceu foram ações que houve uma resposta; ou talvez eu não tivesse me sufocado com isso.

Marilia Gabriela: Você tem algum exemplo?

André: Oi?

Marilia Gabriela: Você tem algum exemplo? Vem alguma coisa para você de exemplo?

André: Olha, eu lembro-me que eu tinha alguns apelidos preconceituosos, por exemplo, caramelo, esse tipo de coisa. Eles chamavam de caramelo. Tinha um amigo que me chamava que me chamava de caramelo; outro me chamava de mico-preto. E quando eu não...isso quando eu era garoto. (risos)

Marilia Gabriela: Mico, mico-preto?

André: É. Eu acho que era por causa de uma novela que existia e tal. Hoje, eu olho para isso e eu dou risada. Porque o que acontece? Na época, quando isso acontecia, eu sempre fui muito debochado também; ou eu colocava um apelido, ou quando eu não estava a fim de brincar, eu ia lá e descia a mão, entendeu? E depois acabava e ficava tudo certo.

Marilia Gabriela: Resolvía o problema?

André: Isso. Mas não, mas, eu não, eu nunca quis ter pele clara. Eu sempre adorei a minha cor, o meu cabelo, gostaria de ter mais, mas não tenho. A minha boca, o meu nariz chato. Eu me acho bonito do jeito que eu sou; então eu, ah, eu não sei; eu acho que eu nunca tive problemas comigo de me sentir mal por uma atitude preconceituosa, mas no seguinte de sentir mal, não que eu gostasse das brincadeiras ou que achasse que elas não mereciam retorno ou uma relevância; eu não empregava minha energia naquilo de forma, de deixar-me afetar ou sentir-me menosprezado, ou sentir-me diminuído. Agora, é como eu falei, eu acho que isso não é uma coisa de casa. Saí de casa muito cedo. Eu acho que eu aprendi com outras dificuldades, que a cor da pele não é o maior problema, não. Na verdade, não é nem um problema. Temos dificuldades maiores.

Marilia Gabriela: O que você acha, André, desses movimentos negros, dos relatos sobre o racismo, o que você pensa?

André: Olha, eu acho que seria, o mundo ideal se eles não existissem; mas eu sou a favor de qualquer, de você reagir contra aquilo que te oprime, contra aquilo que te faz mal. Eu nunca participei de um movimento desse sentido porque eu nunca, é como eu estou falando, eu nunca me senti menosprezado ou oprimido. Porém, eu já, eu tenho solidariedade com essas pessoas que estão no movimento. Não, talvez, eu não participei porque eu também não tive uma oportunidade, eu não fui atrás disso, entendeu, de levantar uma bandeira. Até porque eu tenho pessoas que eu gosto muito na minha vida e que são brancas. E eu não sei se, de certa forma, se eu me engajassem nesse, em um movimento assim, eu estaria segregando essas pessoas que são brancas e que são importantes na minha vida e que eu gosto muito. Eu não vejo um motivo para isso. Porém, eu acho que é válido sim. Se você se sentir oprimido, se você se sente prejudicado de alguma forma, você falar para você sentir-se melhor.

Marilia Gabriela: Uhum. Com a chegada da sua filha, da Maria. Você preocupa-se com o fato dela ter que enfrentar o racismo, isso te preocupa?

André: Olha, eu não me preocupo com o fato dela ter que enfrentar nenhuma dificuldade. Não só o racismo, mas dela, dela ser mulher, dela ter um pai negro, por quê? Eu penso que eu preciso passar para ela os meus valores. E o que eu pretendo passar para ela de valores é que ela tem escolhas para fazer, ela pode escolher, ela não precisa ser escolhida. Ela pode fazer escolhas. O que eu penso é passar um valor, passar um valor para ela, que a força dela, os valores dela não estão na cor da pele dela ou do cabelo dela. Eu acho que os valores dela estão no coração e na honestidade. É o que eu tento, é o que eu tenho de forte comigo. É um valor que eu tento passar para ela. Eu preocupo-me com ela passar uma dificuldade? Eu me preocuparia se eu soubesse, se eu tivesse a dúvida que ela fosse passar ou não, mas eu sei que ela vai enfrentar isso. Eu acho que eu não posso me preocupar no seguinte sentido de sofrer ou de deixa-la apreensiva ou de passar energia negativa para ela. Eu me preocupo no ponto de prepará-la para quando essa hora chegar, porque vai chegar em algum momento; seja porque ela é mulher, seja porque ela é negra, enfim, ela vai ter que enfrentar algum tipo de preconceito; seja no mercado de trabalho, seja quando ela encontrar um, quando ela tiver um relacionamento, isso pode acontecer, então não me preocupa ela ter que passar, porque eu sei que ela vai passar. O que me preocupa é criar caminhos para ela poder escolher e sentir-se fortalecida com isso.

André: Uhum. André, você prepara a sua filha para enfrentar o racismo na escola, na rua, na sociedade?

André: Eu busco prepará-la, porém eu não sei se eu a preparo da forma correta. Eu sou muito, às vezes, de ensinar ação e reação. Vou te dar um exemplo, ao contrário da mãe dela, que é uma colega sua de profissão. Eu não acredito que temos que dar a outra face. Outro dia, ela chegou para mim e falou assim: "Pai, um menino me bateu na escola." Eu falei para ela, falei assim: filha, mas o que você fez para ele? "Não, não fiz nada, pai." Então tá. Se isso acontecer de novo, você vai falar com a professora; se a professora não der jeito, você vai olhar para esse menino e você vai chutar aqui. Não sei se é o certo, só sei que você vai dar um chute aqui. E vai falar para ele: Agora parou.

Marilia Gabriela: Como a mãe dela pensa?

André: A mãe dela, a mãe dela pensa que eu não deveria ter, como fala, atitudes radicais nesse sentido. Eu até acho que, em algum momento, ela tem razão; porém nós viemos de criações diferentes. Ela tem uma forma de pensar, eu tenho outra forma totalmente diferente, tanto é que hoje nós não somos mais casados por divergir na forma de pensar. Eu não acho que eu estou todo certo, às vezes, nesse pensamento. Como eu falei, eu pego os exemplos que deram certos para mim. São as referências que eu tenho, de não atacar primeiro, mas também de não, de não negar o revide.

Marilia Gabriela: Ok. André, eu acho que está bem assim. Você tem alguma coisa que você gostaria de dizer sobre esse tema? Alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de partilhar?

André: Olha, eu acho que vivemos em um mundo onde as pessoas buscam muletas. Eu procuro, em alguns momentos, não me posicionar muito; não porque eu fico em cima do muro, é porque eu acho que temos questões muito mais importantes para tratar. Por exemplo, quando falamos de cotas, eu não sou a favor, eu não sou contra. Porque eu acho que, ah, existe uma dívida da sociedade conosco? Poxa, há. Mas, como eu falei, quem criou essa dívida não está mais aqui e quem era o credor também não está mais aqui, entendeu? Eu acho que, eu acredito muito em um mundo sem essas barreiras, tanto de opção sexual ou de cor. Talvez, seja difícil eu pensar nisso assim, ou algum negro acha difícil de pensar nisso enquanto sendo negro; porque sabemos que as chances não são iguais, mas a oportunidade de competir é igual. Eu vejo muito, poxa, se não me escolher porque eu sou negro; se eu for para uma vaga de emprego e não me escolher porque eu sou negro, sabendo que eu sou competente tanto quanto a pessoa que eu estou

concorrendo ou mais; cara, quem está perdendo é a empresa. Eu vou atrás de outra oportunidade. Eu não sou de ficar lamentando-me. Talvez eu devesse ser mais ativo nesse movimento de levantar uma bandeira, mas eu não sei, eu não vejo isso como algo que me prejudique. Como eu tive muitas pessoas brancas na minha vida que foram muito boas para mim e trataram-me muito bem. Eu busco maior referência nas pessoas boas, porque eu acredito que existem mais pessoas boas do que pessoas ruins. Como eu também já tive pessoas negras na minha vida que, cara, eu poderia falar hoje, pô, esse daí é o verdadeiro capitão do mato se eu fosse utilizar-me de uma conotação racista. O que eu penso é que você tem que ser uma pessoa primeiro, honesta, simples de coração, mas não uma tola, vamos dizer, uma tolerante a qualquer custo. Mas você não pode mover a sua vida lamentando-se ou achando que tudo é consequência da sua cor; porque eu nasci assim e eu vou morrer assim. Se você perguntar hoje se eu queria ser branco, nunca quis; eu nunca quis ser branco, nunca quis ter nariz fininho, nunca quis ter boca fininha, não. Eu gosto de mim, gosto de mim do jeito que eu sou. Eu acho até errado quando a pessoa fala “eu me aceito do jeito que eu sou.” Porque o aceitar é, poxa, não tem jeito de mudar; talvez, se eu tivesse essa opção, eu mudaria. Eu não, eu não me aceito do jeito que eu sou. Eu me amo do jeito que eu sou. Eu queria ter mais cabelo, um pouquinho mais magro e tal, mas isso ainda dá para resolver.

Marilia Gabriela: André, com quem você aprendeu a se amar?

André: Olha...

Marilia Gabriela: A autoestima é um valor, parece-me.

André: É. Eu acho que eu aprendi a amar-me na terapia também, que eu faço um acompanhamento psicológico. Na verdade, na terapia, eu conheci realmente alguns valores que eu desconhecia. Vou aprender a amar-me, antes da terapia, quando eu era garoto, o que eu penso, talvez, fosse um mecanismo de defesa, vamos dizer, um condicionamento que eu criei. E que depois eu estou tão no automático; eu falei, pô, por exemplo, eu já quis ser rico, já quis ter dinheiro para comprar algumas coisas que eu não tinha. Eu também via que havia pessoas brancas que eram, que eram, que não tinham dinheiro, embora a maioria, a maioria das pessoas que eu conheci aqui, que não tinha dinheiro eram negras, entendeu? Mas, para mim, o que eu achava, não tenho dinheiro porque eu não tenho sorte, que ainda não arrumou um bom emprego. Eu nunca levei isso para o lado racial. A me gostar, eu acho que eu aprendi isso olhando para o meu passado; de onde eu saí, para onde eu estou hoje. Eu tenho muito claro aonde eu quero chegar. Eu não sou um cara ambicioso, não tenho grandes ambições, poxa, de ter grandes bens materiais. Acho que a minha ambição é ver minha filha crescer e viajar. Ter um trabalho que me permita fazer isso. Essas são as minhas ambições. E, para mim, está bom. Há gente que fala, poxa, podia mais, podia; mas, cara, deixaria, teria que deixar de viver muitas coisas que me fazem bem para isso. Eu gosto muito de ouvir um filósofo de rua que ele fala assim, poxa, cara, como que era "Se dinheiro fosse riqueza, fosse riqueza, ninguém morria, ninguém morria." O Eduardo Marinho, eu gosto muito de ouvi-lo. E, outro dia, também eu ouvi o seguinte, que “riqueza é você ter tempo para gastar e não dinheiro.” E quando você fala de tempo para gastar, o negro tem tempo, o branco tem tempo também, embora alguns brancos falam que o preto tem mais tempo porque não trabalha. Eu respondo que eu estou "cagando" para o que ele pensa. Desculpa, eu sei que você está gravando. Por que não...

Marilia Gabriela: Não. A entrevista é isso, é livre.

André: ... ah, então é isso.

Marilia Gabriela: Está certo. André, está ótimo. Vou parar a gravação, tudo bem?

André: Tudo bem. **Marilia Gabriela:** Ok.

APÊNDICE 11 – ENTREVISTA ARTHUR

Arthur.

União Estável

42 anos.

Arthur: Théo 15 e Caio de 7.

Profissão: Eu sou formado em processamento de dados, então, normalmente, eu digo que eu sou do ramo de dados. Eu não cientista de dados de formação então eu digo que sou do ramo de dados.

Marília Gabriela: Maravilha, Arthur, vamos lá. Vamos começar, não é?

Arthur: Vamos.

Marília Gabriela: É uma conversa, eu vou fazendo algumas perguntas e nós vamos conversando, está bom? O que é racismo para você?

Arthur: Racismo? Putz, é uma coisa bastante importante e não tem o devido tratamento, não tem a devida atenção por parte do nosso governo, dos órgãos que precisam se posicionar e não se posicionam, das pessoas que podem se posicionar e não se posicionam. Mas que vem ganhando notoriedade, dado alguns fatos, nos últimos anos. Então, nós estamos conseguindo, minimamente, começar com um movimento para que as pessoas saibam o que é. Então, na minha visão, qualquer tipo de discriminação por conta da raça do indivíduo. Definição quase que de dicionário, vamos falar assim, mas na minha cabeça, é isso: discriminar alguém pela cor da pele, pelo olho puxado, pela cor do cabelo e por aí vai.

Marília Gabriela: Perfeito. Bom, tem, como você disse, tornando-se evidente, desde os movimentos sociais, lá atrás, no ano passado, especialmente, depois do Jorge Floyd, eu acho que deu uma inflada. Agora, você já sofreu racismo?

Arthur: Putz...rsrs

Marília Gabriela: Dê exemplos.

Arthur: Exemplos, nossa. Desde estar andando com o meu filho, a criança a qual nós vamos falar sobre, daqui a pouco, na praia, e ele tem uma pele um pouquinho mais clara, que a mãe é de raça branca. As pessoas ficarem olhando, achando que você está arrastando a criança, aquela cochichada. Então, aquele racismo velado, que, na minha opinião, eu acho que é o pior. Porque quando vem direto, eu acho que nós conseguimos nos defender. Então, eu acho que o pior tipo é esse velado. Então, desde andar na praia de mão dada com o meu filho, em uma caminhada, até, efetivamente, a ser convidado a trocar de área, dentro da empresa, mas em uma posição mais de proteção do que qualquer outra coisa. Então, não só eu me vi sendo atacado por racismo ali, mas como outras pessoas que me estenderam a mão, e esse caso eu acho que é o pior caso de racismo que eu já sofri na minha vida. Então, eu vou te contar só com um pouquinho mais de detalhe, que é...

Marília Gabriela: Você pode contar, por favor. Em detalhe, o tempo que você precisar.

Arthur: Legal. Eu estava começando a minha carreira, ali nos anos 2001, 2002, lá na XXX. Eu não tinha nem formação em faculdade, ainda, apenas formação técnica. Eu entrei na empresa, depois de um convite bem bacana, depois de ter passado por um processo seletivo mega pesado. Então, você está todo feliz, você vai fazer parte de uma área muito importante, que é uma área de planejamento comercial da companhia, uma baita companhia, que tinha chegado no país há três anos. Então, você fala: caramba, eu estou em um lugar, eu estou no céu. Daqui eu vou conseguir tirar muita coisa para mim, para a minha família, para a vida. Então, eu vou fazer parte dessa área e houve uma troca de cadeiras. Um gestor que chegou lá, eu acho que na minha terceira semana de empresa houve essa troca de cadeiras. O gestor que chegou não bateu. Chamou-me para conversar uma vez, não falou mais comigo, não deu mais bom dia para mim em momento algum. Só me dava as piores atividades para fazer, coisas do tipo. É aquele efeito

harm¹¹, que chama. O cara te rotula pela atividade que você está fazendo, mas ele só te dá porcaria. Então, vira um ciclo vicioso o troço. Lá, então, ele me largou, deixou-me de lado. Algumas pessoas que eu tive o prazer de interagir, em uma outra área da companhia, pediram-me que continuasse ali, fosse resiliente, fizesse o meu papel, trabalhasse direitinho, não deixasse a ponta solta, que essas pessoas iriam me ajudar, porque elas também perceberam. E aí, eu fico, mais ou menos, seis, oito meses nessa área. Comendo grama, mesmo. Desculpa o termo, mas, nossa, comi grama, rastejei para caramba ali no pé do cara. Até tentando reverter, mostrar para ele, falar: “cara, eu não sou esse monstro, sabe? Não é porque você está trabalhando com um funcionário negro que ele vai fazer alguma coisa para você. Não somos bichos, somos humanos igual a você.”

Marília Gabriela: Você dizia isso diretamente a ele?

Arthur: Na verdade...

Marília Gabriela: Ou você só pensava?

Arthur: Não, quando eu saí da área, eu tive a oportunidade falar. Ele tomou um susto, mas, não. Por enquanto, ainda, o meu pensamento, a minha cabeça funcionando, mas tentando demonstrar com atitudes. Então, assim, todas as manhãs, eu passava na porta, porque eram só aquelas salas, aquelas baías maiores dos executivos da companhia, mas já não tinha mais porta na época. Então, eu passava na frente da sala dele: bom dia. Chamava-o pelo nome, sabe? Você está bem? Tudo bem? E era só assim: ah, não, tudo bem. Sabe, eu não sei, enfim. Não sei, exatamente, até hoje, porquê. O mais legal de tudo é que isso foi causando espanto nas pessoas em torno dele. Esse cara, hoje, inclusive, é um vice-presidente de uma vertical, de uma grande empresa do setor de Telecom, de prestação de serviços, não é nenhuma das teles que nós conhecemos, mas ele é um VP de uma dessas prestadoras de serviços dessas telecons. Eu vejo que ele cresceu muito. Então, só para não perder a linha de raciocínio. Então, estamos ali, naquele momento, eu continuei mostrando atitudes de que ele não precisava fazer aquilo, não precisava ser daquele jeito, que nós podíamos trabalhar juntos e tudo o mais. E recebi um convite para ir trabalhar em uma outra área, até mais legal, que tinha mais feed¹² com o meu perfil. Porque, desde menino, eu trabalho com dados, com banco de dados, desde os 16, 17 anos, sabe? Sempre gostei. Então, eu fui parar em uma área que até nem era muito o meu skill¹³. Mas eu fui porque eu queria entrar naquela empresa, sabe? Era o lugar onde eu queria estar, naquele momento. Pô, você recebe o convite, você passa em um processo pesado de seleção e você consegue a vaga, pô, coloca-me para limpar banheiro e eu subo depois. Então, foi bem por aí, mesmo. Com muita humildade, eu consegui. E aí, eu fui trabalhar em uma outra área e duas pessoas, quando eu cheguei lá, três, na verdade, dois pares e o gerente me chamaram para conversar e só me pediram o seguinte: cara, vamos seguir a vida daqui para frente. Olha que diversidade, inclusive, nesse momento, era um senhor que já estava para se aposentar. Na verdade, faltava cinco anos para ele se aposentar, um japonês que é um baita amigo meu, hoje, e o gerente da área, ele é um cara branco, mas ele é um cara envolvido com a Igreja Mórmon, ele é um cara bastante diferente na linha de pensamento, sabe? Então, eu acho que isso levantou a antena, porque são três pessoas que, provavelmente, também passavam por algum tipo de preconceito. Então, foi muito fácil, para eles, enxergar aquele negócio e falar: não, nós vamos te ajudar, nós precisamos fazer alguma coisa. Eles não ficaram parados também ali naquele efeito de: putz, eu não posso fazer nada, eu vou tentar fazer algo, mas, só de longe, eu vou ficar aqui, eu vou só dar uma tapinha nas costas, sabe?

Marília Gabriela: Que nome você dá para essa atitude que eles tiveram? Esse movimento?

Arthur: Putz, eu acho que, assim, tem um termo técnico, eu não me lembro qual é, mas eles saíram, eles agiram. Eles não se esconderam atrás daquela situação em que você pode olhar de

¹¹ Vem do inglês, significa dano, prejuízo.

¹² Vem do inglês, significa alimento.

¹³ Vem do inglês, significa habilidade.

longe, você pode esperar a pessoa, depois, ou em momento de desespero, que a pessoa não está bem, está chorando, está se lamentando ali e dar um suporte para ela de uma maneira escondida. Não, eles mostraram a cara. Então, no momento em que um gerente de uma área vai ao gerente de outra área e fala: eu quero esse funcionário, que foi o que o Rogério fez, ele bateu de frente com o cara lá e falou: cara, o que você tá fazendo não está certo. E aí, houve uma entrevista de... Não é de desligamento, porque eu não estava saindo da empresa, mas o RH quis entender porque eu, em tão pouco tempo, estava fazendo esse shift¹⁴ de área. E aí, ele participou, os dois gerentes participaram. Só que foram duas sessões e, depois, a terceira, com os dois juntos. Então, quando eu estava com esse primeiro executivo, nem vou falar o nome dele aqui.

Marília Gabriela: Fique tranquilo que tudo é substituído. Todos os nomes, se você quiser, escapou, fique tranquilo que nada passará, certo?

Arthur: Fechado.

Marília Gabriela: Nome de empresa, nada disso.

Arthur: Vou falar, não tem problema. Primeira entrevista com o Claudio, do RH, nós fomos conversar sobre, foi cinco minutos. Assim, ele também não deu tempo, ele não deu a oportunidade. Mas eu falei: olha, eu falei assim, eu acho que, desde que eu cheguei, eu estou tentando mostrar o meu trabalho aqui, acho que isso surtiu efeito, tanto que eu fui para um outro caminho, não fui direto atacá-lo. Mas eu falei: eu acho que surtiu efeito e, poxa, consegui o convite de uma área que tem mais a ver com a minha intenção de carreira, com o meu skill já, embora com pouco tempo de carreira, já está com bagagem de estudante e tudo o mais. Quero te agradecer por toda a oportunidade de estar dentro da sua área. Eu sei que você chegou depois que eu cheguei, e aí, depois, de alguma maneira, nós possamos a não ter nos dado tão bem. E aí, o que eu puder fazer, eu vou fazer, não tenha dúvidas. Eu espero que você siga com sucesso, mas, assim, realmente, eu não me senti tão à vontade na sua área. Gostaria que você ficasse sabendo. O RH fez essa transcrição também lá na época, deve ter conversado com ele depois, porque pouquíssimo tempo depois, eu vi algumas atitudes dele bem diferentes, não só comigo, mas com outras pessoas também, enfim. O que eu estou falando é coisa de um ano, assim, o cara, realmente, porque eu acho que deram um chega junto a ele, falaram: e aí? Você quer seguir como executivo aqui ou você quer ir para outro lugar, porque aqui nós não vamos tolerar isso. Na outra conversa, não, nós ficamos quase 40 minutos conversando. E o Rogério: não, putz, nós vamos conseguir fazer muita coisa, está precisando de alguém com o perfil dele e tal. Então, assim, o rumo da prosa foi completamente diferente, com um e com o outro. Então, ficou muito claro ali que havia, realmente, alguma questão racial, um preconceito. Mas que assim, eu preferi não usar a palavra, isso partiu de mim, eu preferi não usar, dado que eu já estava de comum acordo com o meu chefe novo, que nós falamos: vamos daqui para frente? Parece que você tem bastante capacidade, você vai conseguir traçar uma linha bem bacana aqui dentro da companhia e vamos trabalhar lá conosco. Então, puxou-me, levou-me. Não é à toa que eu fiquei de 2002 até 2011, vai, dezembro de 2010, dentro da companhia. Nessa área, especificamente, eu fiquei até julho de 2009. Então, assim, eu fiquei muito tempo, subi, ganhei vários prêmios de carreira, putz, ganhei notoriedade dentro da empresa. Então, assim, eu fiz a minha parte, esforcei-me para caramba, desenvolvi-me para caramba e, assim, infelizmente, quem perdeu um profissional bacana foi ele. Quem perdeu a oportunidade de conviver comigo foi ele. Eu acho que eu não perdi nada, os primeiros passos que nós demos juntos, eu acho que eu não perdi nada, mas, assim, até depois eu vi uma evolução por parte dele, mas eu sei que, hoje, é uma pessoa difícil ainda, ele está em um ‘great’¹⁵ extremamente alto, hoje, mas é uma pessoa difícil, é uma pessoa que muita gente vem... Sempre comenta e, não necessariamente, é um comentário bom. Não é que seguiu para lá, eu estou aqui, tudo tranquilo, sabe? Então, eu acho que são essas

¹⁴ Shift em inglês, significa mudança.

¹⁵ Great em inglês, excelente.

duas situações. Uma mais leve, mas que não deixa de ser preconceito com o meu filho, e a outra mais dura, em uma idade que eu estava ali, eu era muito menino, muito novo. Então, putz, assim, marcou muito e dali eu levei muitas lições, sabe?

Marília Gabriela: É. Que lições você levou? Que você traz sobre isso? Desse momento.

Arthur: Hoje, eu consigo falar mais abertamente. Naquela situação, eu acho que foi isso que você perguntou mais cedo: você falou com ele ou não? Se eu sinto uma situação dessas hoje, a minha postura é um pouco diferente. E é o que eu tento passar para os meus meninos. Então, assim, acho que nós precisamos falar. Então, sei lá, você está em um cinema, você sentou em uma poltrona de cinema, a pessoa vem, senta aqui ao seu lado e, em seguida, vai uma cadeira para lá, sabe? Se não sentar ninguém ali naquela cadeira que ela deixou, eu acho que nós precisamos falar que, não precisa provocar, o tom não precisa ser agressivo, nada, mas eu, em uma situação dessas, que já aconteceu comigo, o que eu fiz foi: olha, você pode usar essa poltrona, não vai sentar ninguém aqui, não, pode ficar à vontade. De uma maneira extremamente educada, como eu disse, sem agressão, nenhum tipo de agressividade, mas, assim, falar: olha, você pode sentar aqui, eu não vou te morder, não vou pegar nada seu. Se você está esperando algum tipo de doença, eu não vou te passar nada, porque nós somos iguais. Então, falar sobre, eu acho que é importante. E ter orgulho também. Eu acho que assim, uma das coisas que eu falo para os meus filhos é um negócio legal, que é assim... Ah, tem uma outra também, mas eu vou usá-la para falar sobre essa questão do orgulho. Em uma reunião de escola do meu filho, eu fui no lugar da mãe e, quando eu cheguei lá: você é pai de quem? Pai do Caio. "Do Caio? Ah, está bom". Mas com aquela primeira: do Caio? Sabe, então, eu não me senti tão tranquilo assim, mas, depois, ela entendeu. Ela, depois, inclusive, fez questão de pedir desculpas, depois que acabou lá: putz, você me desculpa, é porque eu não conhecia você. Eu não tinha visto nenhum tipo de foto. Era o primeiro ano dele na escola também, então, assim, também não é atear fogo. Não vamos achar que tudo é proposital, mas existe o preconceito inconsciente, então, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, mas é tudo igual. Então, pensando nisso, eu acho que é bem por aí. Esse tipo de situação, você tem que ter orgulho, falar: sim, eu sou o pai do Caio. "Ah, mas, putz..." Sei lá, se ela me responde: achei que você fosse o motorista. "Não, sou o pai do Caio e se eu fosse o motorista, eu estaria aqui incumbido de estar aqui representando a família dele também. Algum problema?" Então, falar, ser um pouco mais direto, com toda educação possível, mas deixar claro a posição de que nós temos direito, e as pessoas têm obrigação de nos tratar com decência. Não quer ficar abraçando, beleza, mas não venha me tratar de uma maneira diferente. Eu acho que é por aí.

Marília Gabriela: Uhum. Arthur, você, hoje, tem quantos anos?

Arthur: Eu estou com 42.

Marília Gabriela: Certo. Então, nesse tempo, 42 anos, você trouxe alguns exemplos do que você passou. Na sua família de origem, quero dizer, com os seus pais, como eles lidavam com relação a isso? Você vem de uma família interracial, negra e não negra, ou de uma família monorracial, negra? Qual é a tua origem familiar, racial, e como isso... Se tinha alguma forma de falar a respeito do racismo das relações sociais.

Arthur: Sim, sim. Na verdade, eu venho de uma família por parte de pai negra, meus avós. A minha avó, inclusive, com uma parte biológica indígena com negros. O meu avô de origem, realmente, africana, negra. Falo africana porque ele tem, realmente, o bisavô dele veio de lá. Então, é bem legal, é uma história bem bacana. Do lado da minha mãe, um pouco diferente. Nós falamos de um português, o meu avô, nascido lá, mas veio para cá muito menino, que se casou com uma negra. Então, a minha mãe já tem uma miscigenação um pouco maior, falando nesse sentido. Mas sempre falamos a respeito. Então, eu vou separar, porque acho que precisa da separação, porque você vai entender, a hora que eu te contar. Então, família do meu pai: predominantemente negra, que sempre levou a parte da nossa cultura e religião a sério. Então, assim, assíduos nas religiões negras, do Candomblé, de gostar de festas, de estar sempre nos

centro dos ciclos negros e de falar muito a respeito disso. Então, assim, somos negros, somos advogados, somos médicos, somos enfermeiras, somos motoristas, somos atendentes de balcão com muito orgulho, mas a nossa família está sempre unida aqui, está sempre todo mundo bem e nós queremos mostrar essa negritude, vamos dizer assim, para quem quiser ver. Então, a família do meu pai, originariamente da Zona Norte, ele enraizou na Zona Norte de São Paulo. Não sei se o Bruno comentou, inclusive, que tem uma parte dos parentes ali na casa verde, na rua B, sabe?

Marília Gabriela: Eu não sei se ele comentou que a nossa família era do bairro do Limão, ali, não sei se ele já comentou, meus avós, nossos avós.

Arthur: É, ele comentou. Então, por isso, ali pertinho, o centro e tal. A família do meu pai sempre teve atitude, sempre teve esse orgulho, sempre mostrou isso para quem quisesse ver. Era engraçado que eles moravam em um prédio de quatro andares e dois apartamentos por andar, ali no Ipesp no Tucuruvi, você deve conhecer. E aí, éramos nós, aqui no primeiro andar, no térreo, na verdade, e duas famílias negras nos dois últimos andares. Então, você imagina que os demais moradores, em uma época, em uns anos bem mais no passado, como foi para eles, dado todo o preconceito que existia, estar em pé de igualdade com famílias negras comprando a casa própria ao lado do apartamento deles, em cima, embaixo, convivendo, filho entrando, neto saindo. Mas, no final das contas, virou uma família, o prédio acabou virando uma família. Nós temos amigos, eu tenho amigos lá naquele prédio ainda, até hoje, no entorno. Então, assim, eles fizeram o trabalho deles, a minha família, eu digo, de exigir o tratamento como igual. E que bom que as famílias que moravam ao lado, perto, em cima, embaixo, entenderam isso e nos deram essa condição. Então, não é que eles aceitaram, é que, não, eles viviam junto. Nós vivíamos dentro de casa, vivia gente lá em cima e estava todo mundo no gol, fazíamos festa ali no hall dos prédios. Estava todo mundo junto, tinha pai, tinha mãe, tinha irmão, fazia festa na casa de um, ia todo mundo. Então, assim, efetivamente, nós conseguimos essa unidade. Do lado da minha mãe, já é um pouco diferente, porque a família da minha mãe tem como religião as Testemunhas de Jeová. É um pouco, não, é muito diferente, já falando de comportamento, é muito diferente uma da outra. Nós estamos falando de muita alegria, expansividade, aqui do lado da família do meu pai, e nós estamos falando de uma família mais recatada, mais podada, com relação aos costumes, às ações, enfim. E aí, isso fez com que a minha mãe se afastasse um pouquinho deles. Porque somente a minha mãe e um outro irmão dela, eles eram em nove irmãos. Somente dois desses nove irmãos se afastaram desse ciclo dos TJ, vou chamar TJ, porque é como eles se chamam. A minha mãe ouvia que ela era mundana, porque a minha mãe gostava, mesmo, de sair para a noite, ia para baile black, ia para carnaval, não estava nem aí, falasse o que falasse, azar o deles. Esse meu tio também ia sempre junto com ela, eles eram muito amigos. Hoje em dia, nós vemos que... Engraçado, somente eles dois é que ajudaram para caramba todos os problemas que a família teve. Então, eu tive problema de tio que se envolveu com droga e morreu, eu tive problema de tio que se envolveu com bandidos e morreu, ficou preso e morreu, tive problemas de tias que tiveram problemas psicológicos e foram morar dentro da minha casa. Então, a casa da mundana servia para abrigo, mas, depois, que estava bom, nem bom dia falava. Então, umas coisas assim. Então, você vê que é uma disparidade muito grande, mas a minha mãe foi uma guerreira, porque o meu pai faleceu, eu tinha sete anos. Então, era eu, a minha irmã com quatro, nós temos três anos de diferença, e a minha irmã mais nova nem existia, porque ela é fruto do segundo casamento da minha mãe. Então, assim, a minha mãe foi uma guerreira, em todos os sentidos. Sempre falou, sempre se posicionou dessa maneira também. Minha mãe é uma pessoa que, graças a Deus, ela tem um português muito bom, ela é professora de italiano, é fluente, é cidadã, ela, agora, fala inglês fluentemente e, assim, ela não para. Ela é uma senhora de 66 anos, mas está ali, não para. Ela sempre fez isso conosco, ela sempre passou isso para nós. Desde aquela situação em não se acuar, então, pô, naquela época, eu sei que também é uma forma de preconceito, mas, naquela época, ela sempre

falava: se te chamarem de neguinho, sou, sou, sim. Sabe? Tanto é verdade que eu acabei ganhando um apelido que, depois, morreu lá atrás, mesmo, mas porque eu sempre estava arrumadinho, a minha mãe me deixava sempre bonitinho, cheirosinho e tal. Eu era nego boy, sabe? Aí pegou. Depois que eu me mudei de onde nós morávamos, nesse momento, o meu apelido morreu... E ela falava: sim, sou eu. Assuma, é você, esse é você. Eu gostava muito do Michael Jackson na época, então, eu ia com aquelas jaquetinhas. Eu tinha duas jaquetinhas, uma vermelha e uma preta, iguais as que ele usava e tipo, ia para escola, aquele negócio ia andando sozinho. Ela: beleza, vai lá, você quer ir igual a ele? Então, vai, mas, assim, não se esqueça: você é você, ele é ele. Então, ela sempre foi muito ativa no sentido de dizer a mim e a minha irmã, ainda sem a minha irmã mais nova, quem nós éramos e não o que, quem nós éramos. Então, ela fazia muito essa distinção. Ah, o pessoal não fala: ah, mostra o que você é. Não, mostra quem você é. Ela usava essa frase para posicionar a nossa cabecinha da maneira correta. E aí, depois, ela vai, ela se casou pela segunda vez com... Eu o chamo de pai até hoje, inclusive, com o meu pai que também é lá da Casa Verde, inclusive. Ele, putz, assim... Boêmio, é aquele negro vistoso, aqueles caras que andavam com sapato brilhando, barba bem-feitinha, camisa aberta, sabe? Então, tipo, na estica. E eu tenho muito dele, sabe? Como eu era muito pequeno quando o meu pai faleceu, na minha formação da juventude, da juventude, não, mas, meu Deus, sumiu o termo...

Marília Gabriela: Da pré-adolescência? Primeira infância?

Arthur: Adolescência, isso. Pré-adolescência, adolescência. Então, eu capturei muito dele. Então, desde o que ouvir, do que gostar, e ele é um cara mega eclético. Então, hoje eu vou desde o Sertanejo até o Heavy Mettal, sabe? Porque ele era um cara que estava envolvido no mundo da música e ele ouvia de tudo. Então, ele me ensinou isso também, essa questão de não ser preconceituoso com música, com cultura, enfim. Então, assimilei muita coisa dele. Por fim, nasce a minha irmã mais nova, então, nós temos 13 anos de diferença, mas nós nos damos... Antes de falar contigo, eu estava com ela aqui, inclusive, depois, vou passar o seu contato para ela, porque ela tem uma situação específica e aí, então, depois eu mando o contato porque o caso dela tem uma coisa diferente, você vai entender, depois. Então, é isso. Basicamente, é uma família que, dos dois lados, entre aspas, mais pelo lado do meu pai, e por conta da minha mãe e da família do meu padrasto, sempre se posicionou, sempre se impôs, mesmo, sabe? De maneira alguma sendo agressivo, de novo, sempre pessoas inteligentes, estudadas, graças a Deus que batalharam, foram atrás das suas oportunidades, nada caiu do céu. Então, todo mundo foi lá, se matou, estudou, trabalhou, perdeu noite... Perdeu, não, investiu noite de sono sem dormir, foi lá, correu e venceu. É esse o perfil da minha família, bastante diverso, mas...

Marília Gabriela: É. Arthur, é muito importante te ouvir, viu?

Arthur: Legal.

Marília Gabriela: Eu queria saber se houve uma preocupação com a chegada dos filhos, pensando nas questões do racismo, se houve uma preocupação quando você decidiu ser pai, quando decidiram, quando você decidiu ter filhos. Se isso foi uma questão, se houve uma preocupação com relação a isso, quando vocês pensaram em ter filhos.

Arthur: Certo. Eu vou ter que dar um passo atrás, para você entender um pouquinho. No final das contas, eu tenho uma situação de vida bastante diferente, não, mas um pouco fora do trilho normal. Então, quando eu estava na faculdade, tive uma namorada e ela é a mãe do meu primeiro filho. Nós não chegamos a nos casar, nós namoramos um bom tempo. E aí, um certo dia, ela me disse que estava grávida e vida que segue, vamos lá, aquela festa toda e tal. E aí, do lado da família dela foi muito bem aceito, nós tínhamos uma super afinidade e tudo o mais, mas, no final das contas, a nossa relação acabou não vingando, enquanto homem e mulher. Somos muito amigos, hoje, amigo ao ponto de um estar precisando de uma coisa no trabalho: meu, você sabe fazer isso? Sabe, esse nível. Nós trocamos mensagem, sei lá, umas duas vezes por semana. Tudo bem, aí? Está precisando de alguma coisa? Nesse nível. Então, isso eu estou

me referindo à mãe do Théo, que é o meu filho de 15 anos. E aí, depois, eu me envolvi com a Livia, que é a mãe do Caio, e nós ficamos 10 anos juntos, foi muito tempo, mesmo. O Caio nasceu em um momento bem legal de vida, nosso. Nós estávamos em um progresso de carreira muito legal, os dois, e nós continuamos tendo uma boa relação com a família dela, mas já um pouco diferente, porque o pai dela já era um cara um pouco mais avesso ao namoro dela comigo, mas tem uma história por trás e, na juventude dele, foi apaixonado por uma negra, os pais dele o proibiram e fizeram a cabeça dele, até que ele largou dessa moça e não conseguiu seguir. Então, ele tinha o pé atrás da filha dele, do cabelinho claro, da pele clara com um negro. Mas ele nunca me destratou, isso é importante que fique claro. Mas também nunca fez força, nunca foi aquele cara que incentivou. A mãe dela, não, super tranquila, uma pessoa sensacional, trabalhadora para caramba e a irmã dela também, na mesma sintonia. Só que quando nós resolvemos ter filhos, eu comentei com a minha mãe que nós estávamos tentando, ela comentou com a mãe dela que nós íamos começar a tentar, na verdade, ela comentou com a mãe dela e a mãe dela foi super favorável, a minha mãe: ah, que bom, porque, até então, não havia netos na família, do meu lado. Do lado dela, sim, já tinha a filha da irmã dela. Mas, assim, super bem aceito. Vamos dizer que 90% de aceitação para essa situação. Mas eu percebo que depois que nós nos separamos, a questão do Caio, principalmente, tem se transformado dentro da família. Então, ele é um menino que o pessoal chama de sarará, eu não sei se é o termo certo para usar, mas ele tem a pele bem clarinha, só que ele tem o meu rosto. O rosto, o nariz negro, os lábios, sabe? E o cabelo bem enroladinho. Se você deixar crescer, ele até cai, ele faz peso e cai, mas ele é bem enrolado, aqueles cachões bem grandes. E aí, começou: ah, corta o cabelo dele curtinho, não precisa deixar crescer, porque não vai ficar legal, não sei o que lá. Então, começou esse tipo de situação e nós até tivemos algumas discussões bem acaloradas sobre isso, eu e ela, mas nós chegamos em um ponto comum. Eu não tenho a mesma relação que eu tenho com a mãe do Théo, não é a mesma relação que eu tenho com a Livia, porque o nosso desligamento, não, meu Deus do céu, a nossa separação foi uma separação bem complicada, porque nós chegamos a um estágio onde não havia tempo para o casal. Então, nós acabamos meio que nos esquecendo, no meio do caminho. Foram frases que foram ditas nessa linha, então, onde nós nos perdemos, por que nós chegamos aqui, sabe? Nessa situação, a minha mãe foi um apoio muito grande para ele, principalmente. Porque enquanto nós estávamos resolvendo as questões de mudança, eu morava lá em Santos, então, tinha que voltar para São Paulo, ele ficaria lá com ela, ele não quis ficar, ele veio para cá, depois, voltou, sabe essas coisas? A minha mãe passou a mão no menino e falou: então, olha, ele vai ficar comigo. Vocês resolvam, depois, vocês só me falam onde é que eu tenho que entregar. Nessa linha. Mas, então, houve toda essa situação dos pós. No momento em que nós resolvemos ter o filho, não, mas nos pós, no momento da separação, eu acho que foi uma situação bem clara de preocupação com ele, com relação à origem negra que ele tem, também. Por isso que eu quis dar esse passo para trás, para você entender toda a cronologia das coisas e não foi naquele momento, mas... E aí, nós nos separamos já tem... Nós temos 21, 20, 19. Já faz três anos. E ele vai fazer oito, então, ele tinha cinco anos. Então, era um momento bem, bem complicado na vida dele.

Marília Gabriela: Então, a preocupação com as questões raciais, ela aparece depois que você e a mãe se separam? Aí vem uma preocupação para você com relação ao modo que as coisas aconteceriam com o Caio?

Arthur: Exato. Porque a maneira, inclusive, de vesti-lo, o corte de cabelo, como eu comentei com você, as questões relacionadas à escola, mesmo, eu estou muito mais distante. Porque, agora, eu estou morando aqui, efetivamente, em São Paulo, Guarulhos, e ele está lá em Santos. Nós nos vemos, periodicamente, mas eu, por exemplo, não estou conseguindo fazer parte das reuniões de escola. Então, com a vida social dele lá, que é o município onde ele está morando, eu, praticamente, não participo mais. E aí, essas questões começaram a acender uma luz amarela, vamos dizer assim, sabe? E aí, eu estou tentando me organizar, fazer com que a minha

agenda seja o mais flexível possível, para eu estar lá junto a ele. Então, vai ter alguma coisinha da escola, estou lá. Vai ter uma coisinha de final de semana, estou lá. Porque eu preciso participar, eu acho que é importante para ele, não é que ele vai perder, mas eu acho que ele vai separar: putz, quando eu estou lá, é desse jeito, quando eu estou aqui, é desse jeito e eu não acho que tem que ser assim. Eu acho que ele tem que ser ele, é a vida dele. Não dá para ser a vida dele em São Paulo e a vida dele em Santos, entendeu?

Marília Gabriela: Eu não sei se é isso, você me corrija, se eu estiver errada. O que você está dizendo é: além da tua busca pela presença do pai, exercer a tua paternidade, você está dizendo que você também quer exercer a ancestralidade, a raiz? É isso? A representatividade?

Arthur: É isso.

Marília Gabriela: A tua presença vai além da presença paterna, é da presença também de legitimar, de trazer a força da raça, da origem dele negra. É isso?

Arthur: Exatamente isso. Exatamente, isso. Porque é uma situação onde eu já presenciei, em alguns momentos, um distanciamento. Claro, nós estamos falando de uma criança que vai fazer oito anos mês que vem, então, eu já presenciei situações onde ele não sabia o que responder. Então, ah, qual que é a sua origem? Ele trava, olha para mim ou ele olha para a mãe e ele não responde. Então, isso precisa ser mais natural e é exatamente isso, ele tem que saber que ele tem essa ancestralidade, foi uma palavra bacana que você usou, porque é isso mesmo. Ele tem raízes negras, assim como ele tem raízes portuguesas que são do lado da mãe dele. Não quero que ele mascare isso ou que ele tape o sol com a peneira, mas, por exemplo: até a maneira como ele é chamado na escola mudou. Antes, era o Caio Antunes. Agora, é o Caio Torres. Por quê? Sabe, até isso eu ando questionando, porque não precisa deixar de falar o Caio Torres, mas, então, vamos lá, o Caio Torres Antunes. Quer colocar o sobrenome dela? Ok, mas não tira o meu, porque isso também faz parte dessa herança, dessa raiz negra que ele tem, sim. Então, é, exatamente, nessa linha. É exatamente isso. A questão de paternidade, eu não tenho problema com isso, não, porque ele me reconhece, eles me reconhecem, eles, em geral, a família. Não há uma situação que me destrata, que me tire dessa posição. Não que eu tenha presenciado ou que ele tenha transparecido. Então, de verdade, poxa, tudo que vai acontecer na escola, ou mesmo festinhas que ele vai com a mãe e eu não posso acompanhar, ela manda foto. Então, ela me faz participar. Isso, de verdade, eu não tenho problema algum com isso, nós estamos muito bem resolvidos com relação a esse assunto, esse segmento. Mas é, exatamente, com relação à raiz dele que eu quero preservar, ele precisa ter isso da minha parte. Se ele vai querer, é outra coisa, mas eu quero estar presente, eu quero fazer tudo possível para que ele decida. Se for uma decisão "ah, não quero", ele tome essa decisão, não que outras pessoas tomem por ele, porque ele é muito pequeno, ele está em formação.

Marília Gabriela: Uma dúvida. Se ele decidir "não quero", não quero o que?

Arthur: Não, então, é isso que eu estou falando, eu acho muito difícil, porque ele fala. Ele fala: pai, puxa por que quando eu fico no sol, eu não fico igual a você? Eu queria. Então, é isso, essa questão que eu não quero que, de alguma maneira... E aí, nós sabemos que manipulação acontece em N situações. Não estou dizendo que ela faz, porque, realmente, eu acho que não, eu não presenciei, como eu falei, ou ele não transpareceu, até o momento. Então, eu também quero ser muito justo com relação a isso, mas é isso que eu estou dizendo para você, entendeu? É que ele continue questionando, que ele continue me perguntando: poxa, pai, mas não era para eu estar um pouquinho mais escuro? Eu estou no sol. Eu falar para ele: filho, isso é uma questão biológica. Eu sempre explico para ele, mesmo. Eu sei que ele não vai entender metade, mas eu explico como tem que ser, para que ele tenha toda a informação. Então, o "eu não quero" é nessa linha. Se, amanhã ou depois, ele deixar de questionar, mas porque ele mesmo quis, entendeu? Deixar de fazer essas perguntas, mas porque ele quis. Não me refiro a não quero assumir a minha raiz negra, não é isso. Porque isso ele faz e, assim, é muito bonitinho, é um negócio que é muito dele. Ele fala da minha irmã mais nova, ele fala: tia, como você é bonita.

E ela tem um tom de pele mais escuro que o meu. Então, realmente, ela é muito bonita e ele fala: nossa, tia, como você é linda, sabe? Então, ele faz isso por si só, é mais nesse outro sentido de ele não deixar de fazer as perguntas, ele ser curioso, mais nessa linha. Dá-me um segundinho só para eu ver uma mensagem, rapidinho?

Marília Gabriela: Desculpa, Arthur, eu acho que eu estou te atrasando.

Arthur: Não, não está. Fica tranquila que eu estou com a agenda super tranquila, mas alguém me enviou uma mensagem aqui.

Marília Gabriela: Sem problemas.

Arthur: Na verdade, é porque eu pedi ajuda aqui. Eu estou iniciando uma jornada nova. Eu troquei de empresa faz três dias.

Marília Gabriela: Parabéns.

Arthur: Obrigado.

Marília Gabriela: Boa sorte.

Arthur: Então, eu pedi ajuda a um rapaz aqui e acho que ele me respondeu.

Marília Gabriela: Fique à vontade.

Arthur: Espera aí, rapidinho.

Marília Gabriela: Fica tranquilo. Fica à vontade, mesmo.

Arthur: É muito rápido.

Marília Gabriela: Não, sem pressa.

Arthur: É que eu estou com dois computadores, eu estou falando contigo do meu pessoal e estou olhando aqui o do trabalho.

Marília Gabriela: Está bem.

Arthur: Não, eu só queria saber se eu ia precisar interagir ou se não, se a resposta é definitiva. Então, vamos seguir aqui.

Marília Gabriela: Conseguiu dar conta?

Arthur: Na verdade, ele deu a resposta e, agora, não sei. Então, eu acho que eu tinha terminado uma resposta. Você ia fazer um comentário, desculpe-me.

Marília Gabriela: De modo algum, eu volto, não tem problema. Eu estou aqui pensando no teu desejo, você falou um pouco da sua irmã, de como ele vê a sua irmã. O que eu ia te perguntar é assim: você se preocupa de o Caio sofrer racismo?

Arthur: Sim, sim, sim. Muito. E eu acho que por conta disso é que eu quero que ele esteja muito seguro das raízes dele, que ele se inteire com relação a esses temas, que ele não propague esse racismo, porque ele tem, como eu comentei com você, ele tem um avô que não é um cara preconceituoso, mas é um cara que tem um rancor por causa de uma história de vida passada e ele é muito próximo do avô também e é o único avô, porque o meu pai já não está mais aqui. Então, eu me preocupo muito com isso, de ele se sentir excluído por causa disso, de ele se sentir mal por causa disso. Então, por isso que eu quero estar presente. A Livia é muito justa nesse sentido, ela é uma pessoa... É o que eu falo: nós acabamos nos perdendo enquanto homem e mulher, mas eu sou muito grato a ela pelo esforço que ela tem em criar o nosso filho, dado que a guarda ficou com ela. Então, o esforço que ela empenha na criação dele, dos princípios que ela tem. Ela é uma pessoa extremamente tranquila, ela é uma pessoa, olha o que eu vou falar: livre de preconceitos, nossa, ela navega muito bem em todas as esferas, ela fala com todo mundo do mesmo jeito. Então, eu acho que isso ela passa para ele em uma boa. Mas eu temo por isso, sim. Eu temo porque lá, especificamente, como nós estamos falando de uma cidade muito pequena, nós estamos falando de uma cidade com sete quilômetros de orla. Então, sei lá, deve ser sete por dez, um quadrado sete por dez quilômetros ali. As pessoas se conhecem. Então, eu temo por isso, sim, porque as pessoas não me conhecem. Eu morei lá durante cinco anos só, porque nós mudamos, nós fomos embora para lá logo que ele nasceu. Eu morei por cinco anos

lá. Eu conheci muita gente, mas ué, tem o turnover¹⁶ das pessoas, enfim, as pessoas esquecem também das outras. Só que por isso que eu gostaria de estar um pouco mais lá, presente também. Não vou morar lá, a minha vida está aqui. Isso foi, inclusive, uma das coisas que distanciou a mim e à mãe dele, mas deixando sempre isso muito claro para ele: ele precisa de informação, ele precisa ser preparado, sim, porque, em algum momento, ele vai sofrer com isso. É inevitável, dada a nossa sociedade. Então, eu quero que ele esteja preparado, eu quero estar ao lado dele se isso acontecer, se possível, porque eu, como adulto, vou saber como lidar. Ele, como criança, ainda é muito provável que não, vá se recuar. Então, tenho, sim, bastante preocupação com relação a ele ser atacado pelo preconceito.

Marília Gabriela: Hoje, você diria que você prepara o Caio para lidar com as questões, para se proteger do racismo ou você acha que não, que há algo a ser feito? Como você vê?

Arthur: Eu acho que, sim, mas não como eu gostaria.

Marília Gabriela: Você tem claro como você gostaria?

Arthur: Sim, sim. Eu gostaria de estar mais perto dele. Claro, não dá mais, dada a situação de vida, mas eu gostaria de estar mais próximo. Então, eu acho que assim, passar essa segurança para ele que, a qualquer momento, ele pode me acionar. Isso eu vivo falando para ele, eu falo: filho, eu estou a uma hora de distância de você. Fique tranquilo, se você precisar de mim, você pega o telefone e me liga, para qualquer coisa. Mas, assim, a preocupação do como eu quero é dar informação. Eu mando direto coisas para ele. Ele tem o celularzinho dele lá e nós fazemos questão de manter isso só entre nós três. Então, só nós temos o número dele, ninguém mais tem da família, sabe? Só eu e ela, eu e a mãe temos e ninguém mais da família. Nós escolhemos o que vai para lá, o que chega lá para nós termos esse controle. Mas, sim, eu gostaria de poder armá-lo melhor do ponto de vista de não atacar, mas de defender melhor, de informá-lo mais e de participar com relação a acontecimentos importantes. Então, nós estamos chegando o dia 20 de novembro, que são coisas que nós sempre passamos juntos. Então, nós fazíamos uma puta festa quando nós morávamos juntos. Depois, não necessariamente ele está comigo, porque tem aquela questão de revezar os finais de semana, os feriados e tudo o mais. Então, tem vezes que vai cair comigo, tem vezes que vai estar com ela, e aí não sei o que ela vai fazer do lado de lá, entendeu? Mas a todo momento. Então, mostrar, realmente, para ele... Até como as famílias são compostas, hoje. Eu acho que tem que começar daí. Então, assim, tem amiguinhos deles que tem dois papais. Tem amiguinhos dele que tem duas mães. Tem amiguinhos dele que o papai e a mãe são negros, tem os amiguinhos que o papai e a mãe são brancos. Então, tudo isso, eu converso, nós conversamos, ela também, para tornar isso normal para ele. Eu acho que esse é o primeiro caminho. Dando informação, conforme a faixa etária, fazer com que a escola seja uma opção bacana. Ele saiu, agora, ele foi para o primeiro ano, está indo para o segundo. Então, nessa passagem do pré para o primeiro ano, nós visitamos várias escolas para entendermos como é que era. Inclusive, essas questões de preconceito, seja ele qual for, racial, de religião, seja do que for. Nós visitamos várias escolas lá e nós decidimos por uma escola que não necessariamente tem o melhor método de ensino, mas tem um clima bom, é diversa. Então, nós fizemos questão de colocá-lo nesse ambiente, que é o mais adequado na nossa visão, sabe? Nós nos preocupamos nesse nível, nós fomos nesse nível. De novo: nós não estávamos mais juntos, mas nós fizemos juntos. Então, por isso que eu digo a você: confio muito no julgamento dela também para com ele, porque ela, realmente, é preocupada e ela é muito tranquila com isso.

Marília Gabriela: Arthur, tem alguma coisa que você gostaria de dizer sobre isso que nós estamos conversando? Que você gostaria de ter dito e não disse ou gostaria que eu tivesse perguntado e eu não perguntei?

Arthur: De dizer ou não perguntado... Deixe-me pensar aqui. Nossa, até chorei aqui, porque

¹⁶ Significado em inglês, entrada e saída de pessoas.

eu pensei nele, nossa, deu uma saudade. Mas é normal, normal.

Marília Gabriela: Fica à vontade. Aqui, não tem problema, está bom?

Arthur: Ah, não, normal, obrigado. Eu estou me sentindo muito à vontade, mesmo. Obrigado, mesmo. Porque agora você fez uma pergunta, eu ia até cruzar o braço. Mas você meio que me fez uma pergunta que meio que me tirou do prumo, porque é um tema muito abrangente. Por que eu fiquei desse jeito? Porque talvez eu não me sinta, inclusive, preparado para ajudá-lo, sabe? Então, eu acho que, talvez, isso, como que eu me preparo? Acho que isso é uma boa pergunta. Como que eu me preparo para essa missão. Eu acho que é uma missão que nós temos, enquanto pais, de fazer com que os nossos filhos trilhem um caminho, de preferência, com menos pedras, obstáculos do que os nossos e mais feliz. Então, eu acho que isso é uma pergunta legal e eu a respondo da segunda maneira: eu me preparo tentando me colocar, sempre, no lugar da outra pessoa. Em qualquer situação. Então, eu estou em um ambiente extremamente de competição. O mundo corporativo é uma máquina de moer gente. Eu uso essa frase para eles, inclusive. Eu falo: vocês vão se preparando, porque vocês vão cair em um moedor de gente. Então, assim, você tem que estar preparado tecnicamente, você tem que estar preparado psicologicamente, você precisa saber navegar bem em todas as esferas. Então, eles ouvem isso de mim o tempo todo. Mas eu me preparo buscando conhecimento. Então, eu leio muito, eu tenho alguns vídeos específicos de sites que falam do tema da nossa raça, específica, a raça negra, que fala de cabelo, que fala de pele, que fala de comportamento, que fala de música, que fala de cultura. Ontem eu estava falando com a minha irmã, por isso que nós estávamos falando antes, inclusive, agora, que ela foi ao cabelereiro porque ela estava com trança. E aí, o cabelo dela já está bem grande, mas ela tinha colocado aquele cabelo artificial para puxar o cabelo dela. Eu esqueci o nome, agora, desculpa, perdoe-me. E aí, ela estava com as trançonas, bem grandes, mesmo, para fazer bastante peso. Ela falou: está doendo já, não dá, o meu cabelo cresceu muito, já está, a raiz já aumentou. Eu falei: sabe o que eu vou fazer? Ela está vindo para cá, agora, em novembro, que é aniversário dela e do Caio, você vai entender porque ela vem para cá. Ela tem aquela escova de benguela¹⁷, você já deve ter visto. Eu vi outro dia aquilo, eu falei: mana, eu vou comprar uma para você, porque é um preço bacana, eu acho que vai ser legal e eu vi uma moça que estava com o cabelo igual o seu está agora e ficou muito legal. Ela passou a escova, passou o gel e ficou top. Então, eu vou te dar, quando você estiver aqui, o gel e a escova. Você usa e, se você quiser, você compra para você levar. “Ah, está bom. Então, beleza.” Então, eu tento me inteirar em tudo, tudo que é possível assim. Falando de religião: eu não tenho, não sigo uma religião. Eu acredito no bem e no mau, em primeiro lugar. Que acima disso, tem uma entidade que aí pode chamar de Deus, pode chamar do que quiser, que é o cara que está lá orquestrando tudo isso. O cara ou a moça. Eu falo o cara, mas é a entidade, por isso que eu falo a entidade. Tento me preparar também nesse sentido. Então, na parte espiritual também está bem para sempre estar calmo, mesmo em uma situação de dificuldade, de ter que brigar, é difícil eu aumentar o tom de voz, é difícil eu ser mais agressivo, é muito difícil. Porque desde criança, como eu perdi o meu pai muito novo, eu assumi meio que esse papel com a minha irmã do meio. Depois, veio uma irmã com 13 anos de diferença e a minha mãe me deu para apadrinhá-la. Aí virou filha, não tem o que fazer. Inclusive, é com quem eu tenho mais contato, do que com a minha irmã do meio, mas não por nada, por afinidade, mesmo. Então, eu tento me preparar, tento buscar informação e tento repassar o que dá, de acordo com a faixa etária. O Théo já está com 15 anos, já está diferente. O que eu passo para ele é bem diferente, nós já estamos falando até do que ele vai estudar, agora, no final do nono ano. Nós estamos indo atrás de curso de Etec porque ele quer se especializar, ele não quer fazer o segundo grau normal, ele quer fazer já se especializando em algumas áreas e tal. Eu falei: “cara, você vai ralar. Você vê, eu e a tua mãe, nós não paramos de estudar um minuto. Você sabe que, daqui

¹⁷ Escola para cabelo crespo e enrolado.

para frente, você nunca mais vai parar, se você enviesar para esse lado. Você tem alguns outros anos, onde você vai continuar estudando, mas menos.” Mas, não, ele quer ser biomédico, assim, de qualquer jeito. Na verdade, ele quer ser cientista. Então, ele quer ir para o lado da Química ou da Biologia Médica. Eu falei: “cara, então, saiba que você nunca mais vai parar de estudar, mesmo.” Então, entende? É nesse sentido, nós vamos preparando-os, cada um na sua faixa etária e cada um com a sua necessidade. E aí, vem as questões raciais. Porque o Théo já tem um tom de pele mais escuro, porque a Silvia tem, realmente, o tom de pele como o nosso, ela é negra. Só que o cabelo dele puxou mais para o meu pai e para a avó dele. Então, assim, o cabelo dele são aqueles cachos mais soltos. Agora, ele está com o cabelo assim, está aquele cabelão assim e: pai, está da hora, muito louco, olha o meu cabelo. Eu falo: é isso aí, cara. Eu achei que você não fosse deixar crescer, você falou que não queria mais. “Ah, mudei de ideia e estou deixando”. Então, ele mostra isso a todo momento também. Eu sei que não é o caso do estudo aqui, mas eu quis fazer esse parêntesis, porque foi na mesma linha de raciocínio com ele é a que nós estamos usando com o Caio. Por que eu falo “nós”? Até porque a Livia participou da criação do Théo, esteve conosco nesse período. Então, tudo que ela faz com o Caio, ela fez com o Théo. Então, tudo que eu fiz com o Théo, nós fazemos com o Caio. Aí eu acho que está dando certo.

Marília Gabriela: O que você fez com o Théo que você, junto a ela, com a Livia, pensou em repetir com o Caio, a respeito dessa questão?

Arthur: Ah, com certeza, mostrar a diferença. Então, nós falávamos muito para o Théo, Théo, a tia Lu, está vendo? A tia Lu não é pretinha igual a nós. Mas você vê como ela te ama? Sabe, você prefere ficar no colo de quem? No meu ou no dela? “No dela”. Então, veja o amor que ela tem por você. Então, independe de ter a pele clara, de ter a pele negra, de ter a pele amarela, independe. Então, isso é uma coisa que nós fazemos sempre com o Caio: filho, o papai e a mamãe não estão juntos não tem nada a ver com a cor da pele. Olha como nós nos respeitamos, olha como nós te amamos, olha como nós te tratamos bem. Então, isso é uma das principais coisas que nós fizemos com o Théo e deu muito certo. Porque, no começo, ele tinha um certo pé atrás com ela. Já vem aquela tia me apertar. Tipo Felícia, sabe? Mas, nossa, ela é diferente. E aí, eu fui quebrando isso aos poucos. A Silvia ajudou bastante também, porque festa de escola, ela fazia questão: traga a Livia, traga-a junto. Então, é uma família bem diferente, vamos falar assim. É uma família que foi construída em cima das adversidades, mas todo mundo se respeita, todo mundo convive bem, em prol dos meninos. Eu acho que isso é o mais importante. Sempre foi em prol deles, isso é o mais legal de tudo. Nós sempre colocamos as nossas questões depois das questões que são mais importantes para eles, sabe? Isso, nós estamos fazendo com o Caio também.

Marília Gabriela: Para fechar, você gostaria de deixar alguma mensagem para eles?

Arthur: Ah, sim. Quero e, assim, é uma mensagem que é muito importante. Somos todos humanos, eu acho que isso é o que precisa prevalecer. A história foi feita por homens, humanos também falhos, cada um com a sua experiência de vida, cada um no seu momento da história. Então, nós precisamos fazer história agora...

Arthur: Como seres humanos, somos todos da mesma raça. Raça humana. Dentro da raça humana, tem as subdivisões criadas, naturalmente, isso é um processo biológico. E aí, cada um traz consigo todas as suas experiências de vida, do momento histórico que viveu. O que eu acredito muito é que a história é feita pelos homens, que são falhos, que têm os seus pré-conceitos, seja consciente ou inconscientes, por causa das suas histórias de vida. Cada um tem a sua, que é diferente da do irmão gêmeo ali do lado. Não tem como, não dá para ser igual. Então, eu acho que é a hora de nós fazermos história de novo, ou a hora de nós marcarmos na história, acho que é melhor assim, essa unicidade. Eu acho que nós precisamos ser respeitados como indivíduos, nós precisamos ser considerados como inteligentes, capazes. Não é porque biologicamente nós somos favorecidos na parte física, que nós só servimos para esporte, que

nós só servimos para trabalhar de segurança, de motorista, não. A parte cognitiva também é desenvolvida nos negros. Então, nós temos capacidade, sim, de sermos presidentes da república, de sermos Nobel, de sermos importantes na ciência, na cultura, onde for. Onde nós estivermos, nós temos as mesmas capacidade que todo mundo. Começar a quebrar um pouco esse estereótipo de que: putz, inteligente é só o japonês. Não, cara, todo mundo é. Vamos entender com eles lá como é que eles estimulam a molecada deles, porque, realmente, é um negócio diferente, mas a inteligência, a aptidão está ali para todo mundo. Ah, não, mas só o cara branco pode ser bonitinho e aparecer na TV. O caramba, não. É só olhar quantos atores maravilhosos que nós temos no Brasil e fora, negros. Asiáticos. Porra, então, vamos lá. Vamos começar a colocar isso que todo mundo vê como normal, que é normal, para todas as outras áreas. Eu acho que essa é a mensagem que eu deixo. Eu acho que nós estamos com a faca e o queijo na mão, porque nós temos muita gente boa, muito negro inteligente, muito negro apto, psicológica, espiritual e fisicamente, para colocar as coisas no lugar. Nós não queremos ser mais que ninguém, nós só queremos o nosso reconhecimento devido, só.

Marília Gabriela: Maravilha, Arthur, obrigada, viu?

Arthur: Imagina.

Marília Gabriela: Você está bem? Está tudo bem?

Arthur: Sim, estou de boa. Eu me emocionei àquela hora, mas, estou superleve. Leve, de verdade, um papo muito fluido. É bom nós podermos conversar sobre isso. Eu vou fazer um gancho. Lembra que eu passei que eu vou passar o seu contato para a minha irmã, não é? A Wânia vai fazer 30 anos, agora, então, está na pilha de que vai fazer 30 anos, não sei para que isso, mas ok. Ela desde os 24, se eu não me engano, 23 ou 24, mora no Canadá, sozinha. Então, a minha mãe vai para lá, fica um tempo com ela, fica aqui conosco, enfim. A minha mãe mora dentro de uma malinha agora. E ela estava fazendo um acompanhamento psicológico, uma moça que foi recomendada para ela, e um pouquinho antes de entrar aqui com você, ela me falou uma frase que, até então, ela não tinha falado. Ela estava interrompendo esse acompanhamento com essa psicóloga, porque acho que a uma ou duas sessões atrás, ela não se sentiu à vontade, ela achava que a moça estava muito dispersa e tal. E ela quer discutir algumas questões que são inerentes, apenas, a nós, negros, e ela não via a abertura para falar disso. Então, assim, o seu contato, além do seu projeto, além da sua pesquisa, é um contato que eu acho que vai render um fruto muito bacana para você poder conversar com a minha irmã, vocês combinarem, fazerem os combinados de vocês, mas até para você poder acompanhá-la psicologicamente, dar um apoio e conseguir conversar sobre tudo isso, se tudo der certo.

Marília Gabriela: Será um prazer. Obrigada Arthur pela entrevista.

APÊNDICE12 – ENTREVISTA BÁRBARA

Bárbara

45 anos

Divorciada

Uma filha de 11 anos e um filho de 05 anos.

Advogada

Marilia Gabriela: Vamos lá, Bárbara. Vou te perguntar algumas coisas. O que é racismo para você?

Bárbara: Racismo é uma forma de opressão ao outro, em razão de sua etnia.

Marilia Gabriela: Ahã.

Bárbara: É isso.

Marilia Gabriela: Ok. Bárbara, o racismo se tornou o centro dos debates sociais, você já sofreu racismo?

Bárbara: Sim.

Marilia Gabriela: Conte exemplos, por favor.

Bárbara: Eu descobri que eu era negra na escola, até então, minha família, éramos todos negros, então não havia, não sofria, não sentia o racismo. Quando comecei ir para a escola, percebi que a cor da minha pele era um problema para as crianças rirem de mim, me xingar, me bater, então era algo que me causava muito incômodo, só que não sabia o que era, fui descobrir depois, porque em casa, meus pais, talvez por falta de orientação, não sabiam lidar com aquilo. As pessoas riam da minha cor, da minha boca que era grande, o meu cabelo que era um problema e não entendia, então em casa, se eu comentasse com os meus pais: "Ah, não liga. Ah, quando é assim não liga, bobeira. Ah, não é para vir para casa chorando por causa disso." E foi passando, nós fomos nos adaptando, na adolescência, a mesma coisa. Naquela fase de namoro, eu acabava sempre sendo preterida. A menina podia ser horrível, horrorosa sem dente, mas nunca eu era escolhida, sempre era preterida por uma menina branca de cabelo liso. E depois, fui amadurecendo e na fase dos meus vinte e poucos anos, na verdade, isso foi melhorando quando entrei na faculdade que comecei a ver outras pessoas, comecei a trabalhar, a cuidar mais de mim e comecei a ver que tinha a minha beleza, que comecei a ver a minha vida e acabou assim. E isso foi melhorando a minha autoestima, mas é um problema que não era conversado, você tinha que só superar e pronto. Estou falando muito, quer que eu pare?

Marilia Gabriela: De modo algum, pode prosseguir. Não tem problema.

Bárbara: Na minha vida profissional, eu nunca tive problema para arrumar emprego, mas sempre tive problema para ser promovida, nunca fui. Eu tenho certeza que não era por conta da minha capacidade. Então se for comparar com alguma, não todas, não vou generalizar, talvez esteja melhor que algumas, mas se eu for comparar com algumas amigas minhas, da época de faculdade, de estágio, brancas, elas estão extremamente bem, são gerentes de empresas e conhecimento técnico é igual ao meu, então por que eu não? Só vai descobrir depois, e vai gerar conflito; "Ah, será que não sou capaz? Será que não fiz o suficiente?" Aí vem aquele peso: "Você é negro, você tem que ser melhor que tudo.", o que acaba sendo muito pesado, não tenho a obrigação de ser o melhor em tudo, mas tem aquele peso de que nem sempre podemos ser melhores em tudo e nós descobrimos o racismo na idade adulta e na fase difícil, comecei a descobrir o racismo com os meus filhos.

Marilia Gabriela: Espera só um minuto, Bárbara.

Marilia Gabriela: Vizinho começou com uma batadeira.

Marilia Gabriela: Espera aí que parei de te ouvir, vamos ver se volta.

Bárbara: Ahã.

Marilia Gabriela: Pode falar.

Bárbara: O problema quando tive os meus filhos, aí eu comecei a ver o racismo contra as crianças e sempre me coloquei a disposição da minha filha, que é uma menina meiga, que quando ela começou a ter cinco anos ela começou a vir chorando para casa, porque as amigas delas eram brancas e tinham um cabelo liso e por causa da cor, do jeito que ela era e foi todo um trabalho de conversa. Converso com ela, que ela é negra como eu, que nós somos bonitos, que as pessoas são diferentes e tenho conversado com ela. Ela não relata nem 50 por cento das coisas que eu passava, graças a Deus.

Marilia Gabriela: Uhum.

Bárbara: Meu filho está começando agora, ele tem cinco anos, ele é um menino que tem um cabelo muito bonito, ele chama a atenção, ele é muito espontâneo, muito inteligente e é o mesmo problema, o cabelo dele, ele quer que faz franja (risos), ele quer que penteia para um lado porque ele tem alguns amigos que são assim e só o dele que não e ele acha que é feio. "Não, filho. O seu cabelo não é feio. O seu cabelo é igual a do seu pai." E conversando com ele nesse sentido e tem as piadinhas que nós, as piadas racistas contra as mães que você escuta na escola, que essa pessoa está querendo ser simpática, mas ela está sendo racista, então para não ser chata, você acaba ficando quieta, como: "Ai, vai ser, ele gosta de samba", ele nem escuta samba. Ele nem pode gostar de música clássica, porque ele tem que gostar de samba. "Ah, não sei o que, jogador de futebol." Não, ele nem gosta. Então é esse tipo de coisa que escuto e.

Marilia Gabriela: Certo.

Bárbara: E escutava a 30 anos atrás e hoje algumas pessoas que tenho mais intimidade eu falo: "Olha, o seu comentário é racista", mas algumas pessoas nem dá, a pessoa nem vai entender, então pronto, mas não sei se estou fazendo certo, mas eu tento proteger os meus filhos nesse sentido.

Marilia Gabriela: Certo. E você, isso foi conversado, a maneira de vocês lidarem com a questão do racismo com os filhos, foi conversado com o pai das crianças ou foi uma coisa mais intuitiva sua. Ele também participava dessas conversas ou participa, tem algum movimento por parte dele em relação a isso?

Bárbara: Não, era mais intuitivo. Nós comentávamos alguns episódios, mas não falava, se eu falava e tal, não sei.

Marilia Gabriela: Uhum. E a maneira que ele conduz, é parecida com a maneira que você conduz em relação a isso?

Bárbara: Sim.

Marilia Gabriela: Ok. Você, então, de certa forma você já me disse, você já chegou a se preocupar com o racismo, com a chegada dos filhos, isso foi uma questão?

Bárbara: Sim, sempre foi, inclusive esse ano, de 2021, o Breno teve que mudar de escola, porque não tinha a partir do sexto ano, e comecei a procurar escolas. Eu procurei umas cinco escolas, em todas as escolas que eu fui, eu perguntava: "Você tem professores negros?" Alguns, a maioria, fazendo cara de espanto, "Não, mas o que tem haver?", "Não, eu quero saber se vocês têm professores negros." "Ah, você é alguma ativista?" (risos), "Não, só estou perguntando, uma pergunta normal, tem professores, quais professores negros têm aqui?" "Ah, tem um." "Ah, eu acho que sou negro.", mas é uma proporção, infelizmente não tem.

Marilia Gabriela: Quando eles "Ah, você é ativista?", o que eles entendiam com essa pergunta?

Bárbara: Que estava sendo radical. Só porque eu perguntei se tem professores negros, aí ele entendeu como se eu fosse radical. Ele não falou, mas deu como se eu fosse uma radical.

Marilia Gabriela: Como uma crítica?

Bárbara: Isso, uma crítica, eu poderia procurar: "Tem professores japoneses?"

Marilia Gabriela: Ok. Acho que é isso, acho que você respondeu tão bem que eu não teria mais perguntas, Bárbara, a não ser uma. Você gostaria de dizer alguma coisa aqui que você

acha que eu não perguntei sobre isso, você gostaria de trazer alguma coisa?

Bárbara: Ah, eu acho que nós somos muito despreparados na criação de nossas crianças, nossas negras, porque é assim, contra fatos não há argumentos, nós vemos uma movimentação, vemos uma mídia, um monte de negro, propaganda. Você vai no Banco Itaú, um dia fui no Banco Itaú e o caixa eletrônico, uma moça de um lado e outra de outro, aí falei: "Nossa, que legal." Só que quando você chega nas empresas, nos grandes cargos, não tem pessoas negras, as pessoas que se pareçam como nossos filhos estão lavando banheiro. Quando você vai no hospital, você não vê o médico que vem atender é uma moça loira, no fórum, juízes são pessoas brancas com o nome europeu, aí você fala: "Puxa vida.", eu tenho que convencer os meus filhos que eles podem ser o que eles quiserem, mas não é isso que vemos. Eu tenho que convencer eles, eles podem, na verdade, eu acredito nisso, mas sei que isso é contra, eu sei que é um negócio pequeno contra o de uma montanha, porque: "Ah, não imagina, está mudando." Está mudando o sei lá (risos), não sei, está mudando bem devagar, porque na prática, nas grandes empresas, nos grandes cargos não vemos. Os meus filhos estão começando a observar, a conhecer pessoas parecidas: "Ah, mamãe, aquela pessoa tem um cabelo parecido com o seu." Desenhos, os meus filhos assistem canal fechado como a maioria das crianças e só nos programas norte-americanos tem crianças negras, aí meu filho: "Ah, mamãe, ele parece comigo, o cabelo dele é igual." Aí ele gosta de assistir isso, porque ele vê, olha se parece comigo, só que o menino é americano, não é brasileiro. "Olha, mamãe, que legal, não sei o que. Ele parece comigo, olha mãe, vem, parece você." Então isso o deixa muito feliz mas aqui no Brasil as mães, as pessoas que ele vê parecida com a mãe dele, não são professoras, não são médicas, elas são empregadas domésticas, não que seja indigno, mas é uma realidade muito dura para eles.

Marília Gabriela: Uhum. E então você está dizendo, Bárbara que é um trabalho muito árduo, você tem que mostrar para os filhos que podem ser o que eles quiserem, mas você, por vezes, se sente insegura, porque talvez, vem um pensamento de que eles não consigam ou isso vai ser algo muito difícil para chegar lá?

Bárbara: Eu acho muito difícil para chegar lá.

Marília Gabriela: E como você se sente, enquanto mãe, pensando sobre isso e na educação deles?

Bárbara: Eu procuro fazer o que eu posso, incentivar a estudar, é o único meio que vocês têm, não tem outro, não sou rica, ninguém é rico, não temos herança, temos que trabalhar muito e estudar muito. E só vamos ter um trabalho legal se nós estudarmos muito mesmo, eu quero que vocês não fiquem que nem a mamãe trabalhando 12 horas por dia, ganhando pouco, eu falei isso desse jeito. Deixo claro: "Olha, eu quero que vocês, assim, que vocês possam trabalhar." "Eu quero viajar para tal lugar e tenho dinheiro." Com a minha filha eu brinco, brincamos que a dúvida dela seja entre curso x ou y mas para isso tem que estudar muito para ter um emprego legal para ganhar bastante dinheiro, é dessa forma, de maneira lúdica. "Ah, para você falar eu quero aquele carro, ah eu tenho dinheiro para comprar, mas para isso vai ter que trabalhar e para ter um trabalho que dá bastante dinheiro, vai ter que estudar bastante." Então é o que faço.

Marília Gabriela: Perfeito, você tem uma mensagem para eles que você gostaria de deixar aqui? Se você pudesse falar algo, o que você diria?

Bárbara: Que eles podem ser o que eles quiserem. (Bárbara se emociona)

Marília Gabriela: Ok, podemos parar? Tudo bem? Obrigada, Bárbara.

APÊNDICE 13 – ENTREVISTA DE JORGE E MICHELLE

Michelle: 46 anos

Jorge: 41 anos

Casados

Publicitários

Pais de Mariazinha: 9 anos

Marilia Gabriela: Podemos começar? Bom, vamos lá, o que é racismo pra vocês?

Michelle: É uma manifestação...vamos lá pode falando você...

Jorge: Eu creio que seja qualquer situação em que o indivíduo seja minado de situações sociais, de convívio, de oportunidades em função de sua raça. Não somente da sua cor, mas em função de sua raça.

Geruza: Diria que qualquer tipo de discriminação.

Marilia Gabriela: Certo...O racismo se tornou o centro dos debates sociais vocês já sofreram racismo? Cite exemplos?

Michelle: Eu acho que a vida toda eu sofri racismo só que eu só vim me dar conta disso há alguns anos, bem recentemente mesmo. Por parte do meu padrasto e acho que também por parte da minha mãe que não se reconhece como negra. Consequentemente pratica o racismo. Então assim, eu tenho um pai que é negro, mas eu não o conheço, ela até se nega a falar o nome dele, ela não quer nenhum contato e nem me permite ter nenhum contato. Então assim, a minha mãe sempre falou muito do meu cabelo, que meu cabelo era ruim, que eu precisava cortar porque cabelo ruim tinha que ser curto, sempre falou dos meus lábios por serem grossos e meu pai falava, meu padrasto, eu chamo de pai mais ele é meu padrasto, mas como isso foi tão forte eu chamo ele de pai. Ele sempre falou que eu não era bonita. Então para mim tudo isso é um Racismo.

Marilia Gabriela: Ok, e você Celso?

Jorge: A minha experiência com o racismo é um pouco diferente, talvez o racismo que eu sofro atualmente seja maior do que antes. Eu sou de família pobre e um dos mais claros da minha família, só que eu sou um dos que mais tem consciência negra, consciência racial, de classe e de todos esses.

Então na periferia, de uma certa maneira, todos são blindados de uma consciência social que incute uma série de não acesso a todos: a pretos a não pretos, a brancos e não brancos então, nesse ambiente de periferia, eu não acredito que eu tenha sofrido racismo. Quando eu sai também para o mundo de trabalho, todas essas coisas, pelo fato de me considerar negro, mas não ser um negro retinto, eu não tenho experiência de racismo relatados. O racismo que eu mais sofro é quando eu me posiciono como negro e as pessoas não querem aceitar que eu sou negro e essa é uma forma de racismo muito grande.

Marilia Gabriela: Então você reconhece que sofreu racismo?

Jorge: sim.

Marilia Gabriela: O que vocês acham dos movimentos negros?

Michelle: Importantíssimos, demorou. Eu acho que precisamos, necessário.

Jorge: Eles são extremamente necessários para dar voz a nossa população, a gente até usou até pouquíssimo tempo, dar voz as minorias, mas como assim minorias? Nós somos a maioria. Então os movimentos agora são de maneira mais estruturada. Lugar de fala eles estão pautando uma série de termos que nós usávamos no cotidiano e que essa população que ainda não assume que é racista, diz que é mi mi mi, disse que hoje você não pode falar mais determinadas coisas, a questão é que nunca se pode falar! Nunca havia ter podido falar, então hoje os movimentos estão exatamente limando essas possibilidades né, eles estão dando fala cada vez maior pra gente.

Michelle: Engraçado, acabei de lembrar que eu cresci ouvindo que eu era morena clara. Olha isso!

Celso: Meu caso.

Michelle: Hoje que eu falo gente é muito louco isso né.

Marilia Gabriela: Faz pouco tempo Michelle então que você se deu conta? Como é que foi que você se deu conta?

Michelle: Eu acho que a terapia me trouxe muito esse olhar, de reconhecimento, porque eu tinha uma imagem que era projetada por eles, então eu não me reconhecia. Na terapia eu fui me reconhecendo, nossa, eu não sou nada do que eles disseram que eu era e é isso. Então de 2017 pra cá. Claro que depois que eu casei isso foi ficando mais evidente também né porque aprendi muito com o Jorge mas ainda tinha muita coisa para desconstruir né e acho que a terapia me trouxe esse olhar de desconstrução. Mais a maternidade junto, então tudo isso favoreceu.

Marilia Gabriela: Quantos anos de casados?

Jorge: Olha, nós estamos juntos há 21 anos e casados nós estamos há quinze.

Marilia Gabriela: Bacana. Como é o nome da filha de vocês?

Michelle: Mariazinha.

Marilia Gabriela: Mariazinha, ok. Com a chegada da Mariazinha vocês se preocuparam com a questão dela enfrentar o racismo?

Michelle: Sim. Muito. Principalmente por conta de ter os cabelos cacheados e por ter uma avó extremamente preconceituosa, um vô. Toda essa preocupação por que o risco era dentro de casa, não é? Muito próximo, então... sempre tive esse receio de que a história não se repetisse né, então que ela se aceitasse da forma que ela é, se gostasse da forma que ela é, com os cabelos cacheados, com os traços fortes né. E não deixasse ninguém falar para ela que o cabelo dela era ruim. Essa preocupação aumentou.

Marilia Gabriela: Jorge, você quer falar alguma coisa sobre isso?

Jorge: Não, muito mesmo dessa linha mesmo. Que a Mariazinha é uma menina bem clarinha, com os cabelos cacheados, então a gente é... logicamente se preocupa porque o racismo é um assunto que sempre teve, o racismo e as outras formas de discriminação, sempre foram um assunto, nos últimos anos muito mais, mas o racismo sempre foi um assunto que esteve presente nas nossas pautas. E quando a gente decidiu ser pais, a gente conversou sobre uma série de coisas. E como nós ajudaríamos a nossa filha a enfrentar quaisquer que fossem as adversidades né.

Marilia Gabriela: Uma coisa que eu não perguntei, que está aqui no início, que é dos dados é idade de vocês, eu não perguntei, não é?

Michelle: Não.

Marilia Gabriela: Qual a idade de vocês?

Michelle: 46 anos.

Jorge: E eu 41 anos.

Marilia Gabriela: Vamos lá, vocês a preparam, a Mariazinha para enfrentar o racismo? Na escola, na rua, na sociedade ou em casa?

Michelle: Acho que desde a hora da nossa escolha pela escola. A gente escolheu uma escola que trabalhasse muito essa questão da diversidade, começou aí. A literatura que a gente traz para dentro de casa, a preocupação de bonecas negras, então a gente sempre preparou e hoje a gente fala abertamente sobre isso com ela. Ela tem essa consciência que existe o preconceito, o racismo, ela tem falas que são delas que é muito bonito ouvir, então significa que a gente está acertando.

Marilia Gabriela: Você quer deixar uma fala que ela costuma dizer para vocês...

Michelle: Quando eu lembrar eu volto.

Marilia Gabriela: Não tem problema, tome o tempo que você precisar. Enquanto isso eu acho que eu posso seguir numa próxima questão. Deixa eu ver...

Jorge: Vou só fazer um adendo né, quando a Michelle disse sobre a escola, a gente trabalha aqui a possibilidade de que todos falem, que as decisões aqui em casa sejam conjuntas, E a Mariazinha tem muita fala, é uma criança extremamente contestadora. A psicóloga dela fala que em alguns momentos que ela parece uma criança que “ Mariazinha chega!” E ela olha e fala...” Mas vocês me criaram desse jeito”, então não adianta de uma hora para outra dizer. Aceite. Porque ela só vai contestar, e a gente entendeu e é esse tipo de educação que a gente quer dar. Que ela questione o mundo, que ela fale, que ela não se cale. Então a gente entendeu que uma escola tradicional seria muito prejudicial para aquilo que a gente enxerga como uma educação para a Mariazinha, aquilo que a gente prática em casa e aquilo que ela já é enquanto personalidade que ela já vem desenvolvendo sabe?! Nessa escola realmente eles trabalham muito o indivíduo, respeitando o timing de cada um, o jeito que cada um é. Existem crianças e adolescentes na escola que assumiram uma sexualidade sabe?! Então a escola é um palco mesmo de não preconceito. É uma escola que além de trabalhar a diversidade, ela assumiu um grupo inclusive no qual a gente faz parte, um grupo para que ela seja uma escola não racista.

Marilia Gabriela: Bacana, bacana. Eu acho que é isso mesmo, e vocês gostariam de me dizer mais alguma coisa, Michelle lembrou alguma palavra, alguma frase da Mariazinha?

Michelle: Não.

Marilia Gabriela: E esse quadro do fundo? É uma africana, é isso? No quadro?

Michelle: É! Rs

Marilia Gabriela: Muito linda! Muito linda!

Michelle: A mãe África.

Jorge: A mãe África olhando para o horizonte.

Marilia Gabriela: Ok! E vocês costumam trazer essa referência na casa de vocês? No Universo de vocês?

Jorge: Nós não falamos exatamente muito de África, mas eu comprei uma coleção mais ou menos de vinte livros para a Mariazinha. Na sequência até te mando o link de alguns deles tá. Mas assim tanto de desconstrução de alguns contos de fada, onde os protagonistas são negros. Tem um livro que o título é... “Cabelo ruim ! Ruim é a sua alguma coisa, alguns livros da Kiusan, que a gente inclusive, teve condições de participar de uma palestra da Kiusan que a gente aprendeu muito! Então a Mariazinha tem uma série de livros, trinta, quarenta livros para a idade dela, mas que falam do universo negro, falam um pouco de preconceito, falam para a aceitação e empoderamento. A gente trabalha muito isso. A gente hoje embora fale um pouco mais aberto, mas a gente não conceitua algumas falas. Tem até uma fala bem legal para a gente conversar, a Michelle me questionou né, sexta feira eu acho, ela falou “ Jorge eu estou um pouco preocupada de como a gente vai fazer a interlocução com a Mariazinha a respeito de algumas pautas ligadas ao feminismo” e eu disse para ela “ não estou preocupado, você sabe porque Michelle, porque a gente não conceituou o feminismo enquanto movimento engajado, só que, todas as nossas falas aqui dentro de casa e as falas que a Mariazinha já assimilou, e não simplesmente repete, ela assimilou e faz pratica. São falas que endossam a questão da equidade, a questão da mulher enquanto lugar de fala, a questão da mulher empoderada, a questão de que não há coisas de menino e coisas de meninas, então no momento que nós apresentarmos o feminismo estruturado para a Mariazinha, vai ser somente uma conceituação formal, porque todas as nossas falas dentro de casa , falas e comportamentos eles já situam isso. E quando a gente também traz isso a respeito do racismo, a gente também não está muito preocupado com a etimologia, a gente tem falas aqui que endossam, a gente discute quando aconteceu com o George Floyd, o assassinato daquele irmão nosso no Carrefour, Mariazinha teve acesso a tudo isso e a gente ouviu as falas dela não é, falas revoltadas dela, ela para o noticiário e fala “ eu não acredito que no ano 2020, 2021, uma pessoa seja tratada desse jeito só por causa da cor da pele dela!” Ela fala revoltada realmente sabe?! Ela entendeu e ela se defende bem na escola embora a gente não tenha tido ocasiões em que a gente tenha percebido que os amiguinhos tem

sido maldosos com ela. Que fazem bullying. E são situações muito pontuais na escola onde as vezes ela... o ano passado ela estava um pouco descontente com o cabelo dela, ela queria ter cabelo liso como as outras meninas, mas ao mesmo tempo, as outras meninas queriam ter o cabelo cacheado como dela não é. Então a gente só trabalhou a aceitação. Mas não havia ali uma situação de racismo ali acontecendo. Então também isso a gente empoderava, a Michelle foi atrás de um tratamento para que os cachos dela ficassem mais trabalhados, mais ativos e aí ela adora os cachos dela,

Marilia Gabriela: Maravilha. É isso. Posso parar a gravação? Vocês querem dizer mais alguma coisa posso parar?

Michelle: Só complementando, isso que você falou do feminismo não é, eu fiquei pensando, ela tem um grito de guerra comigo que é assim “Mulheres unidas, jamais serão vencidas!” quando a gente quer convencer ele de alguma coisa. (risadas)

Jorge: risadas

Michelle: Então eu digo, vamos gritar “mulheres unidas, jamais serão vencidas!” Essa é a mensagem.

Marilia Gabriela: Bonitinha! Rs. Muito bom Michelle, obrigada viu. Obrigada Jorge, obrigada Michelle.

APÊNDICE 14 – ENTREVISTA JÚLIO E PAULA

Júlio: 42 anos.

Paula: 38 anos

Casados

Psicólogos

Maria: 6 anos

Marília Gabriela: Conseguem me ouvir? Conseguem me ver?

Paula: Sim, agora legal.

Marília Gabriela: Obrigada, Júlio, obrigada, Paula.

Paula: Imagina.

Júlio: De nada, que isso.

Marília Gabriela: Ok. Podemos começar?

Júlio: Sim, podemos.

Paula: Podemos.

Marília Gabriela: Ok. Vamos lá. O que é racismo para vocês?

Paula: Falando de uma forma bem simplória, preconceito por raça, eu acredito que não só pela raça negra, como por qualquer outra raça. Basicamente é isso que eu entendo.

Júlio: Sim.

Marília Gabriela: Você, Júlio.

Júlio: Bem incompleta a sua resposta (referindo-se a Paula). Pra mim é... alguma forma de preconceito, uma forma de preconceito de raça, origem, etnia, principalmente uma intolerância a diferença, naquilo que é diferente, isso.

Marília Gabriela: Ok. Nós tivemos, acho que desde o ano passado, debates, movimentos, em relação ao racismo. Não sei se vocês chegaram a acompanhar.

Júlio: Sim, não sei se você está falando de algum específico.

Paula: Do que aconteceu com o rapaz americano, o julgamento depois disso...

Júlio: Esse movimento.

Paula: Aqui também com o rapaz do Carrefour.

Marília Gabriela: Exato. E desde o ano passado, acho que nós tivemos mesmo movimentos, vidas negras importam. E vocês já sofreram, vocês já viveram algum racismo na história de vocês?

Júlio: Quer responder primeiro?

Paula: Não tenho isso registrado, talvez eu nunca tenha observado. Já senti um olhar de preconceito, mas eu entendi na vivência que tinha mais a ver com a minha origem financeira, social, por ser pobre, do que pela cor da pele, mas essa foi a minha sensação ao viver.

Júlio: Eu nunca sofri pela cor da pele, já sofri pela classe, por ser pobre, pela classe social sim, já sofri. Também não direto, mais um olhar, uma falta de atenção, aquele bem velado assim.

Marília Gabriela: E vocês têm filhos? Quantos filhos?

Júlio: Nós temos uma filha, completou agora no dia 20 seis anos.

Marília Gabriela: É uma filhinha só que vocês têm?

Paula: Só.

Júlio: Só uma.

Marília Gabriela: E vocês se preocupam com relação ao racismo na vida dela, tem uma

preocupação ou não?

Paula: Eu sinto, eu não saberia dizer muito bem, eu acredito que faz parte do racismo que é o seguinte, eu tenho um cabelo liso naturalmente, mas ela puxou a família do pai que tem um cabelo enrolado. Eu já percebo nela essa preocupação porque o cabelo é enrolado, às vezes não dá tempo de desembaraçar antes de ir para a escola, então ela já relatou: "eu não gosto do meu cabelo." Eu vejo que ela já está se dando conta dessa diferença perante as amigas principalmente, ou até quando alguém da minha família mesmo fala "porque o cabelo está desarrumado." Porque eu gosto do cabelo dela alto, cheio, na gravidez eu rezava para ela ter um cabelo assim, porque eu acho lindo! Rs. A minha família faz algum comentário: "o seu cabelo" eu já fico bem brava e já dou uns cortes neles, porque a minha preocupação é de que ela crie uma aversão ao cabelo, porque eu entendo o cabelo cacheado, mais alto, traz essa conotação da cor, da raça negra. E a minha vó era negra, na minha família paterna há uma mistura muito grande assim... vai, tenho primas irmãs, uma branca do olho verde e cabelo loiro e a outra negra, do mesmo pai e da mesma mãe, há essa mistura na família, então eu não quero que a Brenda sinta isso como um desfavorecimento. Eu não percebo tanto em mim uma preocupação, em mim pela cor, mas pela questão do cabelo, eu primo para que ela cresça deixando o cabelo natural sem ter isso de: "eu tenho que fazer processo químico" ou qualquer coisa assim. Minha preocupação com ela passa um pouco por aí, pela questão de auto estima e por não querer que ela sofra, entre aspas, essa questão do outro olhar e falar: "o seu cabelo é menos, o seu cabelo é feio," algum comentário assim que a faça sofrer.

Marília Gabriela: E você, Júlio?

Júlio: Eu tenho a preocupação também, não sei se eu posso chamar de preocupação, mas acho que um comprometimento com a questão do racismo, com a questão de igualdade. Naturalmente eu não vou tão preocupado com a autoestima conforme a Paula comentou, por acreditar que tem um valor, como formação do ser humano, quando tem uma visão de igualdade entre as pessoas sem discriminação, acho que isso forma boas pessoas. Então eu acho que desde o início a gente foi muito comprometido com isso, desde antes do nascimento dela, tanto que enxoval, festa de primeiro aniversário, enquanto ela não conseguia escolher nós sempre fomos deixando livre, não definindo por exemplo azul, rosa, não usando um personagem que tem um certo estereótipo, não dando só boneca, ela teve carrinho, teve todos os tipos de brinquedo, tudo com uma diversidade sempre muito grande.

Paula: Bonecas de várias cores, bonecas de todas as raças.

Júlio: Bonecas de todas as raças.

Paula: Que nós encontramos, não encontramos oriental, mas tem a negra, a branca, preta do cabelo loiro, e todas são filhas, todas são minhas netas. (risos)

Marília Gabriela: Que legal.

Júlio: Às vezes ela só pega uma, às vezes ela pega outra, mas ela cuida de todas. Então nós sempre nos preocupamos em oferecer essa diversidade e mesmo quando chega na loja que é muito difícil achar uma boneca negra, de dez tem uma, e quando tem, é muito raro. Quando tem é uma que não ganha destaque, então é uma menor, é uma... qualidade mesmo inferior, então sempre é difícil. Nós sempre nos preocupamos em oferecer conteúdo de entretenimento, de televisão, programas que pudessem de alguma forma trazer para ela uma mistura de cultura, uma noção inter-racial da nossa cultura. Mas ainda assim é muito forte, ainda assim os desenhos de princesa, super-herói tudo, é muito predominantemente branco, então isso entra muito pela mídia muito forte ainda. Mas ela sempre teve tudo isso e livros também, livro nós já conseguimos ter uma gama melhor, ela falou do cabelo, tem um livro que ela adora que é o Cabelo de Cora, a Cor de Coraline, tem alguns, tem dois do Emicida que nós compramos recentemente que é o da Amora e tem o Ecuridão que é um recente, então sempre quando tem esses conteúdos assim, ela gosta de leitura então nós trazemos e ela reflete, ela pergunta, ela já entende bem do que se trata o assunto. Então eu sempre tive essa preocupação, a Paula também.

Marília Gabriela: Como vocês desenvolveram, vocês disseram que isso veio até mesmo antes da Brenda nascer, vocês já tinham essa preocupação, como foi que vocês passaram a se preocupar, que momento do relacionamento ou da vida de vocês, vocês pensaram em criar a filha de vocês com esse olhar.

Júlio: Quer falar? Acho que parte da história individual de cada um, o meu acho que vem desde muito cedo, eu sou psicólogo, você sabe, terapia familiar também. Quando eu escolhi a psicologia já foi um pouco influenciado por isso, por uma questão, não tanto pelo racismo, não tanto por uma questão racial, mas se fosse pensando nas diferenças seria muito pelas questões de classe, que acho que isso me influenciava mais. Mas dentro da psicologia, já vou, aí teoricamente isso já vai influenciando muito a forma de pensar, a forma de ver o mundo, ainda mais quando entrei na terapia familiar sistêmica, acho que entrou muito mais, vai pensando o mundo já, entendendo todas essas questões de uma forma bem peculiar. Então acho que isso mais influenciou, aí quando pensamos, quando nos conhecemos já tinha isso.

Paula: E também complementando, acho que isso, o Júlio também trabalhava em uma instituição de pessoas com deficiência intelectual, então a diferença era ali permeada o tempo todo, o nosso universo, às vezes eu ia lá trabalhar com ele, o tempo todo ele estava em volta com as diferenças. Nós temos um sobrinho com autismo, então também veio ver essa questão da diferença, de como a sociedade reage a isso, então o sobrinho como é mais velho que a Brenda nós ficamos mais antenados ainda, é uma convivência que os nossos filhos iriam ter, e particularmente falando na minha história, também sou psicóloga, então vivi atendendo pessoas.

Marília Gabriela: Paula, desculpa, cortou, eu não consegui ouvir. Como psicóloga você...?

Paula: Já tive muita experiência de atender pessoas que vivem o âmbito do diferente, homossexualidade, racialidade, de atender pessoas com alto grau de nível hierárquico, mas que percebem ali uma dificuldade, eu atendo muita gente do mundo organizacional, então apresentando dificuldade, às vezes de apresentar projeto porque tem uma questão racial que fica sempre muito velado, para variar.

Júlio: Acho que a própria mulher.

Paula: Questão da mulher, exato. E essa questão também da classe porque nós trabalhamos, viemos de uma origem bem humilde financeiramente falando e atendemos hoje pessoas da classe média alta e alta. Isso sempre ficou acentuado nas nossas vivências e em um todo. Então é... A questão da diferença, o que eu entendo da fala do Júlio que não é que nós nos preocupamos apenas com a questão racial, nós nos preocupamos com a questão do diferente, o mundo todo, incluindo a questão racial. Na minha família eu acho que eu sempre senti uma integração, porque eu tenho uma família gigantesca, pessoas de todas as cores e eu acho que só não tem oriental da família, não só os parentes, mas os que foram sendo agregados, então eu nunca vivi essa experiência do... como posso dizer? Acentuadamente marcado, eu tenho tios e tias de todas as cores, então na minha vivência desde pequena sempre foi comum conviver com pessoas de todas as raças, cores, enfim, hoje em dia é difícil até nomear o que, mas enfim, então nunca me preocupei tanto nesse sentido de ter filhos, meu sogro não conheci, mas era negro. Quando eu conheci o Júlio eu não tinha essa preocupação: "minha filha vai vir de tal cor" porque por ter muito na minha família, primos e primas de todas as cores, nunca me importei, para ser sincera, nunca passou isso pela minha cabeça: "se ela vir negra, pode ser que ela vai ter preconceito." Isso não me preocupei, para ser sincera, com a questão da cor, mas eu me preocupo que ela, como é que eu posso dizer? A minha preocupação não é se ela viria, e como isso seria na minha família, a minha preocupação é como é que ela viria e como é que ela iria lidar com isso no mundo. Eu acho que essa preocupação veio muito mais quando ela apresentou a questão do cabelo porque para mim eu acho que eu fui até um pouco inocente nesse ponto quando eu estava grávida, eu queria um cabelo cacheado, encaracolado, crespo, tanto faz, porque eu achava lindo essa coisa do volume, no meu eu sofro porque eu não tenho muito volume, posso ser louca, mas

eu acho lindo uma mulher com o cabelo assim, quando ela faz coisas, eu acho a coisa mais linda, eu paro e fico vidrada. Para mim isso eu queria, mas para mim eu fui inocente porque eu queria porque eu achava bonito, não me preocupei em como isso seria visto na sociedade. Por um bom tempo quando ela era pequena eu curtia ter os cachos, ou mesmo quando ela cuidava, eu curtia, eu comecei a me preocupar quando eu percebi que dentro da minha própria família, minha mãe e minha irmã, por exemplo, chamaram atenção para isso, aí que eu comecei a me tocar, pensei: "se dentro da minha família, minha mãe e minha irmã, que convive com gente de todas as cores desde sempre traz essa questão do cabelo" foi aí que eu comecei a me tocar disso, para ser sincera. Acho que em relação a questão racial antes de engravidar eu não me preocupava, quando engravidei, quando ela veio, que a coisa começou a surgir mesmo de uma forma mais sutil, aí que eu comecei a me ligar e aí foi quando o Júlio, comecei a ler livros, a boneca negra que ela tem que é a Gabi foi a minha mãe que deu, minha mãe fala do cabelo e presenteou com a Gabi. Enfim, acho que até a minha mãe, minha irmã parece que estão se tocando um pouco que eu comecei desde então a dar uns cortes nelas.

Marília Gabriela: Você passou então a levar para a sua mãe, para a sua irmã aquilo que você pensava e o que você se preocupava em relação a fala delas diante da sua filha?

Paula: Sim, " depois a criança fica não gostando do cabelo, querendo alisar, vocês não sabem porquê. Vocês sabem como a Brenda é sensível, não falem." Às vezes a Brenda estava com o cabelo emaranhado e colocava uma tiara e falava: "como eu estou linda" e eu vi que elas começaram a se policiar para falar: "é, está linda mesmo" sendo que antes elas fariam: "mas precisa pentear." No dia-a-dia elas acho que começaram a se tocar, porque eu não sou muito sutil quando eu quero dar uns cortes.

Marília Gabriela: Está certo. E você, Júlio, quando a Paula vai falando o que vai passando com você? Tem alguma coisa que você pensa em relação a isso?

Júlio: Sim, ela estava falando aqui, tem duas coisas interessantes, nós conversamos muito, acho que nós acabamos sendo complementares, que ela vai se preocupando com a autoestima, e eu na verdade me preocupando com a forma dela enxergar o mundo, acho que envolve a autoestima também, mas eu não me preocupo com isso, é curioso, só quando aparece uma coisa muito específica, uma fala muito repetitiva, aí me chama atenção da Brenda. Uma coisa que eu achei interessante, ela falou da família dela e realmente, a família dela é muito grande e acho que não tem preconceito na sua família.

Paula: Não sinto.

Júlio: Não tem. E aí eu lembrei que eu tinha uma questão de preconceito dentro da minha casa, meu pai era negro, é negro, ele faleceu já, e ele é nordestino, é do Sergipe, minha mãe é de São Paulo, branca de São Paulo, minha mãe nunca, nada, nunca falou de negro em casa, nunca fez algum tipo de preconceito, agora com nordestino ela fazia, ela falava que meu pai era ignorante, machista e era nordestino, então isso por exemplo eu cresci associando nordestino com machista ignorante. Enfim, ela falava dentro do contexto ali de casa do comportamento dele que não estava errado algumas coisas que ela associava, não era um preconceito da parte dela, mas quando ela generalizava, lógico, virava um preconceito. Eu lembrei disso quando a Paula estava falando. O que ela comentou que eu acho interessante colocar aqui que mesmo quando eu entrei na psicologia eu tinha essas ideais todos, mas eu não tinha noção de como isso funcionava, a questão de igualdades, a questão da diferença, a questão de lidar com isso. Trabalhando com crianças com transtorno de desenvolvimento, autismo, foi que eu fui realmente perceber, fui realmente entender o que é lidar com a diferença, e aí trabalhando com as crianças isso é muito forte, porque elas já te ensinam ali quando o terapeuta já tem ali uma espécie de preconceito de questionar o potencial dela, tirar a diferença dela de certa forma subjugá-la, não conscientemente, mas não deixando ela fazer alguma coisa porque acha que ela por algum motivo, enfim, ou por ter um certo assistencialismo em demasia tudo, então isso já vai trabalhando muito essa visão da questão de respeito pelo outro. Acho que aí fazendo esse

trabalho que realmente acho que mergulhei também na diferença, na questão de preconceito e fui tentando entender mais.

Agora, ouvindo a Paula...

Paula: Acho que a gente precisa ouvir também porque se deixar nós ficamos até amanhã. (risadas)

Júlio: Pode falar, desculpa.

Marília Gabriela: Está tudo bem, porque tem a ver com escutar mesmo vocês. É uma pesquisa semiestruturada, então eu tenho perguntas que eu lanço, outras surgem e se completam, está tudo certo.

Paula: Está bom, perdão, é que se deixar o casal vai longe. (risadas)

Marília Gabriela: Casal, imagina, psicólogos. Não é? (risadas)

Paula: Exato.

Júlio: Eu ia só complementar que com a Brenda o que eu tento ter calma, é que assim, quando eu percebo que ela, por algum motivo, recua por alguma coisa, por exemplo, com o meu sobrinho que tem autismo, em algum momento ela percebeu a diferença e ela o achou estranho, eu vi que ela se afastou quando ela percebeu essa diferença. Nós tivemos o cuidado de explicar, de conversar, e depois isso equilibrou e hoje ela tem uma relação com ele natural, não tem diferença, ela fala com ele diretamente, brinca com ele diretamente, não tem. Eu estou complementando isso porque é uma questão difícil, nesse caso específico de nós conseguirmos perceber, conseguirmos conversar, mas para a criança quando tem essa explicação entende muito bem, ela compreende muito fácil, muito mais fácil do que o adulto muitas vezes.

Paula: Se dá de forma mais natural.

Júlio: Mais natural.

Paula: Eles só brincam.

Marília Gabriela: Vocês acham tranquilo o preparo dos filhos para lidar com a diferença, em especial o racismo pensando nesse trabalho de pesquisa?

Júlio: Olha, eu particularmente não acho fácil trabalhar, sinceramente não acho fácil por vários motivos, mas vou destacar alguns aqui, primeiro, a escola que ela frequenta, 10% de negros. Estou falando, nem é uma escola de elite, por favor.

Paula: De bairro, básica.

Júlio: Básica, particular.

Paula: Não é uma mensalidade extremamente alta para se dizer, viável, entre aspas, tranquilo.

Júlio: Mas isso já parece que você segrega, seleciona e ali ela já não tem contato com pessoas negras, essa é a verdade. Se tiver um ou outro de uma forma isolado, longe de ser predominante.

Marília Gabriela: Nem professoras que estão com ela... na escola pouco se vê?

Paula: Uma delas é, a auxiliar é.

Júlio: É, eu não conheci a auxiliar, como voltou agora.

Paula: Hoje em dia é tão complicado chamar de negro, mas digamos que ela é parda, a professora, mas na antiga escolinha não tinha.

Júlio: Tinha só a Janaína.

Paula: Tinha a Janaína.

Júlio: Tinha a Janaína morena, que era parda.

Paula: Verdade.

Júlio: Mas ainda assim.

Paula: Era bem pouco, na outra escolinha que era mais cara ainda, aí esquece, aí que não tinha mesmo. Eu não lembro de bebê negro lá, a mensalidade era mais alta, aí que não tinha mesmo. Dentro da mesma cidade, moramos em Taboão, mais elitizado lá onde ela estava que é mais perto do nosso trabalho, então ali que não tinha mesmo, não lembro de bebê ou o maternal, as criancinhas, um ou outro muito raro mesmo criança negra. Acho que isso já dificulta.

Júlio: Sim, acho que isso dificulta por exatamente não ter a convivência, parece que vai

reforçando uma diferença social, enfim, não vai tornando a convivência familiar, não vai tornando familiar o contato. Os outros lugares que ela frequenta que é o karatê tem algumas pessoas, mas de forma isolada, pelo menos ela não demonstrou nenhuma diferença quando ela está no parque, quando ela brinca, algumas, a Mariazinha que ela adora, enfim, não tem. Voltando à sua pergunta, eu acho difícil por esse ponto.

Paula: Porque não é tão natural, a impressão que dá é que não se naturaliza. Isso que eu tive na minha família, dessa vivência, até com primos, tios e tal, ela não está tendo, então acho que isso já dificulta um pouco, principalmente porque eu sou mais caseira, não sou a pessoa que desde criança eu fiquei frequentando bastante, mas hoje em dia todo mundo casou, enfim, não tem mais essa convivência com os primos, tanto quanto eu tinha antes, então ela não está o tempo todo indo conosco, vai, mas não é igual, ela ia mais antes da pandemia. Ela estava mais com a minha família antes da pandemia, então sempre tinha um casamento, uma festa, maravilha, ela estava convivendo, agora com a pandemia já complicou nisso também, desejo que ela volte a conviver. Até hoje, como criança, ela não demonstrou nenhuma estranheza em relação a questão de cor, isso já facilita.

Júlio: Eu acho difícil, voltando a sua questão, por exemplo, o que ela tem de entretenimento, ela sempre tem, a Chiquititas, por exemplo, o programa que ela assiste, tem um garoto...

Paula: Não.

Júlio: Qual o outro?

Paula: A Pata, o Mosca.

Júlio: A Pata, o Mosca e o Neto, são os três.

Paula: Mais o Chico.

Júlio: É, o Chico é cozinheiro. Isso que eu ia falar, a questão do entretenimento ainda faz essa associação de negro como pobre. Claro, tem outros no orfanato, o Chico cozinheiro. Eu estou dando exemplo só para colocar, acho que a questão do entretenimento ainda vem, tem poucos, acho que pouco conteúdo para ela entrar em contato com a cultura negra de forma natural, não programa educativo, falando uma coisa natural, fazendo essa associação ainda do lugar do pobre, não que não seja verdade no sentido da nossa realidade econômica, mas acho que sempre colocando eles dentro dessa trama, então acho que isso vai ficando, vai tendo uma visão pré-concebida.

Paula: Sobre isso eu discordo um pouquinho de você porque nessa novelinha também que eu acompanho junto com ela, teve uma cena que eu achei muito legal e que trouxe um questionamento da Brenda, lembrei agora. A Pata que é a adolescente negra na escola ela fez o papel no teatro de Julieta, e aí a menininha que era branca que se achava a mais bonita trouxe esse preconceito à tona de questionar o professor de teatro do porquê que estava a Pata e não ela, e ela colocou claramente que a Pata não serviria ao papel por ser negra. O professor faz uma abordagem com ela repreendendo essa postura e mostrando que não, e a Brenda quando ela disse: "a Pata é feia" ela não colocou... eu não lembro a palavra que ela usou... dizendo que não servia, a Brenda questionou o comentário dessa garota: "mãe, por que ela está falando que a Pata não serve?" Na cabeça da Brenda não veio rapidamente: "ela está falando isso por ser negra." Eu fui explicar para ela, olha o que o professor está falando. Achei legal, a novela fez isso e ainda colocou a menina negra no papel de julieta e colocou o preconceito à tona e colocou o professor fazendo essa referência. Essa cena foi bem legal.

Júlio: Deixa-me reformular o que eu tentei falar, eu tentei colocar nesse sentido.

Paula: Eu não acho preconceituosa.

Júlio: Não.

Paula: Elas brincam todas juntas, não tem essa diferença de cor na novela.

Júlio: Eu não quis dizer que a novela é preconceituosa, não falei nesse sentido, tanto que ela assiste, nós gostamos da novela com algumas ressalvas que nós sempre colocamos, tem as suas falhas. O que eu quero dizer é que nesse cenário sempre a temática do negro entra dessa forma,

não estou dizendo que está errado, mas é só dessa forma, ele trabalha o preconceito, mas é sempre dessa forma. Então o conteúdo que ela tem esse, ela não sabe tanto sobre, não tem tanta ideia sobre a cultura, ela não recebe essa forma cultural de um jeito natural, nesse sentido que eu quis dizer. Por isso eu acho difícil, é difícil tratar a questão racial não sendo quase militante, dependendo do lugar, falando do lugar, nesse sentido.

Paula: Entendi, nesse sentido sim.

Júlio: E a ideia não é não mostrar uma realidade, ficar encobrendo uma realidade para ela. As novelas, as coisas, às vezes retrata essa realidade, mais outras coisas. Ela adora um programa que é o Senhor Brasil, que nós adoramos aqui, assistimos sempre, sobre cultura. E é um programa maravilhoso que retrata uma cultura brasileira, musical, tudo. Então naturalmente ela tem acesso a cultura do Brasil inteiro, desde lá o Sul até o Norte, porque ele vai trazendo esses cantores, os estilos, e a partir disso naturalmente você vai conhecendo.

Marília Gabriela: Maravilha. E, Júlio, você, eu mandei a mensagem para o grupo, eu não sei, você fazia parte do grupo ou alguém repassou para você?

Júlio: Não, eu faço parte do grupo.

Marília Gabriela: Dos terapeutas familiares.

Júlio: Isso.

Marília Gabriela: Ok. Imediatamente você escreveu, o que te mobilizou no meu convite? Você saberia dizer? Você foi rápido inclusive em me acionar.

Júlio: Eu respondi porque se eu não respondesse naquele momento depois eu não ia responder mais.

Marília Gabriela: Foi o tempo.

Júlio: A dificuldade de depois ter tempo, ia ficar uma pendência e depois eu ia falar: "já passou tempo demais" como algumas coisas que acontece, então eu tinha ali uma hora de intervalo. Eu acho que a primeira coisa que me pegou, sendo bem sincero, é porque eu acho, como eu já fiz pesquisa, faço pesquisa, é muito legal quando nós encontramos pessoas disponíveis a participar, nós sabemos da luta que é de encontrar.

Marília Gabriela: Obrigada.

Júlio: Então na hora que passou, fazia parte, e eu acho que você está pedindo uma coisa, não que seja difícil, mas é específico, é um pouco específico ali, não sei se você está tendo dificuldade, mas quando tem que delimitar um pouco, mas eu também fico com vontade de participar. Quando eu vi que me enquadrava, a minha família, eu sinto responsabilidade de fazer pesquisa, acho importante ter essa consciência de contribuir. Não sei ainda se existem muitos estudos, você deve ter pesquisado, deve ter feito uma revisão, então não sei quantos estudos têm, se ainda é bem estudada, mas fico sempre com a sensação que ainda existem poucos estudos como este, então deu muita vontade de contribuir.

Marília Gabriela: Pensando dentro da terapia familiar, sistêmica, aqui no Brasil nós não encontramos, então nesse sentido é escasso, e acho que precisa de fato. Mas vocês gostariam de falar mais alguma coisa além daquilo que eu perguntei, pensaram em dizer algo que eu não perguntei?

Paula: Falando um pouco, não sei se é válido, mas é engraçado isso porque quando o Júlio me passou o convite: "vamos participar?" Acho que eu nem te falei isso, primeira coisa que me veio, olha que engraçado, eu olhei: "mas por que nos encaixamos?" E aí eu me dei conta, eu não sei explicar muito bem, mas eu me dei conta, falei assim: "gente..." a coisa da cor para mim é tão... eu acho que é tão sem noção racificar, não sei até que ponto, que eu olhei e falei: "é verdade, eu sou negra, sou parda," e para mim eu não sei o que eu sou acho, eu me deparo até, quando você fala, você fez a pergunta da dificuldade em trabalhar isso com a Brenda me vem um pouco isso dessa dificuldade, acho que até um pouco da mistura da família, um pouco isso ajudou e dificultou, porque se você me perguntar para mim é tão... como é que eu posso explicar? Minha avó paterna era negra, meu avô paterno, o casal, branco, daqueles leite, ele de

olho claro, ela é negra do olho pretinho. Então eu acho que eu convivi tanto com essa mistura que para mim é difícil essa classificação, então quando me perguntam o que eu sou, para mim não vem, Júlio falou de trabalhar quase como uma militância, eu não estou conseguindo me expressar muito bem, mas enfim, na hora veio: "é verdade, eu sou negra." Me veio: "mas como é que nós trabalhamos isso com a Brenda?" Comecei a pensar, engraçado, quando veio o convite eu comecei a pensar que nós fazemos isso, então acho que me fez me tocar de que nós fazemos isso quase de uma maneira natural, não vê como militância, que nós temos amigos negros, nós convivemos, é tão natural, por exemplo, a Brenda me ver abraçada com amigo negro e convivendo, esse casal de amigos que nós viajamos juntos, a filhinha deles junto, então foi muito curioso, a minha sensação quando eu vi o convite, do que é ser negro no Brasil, então acho que isso é um pouco difícil de pensar para mim dentro da militância, o que é uma pessoa negra? Eu sempre tive um pouco essa dificuldade, sempre. Até discuto isso com clientes que iam prestar vestibular: "participo da cota ou não participo?" Então eu nunca consegui dizer para a pessoa, nunca consegui fazer essa reflexão, porque é muita mistura. Então branca do cabelo crespo na família, negra do olho verde, então é muita mistura. Não sei se eu consegui, veio uma coisa muito louca na minha cabeça quando veio com o convite. No primeiro momento: "nada a ver nós participarmos, eu acho que nós não nos enquadrados" me veio isso: "acho que nós não nos enquadrados nessa fala do negro. O que é negro?" Perdão, primeiro me veio: "não se enquadra" veio na minha cabeça a pessoa negra da pele bem escura, depois eu comecei a me ligar: "não, espera, talvez isso já seja um preconceito em mim, porque a minha filha tem a pele clara." Mas tem então a minha avó, meus tios. Como é que é isso? Para mim foi louco, essa abordagem, o que eu vou dizer quando você me perguntar, o que é uma pessoa negra, para educá-la, para fazê-la compreender, para ela trabalhar isso nela, não sei se fez sentido.

Júlio: Eu acho legal o que a Paula está falando porque acho que ter conhecimento, ter estudado, estar na psicologia, é uma forma de tentar teoricamente encaixar essas ideias dentro das teorias, dentro do âmbito social, acho que legitimar a nossa identidade talvez dentro do âmbito social. Mas acho que o trabalhar mesmo a questão racial, das diferenças, eu acho que é muito o que nós aprendemos como crianças, porque apesar da minha mãe falar isso, ela nunca, minha família não é preconceituosa, só pelo comportamento, pela aparência, não tinha, ela nunca me deu a ideia de fazer parte de alguma coisa e que outros não faziam, não aparecia na minha casa. Acho que nem tanto pelo meu pai ser negro, acho que mais por uma questão da educação mesmo, mas de alguma coisa tinha uma sabedoria do meu pai, da minha mãe principalmente mais comprometida com a educação. Apesar de ter alguns tabus que tinha na cabeça dela com relação a homossexualidade, que era da época que eu era garoto, (áudio travou por alguns segundos) alguma coisa que ela já colocava uma ideia na minha cabeça, ou que ela ficava muito... dentro daquilo eu falava: "errado." Não era um conteúdo muito forte na educação essa coisa de diferença, então acho que vem daí essa naturalidade. Você falou das cores, de raça, eu realmente sempre tenho dúvida disso, eu pego lá, você tem amarelo, nem lembro dela, você tem branco, amarelo, pardo, mestiço, cafuzo, negro. Eu não sei, amarelo eu não acho, acho que eu sou pardo, é o que eu acho mais.

Paula: Uma vez eu vi, tinha cor caramelo de pudim.

Júlio: Caramelo de pudim.

Paula: Eu achei o máximo, falei: "pronto, posso colocar isso nos formulários?" Falei: "adorei, deve ser a cor que eu devo ter." Onde eu quero chegar, eu acho que não tem melhor jeito de tentar trabalhar essa questão do preconceito de uma maneira geral do que o convívio, acho que quando você tem esse convívio, quando isso se faz de uma forma natural, rola, a criança aprende meio que por osmose, digamos assim, ela aprende porque passa a ser natural. Agora quando é só uma militância e não vem dos pais de uma forma natural, aí eu acho que se torna mais difícil.

Júlio: Fica só racional.

Paula: Isso, eu falo isso que quando na minha atividade de psicóloga, na minha família não

tem preconceito com cor, como eu coloquei, mas já tem preconceito com homossexualidade, então quando eu fui atender homossexuais eu tive que trabalhar em mim o preconceito, isso foi muito claro para mim, eu tenho que trabalhar, eu tenho que entender, eu tenho que ouvir o outro e compreendê-lo, então hoje em dia, depois de anos para mim é mais tranquilo, se a minha filha tiver uma amiga homossexual. Então eu acho que eu trago um pouco essa realidade para a questão da cor, acho que não tem melhor jeito de lidar com isso para ela, para ela entender que: "ok, está todo mundo ali, é a mesma coisa" do que nós.

Júlio: Vendo a nossa atitude.

Paula: É.

Júlio: Lembrei o beijo que ela viu, não lembro se foi dois homens ou duas mulheres. É muito engraçado, eu não lembro qual foi o seriado, você lembra?

Paula: Era uma série, nós estávamos assistindo, ela entrou bem na hora.

Júlio: Era uma série que eu assistia.

Paula: É, da família, da grande família, família moderna?

Júlio: Família moderna? Não, não era da família moderna, enfim, era uma série que nós assistíamos naturalmente. Tinha uma personagem... eu não lembro para te falar, mas enfim, acontecia, mas acho que ela nem tinha reparado de algumas, aí teve um momento que ela percebeu, ela estava assistindo com atenção e aí as meninas se beijaram, como é que ela fez?

Paula: Eca, ela fez eca.

Júlio: Que que isso?

Paula: Que que isso?

Júlio: Ela ficou chocada assim, duas mulheres? Como assim? Não pode. Caiu o mundo. Deu para ver que bateu, mudou o mundo dela, ela falou: "não pode, isso está errado." Entrou em um choque mesmo. Nós fomos conversando, explicou, depois ela acalmou.

Paula: Depois ela viu outras mulheres, eu deixei para ver a reação e ela já normal.

Júlio: Muito engraçado. Isso que a Paula falou é perfeito, isso ser natural, ser espontâneo no comportamento, é o que mais profundamente trabalha essa naturalidade de não criar essas diferenças na cabeça de uma criança, eu imagino. Nós precisamos ver o resultado, ela precisa crescer para ver, por enquanto está funcionando, está indo bem.

Paula: Ela nunca perguntou: "por que a Dandara é negra?" Pelo menos isso ela não perguntou, perguntou do beijo.

Marília Gabriela: Ok. Está certo. Acho que está bem, vocês querem colocar mais alguma coisa?

Paula: Não, espero só ter contribuído de fato.

Marília Gabriela: Com certeza. Obrigada, Paula, obrigada, Júlio.

Júlio: De nada.

Paula: Obrigada.

Júlio: Foi um prazer.

Marília Gabriela: Um domingo, domingo à tarde vocês disponíveis para responder essa pesquisa, obrigada.

Júlio: De nada.

Paula: Se precisar de mais indicações, pode falar com o Silvio e com a Geiza.

Júlio: Sim, pode ser, se vocês tiverem interesse.

Paula: Disponibilidade.

Júlio: Eles se enquadram, até dez anos e onze meses?

Marília Gabriela: É até nove anos e onze meses.

Paula: A Dandara está dentro?

Júlio: Eles têm uma filha que tem nove.

Paula: Nove? Eu sou péssima para idade.

Júlio: Ele não tem dez? O José Antônio?

Paula: Ela tem nove.

Marília Gabriela: Ok. Eu vou parar a gravação, tudo bem? Só para nós seguirmos aqui falando.

APÊNDICE 15– ENTREVISTA LAURA

Laura

42 anos

Divorciada

Filha: Maria de 5 anos.

Marília Gabriela: Vamos lá para aproveitar o tempo que eu sei que você precisa ir até às 08h e vai dar certo.

Laura: Não tem problema. Vamos começar cedo porque eu vou para São Paulo e eu estou em Guarulhos. Mas não tem problema se passar das 08h.

Marília Gabriela: Está certo.

Laura: Eu coloquei o relógio para despertar, porém quando despertou eu achei que era quarta. Resolvi dormir mais um pouco e acordei 6h 35min. (risos)

Laura: Tudo bem.

Marília Gabriela: Ok. Vamos iniciar o processo de entrevista. Laura, o que é racismo para você?

Laura: Eu acho que é quando as pessoas tratam,, um com o outro...cabelo, se é descendente de negros. Às vezes as pessoas fazem menção à questão da escravidão. Todas essas questões, para mim, têm a ver com o racismo. Qualquer julgamento que se refere a qualquer ponto ligado à raça da pessoa quando ela é descendente de negros, para mim, se remete ao racismo.

Marília Gabriela: Laura, infelizmente deu uma cortada. Eu vou pedir para você voltar e responder. Infelizmente temos que conviver com essa questão da oscilação de sinal, mas vai dar certo.

Laura: Não tem problema. Fica tranquila, se eu tiver que repetir tudo não tem problema e não fica preocupada com o tempo também.

Marília Gabriela: Ok.

Laura: A internet aqui na minha casa não é muito boa, será trocada na sexta-feira.

Marília Gabriela: Você acha que melhora se você fechar o vídeo?

Laura: Eu não sei como fazer isso.

Marília Gabriela: Embaixo tem o microfone e a câmera. Não sei se você consegue ver.

Laura: Sim.

Marília Gabriela: Tentar apertar para fechar a câmera. Eu não te vejo, somente você me vê, mas o som pode ficar melhor.

Laura: Está bem. Vou testar.

Marília Gabriela: Isso. Fique assim que pode ser que melhore. Vou voltar com a pergunta. O que é racismo para você?

Laura: Racismo para mim é quando as pessoas se referem umas às outras, evidenciando a origem dela por ser negra, como quando fala do cabelo, de traços como nariz ou boca, da cor. Além de fazer menção ao contexto histórico ao dizer que por ser negra, descende de escravos. Tudo isso, para mim, remete a racismo porque está falando da raça, da constituição da pessoa.

Marília Gabriela: Certo.

Laura: Eu estou focando no caso de quem é negro ou descendente.

Marília Gabriela: Ok. O racismo se tornou centro de debates sociais. Você já sofreu racismo?

Laura: Eu tentei pensar nisso ontem, porque hoje teria essa entrevista e eu precisava recordar.

Marília Gabriela: Só um minuto. Você imaginou que eu fosse fazer essa pergunta?

Laura: Sim.

Marília Gabriela: Ok.

Laura: Fiquei pensando para lembrar de situações. Normalmente, não. Mas dos meus 17 aos 23 anos, eu namorei um menino que era de família nordestina, eles são pernambucanos e são pessoas de pele clara. O meu pai foi deputado estadual, ele é negro e minha mãe é de pele clara, uma vez uma tia desse meu namorado disse que não votaria no meu pai porque ele era negro. Porém, isso não caiu para mim como uma questão de racismo, eu automaticamente pensei "nós somos negros e você que é nordestina também está passível de sofrer discriminação". Essa foi a primeira resposta que me veio, mas eu não falei nada, porque ela não falou para mim, quem comentou foi ele. Depois de um tempo, no namoro, quando estávamos já meio em crise, o irmão dele também fez menção. Ele cismou que uma vez me viu no Largo da Matriz com uma outra pessoa, como se eu estivesse traindo o irmão dele, mas eu não estava lá, não era eu essa pessoa. Ele falava para o irmão dele que ele tinha que terminar com essa negra. Porém, esse irmão foi presidiário e eu pensava como uma pessoa que também é vítima de um preconceito, está falando de mim por causa da minha cor, sendo que sequer eu fiz o que ele me acusava. Não foram situações que me geraram dor. Eu acho que eu me coloquei em pé de igualdade no sentido de que, ao mesmo tempo que eu era negra, ele também iria sofrer preconceito por ter roubado e ter sido preso. Eu levei dessa maneira. Não me recordo de outras situações. Teve uma vez no cursinho, não me lembro o que aconteceu, mas tinha um menino que era bem loiro com os olhos azuis bem claros. Ele estava conversando com uma pessoa e ele fez um comentário que achou que poderia soar como racista e veio me falar, não me lembro mais o que era a conversa, mas ele disse que "se fulano vier te falar, pelo amor de Deus, eu não sou racista". Sendo bem sincera, eu nem entendi porque ele falou aquilo para mim. Não foram situações que eu sofri e fiquei triste, não sei se é porque aprendi a olhar o ser humano. Não sei, nunca foi uma questão que me chamou a atenção. Por exemplo, o meu pai, uma vez, foi entrevistado para uma matéria escrita, se não me engano foi para a Veja São Paulo, que ele até brincou que era o único "pixaim" da assembleia. Não lembro de algum parente meu ter sofrido com isso. Eu diria que nunca foi algo polêmico na minha vida.

Marília Gabriela: Certo. Deixa-me ver se eu entendi bem, você disse que sua mãe é clara e seu pai é negro, é isso?

Laura: Isso. A minha mãe tinha a mãe negra e o pai branco. Ela nasceu branca. Ela tem sete irmãos, alguns já faleceram, mas eles juntos você não fala que são irmãos, pois são bem diferentes um dos outros.

Marília Gabriela: Certo.

Laura: A minha mãe não tem nenhum traço de negra.

Marília Gabriela: Ela vem de uma família inter-racial. A mãe dela era negra e o pai branco, é isso?

Laura: Exatamente. Na minha família materna, principalmente em Minas, tem tanto negros quanto loiros.

Marília Gabriela: Certo.

Laura: A minha família é tão misturada. Meu pai é negro, mas a minha filha é mais negra que ele. Quando eu engravidei, o meu médico falava que minha filha não ia nascer negra porque eu era misturada. (-risos) A minha família só não tem japonês. Todo mundo vem de uma mistura, sabe?

Marília Gabriela: Sim. Laura, só volta um pouco para eu entender melhor. Você narrou que a sua mãe falou que não votaria no seu pai porque ele era negro?

Laura: Não, desculpe, não foi minha mãe. Foi a tia de um ex-namorado meu.

Marília Gabriela: A tia de um ex-namorado. Ah, agora eu entendi. Foi na primeira história. É

que ficou confuso no áudio.

Laura: Porque a família dele era branca. Eles são pernambucanos e ela falou para meu ex-namorado que não votaria no meu pai porque ele é negro.

Marília Gabriela: Certo, me fala de você. Você disse que sofreu, reclamou, mas isso não te impactou.

Laura: Isso.

Marília Gabriela: E você trouxe um pouco a sua família que tem uma mistura.

Laura: Sim.

Marília Gabriela: Com a chegada da sua filha, você se preocupou? Como foi?

Laura: Posso só fazer um comentário antes que eu acho importante? Meu ex-marido é negro com índio. Lá são todos negros, não é como na minha família. Eu já vivi situações que me fazem pensar o que será que as pessoas pensam sobre isso. O primo do meu ex-marido, quando me conheceu, olhou para mim e disse: "O André falou que você é negra, mas você não é." Lembrando agora, eu senti que a família dele fez diferença algumas vezes, mas não muitas vezes. A madrinha dele, por exemplo, me tratava bem até casarmos. No dia do casamento, ela já começou a me tratar mal. Um dia comentei com uma amiga minha do trabalho sobre como ela tinha se transformado, que era muito estranho, ela me tratava mal publicamente. A primeira pergunta que essa amiga fez foi se ela era negra. Eu confirmei e ela explicou que tem gente negra que é assim, como se fosse intolerante por eu não ser igual a ela. Eu confesso que foi algo confuso. Como assim eu não sou negra? A pessoa falar que eu era branca, foi algo que me deixou meio perdida.

Marília Gabriela: Como você se percebe?

Laura: Eu sou negra.

Marília Gabriela: Ok.

Laura: Eu não sei nem porque isso aconteceu para falar a verdade. Não sei porque ela me tratou assim. Nós somos iguais, pelo menos é assim que eu penso.

Marília Gabriela: Certo. Sua filha chama-se Maria, é isso?

Laura: Isso, Maria.

Marília Gabriela: Maria, de cinco anos. Ok. Você e o pai da Maria se preocuparam com o racismo com a chegada dela?

Laura: Quando a Maristela comentou sobre você, perguntou se eu aceitaria e comentou sobre o que seria, eu percebi que eu não tinha parado para pensar nisso, sabia? Não é que não me preocupei. Como posso te dizer? Quando ela nasceu, ela era bem branca, a pele dela era igual a da minha mãe e seu cabelo era bem liso. Eu tinha certeza que ela nasceria negra, então quando a olhei, até a enfermeira perguntou se eu não ia dar um beijo nela. Foi até engraçado. Mas eu estava reconhecendo-a primeiro, sabe?

Marília Gabriela: Sim.

Laura: Quando ela estava com cinco meses, aproximadamente, ela foi ficando mais moreninha, moreninha, moreninha e foi evoluindo... O cabelo dela, hoje, ele é... ele não é... se você vê um pouco o meu, está molhado e é um cabelo cacheado. E aí assim... Eu não sei bem porque não me preocupei. O pai dela falou uma vez sobre a mãe ou o pai da ex-namorada dele, que tinha descendência libanesa, e falava dele sobre o fato dele ser negro. Mas quando ele me contou isso, ele não me contou como se estivesse sofrido, eu acho que ele ignorou. Eu acho que como eu não vivi isso, confesso que eu não vivi isso, eu não fiquei preocupada com a minha filha, pensando como seria quando ela fosse para a escola. Durante a pandemia ela ficou em casa e quando voltou, neste ano, ela comentou que um menino falava do cabelo dela. Eu fiquei pensando como iria abordar esse assunto. Eu não sei se conseguimos nos preparar, eu penso que nós remediamos as situações conforme elas ocorrem. Como eu posso me preparar para caso isso aconteça? Se eu estiver em um dia péssimo, acho que nada do que eu, teoricamente, tenha me preparado, iria me ajudar, pois eu ficaria muito triste. Por outro lado, se eu estiver em um

dia super confiante, se alguém falar, eu com certeza daria uma resposta. Eu não sei se teria como me preparar ou prepará-la. Talvez eu teria que lidar caso acontecesse. Eu a chamei e conversei, falei que o cabelo dela era lindo porque foi a única coisa que eu consegui falar para ela. Eu não investiguei muito o que ele estava dizendo. Eu disse para ela: "seu cabelo é lindo, seu cabelo é igual ao da mamãe, todas as crianças são lindas, tem criança que é morena, tem criança que é negra, tem criança que é japonesa...". Eu falei dessa diversidade. Ela reclamou umas duas vezes sobre isso e depois não falou mais. Eu fui na escola e conversei com o dono da escola e eu senti que ele também não sabia lidar muito bem com a situação. Ele disse que era um menino especial e eu disse que não é porque ele é especial que devemos ignorar, pois se ela está me contando é porque ela sofreu. Ele falou que iria abordar esse assunto e só sei que depois disso ela nunca mais comentou sobre. Eu não acho que se repetiu. Fiquei observando, vi que ela vai para a escola normalmente, ela gosta, fala dos amigos. Eu não sinto que ela viva exposta a esse tipo de situação hoje, mas eu fico atenta. Se acontecer algo que eu precise lidar de outra maneira, eu confesso que eu precisarei de ajuda, porque eu não sei se eu saberia como lidar.

Marília Gabriela: Sim.

Laura: Eu tenho medo porque às vezes não tem maturidade para lidar e eu não quero que ela faça o inverso. Achar que é porque é loira ou que as pessoas brancas acham isso dos negros. Eu também tenho essa preocupação. Eu não quero que ela inverta para se proteger.

Marília Gabriela: Certo. Pelo que entendi, você diz que não sabe como se preparar para poder ajudar a Maria a lidar com as questões de racismo, caso venha a enfrentá-las?

Laura: Eu não sei se não estou preparada. Como eu vou me preparar se eu não sei exatamente o que pode acontecer? Não é que eu não sei o que pode acontecer, mas eu não sei como será a dor dela, entendeu? Eu não sei se eu estou preparada para o tipo de dor que pode gerar nela, mas eu fico atenta. Eu fui criada tratando as pessoas como iguais e eu não vivi isso diretamente, então não tenho referência de vida, mas não é algo que eu desprezo e que eu não pense sobre. Não é porque eu não passei por isso, que eu não pense. Mas, dependendo do que ela me contar, eu acho que eu teria que buscar ajuda, sim. Eu não sei o que ela poderia me falar em relação a isso. Ela poderia chegar chorando porque alguém disse alguma coisa dela, não sei. Não é algo que eu converse com ela sobre espontaneamente.

Marília Gabriela: Certo. Portanto, não necessariamente você acharia importante e necessário se preparar. Ou você não sabe como fazer?

Laura: Na verdade, eu não sei como fazer.

Marília Gabriela: Mas você considera importante e necessário?

Laura: Sim, considero porque nós vivemos em país racista e é um tema doloroso. Acho importante e necessário, mas talvez eu tenha que me preparar. Eu fico atenta a isso.

Marília Gabriela: Certo. Laura, o pai dela tem uma preocupação em relação a isso? Você sabe ou vocês não conversaram sobre isso?

Laura: Não conversamos, mas certamente se acontecer algo nesse sentido com certeza iríamos conversar sobre isso. Não é um tabu. Embora sejamos divorciados e não tenhamos uma amizade, mas assuntos relacionados à Maria, nós conversamos. Nós viajamos em junho e uma menina que estava conosco, judiou da Maria porque era uma menina que não tinha limites, e ele ensinou a Maria a bater na criança quando ela a batesse. Eu não ensinaria isso. Eu acho que teria até que conversar com ele, porque ao pensar sobre a reação que ele teve nesse caso, imagino que ele ficaria bem incomodado se ela vivesse uma situação de racismo visto que ele ficou muito furioso com o que aconteceu na viagem. Não tinha a ver com racismo, a menina queria a boneca dela, era coisa de criança, mas a menina batia nela, sabe?

Marília Gabriela: Laura, eu não sei se é possível, mas você acha que ele toparia uma conversa comigo também sobre essa pesquisa? Ou você acha que não?

Laura: Eu posso perguntar, não sei. Eu acho que seria legal ele participar.

Marília Gabriela: Sim. Se ele puder, claro. Porque acho que talvez possa dar outras impressões. Tem a sua visão e fiquei pensando como seria a visão dele frente a essas perguntas. Se você puder falar com ele.

Laura: Eu vou conversar com ele e se ele aceitar te aviso, mas acho que ele aceitará.

Marília Gabriela: Laura, você gostaria de dizer algo que eu não tenha perguntado?

Laura: Eu posso fazer alguns comentários do que eu lembro que eu vivi? Talvez até acrescente. Posso falar?

Marília Gabriela: Lógico.

Laura: A minha mãe falava muito para nós quando éramos crianças que nós tínhamos que cuidar do cabelo e dos dentes para conseguirmos emprego. Ela falava que eu tinha uma cor pálida. Durante um bom tempo, eu até tive dificuldade de entender a que grupo eu pertencia, de tanto que ela falava. Por exemplo, quando ela foi para Ouro Preto, ela falava de como lá as pessoas eram da minha cor para cima. Mas o que é "da sua cor para cima"? Lembrando agora, eu vivi situações em que as pessoas falavam que eu não era negra e isso, para mim, ficou confuso. Outro caso na minha família, eu já tive primas que diziam que o meu cabelo era o mais bonito da família, que era mais sedoso e que o delas era crespo e difícil de arrumar. Eu tive essas situações nas quais as pessoas me deixavam pensando: "eu sou o quê, então?". Uma vez fui para Salvador, eu namorava aquele menino que te falei que era filho de pernambucanos, quando cheguei lá as pessoas que eu conheci eram todas negras com tom de pele mais morena que o meu. Isso também me fez pensar que por isso que às vezes as pessoas ficavam falando da minha cor. Minha mãe falava umas coisas que eu nem devia falar, mas ela dizia "vocês estão com a 'cor de burro quando foge' hoje" quando estava abatida, pois quando eu fico com dor eu fico com olheiras e ela falava isso. Quando eu cheguei em Salvador eu me senti assim, como se minha cor fosse "de burro quando foge", ficou muito isso na minha cabeça durante essa viagem. Eu vivi situações que fiquei mais confusa do que com dor, sabe? Mas eu acho que, para mim, aquele negócio da madrinha do meu ex-marido eu ficava bem triste porque ela era muito deselegante comigo, ela fazia coisas terríveis e eu me sentia desprotegida pois quando eu falava para ele, ele não se importava ou ele também não sabia como lidar, sabe?

Marília Gabriela: Sim.

Laura: Ela não falava disso, mas hoje quando eu lembro eu acho que tem relação. As pessoas falavam como meu cabelo era sedoso e eu escutava muito sobre cabelo crespo. Meu cabelo me dava tanto trabalho que eu não via ele tão sedoso como as pessoas falavam. Eu estava acostumada que cabelo liso é só lavar, pentear e pronto. Nós não, nós precisamos hidratar. Mas quando eu falava com uma pessoa negra, me falava que meu cabelo era diferente do dela. Eu achava isso estranho.

Marília Gabriela: Certo. Laura, você acha que faria diferença se você fosse preparada pelos seus pais ou pela sua família de origem sobre essas questões de racismo, de cor da pele?

Laura: Eu acho que sim. O que eu noto hoje? Eu tenho 42 anos. Lá atrás isso não era tratado como um aspecto legal como é hoje. As pessoas falavam o que queriam e tudo bem, ninguém sofria uma punição. Mas, hoje apesar de haver uma defesa legal, as pessoas não deixaram de ser racistas. Eu não quero julgar os meus pais como se eles tivessem sido omissos, mas eu acho que talvez se eles tivessem trabalhado isso comigo e com o meu irmão, acho que hoje seria até melhor para eu lidar. Você vê que eu estou conversando com você, mas eu não tenho respostas prontas. Quando a Maristela falou eu até pensei que seria importante até para mim, vai ajudar a Marília e vai me ajudar. Acho que era uma coisa que eu não tinha parado para pensar de fato. Mas eu acho que seria importante se meus pais tivessem me falado sobre isso, sim.

Marília Gabriela: Como você achou que essa entrevista poderia te ajudar?

Laura: Talvez para conversar mais com a minha filha, para o caso dela ter sofrido algo e não ter falado, não sei. A dor acontece a todo mundo, não é só quando crescemos. Ela está com cinco anos, já entende muita coisa e eu não sei se ela já sofreu com isso. Naquela questão do

amiguinho que falou do cabelo, eu não sei se eu tive a dimensão exata do que representou para ela. Eu acho que eu preciso talvez parar e analisar um pouco mais isso.

Marília Gabriela: Ok, Laura. Acho que está de bom tamanho. Obrigada.

Laura: Imagina, eu que agradeço. Sabia que minha mãe queria que meu nome fosse Marília?

Marília Gabriela: (-risos) Que bom.

Laura: Eu conheço poucas “Marílias”. Interessante. Você acha que eu te ajudei?

Marília Gabriela: Muito. Creio que sim. Você respondeu as questões que eu precisava, acho que foi uma boa conversa e qualquer coisa, se isso te mobilizou muito, você me fala, ok?

Laura: Tudo bem.

Marília Gabriela: Se você puder falar com o pai da Maria eu agradeceria muito.

Laura: Pode deixar, eu falo com ele hoje e assim que ele me responder eu te retorno.

Marília Gabriela: Ok. Obrigada.

Laura: Obrigada, foi um prazer.

Marília Gabriela: O prazer é todo meu. Tchau, tchau.

APÊNDICE 16 – ENTREVISTA SANDRA E CONCEIÇÃO

Conceição Aposentada, 51 anos, Filha 8 anos, solteira

Sandra, Auxiliar de enfermagem, 44 anos, filha 16 anos e filho 9 anos, solteira

Marilia Gabriela: Posso te chamar de Sandra?

Sandra: Pode.

Marilia Gabriela: Sandra, o que é racismo para você?

Sandra: Nossa o que é racismo para mim? Ai meu Deus... Racismo para mim é quando mexe com os meus filhos... Chamam eles de negro, fala e mexe com meu cabelo... Fala do meu tom de pele da minha forma física pra mim isso é racismo.

Marilia Gabriela: Você diz que isso é racismo quando falam, mas quando falam de que forma que isso é racismo?

Sandra: Não te entendi.

Marilia Gabriela: Você diz que é racismo quando falam do cabelo, quando falam...

Sandra: ...Do meu corpo, da minha forma física, porque eu sou gordinha.

Marilia Gabriela: Quando falam te criticando é isso?

Sandra: Não entendi.

Marilia Gabriela: Te criticando?

Sandra: É isso!

Marilia Gabriela: É falar do tom da pele, do teu corpo, do teu cabelo de uma forma crítica?

Sandra: Isso.

Marilia Gabriela: Sandra, você viu que o racismo se tornou desde o George Floyd, desde o ano passado, quando aconteceu o movimento de vidas negras importam...

Sandra: Desde quando eles mataram o George Floyd lá...

Marilia Gabriela: Isso, os movimentos começaram não é, nessa época, você já sofreu racismo?

Sandra: Várias vezes.

Marilia Gabriela: Algum exemplo?

Sandra: No serviço mesmo eu já senti... em vários lugares... no mercado. No dia a dia né. Todos os dias, dia a dia. Não é aquele assim que xinga, que fala, mas só de você entrar assim num local, num estabelecimento e te olharem com olhares diferentes, já é uma situação de racismo né. Então não tem específico por dia assim né... quando foi... são todos os dias.

Marilia Gabriela: Você teria um exemplo para me dar? Do que você passou? Não precisa ser de agora, pode ser de ontem... ou pode ser... quando você ...viveu uma experiência que você consiga me descrever um pouquinho?

Sandra: Sim, uma vez foi eu, minha mãe e minhas tia, nós fomos numa loja, tanto é que a minha tia tá aqui também, nós fomos numa loja comprar sapato, só que assim... era um dia assim normal, um dia de calor que nem hoje. Nós estávamos tudo de chinelo, bermuda e a minha tia tinha pintado a casa, então ela estava com um pouquinho de tinta aí ... “aí vamos comprar? Vamos!”, aí estava todos juntos, estava a minha sobrinha que é da mesma idade que ele, eles estavam assim meio... não estavam sujos mas estavam assim de shorts, camiseta né e nós estávamos de chinelo. Nós fomos hostilizadas na loja. As meninas que estavam em pé na loja não quiseram nos atender. Aí uma olhou para a cara da outra e não quis atender, daí a gente saiu da loja e fomos em outra loja e aí nessa loja nós compramos um monte de sapatos. Compramos um monte! Só que nessa loja que a gente fomos hostilizadas, tinha um que a minha tia gostou, aí tivemos que voltar nessa loja. Só que na hora que a gente voltou e elas viram que

a gente tava com um monte de sacola aí veio todo mundo para atender, aí eu falei não eu não quero que ninguém me atende, eu quero que aquele rapaz me atende, que era o único que tinha dado atenção pra gente. Aí nessa loja também a gente deixou a maior grana porque aí compramos um monte de sapato também, aí elas ficaram tipo... olhando também sabe?! É... “a gente pode ajudar?” daí eu falei: “não de vocês eu não quero ajuda, porque na hora que a gente entrou vocês nem deram atenção, por quê? Porque a gente estava de chinelo, descabelado, com a roupa suja? Mas a gente tinha dinheiro para pagar. É que a gente saiu, nós não tinha se arrumado porque foi... sabe quando dá assim ... Ai, vamos sair, vamos comprar um sapato! Tipo assim... a gente não estava sujo. E gente entrou e vocês nem deram atenção”. E esse foi um episódio que ficou gravado assim na memória... porque estava minha mãe, minhas tia, meu filho, minha sobrinha, então ficou bem gravado, só que assim...no final das conta elas ficaram sem ganhar o delas e a gente gastou muito dinheiro lá. Só um vendedor , só um atendeu eu, minha mãe, minha tia. Só um atendeu quatro e lá tinha umas seis pessoas. Eu falei, não eu não quero, daí o gerente veio e disse: “mas” e aí eu falei, “não, eu não quero elas! Eu só quero ele porque quando a gente chegou, elas não atenderam não quiseram atender porque a gente está vestida assim de chinelo e bermuda. “Então assim esse foi um episódio que ficou bem gravado.

Marilia Gabriela: Com a chegada dos filhos, você se preocupa com o fato destes terem que enfrentar o racismo Sandra?

Sandra: Não entendi.

Marilia Gabriela: Com a chegada dos filhos você se preocupa destes terem que passar pelo racismo.

Sandra: Ah sim... eu me preocupo! minha filha mesmo na escola ela teve episódio de racismo com a professora dela tanto é que eu tive que ir na escola chamar atenção da professora. É ... meu filho também! É que nem eu te falei... no dia-a-dia a gente vai sofrer racismo. Entendeu? Minha sobrinha se você vê ela aqui ela é branca, ela branquinha, mas tem cabelo duro, ela também já sofreu racismo, então assim, eles vai não pela cor da pele, pelo tipo de cabelo. Então assim, o racismo hoje é esse. Você pode ser branca mas se você tiver cabelo duro você é negro.

Marilia Gabriela: E você pode contar um pouquinho dessa experiência com a sua filha na escola, com o seu filho?

Sandra: Ah ... com a minha filha foi com a professora. Ela tem é... um problema que ela soluça demais! Ela tem um problema de soluço. Só que essa professora já vinha muito tempo perseguindo ela. Aí ela começou a soluçar e a professora falou para ela” vai soluçar na sua casa!” Aí ela falou “mas eu tenho problema de soluço” e a professora disse “eu não quero saber! Sai da sala então e vai soluçar do lado de fora...” Só que assim a minha filha é a única negra da sala. Aí eu tive que ir lá falar para ela, falar com o jeitinho sabe? O jeitinho de mãe! E aí hoje a minha filha é a melhor da sala para ela e hoje ela é a monitora da sala e a professora trata ela assim super bem mas eu precisei ir lá e falar, dar um presta atenção nela e falar. “Olha, minha filha é negra, ela é assim, assim e assim mas ela é minha.” O meu filho também. Na escola, a professora pegou ele pelo colarinho e disse que iria ensinar ele a ler e escrever direito. Grudou ele sabe?! Sacudiu assim. Aí eu fui lá também, quer dizer, eu não fui porque eu estava trabalhando mas a minha mãe foi. Só que no dia que eu fui a minha mãe se escondeu de mim. Porque eu ia fazer com ela do jeito que ela fez com meu filho (risadas). A minha mãe falou para ela “ Oh...você tem sorte que quem veio fui eu porque se fosse a mãe dele, se ia ver o que ela ia fazer.” Aí eu falei para a diretora assim:” Olha, eu vim aqui para fazer com ela o que ela fez com o meu filho, só que ela não deu no meu filho só que eu ia dar uns três tapa na cara dela pra ela aprender que com filho dos outros não faz isso. “ Então assim, é muita experiência, é uma atrás da outra, todos os dias, todos os dias.

Marilia Gabriela: Você prepara, os seus filhos, o Antônio para enfrentar o racismo na escola, na sociedade?

Sandra: Sim, Sim todos os dias.

Marilia Gabriela: Como você faz?

Sandra: Falando para ele, como que é, como está a situação na rua. Como as pessoas tratam uma pessoa negra, que é diferente o tratamento. Você só é tratada bem se você for negra se você tiver dinheiro, e ainda assim também não é muito né...eu falo para ele... eu falo para ele, sempre respeitar as pessoas para ele não ser maltratado, não sofrer sabe? Minha mãe também prepara, minhas tia, a gente sempre está conversando com ele.

Marilia Gabriela: A sua mãe fala algo específico? A sua tia fala algo específico?
(instante em que tia aparece na tela ao lado da sobrinha)

Sandra: Não... ela fala o que... você fala o que tia para preparar eles?

Conceição: Falo que eles não têm que ligar, lógico que eles vão ligar. Mas não devem ligar porque a cor dele, é a cor deles e perante Deus somos todos iguais. Não é para ligar para a questão do cabelo crespo. É aceitar a cor, e se vim! Não é para tratar com ofensa, conversa baixo que a pessoa vai entender você falando baixo não adianta ele gritar, falar baixo e é só falar para ela. “Eu sou um ser humano como vocês.” Chegar em casa, falar para a gente o que aconteceu e a gente toma providência. Não adianta falar para eles de violência porque eles são muito novos ainda. Minha menina tem oito anos, o Miguel tem nove anos então não adianta ensinar violência porque a violência vai gerar violência. E ser negro, não é feio ser negro, negro é lindo! Basta você saber aonde você entra e o lugar que você sai, eu falo para ela, você é uma negra linda, seu cabelo é lindo. Antônio eu falo, você é um negro lindo! Você tem que saber, aonde você entra e o lugar que você sai. Porque negro é lindo. E eu falo para ela você é uma negra linda, seu cabelo é lindo. Então eu falo para eles que não tem que ligar para o preconceito agora. A gente só ensina a eles a se esquivar das ofensa que eles pode levar pela frente. Mas esses daí eles vivem bem, eles são felizes então para nós o que importa é isso e não a cor deles, o que importa é a felicidade que eles tem. Eles são felizes os dois são umas crianças felizes ...

Marilia Gabriela: Ok, obrigada...obrigada... vamos seguir um pouquinho mais.

Deixa-me ver se falta mais alguma coisa... eu acho que está de bom tamanho. Acho que foi tudo. Você me respondeu o que é racismo... você me respondeu se passou pelo racismo...se com a chegada dos filhos houve uma preocupação...você também disse como vocês preparam para o enfrentamento do racismo... então acho que é isso. Ah! Tem mais alguma coisa que faltou sim, tem alguma coisa... tem mais alguma coisa que você queira falar que eu não tenha perguntado sobre isso?

Sandra: Não... tem tia... você quer falar sobre mais alguma coisa?

(Nesse instante percebi que a tia Conceição gostaria de participar da conversa)

Marilia Gabriela: A sua tia tem uma filha com a idade parecida com a do Antônio? Eu posso fazer com ela também? Ela autoriza?

Sandra: Você quer você autoriza tia?

Conceição: Ela autoriza.

Marilia Gabriela: Ok, então vamos lá.

(Li o termo de consentimento Livre e Esclarecido Novamente e ela autorizou seguirmos)

Sandra: Ah! Tem mais uma história.

Marilia Gabriela: Pode contar!

Sandra: Estava eu, meu ex-marido e meus dois filhos no Shopping, meu filho ele era neném ainda, a gente ia comprar sapato para o final de ano. Eu estava sentada no banco e ele com a minha filha sentada lá no banco e aí ele virou... e aí a vendedora virou para ele falou, e a sua babá? Não vai querer levar nada. (...) Aí ele falou, que babá? Não, essa que está com seu filho, aí ele falou: “Não! É a minha mulher! A menina achando que eu era babá do filho dele porque ele é branco e eu era negra. Ele ficou muito bravo, mas é coisas que acontece né. Como meu filho era ainda neném ele era branquinho! Ele era clarinho né... aí ela achou que eu era a babá e não a mãe. Aí ele falou: “Não vou comprar mais nada aqui nessa loja!” Aí devolveu tudo e fomos embora.

Marilia Gabriela: Mas pelo que você diz e eu vi ele tem a pele mais retinta então. Ele tem os traços mais negros do que branco apesar de ter o pai branco?

Sandra: É isso aí. Agora, mas ele era branquinho. Eu falava, meu Deus o meu filho vai ficar branco. (rsrsrs)

Marilia Gabriela: Maravilha Sandra, seguirei um pouco mais com a sua tia Conceição. Obrigada!

Marilia Gabriela: O que é racismo para você?

Conceição: O racismo é quando falam sobre o meu cabelo e a minha cor de pele. Apesar que não é só racismo por ser negro, tem vários tipos de racismo, o racismo do negro para o branco, do branco para o negro. Assim diretamente não foi, como a Sandra falou nós indo na loja pra comprar só que não estávamos bem vestida, estávamos mais ou menos como Sandra falou. Foi em um dia que a gente não estava com uma sandália boa no pé, chinelinho no pé, as crianças com shortinhos, não tava suja, mas não era uma roupa que eles achavam; eles achavam que não era adequada para entrar na loja né. Então as atendente não quis atender a gente pela roupa que nós vestia. Acho que eles, eles acharam que não era uma roupa adequada Mas foi um dia que nós estávamos indo na loja.

Marilia Gabriela: Com a chegada dos(as) filhos(as) vocês se preocuparam com o fato de terem que enfrentar o racismo?

Assim, a gente se preocupa porque criança é criança sempre. Então criança não tem aquele entendimento, pra eles crianças são todas iguais. Não importa se é um branco, se é uma criança com uma certa deficiência para crianças são todas iguais. Então mais só que eu falo para ela, ela não tem que se preocupar com que os outros pensam dela, eu falo que ela tem que ser educada e tratar bem. E a cor dela é negra, mesmo ela sendo mais clarinha do que eu, ela é negra. O pai dela é negro, então a pele dela é negra então a cor do cabelo dela é, a roupa dela, o que ela usar nunca vai fazer diferença na vida dela. Só a educação dela e o caráter que vai poder fazer definir o que ela vai ser amanhã.

Tenho sim né, porque você sabe... para pessoa negra tudo é mais difícil. Tudo é mais difícil para o negro. Tenho medo da profissão que ela escolher para ela e ela não ser aceita naquele meio não é, porque você sabe que é difícil um negro chegar mais adiante, ele pode ter capacidade, mas é mais barrado do que uma pessoa que tem a cor clara né... Então eu tenho medo disso na vida dela né. Quando ela chegar mais para frente no caminho dela. Mas mesmo assim, ela tem que ser lutadora, tem que ser batalhadeira porque a cada dia ela vai ter que matar um gato então ela vai ter que saber o que ela vai ter que saber para ir mais lá para frente. Eu expor ela aqui para ela saber quando chegar lá para frente, para ser mais fácil para ela se deparar com essa situação que ela vai viver na frente porque eu não vou poder estar com ela todos os dias. Então ela vai ter que saber caminhar com os próprio pé dela e saber que nego não é vergonha, nego é raça, é cor. Que não importa é sangue, é o mesmo sangue correndo aqui dentro vermelho de um, de outro. Então ela vai ter que saber disso aí pra vida dela.

Marilia Gabriela: E você gostaria de deixar alguma mensagem aqui para ela?

Conceição: Eu acho assim, minha mensagem é esta, que não tem a cor negra, não tem a cor branca, perante Deus nós somos todos iguais, não importa se eu sou negra, se eu sou pobre, se eu sou rico... tem essa daí, a diferença que tem, é do dinheiro no bolso do outro e condição um pouco mais clara mais perante Deus nós somos todos iguais.

Marilia Gabriela: Maravilha! Entrevista feita. Obrigada viu?!

Conceição: Obrigada você.

APÊNDICE 17 – ENTREVISTA SOFIA

Sofia (30 anos)

União Estável

Profissão: Sofia: Serviços do Lar

Filhos: filha 8 anos, filho 6 anos

Marilia Gabriela: Obrigada por você estar aqui, está bem?

Sofia: Imagina.

Marilia Gabriela: Vamos lá. As perguntas, se você não souber não quiser responder, não tem problema. É um papo, é um roteirinho que eu preciso, mas você é livre. O que é racismo para você?

Sofia: Racismo é quando uma pessoa de qualquer cor, seja branca, seja negra, seja amarela, começa a agredir verbalmente uma pessoa de uma outra cor.

Marilia Gabriela: Ok. Eu não sei se você viu, desde o ano passado, o racismo tem se tornado um tema muito presente na internet, na televisão, nas matérias, desde, acho, o ano passado, do George Floyd. Não sei se você chegou a ver. Foi...

Sofia: Sim...

Marilia Gabriela: Assassinado por um policial branco nos Estados Unidos. Eu acho que a partir dali, não sei se você observou, parece que nós começamos a falar disso, não só lá, mas no Brasil também, começou a trazer os temas presentes. Você acompanhou esses debates, chegou a ver na televisão? Alguma coisa que estava em evidência? Sim?

Sofia: Sim. Eu vi sobre o caso do rapaz, o policial até ficou ajoelhado no pescoço dele, não é mesmo?

Marilia Gabriela: Sim.

Sofia: Quanto a este caso, realmente, foi muito covarde o ato do policial, a meu ver. Não sei o que o cara fez, não me adentrei no assunto, mas ele já estava algemado, não precisava ter feito aquilo. Só que eu também acho que muitas pessoas, até mesmo negras, gostam de se vitimizar. Hoje em dia, muitas pessoas, a maioria negros, nós não podemos falar nada, não podemos fazer nada, que já acham que é um ato racista. Não é bem assim. Existem atos racistas realmente e existem palavras que você usa no dia a dia que, hoje em dia, as pessoas fazem uma tempestade em um copo d'água. (...) Só que é aquilo que eu falo, dependendo do jeito que a pessoa fala para você. (...) Tem tudo isso. Você sabe quando a pessoa está falando para te ofender e você sabe quando a pessoa está falando na brincadeira. Eu, pelo menos, tenho essa percepção.

Marilia Gabriela: O caminhão que vende pamonha, batata, batata doce. Por isso um pouco de barulho, aí também passa?

Sofia: Não, nós moramos em uma fazenda, não passa.

Marilia Gabriela: Moram em uma fazenda?

Sofia: É.

Marilia Gabriela: Bom de ouvir. Isso é muito bom de ouvir. E você já sofreu racismo?

Sofia: Eu já me senti... Já, assim, diretamente...

Marilia Gabriela: Como é, Sofia?

Sofia: Mas... tipo assim... o policial estava do meu lado. O policial viu na hora. E um cara, nós discutindo. Porque eu era atleta, eu fazia atletismo. Aí o cara estava depre...Depredando.

Marilia Gabriela: Depredando. É difícil essa palavra mesmo. Depre...

Sofia: (risos)

Marilia Gabriela: Depredando. Isso.

Sofia: O local onde nós treinávamos, era a pista de atletismo. Estava fazendo atos de vandalismo. E eu fui tirar satisfações com ele, porque ele estava fazendo aquilo, que era errado, que era o lugar que nós treinávamos. E ele começou a vir para cima de mim, brigando. Só que

eu estava na minha, nós chamamos a polícia. O policial chegou na hora, ficou lá esperando nós discutirmos, mas eu não fui para cima, nem ele veio para cima de mim. Mas, só que em uma hora lá, ele pegou e falou assim: cala a boca, eu não estou falando com você, sua macaca. Desse jeito.

Marilia Gabriela: Sério?

Sofia: Na hora, subiu um sangue. (risos) Mas, o policial viu o ato. Na hora, cortou ele, e colocou ele dentro da viatura. O policial falou: se você quiser ir fazer um boletim de ocorrência, o policial com raiva. Porque o policial ficou muito bravo com ele na hora que ele disse isso. Ele catou o cara pelo colarinho, jogou o cara dentro da viatura e bateu até com a porta na canela dele. O policial falou assim: você vai para a delegacia e se você quiser ir fazer um B.O., ele falou para mim, pode ir que eu vou como testemunha. Na hora, eu falei: não, não vou, porque para mim, ali, eu achei que não compensava, mas se fosse hoje eu faria porque eu sei que... ia entrar só na estatística, não ia acontecer nada porque ele não fez nada.

Marilia Gabriela: Hoje você vê diferente, Sofia? Hoje você vê diferente?

Sofia: Hoje eu vejo diferente porque...

Marilia Gabriela: Você falou: se fosse hoje, seria diferente. Em que momento você percebeu que, talvez, você faria diferente, você precisava fazer diferente. Por que hoje você vê assim?

Sofia: Eu precisava porque ali na hora eu não pensei, eu estava com raiva, eu falei que eu não queria. Hoje eu faria. Por quê? Como eu não fiz o B.O., talvez esse cara tenha cometido outros atos racistas com outras pessoas. Ele falou na hora da raiva dele ali, mas na hora da raiva é que nós soltamos nossos verdadeiros sentimentos. Não é? Então o cara era racista. Entendeu? Eu faria diferente, sim. Hoje eu faria o B.O. E um outro caso também que aconteceu que eu me senti um pouco ofendida, foi em uma loja que eu entrei, na época, em Barra Bonita, não sei se você conhece.

Marilia Gabriela: Barra Bonita? Conheço. Já fui algumas vezes por conta da cunhada e da família que eu adoro.

Sofia: Eu estava em uma loja lá e é uma loja chique que vende coisas para casa e eu entrei para ver. E eu vi os seguranças, onde eu ia os seguranças iam atrás. Onde eu ia, os seguranças iam atrás. Nisso, eu fiquei um pouco desconfortável e falei para o segurança: por que vocês estão me seguindo? Por que eu sou negra? Eu não vou pegar nada, eu só estou vendo. Nisso veio a gerente da loja ver o que estava acontecendo e eu falei: onde eu estou indo, os seguranças estão me seguindo sendo que tem outras, dezenas de pessoas dentro da loja e só eu. Por que eu sou negra? Por que eu não sou uma pessoa chique para entrar aqui dentro? Porque, na época, eu estava de tênis, calça e camiseta, roupa normal. Ela falou: não, não é isso, desculpe se você se sentiu ofendida. Eu falei: não, tudo bem, mas aqui eu não entro mais. E realmente, nunca mais entrei na loja. Esses foram os dois únicos momentos que eu percebi, que eu me senti ofendida com um ato de racismo.

Marilia Gabriela: Certo, Sofia Você, com a chegada dos filhos, se preocupou, se preocupou com a questão do racismo?

Sofia: Sim...Ou até mesmo quando o amiguinho perguntar por que a mãe é negra e ela é branca. (risos)

Marilia Gabriela: Você se preocupa com isso, Sofia? Em alguns momentos passou por alguma situação em relação a isso?

Sofia: Não, de amiguinho perguntar para ela, não. Mas quando ela era menor tiveram momentos dela perguntar porque eu era marrom e ela era branca.

Sofia: Mas, eu tive... quando ela era bebê. Porque, minha filha, os dois nasceram brancos. Nenhum puxou para mim. E quando ela era bebê, tiveram pessoas que vieram me perguntar se eu era babá. Entendeu? Olhava para criança e: que linda. Você cuida dela? Não, eu sou mãe. E dizia: “você é mãe, desculpa.”

Marilia Gabriela: Isso te incomodava ou não?

Sofia: Incomodou bastante na época. Até quando eu fazia viagem de ônibus, realmente. Nós temos que levar já os documentos da criança, mas quando eu mostrava... Teve uma vez que o cara perguntou do pai da criança, o motorista. Eu falei: o pai está em casa, eu estou com o documento da minha filha aqui porque ela tem o meu sobrenome. Ela não tem só o sobrenome dele. Ele...

Marilia Gabriela: Espera só um minutinho que deu uma travadinha aqui. Você estava dizendo que eles têm o seu nome, Sofia, e do seu marido na identidade.

Sofia: Sim, tem. Eu fiz questão de colocar ...

Marilia Gabriela: Travou um pouquinho. Sofia, você estava dizendo que a questão do documento, do ônibus, que eles têm o seu nome e o do seu marido e você ainda assim passa por uma situação como essa. Você estava dizendo isso.

Sofia: Hoje não passo mais porque é difícil andar de ônibus (risos).

Marilia Gabriela: Mas, você acha que se você andasse de ônibus isso seria um problema ainda hoje?

Sofia: Teria que continuar mostrando documentos. Nós já temos que levar tudo, mas...

Marilia Gabriela: Você quer pegar as crianças? Quer pegar elas? Não tem problema, pode pegar no colo.

Sofia: Não, não, eles estão aqui na cozinha brincando.

Marilia Gabriela: Estão brincando, estão bem?

Sofia: Estão. Pode falar.

Marilia Gabriela: Certo. Você prepara os filhos para enfrentarem o racismo na escola, na rua, na sociedade? Acho que não. Talvez por eles serem brancos ou não?

Sofia: É, ainda não. Ainda não, mas a menina logo sai do fundamental, eu pretendo prepará-la na hora que ela começar a sair daqui da quinta-série, porque ela já vai para uma escola maior, para os maiores, que entendem mais. Aí pretendemos começar a trabalhar esse lado.

Marilia Gabriela: É? Você tem ideia, Sofia, como fazer?

Sofia: Conversar. Mostrar para ela que ninguém é diferente de ninguém. Todos nós somos iguais, todos nós temos direitos iguais. E é isso aí. Não tem muito o que fazer, é só conversar e mostrar.

Marilia Gabriela: Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre isso que eu não perguntei? Alguma coisa que eu perguntei que mexeu com você e queria falar? Como é que você está aí?

Sofia: Não, mas uma coisa que eu acho sobre racismo e que eu acho errado, eu como negra, eu acho errado. eu acho muito errado negros terem cotas, cotas para ingressar em uma faculdade. (...) Eu acho errado uma empresa ter uma certa porcentagem de negros para trabalhar. Isso para mim já é um ato racista em si. Por que o negro precisa de cota para ingressar em uma faculdade? Por causa do preconceito?

Sofia: Mas, então, aí que está, o negro...

Marilia Gabriela: Você estava dizendo, Sofia, pode continuar.

Sofia: Eu acho essa questão de cotas errado porque dá a entender que o negro não tem capacidade de ingressar em uma faculdade, de ingressar em uma empresa com seu próprio esforço, com sua própria inteligência. É isso que dá entender.

Marilia Gabriela: Certo. Certo. E você quer me falar algo mais?

Sofia: Não, acho que não

Marilia Gabriela: Não, eu acho que está de bom tamanho. Eu vou parar a gravação, obrigada!